Regras Práticas Para Bruxas Amaldiçoadas



KAYLA COTTINGHAM

Rocco Digital

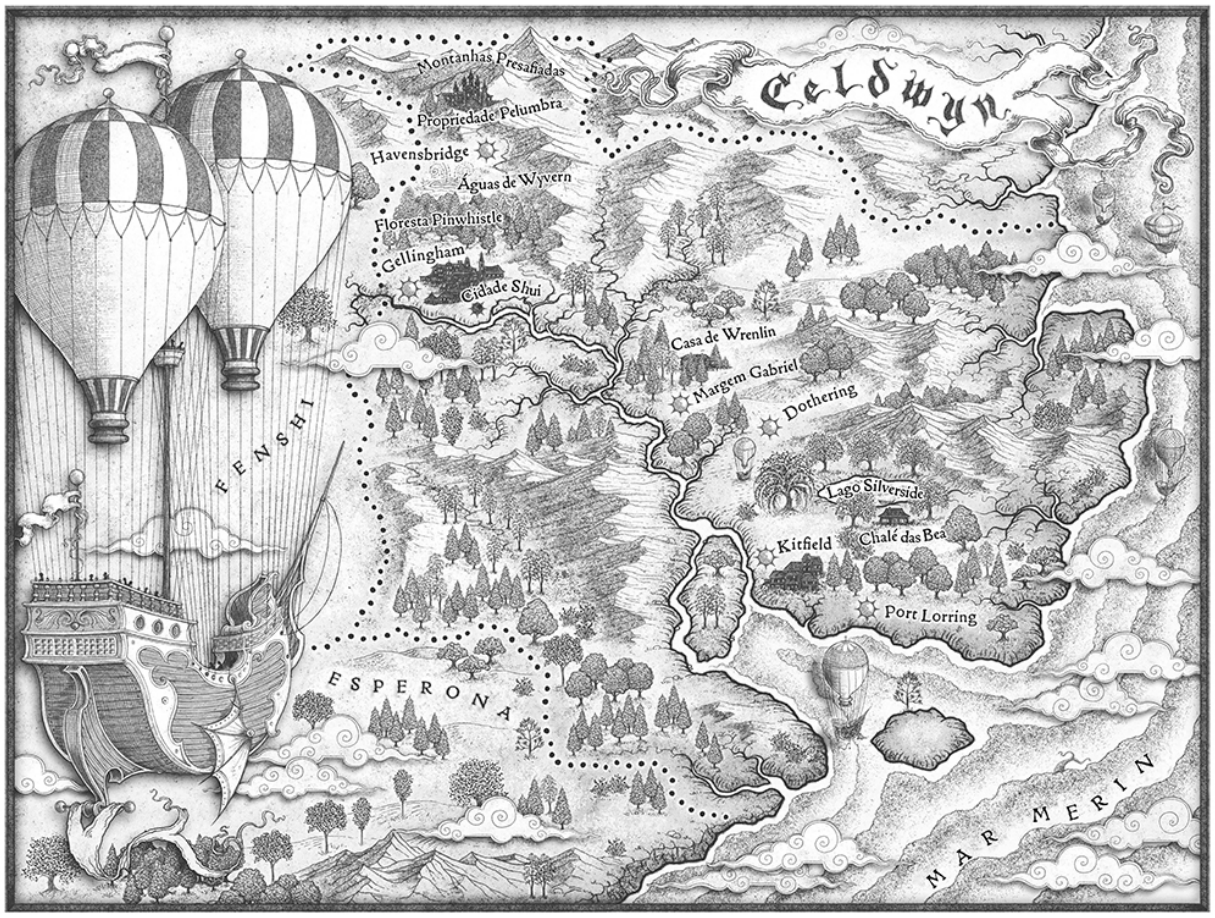
KAYLA
COTTINGHAM

Regras Práticas Para Bruxas Amaldiçoadas

Tradução de Laura Folgueira

Rocco
DIGITAL

Para todos que estão tentando romper o trauma geracional:
vocês são mais fortes do que imaginam.
E para Forrest e Jesaia, a primeira família que escolhi.


Montanhas Presanhadas
Propriedade Pelumbra
Havensbridge
Águas de Wyvern
Floresta Pinwhistle
Gellingham
Cidade Shui
Celdwyn
Casa de Wrenlin
Margem Gabriel
Dothering
Lago Silverside
Chalé das Bea
Kitfield
Port Lorring
FENSHI
ESPERONA
MAR MERIN

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e um

Capítulo Vinte e dois

Capítulo Vinte e três

Capítulo Vinte e quatro

Capítulo Vinte e cinco

Capítulo Vinte e seis

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

PRÓLOGO

O sonolento vilarejo de Kitfield era o refúgio perfeito antes de uma aventura.

Da aventura de alguém, pelo menos.

Kitfield ficava num pedaço de terra entre a montanha e o mar. Era o típico local em que viajantes e bruxas a caminho da cidade grande ou da sombra escura dos bosques, a depender de onde sua jornada os levasse, passavam a noite. Sendo assim, Kitfield era um lugar onde era possível conhecer cem novas pessoas numa semana, mas continuar se sentindo muito solitário, já que todo amigo novo só ficava até o sol nascer e a estrada se abrir à frente.

Para os residentes de Kitfield, isso significava uma vida toda de sorrisos, histórias e despedidas fugidias. Sem apego nem laços.

Foi por conta disso que Delilah Bea, bom, passou a existir.

Tudo começou numa noite chuvosa em Kitfield, quando um homem — os habitantes do vilarejo ainda não haviam descoberto se era um simples viajante ou um bruxo — entrou na Padaria Girassol, na rua Wisteria, depois que ela já havia fechado. O sino acima da porta soou, interrompendo a vibração bem baixinha do jazz que tocava suavemente no rádio em cima do balcão de madeira. Foi só aí que a mulher lá dentro percebeu que tinha se esquecido de

trancar a porta às nove, como fizera todos os outros dias nos últimos cinco anos.

Muitos depois diriam que esse momento de descuido foi, na verdade, um golpe do destino.

Charlotte Bea — uma coisinha frágil de olhos brilhantes que vivia com uma corrente de flores trançada no cabelo — estava embalando um bolo para levar para casa quando o sino tocou. Ela se virou e encontrou um homem de roupas puídas apoiado no batente, ofegante. A água da chuva se acumulava na entrada embaixo dele, manchada de rosa.

Não havia um consenso no vilarejo em relação a essa parte da história. Alguns dizem que o homem despencou no chão e Charlotte, de alguma forma, evocou de uma maneira extraordinária toda a sua força e o arrastou para dentro da padaria. Outros falam que ele entrou por conta própria e tirou o chapéu para ela de modo bastante educado, considerando a facada em seu abdome.

De um jeito ou de outro, com um homem sangrando em sua porta, Charlotte Bea fez a única coisa em que conseguiu pensar: levou-o aos fundos da padaria, acendeu as luzes e começou a dar pontos na ferida.

O homem teve sorte de ter caído justamente na Padaria Girassol. Aquele era só um trabalho de meio período de Charlotte enquanto ela estudava medicina com a doutora de Kitfield. Não era o tipo de instrução chique que se esperaria, com uma universidade e um diploma, mas Kitfield não era o tipo de lugar que se importava com firulas.

Em menos de uma hora, Charlotte fechou e higienizou a ferida e convenceu o homem a voltar ao mundo dos vivos com alguns doces do dia anterior.

— Fico surpreso de ver você trabalhando num lugar desses — disse ele enquanto mastigava uma tortinha de limão siciliano que ela fizera. Tinham lhe dito que estavam azedas demais, mas ele não parecia ligar. — Não é todo dia que encontro uma padeira que sabe dar pontos com tanta habilidade. Muito menos com um sorriso tão lindo quanto o seu.

— Isso vai mudar em breve — respondeu ela, corando com o elogio. — Já, já vou me tornar médica.

— Ah, não — argumentou ele. — Não aqui. *Neste* lugar. — Ele fez um gesto de forma mais ampla para indicar o vilarejo. — Kitfield. Isso não pode ser tudo que a vida reservou para você.

Charlotte nunca parou para pensar que podia existir algo a mais para ela. Kitfield era seu lar, o lar de sua mãe — todos de sua história matrilinear tinham morado aqui.

Ela disse isso ao desconhecido. Havia sido forçada — sem dúvidas forçada, já que era uma dama — a tirar a blusa dele para acessar o ferimento, e ele ainda não a tinha recolocado enquanto se demorava numa mesinha. Seu torso exposto já estava seco da chuva, exceto por algumas gotículas que tinham caído de seu cabelo castanho cacheado para os ombros. Elas brilhavam à luz baixa como uma minúscula constelação pontilhada em sua pele.

— Mas o mundo todo precisa de médicos. Você podia ir a qualquer lugar.

— *Kitfield* precisa de uma médica. — Ela lhe entregou mais um pedaço do doce, e ele aceitou, grato, quase enfiando tudo de uma vez na boca. Charlotte deu uma risadinha e continuou: — E sou feliz aqui. Não preciso da emoção da cidade nem de uma grande aventura nos bosques ou no mar. Algumas vidas estão destinadas a serem tranquilas.

Ele estendeu a mão e acariciou a curva de sua bochecha com delicadeza.

— Mas não a sua.

Quando chegavam a essa parte, as senhoras que cochichavam a história em lojas de chapéu começavam a dar risadinhas, enquanto os homens no bar local se davam cotoveladas e erguiam as sobrancelhas. Não queriam envergonhar Charlotte — ela era adulta, claro, capaz de tomar as próprias decisões —, mas não havia fofoca mais divertida de se contar num vilarejo como Kitfield do que um casinho de uma noite só com um bruxo.

Naquela época, Charlotte não sabia que ele era bruxo. Certamente não sabia que era famoso, com um prêmio por sua cabeça. Não era uma questão exatamente urgente naquele momento, ou pelo menos era o que ela dizia.

De todo modo, como todos os outros antes dele, o desconhecido se foi na manhã seguinte. Charlotte lhe fez café, encheu uma cesta com tortinhas de limão e se despediu. Ele desapareceu pela estrada na direção da estação de trem, tornando-se apenas um pontinho no horizonte. Somente uma vaga lembrança.

Porém, logo depois ficou aparente que havia algo estranho acontecendo com Charlotte. Depois de uma aula no consultório da médica, ela ficou de pé e descobriu que minúsculos ásteres cor-de-rosa tinham nascido sob seus pés. Teve que começar a fechar a janela à noite porque pássaros não paravam de

entrar e fazer ninhos em seu cobertor. As pessoas nas feiras livres lhe contavam seus segredos mais profundos sem razão enquanto ela olhava os tomates.

— Não faço ideia do que está acontecendo — disse ela à médica certa manhã. — Não é como se uma pessoa normal pudesse virar bruxa da noite para o dia.

— Com certeza não — concordou a médica. Ela lançou um olhar a Charlotte. — Me diga, querida, anda se sentindo mal ultimamente?

— Um pouco enjoada — admitiu Charlotte. — Pelas manhãs.

A médica assentiu. Quando se levantou para pegar seus instrumentos, deu um tapinha no ombro de Charlotte, junto com um sorriso afetuoso.

— Parabéns — disse ela. — É uma bruxa.



CAPÍTULO UM

Regra n. 12: Nem segredos mágicos são páreo para fofocas de cidade pequena.

— Quando for canalizar sua magia — explicou Ruby Flick, a bruxa do vilarejo de Kitfield —, a questão não é força. Você precisa permitir que a magia pura flua para dentro do que quer que esteja trabalhando, seja embalar um saco de chá ou cantar uma música. Lentamente, mas com confiança.

Delilah Bea, cujo rosto estava franzido enquanto canalizava magia do peito e deixava manar pelos dedos, exalou e abaixou as mãos. Olhou para o céu.

— Eu sei, é que…

— Você não tem paciência? — chutou Ruby.

Delilah assumiu uma expressão melodramática, como se tivesse sido traída.

— Eu? *Não.*

— Olha só isso — disse Clarissa, a filha de quinze anos de Ruby.

Delilah interrompeu sua tentativa de enfiar folhas de chá num saquinho de trama finíssimo e viu que Clarissa já havia amarrado o dela e colocado na água. Enquanto o chá ficava em infusão, ondulações vermelhas do hibisco que ela

adicionara escureciam o líquido até deixá-lo quase da cor do sangue. O vapor saía enredado em formato de coraçõezinhos antes de se esvair no ar.

— Sempre dramática — comentou Delilah, rindo.

Ela conhecia Clarissa desde sempre. Embora fossem amigas, a diferença de dois anos de idade sempre fizera Delilah a ver mais como uma irmãzinha que como uma igual.

— Vamos testar — falou Ruby. Ela pegou a xícara da filha e deu um gole cuidadoso. Pausou, sentindo o gosto. — Você tentou fazer um feitiço que imitasse o sentimento de amor romântico?

Clarissa fez que sim, com os olhos brilhando. Ela era igualzinha à mãe, exceto pelos pés de galinhas e linhas de expressão. Elas tinham o mesmo cabelo louro comprido e olhos verdes, e o leve cheiro de alecrim que Clarissa emitia quando praticava sua magia era quase idêntico ao aroma característico da mãe.

Ruby inspirou, fechou os olhos e expirou.

— Está mais para um feitiço de amor-próprio. Mas… — ela empurrou a xícara para a filha — ... ainda é um ótimo trabalho.

Clarissa ficou um pouco decepcionada. Delilah logo disse:

— Ei, fica tranquila. É difícil canalizar um feitiço baseado em emoções sem nunca ter sentido aquilo que está tentando canalizar.

As bochechas de Clarissa ficaram vermelhas.

— Eu sei como é o amor romântico.

Delilah e Ruby levantaram as sobrancelhas e disseram:

— Ah, é?

Clarissa arregalou os olhos, e seu rubor só cresceu.

Delilah conteve um sorriso. *Amor adolescente — que fofura.*

— E por quem exatamente você está apaixonada? Não me diga que é pela filha da Annamarie. Ela pode ter braços lindos de tanto sovar massa na padaria, mas *sempre* está cheirando a fermento.

— Eu não devia ter comentado nada — murmurou Clarissa.

Antes que Delilah pudesse pressioná-la mais, alguém bateu à porta.

Uma voz chamou:

— Olá? É a Charlotte. — A porta se abriu no momento seguinte, o sininho preso nela balançando. A mãe de Delilah colocou a cabeça para dentro. — Cheguei muito cedo?

— Não, já estávamos terminando — respondeu Ruby, coletando as pilhas de diferentes folhas e bulbos que as três bruxas estavam usando para confeccionar chás enfeitiçados. — Entra.

Charlotte Bea entrou. Seu cabelo cor de areia e levemente grisalho estava preso num coque com alguns fios soltos. Os olhos cinza, iguais aos de Delilah, estavam escondidos atrás de óculos redondos que só se tornaram necessários nos últimos anos. Ela colocou as mãos nos bolsos da calça folgada de lona — que ela em geral usava para os plantões na clínica — e se apoiou na parede com um sorrisinho.

Ruby morava num chalé na fronteira do bosque nos arredores de Kitfield. Por gerações, aquele tinha sido o lar da bruxa do vilarejo, cujo título era passado de geração a geração, assim como Ruby um dia passaria a Clarissa. Videiras espinhosas e flores retorcidas cobriam o antigo bangalô num cobertor verde, cor-de-rosa e branco assim que a primavera chegava. Naquele momento, só as quatro mulheres estavam lá dentro; mas com frequência, em dias como aquele, múltiplos habitantes do vilarejo atravessavam o lago que separava o chalé da fronteira de Kitfield para pedir a Ruby chás enfeitiçados e outros preparados personalizados.

Delilah começou a guardar as coisas na bolsa tiracolo e disse a Clarissa:

— Sabe, se você estiver querendo chamar alguém para sair, pode fazer isso na minha festa de aniversário hoje à noite. Eu te ajudo.

Clarissa resmungou algo inaudível para Delilah e então suspirou.

— É um misto de emoções — comentou Ruby enquanto Delilah se levantava da cadeira e pendurava no ombro a bolsa de ferramentas mágicas: giz para desenhar runas, uma colher de pau para panificação enfeitiçada, ervas e ingredientes para chás e panelas para ferver especiarias, além de pergaminhos para anotações.

— Última aula de magia antes de você ir embora para seu Chamado — reiterou Charlotte, o sorriso não chegando exatamente aos olhos.

— Vou sentir saudade das nossas aulas juntas — completou Clarissa. — Vai ter que me mandar várias cartas sobre o seu Chamado para eu saber exatamente o que esperar na hora do meu.

Ruby perguntou:

— Como você está se sentindo com isso, Delilah?

— Sinceramente? É um pouco demais — respondeu Delilah, esfregando a nuca. — Estou tentando pensar mais nesta noite e menos no fato de que o Conselho está prestes a chegar. Vocês duas vêm hoje, né?

Ruby fez que sim.

— Seria errado mandar você para o mundo sem uma despedida de verdade. — Ela parou ao lado de Delilah e pegou a mão dela, segurando-a entre as palmas. — Você vai fazer coisas incríveis, Delilah. Só precisa ser paciente consigo mesma.

Uma risada escapou de Delilah.

— Porque todo mundo sabe o quanto sou boa nisso. — Ela sacudiu a cabeça. — Mas obrigada. Agradeço mesmo.

As mães e filhas rapidamente se despediram. Delilah e Charlotte saíram pela porta, para onde o lago varria a orla, não longe do chalé das Flick. Charlotte tinha puxado a canoa para a grama. Sentou-se na frente enquanto Delilah empurrou-a pela parte de trás e pulou, com a coleção de objetos mágicos se batendo e tilintando na bolsa.

— Se eu fosse a bruxa do vilarejo — comentou Delilah enquanto dava um último empurrão com o remo para afastar a canoa da margem —, construiria uma estrada.

— Mas pense em quanto tempo de conexão entre mãe e filha perderíamos se não fizéssemos isto — disse Charlotte, rindo.

— A gente podia se conectar em um carro — apontou Delilah.

— *Carros* — cuspiu Charlotte.

Ela balançou a cabeça, o cabelo louro se soltando do coque. Delilah havia herdado pouquíssimas características da mãe, um fato que a irritava mais a cada ano que passava. A mãe era baixa e esguia, com feições de fada, enquanto Delilah tinha herdado a altura, a robustez, o cabelo escuro cacheado e o nariz indiscretamente grande do pai. Toda vez que se deparava com o sorriso dele na primeira página do jornal, amaldiçoava por dentro aquela genética estranhamente forte.

— Não precisamos desse tipo de coisa — completou Charlotte. — Não tem motivo.

— Mas com um carro a gente poderia sair de Kitfield — apontou Delilah. — Poderíamos ir a qualquer lugar! Quem sabe até Gellingham. Você

finalmente poderia estudar medicina na universidade de que sempre ouvimos falar na rádio. Tirar uma licença médica legítima para poder atender na cidade.

Depois de uma breve pausa, Charlotte considerou:

— O seu pai mora em Gellingham.

O silêncio as dominou. Os sons dos remos separando a água e os corvos guinchando nos pinheiros que cercavam o lago Silverside não eram suficientes para cessar as ondas de pensamentos que se debatiam na cabeça de Delilah.

Antes de ela entrar no mesmo papo de sempre sobre quanto odiava o pai, a mãe falou:

— Desculpa, de novo, por você nunca ter conhecido ele. Por ele nunca ter te ensinado magia. — Ela abaixou os olhos, e os lábios se curvaram em um leve bico. Sua remada ficou mais fraca. — Desculpa por eu nunca ter conseguido te ensinar magia.

Delilah parou de remar e fechou o punho no topo do remo. Estavam no meio do lago, com uma brisa ondulando de leve a água reluzente. Sua mãe olhava à frente da proa do barco, escondendo o rosto.

— Não é culpa sua — lembrou-lhe Delilah. — Foi ele que teve o atrevimento de ignorar totalmente minha existência durante todos esses anos.

— É que… — Charlotte exalou. — Se eu fosse bruxa, não precisaria pedir para a Ruby te ensinar. É como ter que pedir para outra pessoa ter a conversa da sementinha com a minha filha.

Delilah se engasgou com uma risada.

— *Mãe*, isso está longe de ser a mesma coisa…

— É sério — disse Charlotte, e balançou a cabeça. — Eu sei que ela está se arriscando ao te ensinar. Sei que, numa cidadezinha como Kitfield, ter outra bruxa pode colocar em risco o futuro da Clarissa. Mas mesmo assim eu pedi para ela fazer isso. E agora, se quiser praticar magia, você vai ter que ir embora.

O silêncio as dominou de novo. Os pássaros cantavam e a água batia a lateral da canoa.

Era verdade, mas elas nunca tinham admitido em voz alta. Por Clarissa ser considerada a aprendiz oficial de Ruby, Delilah jamais seria a bruxa de Kitfield. A não ser que a opinião pública sobre bruxas — manchada por anos de bruxaria irrestrita e conflito entre covens que tinham resultado em uma boa quantidade de danos colaterais — melhorasse e as bruxas não deixassem mais

todo mundo desconfortável ao andar em grupos. Ou então se Delilah desafiasse Clarissa para um duelo mágico das antigas e a vencesse, banindo-a para sempre do vilarejo. Embora fosse inteiramente possível ela vencer a bruxa mais jovem, seria uma enorme traição tanto com Ruby quanto com Clarissa. Há muito tempo, elas haviam feito uma promessa tácita de que, quando o treinamento de Delilah acabasse, ou ela viraria bruxa de outro vilarejo, ou ficaria em Kitfield sem praticar magia.

Ou iria à cidade grande. Lá, a opinião pública em relação às bruxas era de mais confiança, e o uso de magia e encantamentos no dia a dia era considerado a norma. Lá, qualquer bruxa licenciada podia praticar magia em troca de dinheiro.

Delilah mordeu o lábio.

— Eu… ainda posso ficar aqui. E tentar outra coisa. Quem sabe conseguir um emprego na Padaria Girassol e fazer doces normais.

A mãe nem hesitou antes de dizer:

— Você nunca seria feliz fazendo isso.

De novo, ela tinha razão. Magia era a paixão de Delilah. Sempre fora, desde que era bebê e usava sem querer seus desenhos de giz de cera para lançar feitiços de alegria. Ela amava ser bruxa.

Mas também amava a mãe e Kitfield. E recentemente tinha ficado cada vez mais claro que não podia ter as duas coisas.

— Eu me sinto péssima por ir embora — confessou Delilah. — Não só porque vou sentir sua falta, mas por causa da nossa…

Ela não terminou a frase. Não precisava. Estava se referindo a algo que todas as mulheres Bea, por gerações e gerações, mantinham lá no fundo da mente o tempo todo. Aquela sensação de vazio toda vez que alguém sorria para elas ou tocava seu braço durante uma conversa sem nem perceber.

Toda vez que alguém como Clarissa mencionava se apaixonar.

Charlotte ficou em silêncio. Segurou o remo com força e o mergulhou na água, exalando pelo nariz.

— Vamos deixar essa conversa para outra hora, tá? É seu aniversário, afinal. — Ela para trás e deu um sorriso fraco para a filha. — Nos preocupamos com o futuro outro dia.

Delilah hesitou, mas disse:

— É. Tá bom. — Ela usou o queixo para indicar a cesta no meio da canoa. — Será que a gente devia fazer uma torta de chocolate para acompanhar as framboesas que você colheu?

Os olhos de Charlotte brilharam de alegria.

— Ah, *com certeza.*

Elas remaram a canoa pelo restante do lago, virando num canal pontilhado por vitórias-régias. Ancoraram a canoa na grama e a arrastaram juntas para a margem — Delilah pegando a maior parte do peso, já que era consideravelmente maior e mais forte que a mãe.

— Vou guardar isso — disse ela à mãe. — Você pode já ir pré-aquecendo o forno para mim enquanto isso?

Charlotte pegou a cesta e fez que sim. A margem do lago ficava a cerca de doze metros do chalezinho que as duas dividiam. Era coberto de hera, aparada só nas janelas e portas. As persianas abertas eram pintadas de azul-claro com detalhezinhos de flores amarelas desenhados por Delilah quando mais nova. De frente para as imediações de Kitfield, com a rua atrás se enchendo de carros mais do que nunca, o chalé parecia uma barreira entre a movimentação da pequena cidade e a magia do outro lado do lago.

— Te vejo lá dentro! — chamou Charlotte.

Delilah acenou para ela e pegou a corda da canoa, arrastando-a para o galpão — com cuidado para não esmagar o jardim de flores da mãe. Deu só alguns passos antes de o vento mudar de repente.

Um cheiro a atingiu. Em segundos, ela começou a engasgar, cobrindo a boca e o nariz com a mão.

Era diferente de qualquer cheiro que já tivesse sentido antes: uma mescla bizarra de carne pútrida, turfa e terra em decomposição. Seus olhos ficaram marejados, e ela se forçou a empurrar a canoa para o galpão antes de fechar as portas e usar as mãos para tampar nariz e boca. Depois de um segundo, reconheceu o aroma.

Uma maldição, e mortal ainda por cima.

Delilah olhou rapidamente ao redor, para a margem do lado onde flutuavam preguiçosas as vitórias-régias, o jardim pontilhado de flores, o bosque…

Por um brevíssimo segundo, Delilah percebeu um lampejo de movimento. Virou-se e viu uma figura desaparecendo entre as árvores.

Quando ela se foi, o fedor começou a enfraquecer.

Delilah, de ombros tensos e narinas abertas, foi de costas até a porta do chalé e entrou de fininho.

— Tá tudo bem? — perguntou a mãe quando Delilah entrou na cozinha.

Ela tocou o nariz, distraída.

— Aham. Não… é nada. Tenho certeza.

Algo lhe dizia que não era verdade.



Naquela noite, depois de ter assado uma ótima torta, vestido uma saia comprida e acinturada e prendido uma camisa de botão por dentro, Delilah saiu com a mãe para o Pub Landsmeet. Perto da praça central de Kitfield, o pub contava com quartos para viajantes no andar superior e um bar no inferior. Era uma estrutura de pedra, mas as janelas e portas eram feitas de madeira de espinheiro — um resquício dos velhos tempos, quando as pessoas temiam tanto as bruxas que decoravam suas casas com um dos poucos materiais capazes de bloquear sua magia. A maioria das casas em Kitfield tinha esse material embutido de alguma forma. Delilah lembrava como tinha sido difícil para Charlotte arrancar as partes de espinheiro do chalé quando ela era pequena para que pudesse praticar sua magia em casa.

Pelas janelas do pub, viam-se pessoas nas mesas, tomando cerveja e rindo. O líquido dourado caía no chão em poças borbulhantes como espuma do mar. Uma onda de barulho atingiu Delilah quando ela abriu as portas, todos lá dentro gritando seu nome e desejando-lhe feliz aniversário.

Um sorriso surgiu no rosto dela. O pub estava lotado de amigos da família e colegas da escola — algo incomum para o Landsmeet, que atendia principalmente a viajantes. A maioria das pessoas estava bebendo alegremente, enquanto algumas dançavam ao som da música da banda que tocava no canto. O bar estava decorado com flores de verão; as paredes exibiam imagens dos moradores de Kitfield ao longo dos anos, incluindo fotos de Charlotte quando criança com a mãe e a avó. Algumas cabeças de veado presas nas paredes

tinham sido decoradas com coroas de flores para a ocasião, e faixas verdes de tecido pendiam em ondas do teto.

— Gostou? — perguntou Charlotte.

Delilah a abraçou.

— Você se superou.

— Bom, só se faz dezessete anos uma vez — disse Charlotte.

Delilah abraçou a mãe com mais força. Dessa vez, sentiu o cheiro que se desprendia de sua pele — aquele que ela conhecia desde sempre. Era antigo e terroso, como um quarto trancado e intocado por décadas, cheio de papel envelhecido e quebradiço junto com couro velho. Podia até ser desagradável para outra pessoa, mas Delilah havia aprendido a encontrar conforto nesse aroma.

Mesmo que, no fim das contas, fosse a evidência de algo que assombrava a família Bea há anos.

— Querida — falou Charlotte —, vamos pegar uma cerveja para você.

Delilah sorriu. A idade mínima para beber em Celdwyn era dezessete anos.

— Me vê uma que não tenha gosto de xixi.

— Toda cerveja tem gosto de xixi. Mas essa tem gosto de xixi de framboesa.

— Perfeito.

Charlotte voltou com uma caneca para cada uma delas, e bateram os copos antes de darem grandes goles. O azedinho da framboesa mascarou a fermentação o suficiente para que Delilah provasse mais um gole. Sua mãe entrelaçou o braço no dela e a conduziu aos assentos em frente à banda. Ruby e Clarissa já estavam à mesa, Ruby bebendo de uma caneca cheia de cerveja enquanto Clarissa tomava um refrigerante de flor de sabugueiro.

— Obrigada por guardar nossos lugares — disse Charlotte.

Delilah e Ruby fizeram um brinde com os copos enquanto Ruby ria.

— Como eu disse, precisamos de uma despedida adequada.

Clarissa franziu a testa enquanto tomava um gole de sua bebida. Olhou para o polegar enquanto o usava para desenhar um círculo na lateral do copo.

— Vou sentir saudade de você.

Delilah deu um risinho e um soquinho no ombro da amiga.

— Ah, para, Clari. Deixa de ser boba.

— Ai! — Clarissa balançou a cabeça, revirando os olhos. Bem baixinho, acrescentou: — Por que você é assim?

No palco, o chiado de um violino se misturava com a flauta de metal e a gaita de fole. Era uma música dançante tradicional, do tipo que fazia as pessoas se levantarem da cadeira. Delilah ficou de pé, enquanto todos os outros na mesa permaneceram sentados.

Então estendeu a mão para Clarissa.

— Quer dançar comigo?

As bochechas de Clarissa ficaram enrubescidas.

— Eu?

— Por que não? — perguntou Delilah, tirando-a de seu assento. — Vem… parece que tem um monte de gente da escola aqui. — Ela estreitou os olhos e deu um sorriso de canto para Clarissa, erguendo as sobrancelhas. Se havia uma coisa de que Delilah gostava, era servir de cupido para o povo de Kitfield. — Posso te ajudar a falar com a sua crush. Viu ela por aqui?

— Hum… bom, vi…

— *Perfeito*. — Delilah sorriu. — Vamos lá.

Clarissa não teve tempo de discutir antes que Delilah a puxasse para a pista. Algumas pessoas da escola a chamaram e acenaram quando ela sorriu. A garota virou e colocou uma das mãos na cintura de Clarissa, entrelaçando seus dedos aos da amiga com a outra. Quando Delilah encontrou seu olhar para dizer alguma coisa, o rosto de Clarissa estava profundamente corado, os lábios franzidos e os olhos arregalados, como se ela estivesse prendendo a respiração.

Delilah inclinou a cabeça para o lado. *Será que ela está com febre ou algo assim? Eu nunca a vi tão vermelha*.

— Você está bem?

Clarissa fez que sim com a cabeça, entusiasmada.

— Estou! Estou. Estou bem.

— Tá bom. — Delilah deu uma risadinha e a girou, fazendo Clarissa dar um gritinho. Delilah a pegou, sorriu de lado e sussurrou: — Se você diz.

A música acelerou, misturando-se ao som de pés batendo contra a madeira. As pessoas rodopiavam pela pista de dança, algumas melhores do que outras, mas todas bem versadas naquela dança tradicional em particular. Delilah e Clarissa foram para o centro da pista, a primeira conduzindo a parceira mais

rápido do que antes. Seu coração disparou. Ela adorava este lugar, estas pessoas — não poderia comemorar de um jeito melhor. Mesmo com Clarissa pisando desajeitadamente em seus pés e xingando a si mesma, Delilah só conseguia pensar no quanto sentiria falta de Kitfield.

Ela sempre sonhou em conhecer o mundo, mas isso não a impedia de sentir saudade de casa antecipadamente.

O ritmo do violino acelerou dois tempos, e a saia de Clarissa girou e desabrochou como uma rosa branca em torno de suas pernas. A mão de Delilah segurava firmemente sua cintura, sem nunca ameaçar se soltar. Depois de um minuto, a música ficou mais lenta e Delilah voltou a ficar frente a frente com Clarissa, que estava sem fôlego, com a testa úmida de suor.

Não pense no futuro, Delilah lembrou a si mesma. *Você está aqui agora. Aproveite enquanto durar.*

Na esperança de se distrair, perguntou a Clarissa:

— Então, já viu sua crush?

Clarissa piscou e desviou o olhar.

— Bom, já.

— Ah, que ótimo! — Delilah deu uma olhada por cima do ombro. — Cadê? Acho que a gente pode se aproximar como quem não quer nada, conversar um pouco e depois você pode propor uma dança…

— Você! — Clarissa deixou escapar de repente. Os olhos de Delilah se voltaram para ela, que conseguiu ficar ainda mais vermelha do que antes. — É você. Estou apaixonada por *você*, Delilah.

De repente, Delilah sentiu como se as duas estivessem em uma bolha, bloqueando o som da banda e das pessoas que dançavam ao redor. As mãos de Delilah se soltaram, e seu sorriso foi se fechando aos poucos. As palavras de Clarissa parecem um pingente de gelo cravado no coração de Delilah, o frio irradiando através dela a cada pulsar de sangue. Seus ombros murcharam.

É claro que é assim que minha última noite aqui vai acabar.

— Delilah? — disse Clarissa. Seu rosto empalideceu. — O que foi?

Delilah abaixou as mãos.

— Desculpa, Clarissa. Mas não está, não.

Clarissa piscou os olhos.

— Quê?

— Você não está apaixonada por mim. — Delilah não disse isso por maldade: era simplesmente um fato. Ela suspirou. — É por isso que você não conseguiu fazer aquele feitiço de amor romântico hoje. Seja lá o que for que você sente por mim, não é amor. — Ela deu de ombros. — Está tudo bem. Não é culpa sua.

O rosto de Clarissa ficou totalmente sem expressão.

— Espera… *quê*? Isso não faz nenhum sentido.

— É uma questão complicada…

— Você está dizendo que tem alguma coisa errada comigo?

— Não! Claro que não. — Delilah esfregou a nuca. — É que eu sou…

— Você é o quê? — Clarissa balançou a cabeça. — Só gosta de meninos?

Delilah corou, desviando o olhar com uma risada.

— Ah, não, gênero não é a questão…

— Então *o que é*?

— Bom…

Delilah se engasgou com as palavras, e os olhos de Clarissa ficaram marejados. Ela conhecia Clarissa há anos, mas, mesmo depois de todo o tempo tendo aulas de magia juntas, ainda não havia contado à amiga tudo sobre si. Alguns segredos eram tabus, pesados demais para serem mencionados do nada, a menos que fosse absolutamente necessário.

Mas, ao ver a tristeza e a confusão nos olhos de Clarissa, algo em Delilah se rompeu.

— É que — admitiu ela — eu sou amaldiçoada.

Os olhos de Clarissa se arregalaram.

— *Amaldiçoada*? Quer dizer que os boatos sobre sua família são verdadeiros?

— Boatos? — repetiu Delilah. — Que boatos?

— Que quem se apaixona por uma mulher da família Bea morre?

Algumas pessoas que estavam dançando ao redor das duas se viraram e olharam. Delilah logo soltou uma risada forçada para despistá-los, fazendo o possível para parecer que Clarissa havia contado uma piada espetacular. Os dançarinos hesitaram, mas continuaram se movendo, enquanto Clarissa permanecia boquiaberta.

Droga, pensou Delilah, fingindo um sorriso largo. *É claro que não existem segredos em Kitfield.*

Ela ainda se lembrava muito bem do dia em que sua mãe se sentou com ela e lhe explicou a maldição da família Bea. Tudo havia começado com um caso de amor entre a tataravó de Delilah e um bruxo viajante; quando ele voltou meses depois para pedir sua mão em casamento, descobriu que ela havia se casado com outro homem e estava esperando um bebê. O bruxo ficou tão furioso que amaldiçoou as mulheres da família Bea para que ninguém jamais pudesse se apaixonar por elas — pelo menos, não sem consequências trágicas. Desde então, todas as gerações de mulheres da família permaneceram solteiras, embora sempre acabassem tendo uma única filha de algum casinho sem importância. Delilah era só a mais recente em uma longa linhagem de mães e filhas incapazes de serem amadas de verdade.

Delilah baixou a voz.

— As pessoas não *morrem* quando se apaixonam por nós. Isso seria meio extremo, não acha? É que elas… bom… esquecem a gente.

— Mas eu não esqueci você — observou Clarissa. — E-e teve aquele garoto…

Aquele garoto. Delilah fez o possível para não estremecer com a menção *daquele garoto*

Theo Fletcher. Olhos grandes e castanhos, cabelos crespos, com as laterais raspadas e dreads trançados na parte de cima, e uma pele negra retinta suntuosa. Ele veio a Kitfield por conta do seu Chamado, e era o garoto mais bonito que Delilah já tinha visto. O coração dela se apertou quando ele surgiu em sua memória, e ela quase estremeceu quando forçou a imagem dele a sair de sua mente.

Delilah encostou um dos dedos nos lábios de Clarissa para que ela parasse de falar. Então sussurrou:

— Se você tivesse realmente se apaixonado por mim, eu teria desaparecido da sua mente no segundo em que percebeu isso. Eu seria uma desconhecida para você agora.

Assim como era para ele.

Antes que Clarissa pudesse continuar, algo chamou a atenção de Delilah. O cheiro de magia a atingiu de repente. Três tipos diferentes: um terroso, com

notas de macadâmia; um fresco como orvalho; um terceiro doce e floral, como xarope de violeta.

— Delilah Bea? — perguntou uma mulher.

Delilah se virou e viu três bruxos em pé atrás dela. Seu coração acelerou. Raramente ficava na presença de vários bruxos ao mesmo tempo, exceto quando os covens viajantes passavam por Kitfield, em geral a caminho de cidades maiores na costa sul de Celdwyn. Esse tipo de coisa era sempre motivo de fofoca durante dias, dado o desconforto geral que bruxos de fora causavam. Eles não haviam conquistado a confiança de Kitfield como Ruby e Clarissa, e não vinham de linhagens familiares amadas como a de Delilah.

Esse coven era formado por um homem e duas mulheres, e todos usavam capas de viagem tradicionais de bruxos com fivelas douradas combinando no pescoço. Cada fecho tinha o formato de uma lua e um sol gêmeos — a lua simbolizando os bruxos, e o sol, as pessoas não mágicas, uma representação da era de paz que o Conselho dos Bruxos e suas regras haviam criado.

Delilah conteve um riso ansioso. As capas antigas, era preciso admitir, ficavam um pouco engraçadas em comparação com as saias e calças modernas de todos os outros — como se as bruxas estivessem se vestindo para o concurso de fantasias do equinócio de outono de Kitfield.

— Sou, é… — Delilah forçou um sorriso. — Sou eu.

— Estamos aqui a serviço do Estado — anunciou o homem.

Quase tudo nele parecia quadrado para Delilah — talvez fosse a criatura mais quadrada que já tinha visto, com pele clara, um queixo pontudo e de barba curta e um corpo articulado em ângulos retos. Ele usava um terno por baixo da capa e o cabelo penteado para trás, acentuando o formato quadrado da cabeça. Ela estava, até certo ponto, impressionada. *É como se alguém tivesse colocado uma maldição em uma caixa de leite e agora ela tivesse que usar capas bobas e pagar impostos*.

— Estamos aqui para apresentar o seu Chamado — disse a mulher à esquerda dele. Ela tinha a magia floral, e a pele marrom bonita estava enrugada com linhas de expressão na lateral dos olhos e da boca. — Você deve estar na praça central amanhã às 12h15. Poderá apresentar sua própria tarefa ou nós lhe designaremos uma. Entendeu?

Delilah assentiu, tentando não deixar transparecer no rosto o pico de adrenalina que atingiu instantaneamente sua corrente sanguínea. *Amanhã?* Ruby havia dito que eles viriam no aniversário dela, mas, como Kitfield ficava tão longe da sede deles em Gellingham, ela esperava ter um pouco mais de tempo.

— Sim, senhora.

— Arrume suas coisas — disse a mulher. — Não dá para saber aonde seu Chamado a levará.

Delilah assentiu novamente com a cabeça.

— E-entendido.

A terceira pessoa, uma mulher pequena que parecia uma fadinha, com cabelo preto curto e pele de tom dourado, deu um tapinha no ombro de Delilah, pedindo desculpas.

— Sentimos muito por interromper sua festa, querida. É só um procedimento padrão.

Delilah não sabia o que dizer, então apenas deu de ombros e murmurou algo como *c'est la vie*. Olhou em volta da sala — a maioria das pessoas havia parado para ver o que estava acontecendo. Charlotte havia se levantado da cadeira. Ruby, por sua vez, lançava um olhar compreensivo. Clarissa ainda estava um pouco chorosa, com os lábios crispados e os olhos fixos em Delilah.

Delilah pigarreou e disse aos bruxos à sua frente:

— É… Eu vou dar uma volta. Tomar um pouco de ar. Vejo vocês de manhã.

Os bruxos não disseram nada, mas, quando Delilah se dirigiu à porta, a mãe chamou:

— Delilah! Espera!

Ela não parou, apenas caminhou até que o som do bar e o cheiro da magia de todos se dissiparam atrás dela.

Continuou andando sem rumo pela noite.



CAPÍTULO DOIS

Regra n. 14: Uma boa bruxa sempre tem alguma coisa na manga (com borlas).

Quando Charlotte voltou do pub, Delilah estava encolhida no chão comendo torta de framboesa direto da travessa com uma colher.

— Ah, caramba — sussurrou Charlotte.

Delilah apontou o doce.

— Quer? Eu coloquei um feitiço na torta. É para causar uma sensação de nostalgia agradável.

Charlotte hesitou por um momento antes de ir até a cozinha, pegar um garfo e juntar-se à filha no chão. Espetou uma framboesa e um pedaço da torta, levou à boca e assentiu.

— Uuuh, agradável mesmo. Você se superou.

— Desculpa por ter ido embora da festa — disse Delilah, usando o punho para limpar chocolate do rosto. — É que eu… fiquei muito nervosa.

— O que aconteceu com a Clarissa?

— Disse que está apaixonada por mim.

Charlotte arregalou os olhos.

— *Uau.*

— Né? *Uau* pra caralho.

Delilah deu mais uma mordida. Tinha gosto de um dia do verão passado, quando ela e a mãe pegaram a canoa para ir até um píer que dava para o meio do lago Silverside e fizeram um piquenique com pãezinhos de mel de flores silvestres e sidra gaseificada antes de nadar até a pele delas ficar cor-de-rosa por causa do sol.

Quase sentiu menos vontade de gritar.

— E você falou pra ela da maldição?

— Falei. Pelo jeito, o povo do vilarejo acha que quem se apaixona por nós morre.

Charlotte quase cuspiu a torta.

— *O quê*? Minha nossa, é bem pior que o último boato. Quando eu estava grávida de você, as pessoas ficavam falando que minha maldição tinha transformado seu pai num besouro.

Delilah desdenhou.

— Quem dera.

— Acho que provavelmente é melhor ela saber, mesmo. Talvez, da próxima vez, os boatos sobre nós sejam mais verdadeiros. — Charlotte deu mais uma mordida, fazendo um som exagerado de *humm* com os lábios fechados. — Delilah, esta torta está incrível. Quando você virar a bruxa de outro vilarejo, vão fazer fila na sua porta atrás das suas tortas encantadas. Ruby estava certa em deixar você treinar como bruxa cozinheira.

A boca de Delilah tremulou num sorrisinho.

— Quem sabe eu não abro uma padaria mágica assim que terminar meu Chamado.

— Falando nisso, eu ia mesmo perguntar: está pensando em propor sua própria tarefa?

— Sim. Eu… — Delilah hesitou. Não sabia bem se já estava pronta para contar à mãe. — Estou.

Charlotte não insistiu.

— Você se sente preparada?

— Para o meu Chamado? O teste de seis meses em que setenta por cento dos bruxos reprovam e acabam perdendo a magia? — Delilah girou a colher com um floreio antes de piscar e apontar para a mãe. — *Não*.

Charlotte riu.

— Sei que odeia quando eu falo isso, mas você realmente me lembra do seu pai às vezes.

Delilah bufou.

— Mãe, você passou, tipo, *oito horas* com ele. E em pelo menos uma parte delas estava dormindo.

Charlotte mal segurou uma risada e ergueu as sobrancelhas.

— Não muitas.

Delilah enfiou a colher na boca e fingiu estar com ânsia de vômito.

— É um elogio — justificou Charlotte. — Seu pai tem jeito com as pessoas, igual a você. Ele quebrou mais maldições que qualquer outro bruxo na história de Celdwyn. E, mais importante, você tem todos os dons dele.

Delilah soltou um suspiro pesado.

Charlotte pousou o garfo e se arrastou até o lado da filha, abraçando-a.

— Eu sei que é muita pressão, mas você é uma bruxa talentosa, Delilah. E eu acredito em você.

Delilah abraçou a mãe também.

— Vou sentir sua falta.

— É. — Charlotte apoiou a cabeça no ombro da filha. — Eu também vou sentir sua falta, filha.

Naquela noite, as duas mulheres da família Bea pegaram no sono no sofá, com a travessa de torta vazia abandonada no chão.

Na manhã seguinte, o sol nascente emprestava um brilho ao lago Silverside e conferia um tom verde vibrante às primeiras folhas do verão. A torre do relógio na praça central contava os minutos até o meio-dia, e as pessoas começavam a se reunir uma a uma na frente de um pequeno palco que havia sido montado durante a noite. O Chamado de uma bruxa era tradição e considerado um evento público, especialmente em cidades pequenas, onde talvez houvesse

apenas uma ou duas a cada geração. Fora estabelecido quando o Conselho dos Bruxos assumiu o poder, há um século, com o objetivo de provar às cidades que bruxas treinadas para servir eram confiáveis. Não era exatamente o caso de Delilah, mas isso não impediu que as multidões viessem dar uma espiadinha no Conselho em ação.

As Bea saíram de casa às quinze para o meio-dia. Aeronavios pairavam pelo céu limpo, batendo as asas mecânicas numa ondulação preguiçosa. Carros zanzavam pelas ruas de paralelepípedos, o teto de lona abaixado para deixar o ar entrar. As flores nos canteiros dos vizinhos estavam exuberantes e coloridas, e bandeiras celdwynianas tricolores tremulavam com a brisa no topo dos prédios, com seus tetos e sacadas de cobre oxidado.

As lojas da rua principal de Kitfield estavam abertas, mas pareciam vazias. A maioria estava com a porta escancarada para receber a brisa e quaisquer viajantes, embora Delilah suspeitasse de que a maioria não teria interesse em comprar quinquilharias enquanto o grande evento do dia ainda estava por vir.

Conforme as Bea se aproximavam da praça, a multidão começava a aumentar. As pessoas lentamente se afastavam à medida que cochichos sobre a chegada delas tomavam a praça. Um caminho se abriu à frente, e logo Delilah estava de cara para o palco onde o homem quadrado e as duas senhoras da noite passada esperavam.

Charlotte pegou o braço dela e a levou até o primeiro degrau. Parou, ficando na ponta dos pés para beijar a bochecha da filha.

— Boa sorte.

Delilah sussurrou um agradecimento, o estômago embrulhado.

Naquele momento, duas coisas aconteceram: o relógio bateu meio-dia, emitindo uma nota vibrante, e o vento mudou de direção. Mechas soltas da trança de Delilah voaram, e um aroma familiar atingiu seu nariz. Ela quase vomitou. Era o cheiro de magia de morte, decomposição e turfa que havia pairado no dia anterior atrás da casa delas.

O cheiro de uma maldição poderosa.

— Delilah Bea — disse o homem quadrado, interrompendo os engulhos dela. — Apresente-se.

Delilah lançou um último olhar à mãe antes de subir no palco. Seu coração acelerou. O cheiro da maldição estava tão próximo que era como se a figura

que ela vira no bosque estivesse respirando em seu cangote. Ela percorreu a multidão com os olhos, procurando a fonte, mas não achou nada.

— Você está bem? — perguntou a mulher de sorriso iluminado da noite anterior. — Parece pálida.

— Exagerou na cerveja ontem à noite? — falou a outra bruxa, de cara séria.

— N-não, desculpa.

Delilah se aprumou, respirando pela boca. Sentia o gosto da maldição no ar, o que tornava tudo pior.

— Então, vamos começar — falou o homem quadrado.

Ele deu um passo à frente, na direção da plateia, e pressionou o pescoço com um dos dedos. Ao fazer isso, seus olhos começaram a brilhar levemente — um dos sinais mais claros de que um bruxo estava evocando sua magia. Ao falar, sua voz ribombou alto a ponto de chegar até em quem estava bem no fundo da multidão.

— Bem-vindos, residentes e viajantes, ao Chamado de Delilah Bea. Meu nome é Garmond Fetz e, como minhas assistentes, tenho Athena Green e Melrose Vince.

— É uma tradição entre bruxos — continuou Athena, a mulher que parecia mais gentil, falando no mesmo volume — que, aos dezessete anos, devem ser testados para podermos permitir que pratiquem magia sem supervisão. Se um bruxo termina seu Chamado em seis meses, torna-se membro reconhecido de nossa sociedade e fica elegível a patrocínio governamental. Se falha e se mostra incapaz de lidar com a vida como bruxo, sua magia lhe é tirada.

— Delilah — disse Garmond, a encarando com olhos afiados como adagas. — Você aceita esses termos?

Ela engoliu em seco, mais uma vez sentindo o gosto da maldição; mal conseguia se concentrar de tão forte que era. Quando conseguiu falar, foi no mesmo volume que os outros:

— Sim. Aceito.

— Sugere algo para sua tarefa? — perguntou Athena.

Delilah encarou a multidão. Sabia qual seria sua tarefa desde que descobrira que era amaldiçoada.

Hora de confirmar os boatos de uma vez por todas.

— Eu proponho uma quebra de maldição — respondeu Delilah. Seus olhos voltaram-se para Charlotte, e ela respirou fundo mais uma vez, conseguindo não engasgar com o cheiro. — Pretendo quebrar a maldição da minha família que faz com que qualquer um que se apaixona por uma mulher Bea perca a memória que tem dela.

Um alvoroço se espalhou pela plateia, e Charlotte respirou fundo.

Os outros bruxos abaixaram a voz para discutir entre si. Pareciam estar consultando Melrose, que se aproximou de Delilah e inspirou fundo. Depois de um momento, Melrose pigarreou e dirigiu-se à multidão.

— A garota tem razão — disse ela. — Sinto cheiro de uma maldição nela. Por causa disso, confirmamos o valor de sua tarefa. Se Delilah Bea conseguir quebrar a maldição de sua família, será recebida em nosso grupo.

— Se alguém aqui se opõe aos termos deste Chamado — anunciou Garmond —, fale agora ou cale-se para sempre.

A respiração de Delilah ficou presa na garganta.

Aí, uma voz na plateia anunciou:

— Eu tenho uma objeção.

A multidão gritou de surpresa. Os olhos de Delilah se arregalaram enquanto o olhar do povo do vilarejo ia de um lado para o outro, em busca do dono da voz. Ela fora clara e alta — como se viesse dos próprios céus.

Não, não, não.

Isto não pode estar acontecendo.

— Quem fala? — Garmond apertou os olhos. — Venha à frente e revele-se.

A multidão se abriu, e um garoto louro mais ou menos da idade de Delilah se apresentou. Sentiu um aperto no peito.

De repente, ela soube exatamente a quem pertencia a maldição cujo cheiro sentira no dia anterior.

Os cachos do garoto estavam presos num rabo de cavalo, deixando expostas as maçãs do rosto proeminentes e delicadas. Ele tinha pele de alabastro, como se não visse o sol há anos. Seus olhos eram fundos, com sombras ao redor, parecendo machucados. Um era castanho, mas o outro — o esquerdo — tinha um tom surpreendente e fantasmagórico de azul. Suas roupas eram espalhafatosas e finas; quando Delilah estreitou o olhar, notou *borlas* nas mangas.

— Eu invoco o Rito de Mortalidade — disse ele. — E recruto Delilah Bea para quebrar a maldição de minha família em seu Chamado.

Delilah não conseguiu se segurar:

— Desculpa, você quer que eu faça *o quê*?

— Você não pode fazer isso! — gritou alguém na multidão.

Outros berraram a mesma coisa, despejando dúvida e desaprovação na direção do garoto. Mas ele não vacilou.

— Escutem, conselheiros — disse ele. — É meu direito.

Delilah virou-se, esperando vê-los prontos para mandá-lo dar o fora dali. Mas, em vez disso, estavam trocando cochichos.

— Não. — Delilah balançou a cabeça e deu alguns passos para longe do garoto. — Não! Eu me recuso. Já decidi que vou quebrar a *minha* maldição, muito obri…

— Infelizmente — interrompeu Melrose —, o Rito de Mortalidade permite que qualquer um que esteja sofrendo de uma maldição mortífera peça assistência a um bruxo para quebrá-la. É considerado o tipo mais sagrado de Chamado para qualquer bruxo.

— E eu não posso recusar? — Delilah ficou boquiaberta enquanto balançava a cabeça. — Que ridículo. Eu não devia ser obrigada a trabalhar para esse Lorde Casaco Brega de meia tigela só porque ele é amaldiçoado!

Delilah não tinha certeza, mas achou ter visto o menino corar e articular com a boca: *Casaco… brega*?

— Mas vai fazer isso, se quiser manter sua magia — afirmou Garmond, cruzando os braços na frente do peito largo. Ele olhou suas colegas conselheiras, depois o garoto, e perguntou: — Quem invoca esse rito?

— Kieran Pelumbra — respondeu ele.

Os três conselheiros ficaram em silêncio. Murmúrios de reconhecimento perpassaram a multidão, bem como sussurros de desconfiança. Delilah apertou os olhos para ele.

— Pelumbra? — repetiu. — Por que esse nome me parece familiar?

— Porque a família Pelumbra é uma das mais importantes de Celdwyn — disse Garmond, acariciando o cavanhaque grisalho. — Bruxos ricos com muita influência no governo. Mas nunca ouvi falar de que estivessem amaldiçoados.

— Pois eu encorajo o senhor a espalhar a notícia — disse Kieran, alegre. — Minha família ia *odiar*.

— Consigo sentir o cheiro — falou Melrose, enrugando o nariz. — Ele está falando a verdade, pelo menos em relação a estar amaldiçoado. Em todas as minhas experiências com os Pelumbra, eles nunca mencionaram nenhum Kieran.

— Considerando o quanto vocês duas parecem enojadas por sentir o cheiro da maldição em mim — respondeu Kieran, com o olhar indo entre Delilah e Melrose —, acho que dá para imaginar o motivo.

Delilah desfez a careta, corando. Poucos bruxos tinham olfato para magia — era uma habilidade rara que corria em certas famílias —, mas o dela sempre fora particularmente aguçado, muitas vezes para seu azar.

— E você é filha do maior quebrador de maldições da história de Celdwyn — continuou Kieran, olhando nos olhos de Delilah. — Vai ser simples para você encontrar uma solução.

— Falar é fácil — resmungou Delilah. Ela se virou para Garmond. — Então, está falando sério mesmo? Ou eu ajudo esse cara, ou tiram minha magia para sempre?

Os conselheiros trocaram olhares. Por fim, Garmond falou:

— Exato. Esses são os termos. Você aceita?

Delilah soltou um suspiro profundo, pressionada pelo peso da situação. Olhou para Charlotte, que estava pálida como um fantasma e provavelmente cairia de cara se lhe cutucassem. Nada em sua expressão oferecia uma resposta clara.

— Droga — sibilou Delilah entre os dentes. Por fim, ela se virou de novo para os conselheiros e disse: — Quer saber? Tá bom. Vou ajudar o Príncipe Careteiro com a maldição da família dele. — Ela fez uma mesura e olhou de lado para Kieran. — Você tem minha palavra.

— Uma decisão foi tomada — proclamou Garmond enquanto estendia os braços, fazendo um gesto para a multidão. — Delilah Bea está a partir de agora encarregada de quebrar a maldição lançada sobre Kieran Pelumbra e sua família. Ela tem seis meses para completar o Chamado. Se a maldição não for quebrada ou se Kieran morrer antes de sua resolução, Delilah terá fracassado, pois esta é a essência do Rito de Mortalidade.

— Ah, que ótimo — murmurou Delilah baixinho. — Não vamos esquecer essa parte.

— Com isso, nosso encontro chega ao fim — disse Melrose. — Encerrado.



Enquanto as pessoas expressavam suas frustrações aos gritos com os bruxos do Conselho, que estavam se preparando para ir embora, Delilah e Charlotte saíram de fininho da praça do vilarejo, abrindo caminho entre a multidão e voltando ao chalé. Assim que Charlotte fechou a porta, o telefone da cozinha começou a tocar e ela correu para desconectá-lo. Mesmo que a pessoa tivesse boas intenções, ela sabia que Delilah não ia querer falar com ninguém.

Charlotte pressionou as costas à porta, exalando, enquanto Delilah se jogava no sofá.

— É culpa minha — sussurrou Charlotte.

— Como assim? Você recrutou aquele cara para roubar meu Chamado?

Charlotte balançou a cabeça.

— Não, eu… eu não devia ter falado quem é seu pai. Sabia que a fama dele acabaria trazendo consequências. Só não achei que a notícia sairia de Kitfield.

— Ia acabar acontecendo de algum jeito. Melhor ser sincera logo.

Delilah pegou uma almofada e enfiou a cara nela, gemendo.

Charlotte observou a filha por um momento antes de dizer:

— Vou fazer um chá.

Enquanto Charlotte colocava a chaleira de cobre no fogo, Delilah fechou os olhos e tentou se concentrar na respiração. Queria acordar desse pesadelo e voltar ao mundo real, onde tinha passado pela cerimônia do Chamado sem ser interrompida e estava pronta para começar a descobrir como quebrar a própria maldição.

Era para ela quebrar a maldição das Bea e virar uma bruxa legítima, não ser recrutada por um desconhecido para quebrar uma maldição de que nunca tinha ouvido falar.

E perder sua magia para sempre se não conseguisse.

Quando Charlotte voltou com o chá e se sentou no sofá ao lado da filha, Delilah tinha conseguido fazer o coração voltar ao ritmo normal, ainda que sua

mente continuasse acelerada. Charlotte pôs uma caneca na frente da filha e deu um gole na sua.

Delilah segurou a caneca com as duas mãos, pressionando os lados.

— Desculpa por ter contado para todo mundo da nossa maldição, mãe. Eu só queria uma chance de quebrá-la, mas agora todo mundo sabe a verdade e esse nem é meu Chamado.

Charlotte ofegou, franzindo a testa.

— Você não tem por que se desculpar. As pessoas vão fofocar por um ou dois dias e deixar pra lá. Não é como se fôssemos nobres de Gellingham nem nada.

— Verdade. Mas… mesmo assim eu vou quebrá-la — afirmou Delilah. Ela começou a desfazer a trança para manter as mãos ocupadas. — Meu Chamado oficial pode até ser essa outra bobajada, mas isso não vai me impedir.

— Querida, está tudo bem. — Charlotte colocou a mão no joelho da filha e fitou seus olhos. — Se concentra no seu Chamado. Nossa maldição existe há centenas de anos. Você tem o resto da sua vida para quebrá-la e vai ter muito mais recursos se passar no Chamado.

Delilah assentiu para si mesma. Era um bom argumento: quando pudesse praticar magia como bruxa oficial aprovada pelo Estado, ela seria capaz de acessar recursos — coisas como arquivos sigilosos, materiais para encantamento fornecidos pelo Conselho, viagens pagas pelo governo — que tornariam bem mais fácil quebrar uma maldição. Ainda assim, não gostava de ter que esperar.

Ela murmurou:

— Acho que você tem razão.

— Além do mais, se esse garoto estiver falando a verdade e for um Pelumbra… bom, eles são uma das famílias mais ricas de Celdwyn. — Charlotte lançou uma piscadela para a filha. — Talvez você ganhe um amigo rico no processo. Aposto que ele vai pagar *muito bem* se der tudo certo.

Os olhos de Delilah se iluminaram.

— Aah, tem razão. De repente eu posso comprar um *carro* para a gente.

Charlotte gemeu, melodramática.

— Qual é a sua com carros, hein?

As duas conseguiram rir, bem quando soou uma batida na porta.

Charlotte berrou:

— Não estamos em casa!

— É o Kieran — disse uma voz. — Por favor, posso conversar com a Delilah?

— Ela fugiu do país — gritou Charlotte de volta enquanto Delilah ficava de pé para abrir a porta. — Largou você aqui. Foi vender doces mágicos no exterior.

— Mãe — repreendeu Delilah, mas estava sorrindo. Ela balançou a cabeça, e Charlotte ergueu as mãos e fez uma cara falsa de culpa.

Antes mesmo de abrir a porta, Delilah sentiu o cheiro da maldição, e, assim que fez isso, o odor se alastrou pelo lugar. Ela chegou a ter ânsia, mal conseguiu se segurar.

Kieran levantou uma das sobrancelhas, alguns tons mais escura que seu cabelo louro cor de areia.

— Ah, tá bom, então. Oi de novo para você também.

— Entra — conseguiu dizer Delilah, com a voz pesada, tentando não vomitar. Quando Kieran só ficou lá parado encarando, ela completou: — Olha, desculpa, mas você tem a maldição mais fedida do mundo. Não é nada pessoal.

Kieran hesitou por um momento antes de cheirar a axila com cautela.

— É tão ruim assim?

— Só ela consegue sentir, querido — disse Charlotte, indo até a porta e fechando antes que o povo do vilarejo que estava lá fora conseguisse espiar. — Delilah, meu bem, vai até meu quarto e abre o bolso lateral da minha maleta médica. Lá tem uma pomada de mentol que você pode passar embaixo do nariz para bloquear o cheiro da maldição.

Enquanto Kieran se sentava no sofá, Delilah pediu licença para se retirar. Conseguiu ouvir a mãe contando a Kieran:

— Eu sou uma das duas médicas de Kitfield, então acabo fazendo uma boa quantidade de autópsias. O mentol bloqueia o cheiro.

A voz de Kieran subiu quase uma oitava:

— Nossa, puxa vida, que interessante.

Delilah achou o tubo e aplicou uma bela quantia embaixo do nariz. O cheiro era forte a ponto de mascarar o outro quase inteiramente, embora fizesse seus olhos arderem um pouco. Ela se apressou para abrir todas as janelas do

chalé. Tinha certeza de que o cheiro da maldição ia atravessar o mentol se não deixasse uma brisa circular na sala.

— Desculpa — disse Delilah, sentando-se no sofá. Fez contato visual com Kieran, analisando seu estranho olho azul. — Sei que não é culpa sua.

Era esquisito. Delilah esperava ficar brava no momento em que Kieran chegasse depois daquela palhaçada na cerimônia. Mas, olhando-o agora, era difícil sentir qualquer coisa exceto… Bom, pena. Ele tinha olhos enormes e redondos; a boca estava franzida enquanto ele enrugava a testa, claramente com vergonha do cheiro da maldição. Ele a lembrava um pouco um cachorrinho chutado. Ou um filhotinho de pássaro caído do ninho antes de aprender a voar.

E, apesar da abordagem de tanto fez como tanto faz que ela adotava para a maioria das coisas, Delilah sabia exatamente como era dolorido viver com uma maldição.

— Aliás — ela estendeu a mão —, eu sou a Delilah. Essa é minha mãe, Charlotte. Acho que é melhor nos apresentarmos de um jeito menos dramático depois de tudo aquilo.

Ele segurou a mão dela, sem apertar muito.

— Kieran Pelumbra. — Ele passou a mão pela nuca, um pouco tímido. — Me… desculpa pelo cheiro. Talvez complique nossas viagens juntos.

— Viagens juntos? — Delilah nunca ouviu falar sobre uma bruxa sair com outra pessoa em seu Chamado. — Como assim? Eu achei que seria uma aventura sem companhia.

— Bom, eu tenho algumas pistas que quero investigar e, como sou a pessoa que mais sabe sobre a maldição, faz sentido a gente simplesmente… ir juntos. — Quando Delilah o olhou com uma das sobrancelhas levantada, ele completou: — Eu entendo que seja meio desconfortável viajar com um homem estranho que você não conhece…

— "Homem" — repetiu Charlotte, com uma risadinha. Ela fez um gesto para o corpo esguio dele e sussurrou para Delilah: — Meio magricela para isso, né? Você conseguiria quebrar ele no meio.

— Mãe — disse Delilah, tentando não rir. Kieran *era* um varapau. — Seja legal.

— Quantos anos você tem, hein? — perguntou Charlotte a ele.

Um pequeno rubor tomou conta das bochechas de Kieran.

— Ah… bom. Tenho quase dezoito. Faltam só… mais oito meses.

— Que uso generoso de *quase*.

— Mãe! — Delilah bateu no joelho da mãe com o dorso da mão, o que só levou Charlotte a dar uma risadinha. Para Kieran, ela disse: — Desculpa. Olha, por que não me conta o que sabe sobre a maldição e aí a gente decide o melhor plano? Quanto mais rápido eu acabar com isso, melhor, porque aí consigo trabalhar na minha própria maldição.

— Certo. — Kieran mordeu o lábio.

Delilah o notou encarando Charlotte de canto de olho e disse:

— Mãe, você pode dar um minutinho pra gente? Maldições são…

— Um assunto sensível. Eu sei. — Ela ficou de pé e olhou sério para Kieran. — O que você fez ali no Chamado? Bem ousado. Espero que saiba no que está enfiando ela.

Kieran ficou vermelho outra vez. Parecia ser um pouquinho propenso a corar.

— Eu… eu achei… não sabia que a Delilah ia propor a própria tarefa.

As expressões de Charlotte e Delilah se suavizaram.

— Desculpa por isso — completou ele. — Eu não teria feito se tivesse outra opção. Já viajei e pesquisei muito e… você é meio que minha última esperança.

Vendo seus olhos marejados de lágrimas, o restinho de frustração que Delilah ainda sentia se dissolveu.

— Bom, vou dar um pouco de privacidade para vocês, então — disse Charlotte, pegando as chaves de uma tigelinha ao lado da porta. — Vou lá conversar com o pessoal. Com certeza a Ruby e a Clarissa vão ter muito a dizer sobre isso. Volto em uma hora.

— Vamos estar por aqui — prometeu Delilah.

Kieran abriu a boca, mas a fechou de novo sem dizer nada e ficou quieto. Com isso, Charlotte saiu. A porta se fechou com um rangido, e a tranca clicou atrás dela.

— Desculpa, ela às vezes é meio intensa — começou Delilah, ficando de pé e alisando a saia. — Quer chá? A água ainda está quente.

— Ah… pode ser.

Depois de preparar uma caneca para ele e trazer uns biscoitos, ela acomodou-se no sofá e cruzou as pernas. Kieran pareceu grato pelo lanchinho — considerando a velocidade com que engoliu os biscoitos, não devia ter comido antes da cerimônia do Chamado. Por sua vez, Delilah tinha ficado tão nervosa antes que também não comera muito.

— Então — disse Delilah, quebrando o silêncio —, você está morrendo.

Kieran engasgou-se um pouco com o último biscoito e rapidamente bebeu um pouco de chá para ajudar a engolir. Olhou-a e disse:

— Bom. Sim.

— Você disse que é uma maldição de família, então, é só isso que ela faz? — Ela levantou uma das sobrancelhas. — Mata a pessoa lentamente?

— Hum… não, não só isso. — Ele torceu as mãos. Delilah notou seus dedos, esguios e compridos, pálidos como o resto dele e provavelmente gelados, pela aparência. — Eu carrego… metade da maldição. Minha irmã gêmea carrega a outra metade.

— Ela também está morrendo?

— Não tenho certeza. — Ele deu de ombros. — A gente não se conhece.

Delilah uniu a ponta dos dedos. Involuntariamente, seu coração tinha começado a bater um pouco mais rápido.

Maldições eram uma forma única de magia. Embora a maioria dos bruxos conseguisse canalizar os feitiços que quisessem por meio de seu método artístico ou artesanal preferido, as maldições funcionavam melhor quando eram escritas. O único tipo de magia que também possuía a escrita como método principal eram as bênçãos, mas Delilah as achava milhões de vezes menos interessantes. Só se deparara com algumas maldições escritas na vida, mas as achou incrivelmente fascinantes. A maioria delas eram enigmas muitíssimo complexos.

Delilah *amava* enigmas.

— Uma maldição de família lançada sobre uma das mais importantes de Celdwyn, dividida entre gêmeos que nunca se conheceram. — Delilah sorriu, arqueando as sobrancelhas. — Continua.

— Você está com um sorriso meio… maldoso, sabe.

— É o meu charme. — Ela passou os dedos pelo cabelo e o balançou para soltá-lo, os cachos escuros caindo no ombro. — Agora. Explica. A. Maldição.

— Bom… tem muita coisa confusa. A gente nunca conseguiu achar os dizeres exatos…

Delilah teve um estalo.

— Você tentou a Biblioteca de Maldições?

— A o quê?

— Em Gellingham — disse Delilah. — É a única coleção de maldições profissionalmente selecionada em Celdwyn. Uma maldição só se torna verdadeira se você escrevê-la, mas, para ela permanecer poderosa, aquilo em que foi escrita tem de ser preservado. Se bem cuidadas, maldições podem durar eras. Considerando o quanto a sua é poderosa, a Biblioteca de Maldições parece um bom lugar para começarmos.

Kieran piscou, desacreditado.

— Estou… impressionado por você saber tanto sobre isso.

Delilah deu de ombros. Sempre se interessara por maldições, desde que ficara sabendo da sua, mas tinha aprendido a maior parte do que sabia com Theo. Eles passavam horas juntos folheando livros da biblioteca e ouvindo transmissões de rádio sobre as últimas fofocas de quebras de maldições direto de Gellingham. Mas, como todo o resto que envolvia Theo, Delilah se esforçava para não passar tempo demais pensando nessa lembrança.

Quando eu terminar meu Chamado, ele tinha dito a ela ao dar um beijo em sua bochecha, *vamos à Biblioteca de Maldições juntos para achar a sua. Eu prometo.*

— Vamos adicionar à lista — falou Kieran, arrancando Delilah de seu devaneio. — Isto é, depois de encontrarmos minha irmã. Pelo que eu sei, ela é a chave para quebrar a maldição.

— Ah, é?

Kieran assentiu.

— A cada geração da minha família, nasce um par de gêmeos. No começo, nossas habilidades são perfeitamente compatíveis, mas, com o tempo, a magia de um começa a ser desviada para o outro. Quando toda a magia de um dos gêmeos for drenada, esse gêmeo morre e o outro…

— Fica superpoderoso? — chutou Delilah.

Kieran fez que não.

— Não é bem isso. Todo mundo na minha família sempre foi vago. Só disseram que é terrível. Algo a ver com o poder ficar avassalador e machucar o portador de algum jeito.

Delilah batucou as pontas dos dedos umas nas outras.

— Ah, que coisa boa.

— *Boa*?

— Quer dizer… terrível. Muito terrível. É um horror você estar morrendo porque sua magia está sendo sugada pela sua irmã. — Ela deu de ombros. — Escuta, para ser bom em quebrar maldições, é preciso ser bom em entender maldições. E deixar o desfecho terrível de uma delas vago e ameaçador é um belo truque. Isso a torna ainda mais difícil de desvendar.

— Ah — Kieran assentiu como se entendesse o que ela estava falando. — Bom. É mais ou menos isso. O problema é que minha irmã já, já vai sugar o que resta do meu poder… Então, estou meio desesperado. Por isso o…

— Roubo do Chamado? — completou Delilah.

Kieran fez uma careta.

— Sim. Desculpa *mesmo* por isso. É que eu… achei que minha melhor chance de sobreviver seria pedir para você. Por causa do seu pai e tudo o mais.

— Aquele babaca — resmungou Delilah.

— Ele já quebrou milhares de maldições!

— Continua sendo um babaca. Pode acreditar. — Delilah ficou de pé. — Então, para resumir: temos que achar sua irmã, que está sugando sua magia, porque algo nela é a chave para quebrar sua maldição? É seguro vocês dois ficarem perto um do outro? Será que isso pode… acelerar o processo sem querer?

— Era o que minha mãe achava — admitiu Kieran. — Foi por isso que ela mandou a Briar, minha irmã, para longe. Mas, antes de eu viajar, meu pai admitiu para mim que não é verdade. Então, quero encontrá-la.

— Você acha que ela quer ser encontrada? — perguntou Delilah. — A Briar, quero dizer. Que bom que você sabe o nome dela, pelo menos.

— Sei lá. — Ele deu de ombros. — É uma maldição muito solitária para se carregar sozinho. Imagino que ela pelo menos queira conversar.

— Podemos trocar informações — concordou Delilah. — Não parece um lugar ruim para começar. Tem alguma ideia de onde ela possa estar?

— Contratei um agente de informações, que me disse para tentar Port Lorring. Há boatos de uma vendedora lá que tem um único olho azul, que nem o meu.

— Port Lorring fica a uma semana de caminhada daqui. — Delilah suspirou. Olhou suas botas robustas guardadas junto à entrada e se perguntou se aguentariam uma jornada tão longa. Ela gemeu. — A *quilômetros* e *quilômetros* de distância.

— Não precisa disso. — Kieran ficou de pé, alisando o casaco chique. — Eu tenho um aeronavio. A gente chega lá em no máximo dois dias.

— Um aeronavio? — Delilah levantou as sobrancelhas.

— É grande o bastante para nós dois termos nosso próprio espaço. A tripulação é pequena e…

— *Tripulação*? De que tamanho ele é?

— Só têm três deques — respondeu ele, na defensiva. — Praticamente um navio de pobre.

— O único navio que um pobre tem são as próprias pernas.

— Duvido que um aeronavio seja tão caro assim. — Kieran ergueu as mãos e ajustou os cachos louros, prendendo a parte de cima num pequeno coque atrás da cabeça enquanto o resto caía sobre os ombros. — Pois bem. É melhor irmos agora para podermos chegar ao navio antes de escurecer. Eu o deixei no campo de pouso nos arredores do vilarejo.

— Não quer esperar até amanhã? Já foi um dia e tanto. — Delilah fez sua melhor combinação de biquinho e olhos arregalados. — Além do mais, minha mãe *vai* te matar se você me levar sem eu me despedir.

— Não quero fazer a tripulação esperar mais. E nosso cronograma está bem apertado. — Kieran mordeu o interior da bochecha, mas por fim suspirou. — Mas podemos esperar sua mãe voltar.

— Ah… tudo bem, então. Vou fazer as malas enquanto isso. — Delilah deu um tapinha no ombro dele ao passar. — Saímos num segundinho.



CAPÍTULO TRÊS

Regra n. 7: Se não souber o que está fazendo, endireite a postura, levante o queixo e finja que sabe.

Charlotte soluçava abertamente enquanto se despedia da filha, e Delilah também não se saiu muito melhor. Kieran ficou lá parado, checando um relógio de prata no pulso. Delilah estava grata por ele não dizer nada.

— Você vai ser ótima — disse Charlotte no cabelo da filha, agarrando-se a ela. — Deixe seu pai de queixo caído.

— Foda-se aquele cara. — Delilah soluçou.

— Eu tenho tanto orgulho de você. — Charlotte a abraçou uma última vez e se afastou, segurando as mãos da filha. — Vai lá quebrar umas maldições.

— Vou tentar. — Delilah secou as lágrimas com a manga e beijou a bochecha da mãe. — Te amo.

— Te amo mais. — Charlotte lançou mais um olhar sério a Kieran. — Se acontecer alguma coisa com ela, vou fazer você se arrepender de ter nascido.

Kieran levantou a mão.

— Muito prazer em conhecer a senhora também, sra. Bea.

— É *senhorita* Bea. — Charlotte deu mais uma abraço em Delilah. — Tchau, meu bem.

— Tchau, mãe.

Com um último aceno, Kieran e Delilah se afastaram de Kitfield, enquanto Charlotte os observava. Delilah manteve o queixo erguido até perder Charlotte de vista. Ela sabia que esse dia chegaria. Dissera a si mesma que estaria pronta para ele. Mas alguma coisa em se afastar de sua mãe, de Kitfield, parecia irreal. Como se a qualquer momento Kieran fosse admitir que tudo aquilo era uma piada e ela pudesse voltar à sua vida normal.

Talvez aquela vida não existisse mais. Talvez nunca voltasse a existir.

Ao pensar nos olhos da mãe, emoldurados por finos pés de galinha, enquanto ela sorria e acenava em despedida, Delilah se permitiu chorar.

— Você ama ela mesmo, né? — sussurrou Kieran.

— Ela é minha mãe — respondeu Delilah, enxugando as lágrimas.

— Deve ser bom ser próximo assim da família — comentou Kieran, melancólico. Ele fez um gesto para que seguissem em frente. — Vamos lá. Estamos chegando perto.

O aeronavio estava estacionado em uma clareira a dois ou três quilômetros de Kitfield. Era enorme, com a estrutura de um navio à vela. Dois grandes balões vermelhos estavam presos ao topo por uma rede de tecido grosso; o cesto da gávea ficava entre os balões, alto o suficiente para que se pudesse ver as árvores por quilômetros. Além disso, tinha três níveis de janelas, um para cada convés, e asas de metal penduradas nas laterais do navio.

Na extremidade mais distante, uma porta se abriu e uma rampa de embarque e desembarque deslizou para fora. Kieran fez um gesto para que Delilah o seguisse, o que ela fez depois de observar, boquiaberta, por mais alguns segundos.

— Praticamente um navio de pobre — murmurou ela para si mesma. *Ah, tá*.

No topo da rampa, uma jovem — provavelmente de vinte e poucos anos, Delilah supôs — os cumprimentou com um sorrisinho. Sua pele extremamente

pálida e seus cabelos louros platinados eram um forte contraste em relação aos olhos de um castanho tão profundo que pareciam quase pretos. Ela tinha um nariz reto e pequeno, e suas pernas e braços eram longos e finos, não muito diferentes dos de Kieran.

Kieran estendeu a mão para ela.

— Delilah, essa é a Adelaide. Ela era empregada doméstica dos meus pais antes de decidir vir comigo. Ninguém se esforça mais para manter o navio em bom estado do que ela, mas a gente faz o possível para dividir as tarefas de limpeza.

Adelaide observou Delilah rapidamente e depois olhou de volta para Kieran, erguendo as sobrancelhas.

— Sim, ela é a bruxa que eu mencionei — Kieran explicou a ela. — Vai me ajudar a quebrar a maldição.

— Muito prazer, Adelaide — disse Delilah, tentando recuperar o fôlego. Kieran andava muito rápido e ela estava cansada de tentar acompanhá-lo.

Adelaide deu um passo à frente e o nariz de Delilah se enrugou instantaneamente. Adelaide tinha um cheiro… bom, *velhíssimo*. Como os alicerces decadentes de uma mansão velha e abandonada, com papel de parede manchado de água, pisos velhos e rangentes. Por baixo, havia um cheiro familiar de terra.

Antes que Delilah pudesse comentar algo, Kieran esclareceu:

— A Adelaide também é amaldiçoada. Ela não consegue se comunicar com ninguém, nem falando, nem escrevendo, nem usando a linguagem de sinais. Já tentamos de tudo, mas…

Adelaide abriu a boca como se fosse dizer algo, mas seu maxilar se fechou instantaneamente. Os músculos das bochechas se esticaram enquanto ela tentava abrir os dentes mais uma vez, mas nada aconteceu, mesmo quando fechou bem os olhos e se esforçou para falar. Por um momento, Delilah encarou horrorizada, depois o rosto de Adelaide se acalmou e ela sorriu tristemente na direção de Delilah.

— Meu Deus — disse Delilah.

Kieran exalou um suspiro e depois falou a Adelaide:

— Exagerou um pouco, não acha?

A mulher abafou uma risada silenciosa, e Kieran acrescentou:

— Sim, eu entendo, você está querendo provar um ponto, mas mesmo assim. — E então: — Adelaide, pode levar a mala da Delilah para o quarto dela enquanto eu mostro o navio?

— Sou perfeitamente capaz de carregar minha própria mala… — começou Delilah, mas antes que pudesse terminar, os olhos de Adelaide brilharam em vermelho-brasa. Ela desenrolou três cordas de cores diferentes que estavam enroladas em seu pulso e as passou entre os dedos. Com uma velocidade que Delilah nunca tinha visto antes, Adelaide teceu as cordas em uma trança complexa e, em seguida, enrolou-as na alça da mala. Amarrou as pontas e o círculo trançado subitamente se ergueu no ar, carregando a bolsa com ele. — Ah… você é bruxa. — Delilah ofegou, boquiaberta ao encontrar os olhos de Adelaide.

O brilho deles se apagou quando ela parou de canalizar a magia. A mala e sua alça encantada flutuaram ao lado de Adelaide, prontas para segui-la onde quer que ela ordenasse.

— Ela é muito boa em magia baseada em costura e tecelagem, como dá pra ver — disse Kieran. — Acho que pode te dar algumas dicas, se estiver interessada.

— Seria incrível — respondeu Delilah, com os olhos brilhando.

Adelaide sorriu mais uma vez antes de girar a mão para que a mala a seguisse para dentro, deixando os dois sozinhos.

Kieran guiou Delilah pelo navio, mostrando-lhe a sala de jantar, a cozinha, a praça de máquinas, as cabines da tripulação e um pequeno escritório com uma área de descanso. Tudo era decorado com madeira de lei, almofadas de pelúcia amarelo-creme e várias bugigangas. Ao longo das paredes do corredor, havia pinturas de paisagens e retratos em tinta a óleo do que, com base na semelhança daqueles rostos com o de Kieran, pareciam ser os ancestrais da família Pelumbra.

— E aqui — disse Kieran, abrindo uma porta na proa — fica a sala de controle.

A porta se abriu e revelou uma bagunça. Livros, roupas e canecas de café estavam espalhados pela sala. Polias pendiam do teto, algumas emaranhadas. Havia também um painel de controle com alavancas diante das janelas da

frente, junto com uma roda do leme onde algumas camisetas estavam penduradas, pelo jeito secando depois de serem lavadas.

Em pé, em frente ao painel de controle, estava um homem alto, com pele bronzeada, corpo magro, mas musculoso, e lateral do cabelo em corte degradê. À primeira vista, parecia estar apenas debruçado sobre os controles.

Até que Delilah viu uma pessoa presa embaixo dele, com as costas pressionadas contra o painel.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Ah, desculpa…

— A leitura já mudou? — perguntou a pessoa embaixo do homem.

Então Delilah percebeu que a pessoa em questão estava segurando uma das roldanas do teto com uma das mãos e girando algo na parede com uma chave inglesa com a outra.

— Ainda não. Seria de esperar que eles colocassem esse medidor de pressão em algum lugar mais conveniente — comentou o homem alto. Ele tinha um sotaque que Delilah supunha ser de Esperona, o país vizinho a Celdwyn, a sudoeste. Ele deu um tapinha no medidor no painel de controle que estava em cima da cabeça da outra pessoa, depois fez uma pausa e olhou para ela. O homem, que parecia não dormir havia dias, deixou os ombros caírem de repente e acrescentou: — Ariel, você cortou o próprio cabelo de novo? Está *deformado*.

Kieran pigarreou, sem parecer preocupado.

— Santiago? Ariel?

— Agora não, Kieran — disse a pessoa embaixo do homem, com a língua entre os dentes. Girou a válvula na parede outra vez. — Muito… cuidado…

A válvula emitiu um silvo, e o homem alto disse:

— A pressão está caindo: está em um-zero-dois-ponto-dois.

— Um-zero-dois-ponto-dois? Perfeito — afirmou a outra pessoa, depois soltou a polia e deu um tapinha no braço do homem. — Pode se mexer agora. Antes que eu te acerte com a chave inglesa.

— Às vezes, não sei quem é mais temperamental, você ou seu navio — retrucou o homem alto, rindo. Ele se endireitou, passou a mão pelo cabelo e disse: — Ah, olha só. Ele está de volta. E… — Hesitou quando viu Delilah. — Ora, ora, veja quem fez uma amiga.

— Delilah, esse é Santiago Luna — disse Kieran, apontando para o homem. — Ele é um chef profissional que cozinhava para a minha família, até que decidiu pedir demissão.

— Olha só… ele arranjou mais uma para a gente tomar conta — sussurrou Santiago para a outra pessoa, que se endireitou e jogou a chave inglesa em uma caixa cheia de outras ferramentas.

Agora que conseguia ver o rosto dele, Delilah imaginou que Santiago devia estar na casa dos vinte e tantos anos.

Ignorando o comentário feito, Kieran acrescentou:

— E aqui está Ariel Zhang, que pilota nosso navio.

Ariel parou do lado de Santiago e os saudou com dois dedos. Elu usava uma calça branca folgada e um colete amarrotado sobre uma camiseta manchada de óleo. Sua pele era levemente bronzeada, e o rosto, redondo — Delilah supôs que também tinha vinte e tantos anos, mas talvez fosse mais jovem, considerando as feições infantis.

Ariel apoiou as mãos na cintura, com os braços arqueados.

— Você deve ser a bruxa com o pai famoso de quem Kieran estava falando. Prazer em conhecê-la.

— Igualmente. — Os olhos de Delilah percorreram a sala. — Vocês… moram aqui?

— Sim, mais ou menos. — Ariel olhou por cima do ombro. — Melhor eu dar uma arrumada.

— Melhor — concordou Kieran.

— Ah, olha quem está falando — zombou Santiago. — A gente já viu a cara da Adelaide quando ela passa pelo seu quarto.

Ariel deu uma risadinha e estendeu a mão, que Santiago encarou por um instante antes de dar um tapa.

O rosto de Kieran ficou corado.

— Deixando isso de lado, prazer em conhecê-la, Delilah — disse Santiago. Ele apontou com o polegar para o painel de controle. — Foi mal pela nossa aparência. O medidor que Ariel precisava ler para garantir que o conserto tinha dado certo por acaso ficava acima delu, então vim ajudar.

— Além disso, ele é lindo e tem cheiro de bolo — disse Ariel com uma piscadela. — Então, todos saíram ganhando. Mas foi mal por ter te assustado.

— Ah, não se preocupa. — Delilah deu um passo à frente, aproximando-se da janela. Colocou as mãos em uma parte vazia do painel de controle e se inclinou à frente para olhar para fora. A paisagem no momento não passava de árvores, mas ela conseguia imaginar como seria arrebatadora quando eles decolassem. — A vista daqui deve ser linda.

— A melhor da casa — disse Ariel. — Quer ver como fica quando a gente decola?

— Tipo, agora?

Ariel olhou para Santiago por cima do ombro.

— Está tudo pronto?

Ele deu de ombros.

— Deve estar.

— De repente é melhor… — Kieran começou a dizer.

Antes que ele conseguisse terminar, Ariel alcançou uma das roldanas no teto e a puxou. Um ronco baixo começou a soar sob seus pés. De canto de olho, Delilah viu as asas começarem a bater, lentamente no início. Depois, com uma forte arrancada, o navio se elevou no ar.

— Senta, Delilah — disse Ariel, apontando para a cadeira do copiloto.

Santiago foi para o outro lado, segurando-se na cadeira de Ariel para manter o equilíbrio.

— E eu, sento onde? — gritou Kieran, segurando-se desesperadamente na parede enquanto o aeronavio voltava a avançar para cima com outra batida brusca das asas.

— Isso é problema *seu*, meu amigo — respondeu Ariel, empurrando outra alavanca para a frente. — Simbora.

Delilah se sentou um segundo antes de o navio disparar em direção às nuvens, deixando a floresta para trás. Kieran gritou e caiu contra a porta, que se abriu e o fez rolar pelo corredor com um berro. Ariel e Santiago riram, enquanto Delilah tentava se conter.

— Vocês sabem que o objetivo de toda esta provação é me manter vivo, certo? — berrou Kieran, indignado, do corredor.

— Anotado — respondeu Ariel.

O navio subiu até o céu, pairando acima da primeira camada de nuvens, que criavam uma moldura fina para a terra abaixo, com suas colinas

ondulantes, florestas e, a leste, um mar azul cintilante. Ariel direcionou o aeronavio para seguir a linha costeira, rumando para o nordeste, em direção a Port Lorring.

Delilah viu Kitfield por alguns breves segundos antes de eles planarem, e uma sensação pesada se instalou em seu peito. Ela nunca tinha visto o vilarejo daquele ângulo antes — nunca tinha visto o estranho traçado das ruas de pedra de Kitfield nem a aparência dos telhados de cobre oxidado com o sol batendo diretamente sobre eles. Reconheceu a praça, onde a feira livre era realizada toda quarta-feira, e a loja de vestidos onde sua mãe a levava todos os anos antes do primeiro dia de aula. Até mesmo o prado nos arredores da cidadezinha, à beira do lago Silverside — aquele com os enormes salgueiros que pareciam ter centenas de anos. Ela passara dias e dias descansando embaixo deles, primeiro como uma criança sonhadora, depois quando ficou mais velha e queria ter privacidade com Theo antes… bem, antes de tudo acontecer. Era estranho como naquele momento, pela primeira vez, tudo aquilo parecia tão distante.

Kieran se endireitou e caminhou até a frente para se juntar a eles. Ficou do outro lado de Delilah, cruzando os braços e inclinando a cabeça. Pelo canto do olho, ela o observou examinando a paisagem. Por um minuto, os dois ficaram olhando em silêncio.

— É lindo aqui em cima — disse Delilah a Ariel enquanto seus dedos tamborilavam preguiçosamente sobre os controles. — É difícil de pilotar?

— Não muito. Um dia desses eu posso te ensinar.

Delilah sorriu.

— Eu ia amar.

Kieran deu um tapinha no ombro de Delilah.

— Quer ver o convés superior? Seu quarto é lá.

— Ah, sim. — Ela se levantou. — Prazer conhecer vocês.

— Fica à vontade para passar aqui na próxima vez que estiver livre — disse Ariel. — Faz um tempo que não converso com uma bruxa.

— *Eu* sou um bruxo — apontou Kieran.

— Talvez Ariel esteja falando de uma bruxa que faz mágica sem arriscar a própria saúde — sugeriu Santiago.

— Justo — admitiu Kieran. Ele estendeu a mão. — Delilah?

Delilah hesitou, olhando para a mão dele com os dedos longos e magros. Ele tinha unhas bem aparadas, não quebradas e irregulares como muitas que ela via em Kitfield. Não eram mãos calejadas pelo trabalho nem rachadas por condições adversas. Eram simplesmente macias e delicadas.

Delilah não sabia exatamente por que, mas achava a visão delas reconfortante.

Ela pegou a mão de Kieran, que a ajudou a se levantar e fez um gesto para que ela o seguisse.



O convés superior do aeronavio consistia em um espaço fechado, com três quartos, e em uma parte aberta, com alguns assentos e acesso ao cesto da gávea. Delilah ficou com a cabine da popa, no final do mesmo corredor em que ficava a cabine de Kieran e o quarto vazio que ele informou que pretendia oferecer à irmã quando a encontrassem. Assim como o restante do navio, o quarto de Delilah era decorado com móveis de mogno e obras de arte nas paredes. Também tinha uma cama de penas compacta, na qual ela se jogou assim que a viu. Kieran se retirou, deixando-a se recompor.

Quando a cortina da noite se fechou no céu após o jantar, Delilah não conseguiu dormir. Pensar em Kitfield, sua maldição, Kieran, Clarissa, Theo — tudo isso era demais. Como ela poderia salvar a *vida* de alguém? Havia passado anos se preparando mentalmente para quebrar a própria maldição. Ao perceber que tinha mais do que apenas o destino dos relacionamentos românticos de sua família nas mãos, um suor frio brotou em sua nuca. O zumbido do motor do navio e as batidas metálicas das asas também não ajudavam.

Com um suspiro, Delilah saiu da cama, vestiu um suéter e foi para o convés tomar um pouco de ar.

A noite estava fresca, apesar da umidade, e ainda era possível sentir o cheiro forte de verniz fresco nas tábuas a seus pés. Acima dela, as nuvens haviam se dissipado, permitindo uma visão perfeita do vasto céu estrelado. Ela foi até a proa, apoiou os braços na grade e suspirou, esticando o pescoço. Desejou que Charlotte estivesse lá, e seu coração doeu.

— Pelo jeito você também não conseguiu dormir?

Kieran se aproximou e parou ao lado dela. O cabelo emoldurava seu rosto, meio preso atrás das orelhas. Ele usava uma camisa solta cor de safira com detalhes bordados prateados e calça combinando.

— Sim. O dia foi… cansativo. — Delilah fez uma pausa, segurando uma risada. — Isso é um pijama de seda?

Kieran baixou os olhos para o próprio corpo.

— Bom, sim. Tem algum problema nisso?

— Nunca vi seda na vida real antes. — Ela riu. — É meio… — Delilah acenou com as mãos em um floreio, fazendo uma pequena careta ao terminar — … extravagante.

A boca de Kieran se contraiu em uma carranca. Seus lábios eram finos, com o arco do cupido bem-marcado.

— Eu… desculpa. Não é incomum na minha terra. — Quando Delilah não respondeu imediatamente, ele deixou escapar: — Minha família, hum… tem dinheiro.

Delilah fingiu surpresa.

— *Jura?!* Não me diga!

Kieran pressionou a palma das mãos contra os olhos e gemeu.

— Desculpa. Passei a vida toda na propriedade da minha família. É a primeira vez que interajo com pessoas que não são Pelumbra ou nossos funcionários. Às vezes acho difícil perceber quando estou sendo um babaca.

— Se você ficou na propriedade da sua família por tanto tempo — Delilah mordeu o lábio, pensando em como perguntar o que tinha em mente —, como decidiu que ia atrás justamente de mim?

— Ah, claro. Bom… — Ele respirou fundo entre os dentes. — Eu ouvi falar do seu pai. Difícil não ouvir, com todas as notícias sobre ele quebrando maldições o tempo todo. Então, paguei um agente de informações para conseguir uma pista sobre a localização dele. Encontrei seu pai num bar em Gellingham, e ele disse que não poderia me ajudar, mas… talvez você pudesse.

O queixo de Delilah caiu.

— *Klaus Hammond* mandou você até *mim*?

Kieran fez que sim.

— Foi ele que me falou do Rito de Mortalidade. Parece que tem muita fé em você.

— Ele nem me *conhece* — retrucou Delilah, sentindo calor inundar o peito enquanto seus dentes se cerravam. Seus punhos se fecharam nas laterais do corpo. — Se ele tivesse se apaixonado pela minha mãe e se esquecido dela por causa da maldição, acho que eu entenderia, mas ele não tem nem essa desculpa! Ela foi só mais uma aventura inconsequente para ele. Então, me diz, como é que ele pode fingir que sabe algo de mim, quanto mais se eu conseguiria quebrar uma maldição de família extremamente poderosa?

— Ele pareceu mesmo um pouco… egocêntrico. E estava bastante bêbado. — Kieran mordeu a parte interna da bochecha. — Só espero que ele não tenha contado pra minha família que falei com ele. Nem aonde eu estava indo.

Delilah o estudou com um olhar de soslaio.

— Sua família é meio famosa também, né?

Kieran fez um som de *humm* no fundo da garganta.

— Se você for a qualquer lugar no norte, só vai ouvir falar dos Pelumbra. É por isso que eles me mantiveram na propriedade durante toda a minha vida. Se a notícia de que os Pelumbra foram amaldiçoados por gerações se espalhasse, ia arruinar a reputação perfeita que eles construíram. De acordo com os registros oficiais, Briar e eu nem nascemos.

— É por isso que você não está seguindo seu Chamado agora? — Delilah adivinhou.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Como meu nascimento e o de Briar é um segredo, nunca fomos marcados como bruxos. Não é possível enviar as pessoas para seus Chamados nem tirar a magia delas se elas não existirem.

Kieran se virou para apoiar as costas na grade. Inclinou a cabeça para trás, olhando para o céu. Na escuridão, Delilah via o brilho fraco de seu olho azul.

Ele pareceu notar que era isso que ela estava encarando.

— O olho não faz nada de especial, caso você esteja se perguntando. Às vezes ele brilha mais quando estou prestes a ter um ataque, mas, fora isso, é só… — Ele deu de ombros. — Assustador. Eu acho.

— Um ataque? — Delilah franziu as sobrancelhas. — Como assim?

— Acontece sempre que a Briar está sugando minha magia — explicou ele. Seus dedos deslizavam sobre o guarda-corpo de madeira enquanto falava. —

Acontece em rompantes. Antes eram só uma ou duas vezes por ano, mas agora é praticamente a cada duas semanas. Acho que ela não consegue controlar.

— O que acontece com você? — perguntou Delilah. Kieran fez uma leve careta com a pergunta, e ela acrescentou: — Se… você não se importar de falar sobre isso.

— Não tem problema. É que a maioria das pessoas não gosta de ouvir. — Ele fechou os olhos por um momento. — Primeiro o olho brilha. Depois, meu coração acelera. Sinto um… puxão no meio dos olhos. Depois, geralmente desmaio e fico um tempo apagado. Aí, acordo uma hora mais tarde me sentindo mais vazio. O vazio nunca vai embora de verdade.

— Nossa — disse Delilah. — Parece… horrível.

— Pois é. — Ele lançou um sorrisinho na direção dela. — Mas agora eu tenho você. Espero que isso não aconteça muitas vezes mais.

Delilah se endireitou e se virou para se apoiar na grade também. De perto, percebia que era um pouco mais alta do que Kieran — o que não era incomum, já que Delilah tinha mais de um metro e oitenta — e provavelmente pesava uns vinte quilos a mais do que ele. Ela se perguntou se ele seria menos franzino sem a maldição que o esvaziava lentamente por dentro.

Ela era mesmo a única coisa que estava entre Kieran e uma morte lenta e definhante. O pensamento imediatamente fez seu estômago dar um nó, e a bile ameaçou subir pela garganta.

— Vou dar o meu melhor — disse Delilah, meio que tentando se convencer. Se repetisse isso várias vezes, talvez conseguisse acreditar. — Por você e por mim.

— Obrigado por isso. — Ele colocou os fios de cabelo soltos atrás da orelha, e sua voz ficou um pouco mais calma. — E por me escutar. Sei que ouvir sobre os ataques e tudo o mais é difícil. Minha mãe sempre disse que contar pras pessoas deixaria elas desconfortáveis, então, eu não falo sobre o assunto com frequência. — Quando Delilah lhe lançou um olhar insistente, ele acrescentou: — Ela é… muito protetora.

— Se ela é tão protetora — disse Delilah, preocupada com a possibilidade de estar se intrometendo —, por que deixou você fazer tudo isso? Adquirir um aeronavio, viajar pelo país com um grupo de ex-funcionários da família, contar

para todo mundo em Kitfield sobre a maldição da sua família… Não parece algo que uma mãe sufocante permitiria.

Kieran cerrou os lábios em uma tentativa de impedir um sorriso, mas não funcionou. Ele começou a rir e logo estava gargalhando, com uma das mãos penteando o cabelo para trás enquanto a outra se apoiava contra a grade. Seus ombros balançaram e ele jogou a cabeça para trás. Delilah apenas olhou para ele, preocupada de ter feito o garoto surtar de vez.

— Ela nunca permitiria isso — disse ele finalmente, enxugando uma lágrima. — Nem em um milhão de anos.

Delilah o encarou.

— Acho que me esqueci de mencionar uma coisa — disse ele. Seus olhos brilharam, cintilantes e incontroláveis. Ele fez um gesto para o navio, sorrindo: — Eu roubei isto aqui.

— Roubou mesmo — disse Ariel na manhã seguinte, rindo enquanto comia um pedaço de ovo —, mas não é tão emocionante quanto parece. O navio era do pai dele. O Kieran só reuniu eu, o Santi e a Adelaide, e voamos para longe.

Delilah piscou em descrença.

— Ainda acho impressionante o Kieran ter roubado um navio, se você quer saber.

Delilah estava sentada com Ariel e Adelaide à mesa de jantar, com a luz do sol entrando pelas enormes janelas do navio. Finalmente conseguira pegar no sono depois da conversa com Kieran e dormira até o quarto ficar iluminado pelo brilho da manhã. Saiu rolando da cama somente depois que ele gritou através da porta que o café da manhã estava pronto.

A mesa estava montada com uma impressionante variedade de alimentos, incluindo uma pilha de ovos mexidos fofos, tiras de bacon crocante e waffles cobertos com chocolate derretido, morangos e chantilly. Ao lado deles havia um prato de croissants amanteigados ainda quentes que deixaram Delilah desesperada para pedir a receita a Santiago. Seus croissants nunca saíam com um folheado tão perfeito.

— Só espero que o pai do Kieran não contrate alguém para nos perseguir — acrescentou Ariel, enchendo um bagel com mais cream cheese do que Delilah já tinha visto uma pessoa comer de uma só vez. Elu deu uma mordida e, com um pouquinho de cream cheese no canto da boca, acrescentou: — Nas primeiras noites que passamos no ar, nos revezamos para ficar de olho se algum navio nos perseguia.

— Ele faria isso? — perguntou Delilah. — O pai de Kieran, quero dizer.

O rosto de Adelaide se encolheu em uma carranca, e Ariel fez que sim com a cabeça.

— Ah, com certeza. Se Kieran pudesse provar que ele é um Pelumbra e expusesse a família como amaldiçoada? A repercussão social seria *espetacular*.

Delilah piscou os olhos.

— Mas… ele anunciou que era um Pelumbra em Kitfield. Todas aquelas pessoas sabem que ele é amaldiçoado.

Ariel sugou o ar por entre os dentes.

— Se ele pudesse expor a família fora da sua cidadezinha, quero dizer. Sem ofensas. As fofocas de um vilarejo do sul provavelmente não vão causar muito impacto entre a nobreza do norte.

— Infelizmente.

Kieran entrou na sala de jantar usando uma calça de cintura alta, camisa social e um casaco azul e prata com mangas de babados. Colocou uma pilha de papéis ao lado da comida.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Ariel levantou uma das sobrancelhas para o conjunto.

— Não sabia que teríamos um baile de máscaras.

Ele olhou para o traje.

— Não é uma fantasia. Eu comprei em Kitfield. Os habitantes locais se vestem assim.

Adelaide estendeu a mão e tocou gentilmente a manga, com os ombros tremendo em uma risadinha silenciosa. Quando Kieran levantou a sobrancelha, ela deu um tapinha na manga e sorriu para ele.

— Obrigado — disse Kieran a ela. Para os outros, acrescentou: — Viram? A Adelaide gostou.

— Esse casaco é tradicionalmente de mulher — apontou Delilah. Kieran corou, e ela acrescentou: — Não que isso importe. Combina com você.

Ele levantou uma das mangas esvoaçantes.

— Talvez seja um pouco exagerado.

Santiago apareceu atrás dele e lhe deu um tapinha no ombro antes de colocar uma garrafa de café na mesa e se sentar.

— Você também é. Use com orgulho.

Kieran analisou as mangas por mais um momento antes de dar de ombros.

— Acho que tem razão. De qualquer forma — ele olhou para Delilah, depois indicou os papéis —, tenho um presentinho pra você.

— Burocracia? — deduziu Delilah. — Pensei que concordar em quebrar sua maldição na cerimônia de Chamado já servisse como contrato.

— Ah… Caramba, não — interrompeu Kieran quando percebeu o que ela queria dizer. — São todas as informações sobre o paradeiro recente da minha irmã que eu consegui comprar de um agente de informações. Acho que pode ter algumas coisas úteis que te ajudem a planejar os próximos passos para quebrar a maldição quando a gente encontrá-la.

Delilah hesitou.

— *Me* ajudar a planejar…?

Mas parou assim que percebeu os olhos de todos sobre ela. É claro que eles esperavam que ela assumisse a liderança. Afinal, era o seu Chamado, e ela era filha do mais famoso quebrador de maldições de Celdwyn. Devia saber todos os próximos passos, ter um plano, resolver o problema como se não fosse nada demais. Era por isso que Kieran tinha ido procurá-la. Não importava que ela nunca tivesse quebrado uma maldição antes, quanto mais uma que envenenava uma das famílias mais poderosas de Celdwyn há gerações.

Os ovos em seu estômago de repente ameaçaram voltar. Delilah rapidamente tomou um gole de água e pigarreou.

— Certo. Claro. Os próximos passos. Que eu definitivamente estou planejando. Isso vai… com certeza ajudar.

Quando todos só ficaram olhando, ela deu de ombros. *Finja até dar certo, Delilah.*

Apontando para os papéis, ela perguntou:

— Então, o que tem aqui? Me dá um resumo.

Para seu crédito, Kieran nem vacilou:

— Fotos, algumas informações de emprego, uma longa lista de pseudônimos, coisas assim. Tem até uma avaliação de desempenho da chefe dela no emprego atual. Aparentemente, ela lê demais durante o serviço.

— Por que ela usaria pseudônimos? — perguntou Delilah.

Ela embaralhou alguns dos papéis e puxou um registro de hotel, onde o nome ROSE ALBRIGHT estava circulado em vermelho.

— Minha tia Wrenlin se ofereceu para criar a Briar depois que minha mãe decidiu que não deveríamos ficar perto um do outro — explicou Kieran. Ele pegou um dos croissants e deu uma mordida. Engolindo, continuou: — Mas Briar fugiu há uns seis meses. Meu pai tentou encontrá-la, mas nenhuma das pessoas que ele mandou atrás dela voltou.

Delilah ofegou de alegria.

— Ela matou essas pessoas? Ela é uma assassina? Uma *garota* assassina?

Kieran franziu as sobrancelhas.

— Por que você parece animada com isso?

Delilah percebeu que todos ainda a estavam encarando e logo pigarreou.

— Ah, hum, animada? Não, isso é… horrível. Estou horrorizada. Por favor. Continua.

Kieran parou por um segundo para olhá-la antes de recomeçar:

— Não sabemos o paradeiro delas, então podem ter acontecido várias coisas. De qualquer forma, precisamos abordar a situação com cuidado.

Kieran segurou uma fotografia. Mostrava uma garota com a cabeça raspada, olhos grandes como os de um gato e lábios grossos, com um arco do cupido proeminente como o de seu irmão gêmeo. Ela também tinha o queixo pontudo dele e seu nariz era menor, arredondado na ponta.

— Esta é a Briar — disse Kieran.

Delilah estudou a foto. Briar tinha o olho esquerdo marrom e o olho direito azul — a posição oposta à do irmão. Sob o esquerdo havia um hematoma roxo-escuro e ela estava com o lábio ensanguentado. Uma cicatriz pequena, mas definida, cortava uma de suas sobrancelhas grossas, e o olho não machucado estava contornado com lápis preto. Se Delilah tivesse visto seu olhar frio na rua, provavelmente teria atravessado para o outro lado.

— Isso parece uma foto de delegacia — comentou Santiago, apoiando o quadril na mesa enquanto mastigava um croissant. Ele apontou para Kieran com a massa. — Nós vamos trazer uma delinquente a bordo?

A voz de Kieran falhou quando ele explicou:

— Bom… a foto foi tirada quando ela foi presa por beber em público. Mas ela foi solta no dia seguinte!

Santiago cantarolou uma nota suave para si mesmo.

— Ariel, meu bem, pode me emprestar um dos seus cadeados? Preciso proteger meu armário de bebidas. — Quando Kieran lhe lançou um olhar, ele acrescentou: — Passei tempo demais colecionando vinhos envelhecidos para eles serem roubados por uma adolescente.

— De qualquer forma, vamos chegar em Port Lorring ainda hoje. Briar trabalha em uma loja de suprimentos para bruxos chamada Estabelecimento Lavanda, e podemos tentar falar com ela lá. — Kieran olhou para Delilah. — Pensei em fazermos isso juntos. Vou tentar convencê-la como irmão, e você pode explicar que pretende quebrar a maldição.

Delilah deu de ombros.

— Parece bem simples.

— Ótimo. — Kieran colocou as mãos na cintura. — Ariel, quando acha que vamos chegar?

— Em cerca de duas horas. — Ariel terminou de colocar a segunda rodada de comida no prato e saudou Delilah, Adelaide e Santiago. — Isso me lembra de que eu deveria voltar aos controles. Santi, vou deixar o cadeado na despensa para você.

— Muitíssimo obrigado — disse Santiago, juntando as mãos como se estivesse orando.

— Podemos nos encontrar aqui quando pousarmos — disse Kieran a Delilah. — Pode ser?

— Pode ser.

Ele empurrou os papéis para Delilah do outro lado da mesa e se virou para ir embora. Uma pequena foto escorregou da pilha e caiu em frente a Adelaide. Suavemente, ela a pegou com dois dedos, virou-a e a colocou de volta na mesa. Era uma imagem de Briar quando mais nova, provavelmente com sete ou oito anos. Naquela época, tinha longos cabelos ruivos e bochechas redondas.

No entanto, em vez do olhar afiado da outra foto, nesta seus olhos estavam vermelhos — enormes e vazios. Seus lábios grossos estavam curvados em uma pequena carranca — o tipo de expressão dolorosa e silenciosa que repousava em um rosto que não sabia nada da vida.

Ao seu lado, havia uma mulher a uma distância razoável. Estavam perto o suficiente para indicar que possuíam algum tipo de parentesco, mas não pareciam nutrir nenhum sentimento agradável uma pela outra. Ela parecia jovem para estar criando uma criança, com a mandíbula e os braços tensos. Um vestido vermelho de aparência cara adornava seu corpo esbelto, embora parecesse desgastado nas pontas.

Delilah ouviu uma fungadela. Só então percebeu que uma única lágrima escorria pela bochecha de Adelaide. Com muito cuidado, a mulher estendeu a mão, traçando com os longos dedos brancos a lateral do rosto da Briar mais jovem.

— Adelaide? — chamou Delilah.

Adelaide fechou os olhos e rapidamente enxugou a lágrima. Respirou fundo para se acalmar e passou a foto para Delilah, depois endireitou os ombros como se nada tivesse acontecido e deu uma mordida no bacon.

Delilah franziu os lábios e voltou a examinar a foto.

Algo lhe dizia que ela tinha muito a aprender sobre Briar Pelumbra.



CAPÍTULO QUATRO

Regra n. 21: Não há nada de errado em usar um pequeno subterfúgio para o bem maior.

O navio pousou na humilde aldeia de pescadores de Port Lorring enquanto o sol caía no mar. A maioria das construções era pequena, com paredes de telhas cinza e floreiras coloridas nas janelas. Um conjunto de deques banhados pelo sol abrigava uma frota de barcos de pesca e casas-barcos que flutuavam para cima e para baixo na água cor de safira. A maioria dos pescadores estava carregando suas conquistas do dia, e o cheiro forte de água do mar e peixe inundava o ar de fim de primavera.

Uma vez que o aeronavio estava seguro no solo, Kieran e Delilah não tiveram dificuldade de encontrar o Estabelecimento Lavanda, que ficava a alguns poucos quarteirões dos deques. Videiras cheias de damas-da-noite roxas subiam pelo exterior caiado da loja, a fachada decorada com estênceis desbotados de conchas. Uma placa de madeira esculpida à mão com o nome do lugar numa letra cursiva estava pendurada numa barra de ferro acima da porta. Um gato laranja dormia na vitrine.

Em frente à loja, Kieran pausou, virando para olhar Delilah. Ele endireitou as mangas de babados.

— Estou apresentável? Parece que estou pegando fogo.

— Um pouco suado, mas razoável — respondeu Delilah, dando de ombros. Ela ergueu a sobrancelha. — Ansioso?

— Dolorosamente. — Ele passou a mão pelo cabelo. — E se ela não acreditar que eu sou o gêmeo dela? Ou não confiar na gente? Ou não gostar de mim?

— Se ela concordar em ajudar a quebrar a maldição, importa se ela gostar ou não de você?

— Delilah. — Ele colocou as mãos nos ombros dela e a olhou nos olhos. — Eu preciso que *todo mundo* goste de mim.

Delilah não conseguiu se segurar — riu na cara dele. Estendeu os braços e afastou as mãos de Kieran, com um risinho.

— Parece exaustivo. — Ela deu um tapinha na bochecha quente dele. — Vai ficar tudo bem. Vamos.

Ela deu mais um passo na direção porta, mas Kieran não se moveu. Ele sussurrou:

— Eu não sei o que dizer.

— Então deixa que eu falo. Fica tranquilo: eu tenho um plano infalível. — Delilah apontou os polegares para si mesma. — Além do mais, sou boa em lidar com pessoas. Confia em mim.

Antes que ele pudesse responder, Delilah estava abrindo a porta, e um sino prateado tocou.

À primeira vista, a loja parecia vazia, mas o olfato de Delilah indicou que não era o caso. Ela precisou segurar um engulho. Mesmo com o mentol embaixo do nariz, sentiu o odor de maldição no ar, fedendo a vegetação apodrecida e sangue metálico.

Com olhos semicerrados, o gato laranja os observou entrando. O piso era de madeira, com nós que pareciam olhos nas tábuas claras que rangiam quando Delilah e Kieran pisavam. A vitrine exibia vários suprimentos de fermentação para bruxos que canalizavam sua magia pela fabricação de cervejas — uma forma comum de canalização em cidades pequenas da costa de Celdwyn, já que a maioria dos grãos e outros ingredientes cresciam nessa região. O teto

estava coberto de ervas no meio do processo de secagem, provavelmente para chás como os que Ruby e Clarissa faziam em Kitfield.

Uma série de mesas cobertas de seda continham cestas cheias de suprimentos de artes, incluindo uma com várias tintas de cores diversas que alegavam conduzir magia para bruxos que escreviam feitiços. Havia um cartãozinho ao lado de cada item, detalhando, numa caligrafia bonita, para que tipo de bruxo o objeto era melhor, fosse pintor, cozinheiro, escritor ou cervejeiro. Havia até um canto anunciando sapatos específicos para *ledrith*, uma antiga arte de dança de combate celdwyniana. Embora a *ledrith* tivesse sido popular principalmente antes de a magia ser regulamentada pelo Conselho, quando guerras de território entre grupos de bruxos eram comuns, alguns ainda a praticavam — embora sob pesado escrutínio dos que questionavam por que a magia deveria ser usada para qualquer tipo de combate.

No caixa havia uma fileira de artigos já encantados. Um minibuquê de flores cor-de-rosa secas que podiam ser presas na lapela para repelir emoções negativas. Um frasco cheio de um líquido cintilante que, quando adicionado gota a gota à água, podia aquecer o corpo sem um casaco. Um par de botas feito para eliminar o som dos passos de quem usava.

Perfeito, pensou Delilah. *Se eles têm isso, meu plano talvez funcione mesmo.*

Ela bateu na sineta do balcão.

— Olá?

Kieran, por sua vez, se ocupou remexendo freneticamente em um cesto de lã.

Após um momento de silêncio, o gato atrás de Delilah miou alto a ponto de fazer Kieran dar um pulo.

— Eu sei, eu sei — veio uma voz dos fundos. Uma garota magra e baixinha saiu de uma porta vai e vem, sem olhar para Delilah. Disse como se para um colega de trabalho invisível: — Eu ouvi. Não precisa gritar comigo.

O gato estreitou os olhos para a garota antes de voltar a se deitar no sol, parecendo um pãozinho laranja.

— Desculpa pelo Cinnabar — comentou a menina. Ela tinha uma voz razoavelmente grave, meio áspera. Por algum motivo, fazia Delilah pensar em

uísque de canela. A garota por fim levantou a cabeça, encontrando os olhos de Delilah, e completou: — Ele é um babaca.

Delilah a reconheceu na hora. Ao contrário das duas fotos que tinha visto, Briar estava com cabelo louro comprido que batia quase nos cotovelos e um rosto maquiado com batom vermelho, delineador marcado e blush de boneca nas bochechas claras. O olho direito estava coberto por um tapa-olho. Delilah talvez a tivesse achado bonita se não fosse pela carranca feia esculpida em sua cara.

— E aí, o que você quer? — Briar questionou.

Delilah levantou as sobrancelhas, surpresa. Não estava esperando esse nível de animosidade tão cedo.

— Bom, hum. Eu… eu sou bruxa — começou Delilah.

— Uma *bruxa*? — repetiu Briar, fingindo surpresa. — Aqui? Não me diga. — Ela colocou a palma das mãos nas bochechas, como se assustada. Delilah ficou chocada com o estado das mãos dela. Tinha dedos longos e finos como os do irmão, mas as unhas estavam roídas até a carne, e a pele ao redor estava cheia de cicatrizes de cutículas arrancadas. Cicatrizes finíssimas marcavam os nós dos dedos machucados e desciam pelas palmas. Alguns dos arranhões ainda estavam vermelhos e recentes, como se ela tivesse se metido numa briga lamentável com um arbusto de rosas. Então ela completou: — Quem diria.

Delilah mordeu a língua. Não conseguia definir se a garota era só mal-educada ou… bom, se estava tentando mexer com a cabeça dela daquele jeito brincalhão e rude que algumas pessoas consideravam como flerte. Levando em conta a linha tensa de seus lábios, Delilah supôs que estivesse só sendo escrota.

— Uma surpresa agradável, eu sei. — Delilah tirou a bolsa do ombro e a colocou no balcão entre as duas. — Vim ver se vocês estariam dispostos a vender alguns dos meus doces aqui. Eu sou uma bruxa cozinheira.

— A dona saiu — disse Briar, examinando o rosto de Delilah como se tentasse analisar o sorriso falso que havia se acomodado em seus lábios. Ela apertou os olhos. — Não posso prometer que ela vai se interessar. Mas vou falar sobre sua oferta… desde que você tenha uma amostra. E que pareça valer a pena. Temos espaço limitado no balcão para encantamentos prontos.

— Claro. — Delilah continuou sorrindo, o que estava ficando difícil, já que ela tentava não engasgar com o fedor da maldição. Ela colocou a mão na bolsa

e tirou um biscoito embrulhado em morim. Havia assado pouco antes de sair do navio, então ainda estava quente. — Aqui. Prova.

Briar não fez menção de pegá-lo.

— O que ele faz?

Antes que Delilah pudesse responder, Briar de repente estendeu a mão e segurou a dela. Delilah deu um pulo e tentou se afastar, mas Briar apertou com mais força.

— E vê se não mente. O anel que estou usando tem um encanto de uso único: se estiver encostando em alguém e a pessoa mentir, vai quebrar no meio.

Delilah ficou olhando-a boquiaberta.

— Precaução básica — explicou Briar. — Todo mundo que trabalha aqui usa um. Por segurança e tal.

Delilah respirou fundo. *Sem problemas. Eu me preparei para algo assim.*

— É bem simples, só um feitiço de relaxamento. Algo para aliviar um pouco a ansiedade e coisas assim.

Um momento se passou. O anel, feito de madeira — interessante, Delilah nunca havia conhecido uma bruxa carpinteira antes —, tinha glifos intrincados esculpidos na superfície.

Ele permaneceu intacto.

Briar soltou a mão de Delilah.

— Entendi.

Briar desembrulhou o pano e pegou um pedacinho do biscoito que esfarelava entre os dedos. Lançou mais um olhar desconfiado a Delilah antes de colocá-lo na boca. Delilah tentou não suar.

Se ela só comesse esse tantinho, talvez o feitiço não funcionasse.

Briar levantou as sobrancelhas, surpresa.

— Ah, *hum*. Que gostoso.

Ela deu uma mordida inteira.

Delilah quase suspirou de alívio.

— Tem alho e cheddar maturado na massa. É bem simples, mas delicioso.

— E a magia é sutil — comentou Briar. Seus ombros relaxaram. — Não é pesada demais, mas funciona. Muito bem. Vou avisar a dona.

Delilah abriu um sorrisão.

— Você tem um telefone que eu possa passar para ela? E um nome? — perguntou Briar.

— Meu nome é Delilah Bea — disse ela, o sorriso formando covinhas. — Mas tenho uma perguntinha rápida para você.

Briar levantou a sobrancelha grossa, embora sua expressão não parecesse nem de longe tão hostil quanto antes. *Que bom. Está funcionando*.

— Para mim?

Delilah assentiu.

— Você reconhece o nome Pelumbra?

Kieran ficou paralisado onde estava, remexendo os braços afundados na lã até os cotovelos.

Briar não esboçou reação.

— Claro. São aqueles bruxos que moram lá no norte e dominam quase todo o governo de Celdwyn. Só um idiota não os conheceria.

— Acho que não estou sendo específica o suficiente. — Delilah ficou atenta à postura de Briar. Seus músculos estavam relaxados e ela havia começado a se curvar. *Perfeito.* — Você conhece Kieran Pelumbra?

Os ombros de Briar murcharam, e ela fez que não.

— Tem um milhão de Pelumbra… como é que eu vou… — Ela balançou a cabeça como se para clarear as ideias e olhou nos olhos de Delilah. — O que… você fez comigo?

Seu corpo tombou de lado, e Delilah foi rápida o suficiente para segurá-la logo antes de ela cair da banqueta. Flácida em seus braços, Briar olhava irada para Delilah, xingando. Delilah a apoiou no balcão com cuidado. Briar levantou um braço fraco, com o punho fechado, mas ele caiu antes de ela conseguir balançá-lo.

Kieran se endireitou.

— Mas o quê… *Delilah*!

— Tudo de acordo com o plano — Delilah o interrompeu. Ele ficou de queixo caído, e ela continuou: — Que foi? Você não ouviu sua própria história? Você disse que ela matou todas as pessoas que seu pai mandou atrás dela! Eu não estou a fim de morrer hoje!

— Elas desapareceram, não quer dizer que Briar matou ninguém! — retrucou Kieran.

— Você está agindo como se eu tivesse feito algo de errado.

— Você *drogou* ela!

— Não droguei, não. — Delilah bufou e cruzou os braços. — Eu enfeiticei os biscoitos para relaxar os músculos dela para que… não consiga se mexer por um tempinho. Não vai durar muito. Uns quinze minutos.

— Quem são vocês? — perguntou Briar, a voz arrastada por quase não conseguir mover a mandíbula. Ela conseguiu franzir as sobrancelhas por pura força de vontade. Mesmo com os movimentos embotados, a raiva queimava em seu olho visível. — E o que… *caralhos* vocês querem? Eu… eu vou matar vocês.

— Não era pra ser desse jeito — gemeu Kieran.

— Acho que vocês dois estão exagerando — falou Delilah. Ela estendeu a mão para Kieran. — Briar, e nem precisa me olhar assim, porque eu sei seu nome real, este é Kieran Pelumbra. Ele é seu irmão gêmeo.

— Sinto muito — disse Kieran a Briar. — Eu só… sempre quis te conhecer desde que fiquei sabendo da sua existência.

Foi só aí que Delilah percebeu que ele havia emaranhado as mãos na lã e parecia ter amarrado os dedos e os pulsos.

Delilah suspirou. *Sorte dele que é bonito.*

Kieran continuou:

— Mas… é verdade. Eu sou o Kieran. — Ele levantou as mãos amarradas como se fosse acenar. — Sou seu irmão.

— Você só pode estar de brincadeira — grunhiu Briar.

— E eu sou a Delilah, como falei. Uma bruxa — ela gesticulou para as migalhas de biscoito caídas no chão —, como você sabe. Mas também estou seguindo meu Chamado e vou quebrar a maldição da sua família. O problema é que precisamos de você para isso. — Ela abriu um sorriso. — Então, aqui estamos.

— Ah, é? — perguntou Briar, e Delilah ficou surpresa com a facilidade com que ela falou. Era para o feitiço ser mais forte que isso.

Delilah olhou nos olhos de Briar e percebeu uma leve luz azul brilhante vazando por baixo do tapa-olho.

— Hum. — Delilah piscou. — Você está bem?

— Cinnabar, me ajuda — Briar disse.

— E o que é que isso vai…?

Algo bateu na lateral da cabeça de Delilah como se ela tivesse levado um soco. Explosões de luz irromperam em seus olhos. Ela cambaleou, recuperando o equilíbrio ao se apoiar no balcão, bem quando Kieran gritou seu nome. Estava zonza, mas viu de relance uma bola laranja de luz tocando o balcão que ela segurava. Num flash, a bola de fogo reluzente voltou a virar um gato.

Ele sibilava para ela, com os olhos azuis brilhando.

Delilah se deu conta e falou em voz alta:

— Este treco é seu *espírito protetor*…?!

O gato pulou. Delilah tentou bater nele, que pousou berrando em seu ombro, enfiando as garras na pele. Ela xingou, guinchando.

— Delilah! — chamou Kieran. Ele puxou a lã e apertou mais, desesperadamente tentando liberar os dedos. — E-eu vou te ajudar, juro…

Briar levantou-se com dificuldade e arrancou a peruca loira e o tapa-olho. Jogou-os na cara de Delilah com uma destreza surpreendente, revelando um olho azul brilhante e um cabelo arruivado e raspado.

— Má notícia: seu feitiço não era forte o suficiente para uma bruxa como eu — disse ela, com um sorriso maldoso. — Mas o biscoito estava ótimo.

Com isso, Briar se virou e correu para a porta, empurrando o irmão na cesta de lã na saída. Ele gritou e caiu enquanto o gato no ombro de Delilah desapareceu de repente. Ele zuniu e se foi em forma de bola de luz atrás de Briar.

— Ah, mas nem pensar! — grunhiu Delilah.

Ela saiu correndo, tirando Kieran, que tentava se levantar, do caminho.

Bem na hora que Briar foi empurrar a porta para abri-la, Delilah a atacou por trás, e as duas caíram na rua. Um grupo de homens que passava teve que desviar delas. As garotas rolaram uma por cima da outra no chão de terra, gritando palavrões e se arranhando.

Elas pararam com Delilah por cima, prendendo os braços e as pernas de Briar. Delilah sentiu um frio na barriga e seu coração acelerou. Olhando para Briar assim, ela percebeu a vantagem que seu tamanho lhe dava. Briar era pequena e magra, enquanto Delilah tinha mais de um e oitenta e um corpo robusto. Mesmo lutando com toda a sua força, Briar não conseguia movê-la.

— O que você é, hein? — Briar cuspiu na cara de Delilah. Elas estavam com o nariz a centímetros uma da outra, quase encostando. O coração de Delilah bateu com força quando Briar mostrou os dentes, o lábio recém-cortado escorrendo sangue. — Uma porra de uma gigante?

— Entre outras coisas — respondeu Delilah, abrindo um sorriso irônico. Suas bochechas ficaram quentes. Ela chegou mais perto, fazendo cócegas com os lábios na orelha de Briar ao sussurrar: — Se você pedir com educação, pode ser que eu te solte.

A porta atrás delas se abriu com tudo. Kieran saiu tropeçando, esfregando o braço que tinha batido no chão. Seu cabelo caía ao redor do rosto e ainda tinha alguns pedaços de lã presos em seus cachos.

— Delilah! — Kieran berrou. — Você está bem?

— Ótima — disse ela entre os dentes. Com Briar, esbravejou: — Você sabe que a gente veio aqui te ajudar, né? Em geral, as bruxas não jogam seus gatos mágicos em quem tem boas intenções.

— Por que eu confiaria em você? — retrucou Briar. — Você me enfeitiçou, me atacou e agora está cortando a circulação dos meus membros! — Ela apontou com o dedo na direção de Kieran. — E aposto que ele fez um acordo com aquela família horrível para me levar de volta. Qualquer um com o sobrenome Pelumbra é um monstro.

— Briar — disse Kieran, estendendo as mãos com gentileza. — Eu sei que nossa família foi horrível com você. Eles também não facilitaram muito minha vida. Mas não é por eles. É por nós. Essa maldição está me matando e machucando você também. A gente devia pelo menos trabalhar juntos para impedir isso.

Por um momento, algo na expressão de Briar se suavizou em surpresa.

— Me machucando?

Kieran levantou as sobrancelhas.

— Bom… Eu não sei exatamente o que ela faz com você. Ninguém em casa tocava no assunto.

Em vez de oferecer uma explicação, ela só sussurrou:

— Puxa.

Apesar do olhar que Delilah lhe lançou, Kieran não questionou.

— Briar, eu sei que você não confia na gente, mas juro que estamos aqui para ajudar. Eu não contratei a Delilah para quebrar a maldição. É o Chamado dela. Se não conseguir, vai perder a magia dela.

— E segundo o Kieran, não dá para quebrar sem você — completou Delilah, fitando os olhos de Briar. O direito brilhava azul, vivo com uma luz fantasmagórica. — Todos temos interesse nisto. O que significa que podem acontecer duas coisas: ou você vem com a gente de livre e espontânea vontade e me ajuda a quebrar a maldição, ou você e o Kieran sucumbem a ela e eu perco minha magia. É isso mesmo que você quer?

— Se ainda está fazendo seu Chamado — perguntou Briar —, como que uma amadora como você vai quebrar uma maldição que já dura gerações?

— Porque eu sou filha do Klaus Hammond — rebateu Delilah, antes de conseguir pensar melhor.

Briar a encarou por um longo momento.

— Klaus… O *próprio* Klaus Hammond?

— Foi por isso que eu pedi para ela — reiterou Kieran, então mordeu o lábio. — Ou… bem, melhor dizendo, recrutei. Eu invoquei o Rito de Mortalidade.

— Que ousado — resmungou Briar.

— Então. — Delilah fez mais pressão nos pulsos de Briar. — Dá para você pelo menos concordar em ouvir a gente? Sem tentar fugir? Ou convocar seu espírito protetor para nos atacar?

— *Tá bom*. — Ela fechou as mãos em punhos. — Eu vou escutar vocês. Só *sai logo de cima de mim*.

Delilah largou os pulsos de Briar.

— Como queira.

— Vamos embora daqui — disse Kieran. — Podemos conversar no navio.

— Navio?

Delilah saiu de cima de Briar e fez um gesto para que a seguisse.

— Você vai ver.

Naquela noite, depois que o sol mergulhou no mar, trazendo o crepúsculo consigo, Kieran, Briar e Delilah se sentaram à mesa de jantar do navio, vendo Briar rasgar um pedaço de pão com os dentes como um lobo com uma carcaça de cervo. Delilah ficou observando com o nariz franzido.

Kieran, por sua vez, parecia inabalado.

— Posso falar? Foi muito incrível o que você fez lá com o seu espírito protetor. Eu nunca conheci uma bruxa da nossa idade que tivesse um.

Ainda de boca cheia, Briar respondeu:

— Ah, o Cinnabar? É, eu consigo evocar ele já tem um tempo.

Ela apontou o dedo para o chão, e uma bolinha de luz apareceu do nada, morfando e se transfigurando até virar o gatinho laranja da loja.

Delilah ficou calada. Não queria admitir, mas ser capaz de convocar um espírito protetor era uma habilidade extremamente avançada. Esses espíritos eram assistentes de bruxas poderosas — manifestações de magia que podiam existir fora de seus corpos. Em geral, as bruxas só conseguiam canalizar magia através de meios específicos, como panificação ou tocar um instrumento; invocá-la diretamente em uma forma física era bem acima do nível de Delilah. Os poucos bruxos com espíritos protetores que ela conhecera quando estavam de passagem por Kitfield só conseguiam evocá-los por alguns minutos de cada vez.

Com certeza jamais conhecera alguém cujo espírito protetor fosse praticamente um bicho de estimação.

Cinnabar apertou os olhos para Delilah e miou antes de pular na mesa junto a Briar e se enrolar ao lado do prato de comida dela.

Briar engoliu um pedação de queijo quase sem mastigar, pondo os olhos em Delilah.

— E aí? Qual é seu plano genial para quebrar a maldição dos Pelumbra?

Delilah franziu os lábios e olhou na direção de Briar com seriedade, que a encarou de volta sem vacilar. Qual era o problema dessa garota, hein? Toda vez que punha os olhos nela, Delilah ficava com as bochechas quentes e o coração acelerava — como é que a irmã de Kieran conseguia ser tão irritante só de estar ali sentada?

Delilah mordeu a língua. *Seja educada*.

— Bom, me dá um tempo, porque eu só fiquei sabendo dela há dois dias. — Delilah suspirou e colocou as palmas das mãos na mesa. — Acho que nossa melhor chance é descobrir a forma escrita da maldição. A Biblioteca de Maldições em Gellingham tem a maior coleção de Celdwyn, então parece uma boa ideia começar lá.

— Você sabe que a biblioteca é fechada para o público, né?! Só os bruxos que passaram pelo Chamado podem entrar lá. — Briar cruzou os braços com força na frente do peito. — A não ser que você tenha um plano especial para invadi-la.

Delilah teve que respirar fundo por um momento para que a pálpebra não tremesse. A pior parte era que Briar tinha razão: a biblioteca *era* fechada para o público. Ela se lembrava de Theo lhe contando isso e dizendo que, quando passasse em seu Chamado, iria até lá procurar sua maldição por ela. Mas, claro, isso tinha sido antes.

E, sinceramente, Delilah tinha torcido para que Briar não soubesse desse fato, assim como Kieran. Ela queria ganhar mais tempo antes de criar um plano de verdade.

— Bom — respondeu ela —, então vou ter que pesquisar um pouco mais para ver se tem alguma exceção a essa regra. Vou te lembrar de que fiquei sabendo dessa maldição há dois dias.

— Você não tem plano B? — perguntou Briar, com a voz desdenhosamente seca.

Delilah revirou os olhos.

— Comigo é assim, tudo ou nada.

— A gente tem bastante tempo para sugerir ideias — interrompeu Kieran, antes que Briar apertasse os dentes a ponto de rachá-los.

— Pois eu tenho uma. — Briar colocou os pés em cima da mesa, ao lado de Cinnabar. Kieran começou a dizer algo, mas o olhar de intimidação dela o interrompeu. Ela encarou Delilah e falou: — Vamos nos dividir. Vocês dois podem ficar brincando neste navio e eu continuo procurando sozinha. Que tal?

— Olha, de repente é uma boa — murmurou Delilah.

— A maior parte do que sabemos sobre a maldição — explicou Kieran — gira em torno de você ser a chave para quebrá-la, então, é melhor ficarmos juntos. — Briar, por sua vez, olhou com ódio para Delilah, que fez uma careta

e mostrou a língua para ela. Kieran suspirou. — Dá para vocês duas relaxarem, por favor?

— Eu relaxo se ela parar de ficar com essa cara de cu azedo — disse Delilah.

— Você é uma idiota — resmungou Briar.

— Ah, é? — Delilah levantou a sobrancelha e cruzou os braços. — E daí?

— Por favor. — Kieran enterrou o rosto nas mãos. — Eu estou *literalmente* morrendo aqui.

Ele tinha dito mais como uma piada, mas o peso das palavras pareceu fazer Briar refletir. Ela o olhou — o olhou de verdade — pela primeira vez. Delilah viu-a analisando o irmão, observando a pele funda sob os olhos e a palidez do rosto. Delilah tinha evitado fazer isso, porque havia algo de errado nos traços dele — um alerta de que tinha um problema sério acontecendo.

— Tá, beleza. Vou entrar na brincadeira. — Briar fez um gesto indicando o navio. — Onde é que eu vou dormir? Além disso, vocês estão dispostos a lidar com todos os idiotas que os Pelumbra andam mandando atrás de mim desde que fugi? Vocês conseguem aguentar… — Ela se interrompeu antes de terminar, aí corrigiu-se: — Conseguem *me deixar em paz*?

— Com esse seu bom humor, acho que não vou conseguir ficar longe — resmungou Delilah, principalmente para Kieran.

— Se isso mantiver você aqui — falou Kieran —, sim. E eu adoraria te mostrar o quarto que reservei para você.

Por um milissegundo, um vislumbre de surpresa passou pelo rosto de Briar, substituindo a carranca. Ela uniu as sobrancelhas grossas.

— Você reservou um quarto para mim?

— Ariel pediu para ficar com ele, mas eu queria garantir que você tivesse o próprio espaço quando te encontrássemos. — Ele se levantou. — Vem. Vou te mostrar.

Delilah se lembrava de um terceiro quarto no deque superior, onde ficavam o dela e o de Kieran — bem em frente ao de Delilah. Ela tentou não deixar na cara sua irritação com a ideia de esbarrar com Briar no corredor.

De qualquer forma, se a garota ficasse no navio, elas iam ficar se encontrando *o tempo todo*.

Delilah ferveu de raiva.

Kieran levou as duas ao deque superior e atravessou a seção ao ar livre, com Cinnabar trotando ao lado de Briar e balançando a cauda no ar. Dali de cima, era possível ver as copas das árvores até Port Lorring, onde as pessoas tinham voltado para passar a noite em casa, ou nos arredores da cidade ou em casas-barcos. Luzes amarelas dançavam pela escuridão indefinida do mar no ritmo da maré.

Kieran abriu a porta do quarto em frente ao de Delilah. Na mesma hora ela foi tomada por uma pontada de inveja. Sua cabine tinha o dobro do tamanho de seu quarto em casa, mas a de Briar era ainda maior. Parecia caber quatro pessoas na cama, e um armário enorme estava aberto com um monte de roupas novas. Outra porta levava a um banheiro e, esticando o pescoço para ver melhor, Delilah notou uma banheira vitoriana.

Ela fez cara feia. O quarto *dela* não tinha banheira.

Parada no meio do cômodo, Briar o analisou como alguém considerando a compra de sua primeira casa. Parecia estar mentalmente anotando cada detalhe do papel de parede, os riscos e arranhões no piso de madeira, o estado das enormes janelas. Cinnabar farejou em torno da cama, arranhando o chão, com as orelhas grudadas na lateral da cabeça.

— Qual o tamanho do pé-direito? — perguntou Briar, olhando por cima do ombro.

Delilah e Kieran trocaram um olhar. Kieran disse:

— Hum… Uns dois e setenta?

— Hum. — Ela bateu um dos dedos no queixo. — Tem cortina?

— Podemos comprar quando pararmos para abastecer.

— Não foi isso que eu perguntei.

Ela deu uma volta completa, estreitando os olhos. Seu olho azul parecia mais vivo que antes, e Delilah lembrou o que Kieran tinha dito sobre o dele brilhar mais quando estava prestes a ter um ataque. Quando ela deu uma espiada na direção dele, porém, o seu olho parecia igual aos últimos dias. O de Briar parecia emitir naturalmente um verniz fantasmagórico, mesmo quando ela não estava usando magia.

Kieran aquiesceu:

— Sim. Pode ficar com as minhas.

— Ótimo. — Seus olhos pousaram na porta, que era feita de carvalho pesado com um desenho circular de nós intrincados. — Mais uma coisa: tem tranca na porta?

Kieran fez que sim.

— Todas as portas têm tranca.

— O que você está planejando fazer aqui dentro? — questionou Delilah, franzindo a testa. — Rituais de sacrifício?

— Eu estou fugindo há seis meses — retrucou Briar, irritada. — É uma precaução.

— E o que a altura do pé-direito tem a ver com isso?

As bochechas de Briar ficaram tingidas com um levíssimo tom de rosa.

— É que… eu… sou claustrofóbica.

— E seu medo tem *medidas específicas*?

— Delilah — alertou Kieran, embora mantivesse a voz gentil. — Não é nada demais. — Para Briar, ele disse: — Se você precisar de mais alguma coisa, podemos dar um jeito de conseguir. Dinheiro não é problema.

— Para um Pelumbra? Imagino que não. — Briar foi até a cama e pressionou o colchão com a mão. Aparentemente determinando que era macio o suficiente para seu gosto, assentiu. — Nada mal.

Cinnabar pulou na cama e começou a amassar pãozinho no edredom.

— E aí? — Kieran uniu as mãos e as levantou como se rezando para ela. — Você vai vir com a gente?

Briar exalou e afundou na cama. Passou a mão por cima da coberta. Hesitou por um segundo e passou as unhas delicadamente pela cama.

— Já vou avisando — disse ela, sem olhar nenhum dos dois nos olhos. — Eu estar aqui vai complicar as coisas.

— A gente precisa de você — insistiu Kieran. Ele uniu as mãos e torceu-as. — Temos bastantes recursos para lidar com qualquer problema que você trouxer para nós.

A boca dela se abriu num sorriso sem graça.

— Talvez você se arrependa de dizer isso.

Antes de Delilah conseguir perguntar o que ela queria dizer, passos no corredor os alertaram da chegada de Adelaide. Kieran se virou e a

cumprimentou enquanto ela mirava ao redor, de vassoura na mão. Quando viu Briar, arregalou os olhos.

A vassoura caiu com um estrondo.

Cinnabar rosnou, as orelhas para trás, enquanto Briar levantou a sobrancelha.

— Hum. Oi? — Briar apontou com o polegar para Adelaide e perguntou: — É mais uma das suas amigas esquisitas?

— Esta é a Adelaide — apresentou Kieran, olhando para ela. — Adelaide, esta é a Briar. Ela vai se juntar a nós. — Seus olhos se voltaram à gêmea. — Pelo menos acho que vai.

Briar, porém, não respondeu enquanto Adelaide se aproximava lentamente dela. Briar e Cinnabar recuaram ao mesmo tempo, e Adelaide parou, os olhos brilhando com… lágrimas?

Delilah levantou as sobrancelhas.

— Ela está bem? — perguntou Briar, com a testa franzida e os ombros para trás, como se fosse capaz de se afastar até escapar da situação.

— Ela também é amaldiçoada. Não consegue se comunicar — explicou Kieran. — Adelaide…

Adelaide deu mais um passo à frente, parando quando Cinnabar soltou um grunhido no fundo da garganta. Como se acabasse de perceber que todos podiam vê-la, Adelaide olhou para Kieran, de olhos arregalados e respirando forte. Delilah com certeza não conseguia interpretá-la tão bem quanto Kieran, mas a mulher parecia definitivamente assoberbada.

— É… eu sei. Conhecer minha irmã é, hum… — Kieran passou a mão pelo cabelo e a olhou nos olhos, direcionando a última parte da afirmação para Briar — … um momento importante.

— Sério? — perguntou Briar, sem acreditar. — Mesmo depois de tudo que você ouviu falar de mim? Apesar de eu estar m… — ela percebeu o que ia dizer e se corrigiu — … roubando sua magia?

Kieran deu de ombros.

— Eu sei que você não está fazendo de propósito. E hoje em dia não sou muito fã dos Pelumbra. Eles sacanearam muito a gente.

O pescoço de Adelaide ficou tenso, como se a estivesse impedindo de concordar com a cabeça.

— Que alívio. — Briar olhou de relance mais uma vez para Adelaide e disse: — Bom, todos vocês parecem bem estranhos. Mas, se for para quebrar a maldição… — Ela suspirou. — Acho que vou ficar.

Ela deve ter notado os olhos de Delilah se revirando, porque adicionou:

— Desde que ninguém se importe.

Delilah respirou fundo. Precisou de todo o seu esforço para deixar escapar:

— Tá.

Kieran sorriu.

— Bem-vinda a bordo, Briar.



Na manhã seguinte, Ariel colocou o navio rumo a Gellingham, aonde estimavam que levaria cerca de duas semanas para chegar. Enquanto a manhã ia virando tarde, Delilah passeou sem rumo pelo navio, até resolver espiar a cozinha. Não era particularmente grande, mas tinha um fogão a lenha e uma geladeira vermelho-cereja cheia de ingredientes frescos. Ela fizera uma análise da despensa bem abastecida quando foi assar os biscoitos que deu a Briar, e desde então não parava de pensar em todas as outras possibilidades.

Da despensa, levou nos braços um pote de pasta de amendoim, uma lata azul-céu de açúcar de confeiteiro, gotas de chocolate, gordura vegetal e um frasco minúsculo de extrato de baunilha, e alinhou tudo na bancada. Encontrou uma vitrola guardada ao lado do fogão e, quando abriu, viu que tinha um disco dentro — de um artista de Esperona que ela reconhecia. Ligou a vitrola e deixou que soltasse um zunido baixinho até que uma melodia aguda de trompete vibrasse pelo cômodo.

Ela aumentou o volume, segurando um elástico de cabelo entre os dentes e prendendo os cachos num rabo de cavalo. Pegou uma tigela do armário e começou a misturar com as mãos a pasta de amendoim, baunilha, açúcar e manteiga da geladeira. Seus olhos faiscaram com luz verde quando ela conjurou a magia do centro de seu peito para os dedos, nas pontas dos quais jorrou a luz suave, fluindo como chocolate derretido. Desapareceu quando Delilah a incorporou, mas deixou no ar uma pitada do aroma de canela e açúcar de sua magia.

A música tocava tão alta que Delilah não notou quando Santiago entrou seguido por Ariel. Por um minuto, ela não os viu, rolando a massa entre as mãos e formando bolinhas que colocava numa assadeira, com os olhos ainda brilhando e a magia saindo dela em ondas.

— O Kieran não mencionou que também tinha te alistado como confeiteira — disse Santiago, enfim.

Delilah deu um grito e derrubou uma bolinha de pasta de amendoim na tigela. Levantou as mãos — grudentas e cobertas de açúcar — como se ele a tivesse pegado no pulo fazendo algo ilegal. Quando Santiago e Ariel começaram a rir, ela abaixou as mãos, corando. Santiago estendeu o braço e gentilmente abaixou a música, para ficar mais fácil de ouvir.

— M-me desculpa por não ter pedido permissão para usar a cozinha — disse Delilah. Seus olhos desbotaram para a cor acinzentada de sempre. — Achei que… supus que vocês estivessem ocupados e…

— Desde que você não ponha fogo em nada, não vejo motivo para te impedir — falou Santiago, tirando uma mecha de cabelo dos olhos. Seu corte raspado nas laterais não estava tão bem-cuidado quanto nos últimos dias, caindo em seu rosto em ondas bagunçadas. Ele apontou para a tigela de Delilah. — O que é isso?

Delilah pegou mais uma bolinha de massa e começou a enrolar.

— Vão ser bolinhas de pasta de amendoim mergulhadas em chocolate. Eu só queria alguma coisa fácil onde pudesse colocar magia.

— Você usa confeitaria e panificação para canalizar sua magia? — chutou Santiago.

Delilah fez que sim.

— Entre outras coisas. Mas sim.

— Eu costumava colocar na minha comida — comentou Santiago.

Uma pequena carranca de chateação curvou o canto de sua boca, mas ele percebeu e forçou um sorriso.

Delilah o olhou desconfiada.

— Mas eu não sinto cheiro de magia em você.

— Lá vamos nós — murmurou Ariel.

— Bom, eu já fui bruxo — contou Santiago. Ele colocou a mão no peito enquanto sacudia os dedos da outra. — Muito poderoso e incrivelmente

talentoso. Eu encantava pessoas lindas por toda Esperona, colocando na minha comida feitiços que duravam bem além da última garfada. Mas, por algum motivo burocrático, horrendo e idiota…

— Ele reprovou no Chamado — interrompeu Ariel. Santiago lhe lançou um olhar ferido, e Ariel completou: — Que foi? Ela não tem o dia todo.

— Eu não *reprovei*. Só escolhi não passar, obrigado — irritou-se Santiago. Ele pegou uma colher de pau da bancada e bateu de leve na perna de Ariel. — Você me *magoou*.

— Ah, magoei, é? — Ariel estendeu a perna e a sacudiu, sorrindo. — Me bate de novo, bonitinho.

Delilah franziu a testa.

— Não na frente das crianças — repreendeu Santiago.

Aí, ele deu mais uma batida na coxa de Ariel, que caiu na gargalhada. Santiago recuou, sorrindo de leve.

Ariel fez um movimento rápido da mão para ele.

— Ah, você. — Voltando a atenção para Delilah, elu perguntou: — E então, que magia está colocando aí dentro?

Delilah piscou, tendo quase esquecido o que estava fazendo.

— Ah… é meio que… um feitiço de parcimônia. Quem comer um vai se sentir menos inclinado a emoções intensas.

— Por algum motivo específico? — Santiago perguntou.

— Bom, é… — Delilah tensionou o maxilar. Franziu a testa enquanto apertava outra bola de pasta de amendoim para dar forma. — Não quero parecer… crítica…

Santiago falou para Ariel:

— Viu só? Suas palhaçadas já fizeram ela odiar a gente. Ela precisa de sobremesas mágicas só para aguentar a convivência.

— Não são vocês — esclareceu Delilah, e apertou os dentes. — É… a *Briar*.

Os dois levantaram as sobrancelhas.

— Tem alguma coisa nela que me incomoda — explicou Delilah, de cara feia. Ela pegou a travessa de bolinhas de pasta de amendoim e levou à geladeira, soltando um suspiro ao fechá-la. — É muito estranho. Eu nunca me deixo afetar por uma primeira impressão, mas — ela contraiu os dedos como

garras à sua frente — só de pensar nela fico com raiva. Meu coração começa a acelerar e sinto uma euforia que me deixa zonza. É *bizarro*.

— Ela só chegou faz um dia — apontou Ariel. — Como você já não gosta dela tanto assim?

— Vai conversar com ela por um minuto — sugeriu Delilah, esfregando as têmporas. — Aí você vai entender.

— Se precisar de uma folga, você pode ir comigo e com Ariel a Dothering amanhã — ofereceu Santiago. — É uma cidadezinha de montanha muito fofa. Vamos pousar o navio lá para comprar suprimentos.

— Não deve levar mais que algumas horas — Ariel complementou.

— Ah… pode ser. Eu ia adorar ir com vocês — falou Delilah, abaixando as mãos, animada com a ideia de conhecer uma cidade nova. A visita a Port Lorring tinha sido tão breve que, entre tentar encorajar Kieran e lutar com Briar, ela não tivera oportunidade de explorar nada. — Se não for atrapalhar demais, claro.

— Lógico que não — afirmou Ariel, sentando-se na bancada e balançando as pernas, como uma criança cujos pés não alcançam o chão. — Além do mais, a gente sempre curte poder conversar com alguém diferente. Antes de você, o Santi e eu só tínhamos o Kieran e a Adelaide. E a Adelaide… bom, o Kieran entende ela bem melhor do que nós. Ainda estamos aprendendo a interpretá-la.

— Como o Kieran a conhece tão bem? — perguntou Delilah.

— Quando era criança, ele estava sempre grudado com ela na propriedade da família. Os pais dele nunca foram muito carinhosos — explicou Ariel.

— Quando ele era criança? — Delilah piscou. — Mas a Adelaide não parece muito mais velha que a gente.

Ariel e Santiago trocaram um olhar. Santiago perguntou:

— O Kieran não te contou sobre a outra parte da maldição dela?

Delilah fez que não.

— A Adelaide não envelheceu desde que a gente se conhece — explicou Ariel. Quando Delilah arregalou os olhos, completou: — E o Kieran também nunca viu isso acontecer, e eles se conhecem desde que ele nasceu. Nenhum de nós sabe exatamente quantos anos ela tem.

— Eu não sabia que existia magia capaz disso — disse Delilah. Ela baixou os olhos para os bolinhos de pasta de amendoim. *Eu mesma com certeza estou bem longe de conseguir assar bolinhos da imortalidade.* — Muito menos uma maldição.

Ariel assentiu com a cabeça.

— Ela é meio difícil de sacar. O principal trabalho da Adelaide na propriedade, fora ser empregada dos pais do Kieran, era ensinar magia aos jovens Pelumbra. O Kieran não podia aprender com ela, porque achavam que, se ele usasse magia demais, ia acabar acelerando a maldição. Mas ele sempre arranjava uma desculpa para ficar assistindo às aulas dos primos. Acho que a Adelaide teve pena dele e deu aulas particulares.

— Ela tem um fraco pelos jovens — comentou Santiago. — Nem imagino por quê. São tão barulhentos e exigentes. — Os olhos dele percorrem lentamente a cozinha e pararam na pia, onde havia louça de molho em água com detergente. — Incluindo sua nova arqui-inimiga, pelo jeito. Eu vi a Adelaide levando comida até a porta da Briar mais cedo. Parece que foi ela mesma quem cozinhou.

— Mas ela odeia cozinhar — disse Ariel, enrugando o nariz.

— Ela pareceu mesmo um pouco… emotiva ao conhecer a Briar. — Delilah mordeu o lábio. — Antes de irmos atrás dela, a Adelaide me viu olhando as fotos da Briar que o Kieran conseguiu com um agente de informações e pareceu muito afetada. Como se de algum jeito já a conhecesse. Mas, se a Briar cresceu longe de casa, não imagino como.

Santiago e Ariel trocaram um olhar e deram de ombros.

— Talvez… — Ariel falou — … a Adelaide tenha pena dela? E queira ser mais hospitaleira que o normal para ela não ir embora? O Kieran fez parecer que era importante a Briar ficar com a gente.

— Estranho mesmo, mas não é problema nosso — disse Santiago. Ele se abaixou em frente a um dos armários, tirou o cadeado que fechava as portas e as abriu. Vasculhou as garrafas de vidro por um momento antes de pegar uma. — Agora, por mais que esses seus docinhos pareçam ótimos, Delilah, gostaria de um pinot noir?

Ela fez que não com a cabeça.

— Não, obrigada. Eu odeio o gosto de vinho.

Santiago usou um abridor de garrafas para tirar a rolha com um estalo, aí serviu duas taças, para si e para Ariel, dizendo para elu:

— As crianças de hoje em dia não têm sofisticação nenhuma. — Passando a olhar para Delilah, completou: — Se mudar de ideia, vamos estar na sala de estar dividindo o resto da garrafa.

Os dois bateram uma taça na outra antes de deixar Delilah sozinha com suas tigelas e seus pensamentos.



CAPÍTULO CINCO

Regra n. 19: Embora o cheiro da magia esteja longe de ser indicativo do caráter de alguém, sempre tem algo suspeito em aromas cítricos.

No dia seguinte, o navio parou de supetão num campo de pouso público nos arredores de Dothering. Pelo jeito, a cidade era uma parada comum para viajantes. Mais trinta aeronavios de tamanhos variados estavam estacionados por ali, com os balões e asas flexíveis de metal pairando na brisa ao ritmo da longa grama verde.

— Está quase pronta para ir? — perguntou Kieran a Delilah, juntando-se a ela no deque em frente aos quartos.

Ela o convidara para ir junto comprar suprimentos. Ele estava com um suéter bem largo entretecido com estampas ornamentadas, laços contínuos que a lembravam da roupa tradicional usada nas ilhas pesqueiras da costa de Kitfield.

Delilah tinha optado por um vestido evasê amarelo florido que batia nos tornozelos e um sapato de salto preto com uma fivela no topo. Apoiou o

quadril na balaustrada, terminando de trançar o cabelo escuro e o amarrando com um elástico.

— Só você, eu, Ariel e Santiago, então?

Em resposta à sua pergunta, Delilah ouviu passos atrás deles e olhou por cima do ombro, dando de cara com Briar a encarando. A garota estava com um casaco preto puído e largo demais. Suas botas pareciam caber numa pessoa com o dobro de seu tamanho, engolindo seus tornozelos pequenos. Um tapa-olho cobria o olho azul.

Delilah desviou o olhar, tentando não a encarar. Seu peito se apertou. *Ela está ridícula*.

Briar olhou Delilah por um momento, aí se virou para o outro lado, de cara feia.

— A Briar também vai — disse Kieran, todo sorridente. — Ela quer dar uma olhada na farmácia.

— Você está doente? — perguntou Delilah, confusa.

Briar se recusou a fazer contato visual.

— Não. O que estamos esperando? Vamos logo.

Delilah e Kieran trocaram olhares, e ele deu de ombros.

— Vamos lá, então.

Santiago os esperava no andar de baixo com uma lista de compras. Cumprimentou os três afetuosamente, hesitando ao pousar os olhos em Briar. Ela fez cara feia para ele e não disse nada.

— Sabe, você pode tomar o café da manhã com a gente um dia desses — falou Santiago, quebrando o silêncio enquanto ela olhava brava. — Não somos tão ruins. Em geral, Ariel mastiga de boca fechada.

Em vez de responder, Briar se encaminhou para a porta, murmurando:

— Eu gosto de comer sozinha.

O sorriso de Santiago vacilou. Ele olhou por cima do ombro para Ariel, que acabava de chegar, e deu de ombros.

— Não se sinta mal — disse Delilah a Santiago enquanto saíam atrás de Briar. — Ela é grossa com todo mundo.

Ele deu uma risada desdenhosa.

— E eu tinha achado que você é que ia ser insolente.

Caminharam até a cidade, Briar três metros à frente dos outros. Kieran tentou algumas vezes acelerar e conversar com ela, mas a irmã simplesmente andava mais rápido toda vez que ele se aproximava. Quando começou a parecer que ele sair correndo atrás dela, Delilah pigarreou e acenou para ele recuar. Ele desistiu, franzindo os lábios.

Dothering era uma aldeia rústica na base de uma pequena serra, com uma cultura que parecia voltada para a recreação ao ar livre. A maioria dos habitantes usava botas adequadas para escalar obstáculos íngremes e roupas pesadas com várias camadas, prontos para qualquer situação. Havia um friozinho alpino fresco no ar, um sussurro final de inverno. Flores silvestres de várias cores irrompiam do chão, e seu cheiro se mesclava ao aroma de couro curtido. As construções eram quase todas feitas de uma madeira clara — Delilah suspeitava ser espinheiro bloqueador de magia, como era comum em Kitfield. *Não são fãs de bruxas, pelo jeito.* A maioria das vitrines mostrava anúncios de esquis e sapatos de neve, apesar de ser maio.

Assim que chegaram ao centro, Briar desapareceu numa multidão e eles a perderam de vista.

— Devemos nos preocupar? — Santiago perguntou.

— Não. Eu sentiria o cheiro dela a mais de um quilômetro — disse Delilah.

Kieran abriu e fechou a boca, ainda encarando a direção em que a irmã tinha ido. Seus lábios se curvaram numa pequena expressão de mágoa.

Coitado do Kieran, pensou Delilah. *Ele realmente só quer conhecê-la. Que pena que ela tem o carisma de uma jararaca.*

Ela entrelaçou o braço com o de Kieran.

— Não liga para ela. Vamos lá ver o que tem na feira.

Kieran ficou observando o braço dela antes de soltar um suspiro e dizer:

— Tá bom. Mostre o caminho.

Logo depois, Kieran e Delilah se separaram de Santiago e Ariel, que estavam indo comprar comida e peças de manutenção para o navio, respectivamente. Eles passaram a hora seguinte explorando as barracas da feira livre de Dothering, Delilah forçando Kieran a experimentar comidas diferentes, e se

revezaram escolhendo vários chapéus um para o outro na loja do coureiro. Compraram o almoço numa barraca que oferecia batatas feitas na hora com molho de carne e queijo coalho, uma especialidade local, então se sentaram na grama embaixo de um pinheiro enorme, depois de chutarem as pinhas para longe e tentarem ao máximo não derrubar molho na roupa.

— Eu nunca podia fazer esse tipo de coisa em casa — disse Kieran com a boca cheia de comida. — Meus pais não me deixavam sair sozinho por tanto tempo, muito menos com alguém de fora.

— Acho que era uma decisão inteligente, considerando quanto dinheiro acabei de te fazer gastar. — Delilah deu uma mordida numa maçã crocante que Kieran lhe comprara, levemente ácida e farinhenta em sua língua. — Nós, forasteiros, somos perigosos.

— É que… eu nunca soube quanto era boa a vida das pessoas aqui fora. — Ele estendeu os braços para o mundo. — Desde que nasci, todo mundo em casa dizia que o resto do mundo era um lugar horrível e apavorante, onde a qualquer segundo alguém podia aparecer e te machucar. E eu acreditei. — Ele deu um sorrisinho para ela. — Achei que nunca conseguiria fazer amizade fora da família.

Delilah sentiu um quentinho no peito ao olhar para a cidade. *Ele é um cara bacana mesmo. Se era para alguém ter roubado meu Chamado, acho que não foi tão ruim ter sido ele.*

De onde estavam no morro, dava para ver as ruas lá embaixo, quase todas tranquilas, já que era dia útil e a maioria das pessoas estava trabalhando dentro dos estabelecimentos. Ainda assim, pais e crianças pequenas, gente almoçando e casais aposentados davam vida aos paralelepípedos, rostos iluminados e olhares calorosos.

— Tem muita gente ruim no mundo mesmo — admitiu Delilah, colocando a palma da mão na bochecha. — Mas eu gosto de pensar que, no fundo, a maioria das pessoas são boas. Pode ser que eu seja ingênua por nunca ter saído de Kitfield antes, mas, lá em casa, conheci muita gente viajando de vários lugares. Eles me ensinaram muito.

Kieran sorriu, sonhador.

— Dá vontade de ver mais do mundo, né?

— Sim, exatamente! Eu sempre quis, mas… sentia que não podia deixar minha mãe sozinha, com nossa maldição e tudo o mais. — Delilah ofegou, deixando os olhos vagarem pelo céu. — Sempre sonhei em ver Celdwyn pessoalmente. Sabe, comprar um carro e ir de cidade em cidade, conhecer gente nova, talvez até sair do país. Esse tipo de coisa.

Os olhos dele brilharam.

— É o que eu quero fazer um dia também. Quero mudar meu nome, recomeçar do zero e ver o mundo. Ser alguém que não é só uma consequência de onde eu vim e de quem minha família é.

— Assim fica parecendo que você quer ser outra pessoa. — Delilah levantou as sobrancelhas. — O que tem de errado com Kieran Pelumbra?

— Não sei nem por onde começar — murmurou ele, usando o garfo para virar as batatas e cobri-las de molho. Ele pôs uma na boca e começou a gesticular com o talher. — A única coisa que está no destino de Kieran Pelumbra é *morrer*. Minha família construiu para mim toda uma identidade de pequeno mártir gentil e de coração puro, e eu acreditei. Se conseguir quebrar a maldição e criar uma vida para mim mesmo, posso provar para eles que não sou só o menininho fofo que é bom demais para este mundo. Eu só… — ele levantou as mãos — … quero viver segundo minhas próprias regras, sabe?

Delilah fez que sim.

— Então deve ter sido bem libertador roubar o navio, né?

Kieran soltou uma risada.

— Eu estava apavorado. Não dormi por quatro dias.

— Mas você conseguiu — pontuou Delilah. — Você saiu. Já enfiou uma faca na pessoa que eles achavam que você era.

— Ah. — Kieran piscou, com um sorrisinho se abrindo. — Eu… não tinha pensado nisso. Talvez você tenha razão.

Eles ficarem em silêncio, e a mente de Delilah começou a vagar. Ela tinha se imaginado viajando o mundo com Theo, quando ainda estavam juntos. Haviam tido conversas exatamente assim, na época em que ficavam abraçadinhos embaixo dos salgueiros antigos no prado perto do chalé de Delilah. Quando tudo dera errado com eles, ela parou de se permitir sonhar tanto com o futuro.

Era gostoso sonhar de novo.

Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas foi atingida por um cheiro que a fez engasgar com as próprias palavras. Tapou o nariz, nauseada.

Kieran levantou a sobrancelha, questionando, e Delilah começar a explicar:

— Eu acho… A Briar…

Na rua lá embaixo, eles viram uma forma escura ziguezagueando pela multidão. Era pequena e se movia com agilidade pelas massas, como um peixe nadando contra a corrente. Mesmo de capuz, Delilah reconheceria aquele cheiro de vegetação rasteira encharcada e sangue em qualquer lugar.

Não muito longe de Briar, havia um homem de sobretudo, tentando alcançá-la a toda velocidade.

O coração de Delilah começou a acelerar.

Kieran arregalou os olhos.

— Aquilo é…? O que ela está *fazendo*?

— Aquela imbecil — murmurou Delilah. — Vou atrás dela.

— Você vai…? — Kieran vacilou enquanto Delilah saía atrás da irmã dele. Colocou as mãos em concha em volta da boca para gritar: — Você não pode me largar aqui assim… *Delilah*!

Mas ela já tinha ido, motivada puramente pelo impulso. Viu de relance Briar entrando num beco e a seguiu, com os sapatos batendo com um som alto nos paralelepípedos.

Ela contornou a lateral de uma loja de esqui e parou na entrada do beco estreito, sombreado por construções dos dois lados. Lá, viu Briar se escondendo atrás de um carro estacionado.

Bem quando Delilah começou a se mover para alcançá-la, o barulho de pés batendo chamou sua atenção. O homem que estava perseguindo Briar parou ao lado de Delilah. Ele olhou para os dois lados, os dentes cerrados. Tinha cabelo louro rente, e seus olhos brilhavam amarelo-esverdeados com magia enquanto seus dedos desenhavam um símbolo no ar. Tinha um cheiro pungente de loção pós-barba, com uma nota distintamente cítrica.

— Você viu uma garota passar correndo por aqui? — perguntou ele a Delilah.

— Por que eu te diria? — retrucou ela, tentando manter a respiração regular depois de ter corrido. Ela estreitou os olhos. — Você não é policial.

— Eu sou detetive. — O homem, com olhos ainda brilhantes de magia, pôs a mão no bolso do casaco e puxou um distintivo que dizia REGEN PELUMBRA embaixo de uma foto dele. — Agora, preciso que me diga se viu uma garota de cabelo raspado e casaco preto passar correndo por esta rua. Ela pode estar colocando muita gente em perigo.

Pelumbra.

Delilah sentiu um aperto no peito, e seus ombros ficaram tensos.

Depois de hesitar por um momento, ela apontou para o beco.

— Ela foi até o fim do beco e virou à esquerda, senhor.

— Certo. — Ele lançou um último olhar afiado a Delilah, parecendo notar pela primeira vez que ela estava um pouco ofegante. Felizmente, não mencionou nada. — O que quer que faça, não vá atrás dela.

Ele correu pelo beco e virou à esquerda no fim. Delilah checou os dois lados da rua atrás de si. As únicas pessoas próximas eram moradores do vilarejo aparentemente espantados, dando de ombros e gesticulando sem parar enquanto conversavam.

Ela se abaixou nas sombras do beco, saindo de vista, e foi para o carro atrás do qual Briar estava escondida.

Contornando a lateral e se ajoelhando, Delilah começou a perguntar:

— Que merda você está f…?

Antes de conseguir terminar, algo parecido com uma corda cheia de espinhos se lançou em seu pescoço e apertou sua garganta como uma forca. Ela engasgou, agarrando aquilo em desespero. Os espinhos pareciam dentes em sua pele. Suas unhas rasparam uma planta — era uma videira.

Briar arregalou os olhos, brilhantes com luz azul.

— Ah… é você. Merda.

Seus olhos faiscaram e a videira instantaneamente murchou e se soltou do pescoço de Delilah. Ela ofegou, segurando o pescoço. A outra mão pousou nos paralelepípedos, tentando se estabilizar. Os espinhos tinham entrado em sua pele, deixando marcas e picadas ardidas com gotículas de sangue. Ele arfava enquanto soltava um palavrão atrás do outro.

— Achei que você fosse aquele cara de sobretudo — explicou Briar, despreocupada. Ficou de pé e olhou pela lateral do carro para confirmar que o beco estava vazio. — Ainda bem que ele decidiu se mandar.

— Que *merda* foi essa? — Delilah arquejou, tirando a mão do pescoço e vendo a palma manchada de sangue. — O que foi aquilo?

— Feitiço de *ledrith* — falou Briar. Ela se virou e olhou Delilah de soslaio, reparando em seu pescoço ensanguentado. Fez uma careta e puxou o ar com um sibilo. — Desculpa.

— *Claro* que você usaria o único tipo de magia de combate. — Delilah conteve um revirar de olhos e começou a perguntar: — O que estava…?

Seus olhos pousaram numa pequena bolsa-carteiro ao lado de Briar. Tinha caído, espalhando seu conteúdo nos paralelepípedos. Briar notou no mesmo momento e imediatamente ficou vermelha. Absorventes. E analgésicos.

— Você *roubou* isso? — quis saber Delilah.

Briar, com as bochechas queimando, recolocou-os na bolsa. Pendurou ela no ombro e disse, irritada:

— E daí?

— Aquele cara era um Pelumbra! E um *detetive*! — explodiu Delilah. — Se ele te reconhecesse, poderíamos estar enrascados! — Ela espiou por cima do capô do carro e falou: — Eu despistei ele, mas temos que sair daqui. O Kieran ainda está em cima do morro.

— Por que você me seguiu, pra começo de conversa? — exigiu saber Briar. — Eu teria me virado sozinha!

— Porque eu…! — O rosto de Delilah esquentou, e ela franziu o cenho. — Porque você não está mais sozinha, tá? Se não cuidarmos uns dos outros, estamos ferrados. — Ela apontou com a cabeça para a rua. — Agora, anda: precisamos tirar você e o Kieran daqui.

Briar piscou e ficou encarando-a por um momento, com as sobrancelhas unidas. Depois de um instante, cerrou a mandíbula e seguiu-a.

Depois de se esgueirar por Dothering como fugitivas, Delilah e Briar encontraram Kieran perambulando perto do morro — parecendo bastante atormentado na busca por Delilah e pela irmã — e o levaram embora. Pouco depois, conseguiram achar Ariel e Santiago na feira livre local. Por sorte, os cinco conseguiram entrar de volta no mato sem serem notados. Quando

estavam em meio a segurança das árvores, Kieran começou a perguntar sem parar sobre os cortes e hematomas no pescoço de Delilah, chegando a virar o queixo dela com delicadeza para ver melhor um dos furos mais profundos. Ela afastou sua mão, revirando os olhos e insistindo que estava bem.

Briar ficou em silêncio por todo o caminho de volta, indo atrás do grupo com um olhar fulminante que não era voltado a ninguém em particular.

— Já acabou — disse Delilah a Kieran, que continuava tenso com o incidente todo. — Estamos bem.

— Pelo menos vocês foram gentis de me deixar terminar as compras — falou Santiago. Ele levantou uma das consideráveis sacolas. — Vou fazer todos comerem algo bem-temperado, para variar, em vez daquela comida celdwyniana sem graça que vocês parecem adorar tanto.

— E a gente teve tempo de pegar meus biscoitos de fruta favoritos — completou Ariel, dando uma mordida grande num biscoito que tirou de uma caixa e dizendo de boca cheia: — Sem eles, talvez eu começasse um motim.

— Vamos ter que ficar de olho caso estejamos sendo seguidos — falou Kieran, olhando por cima do ombro. Para Ariel, completou: — Faça o navio voar numa altitude mais alta para não ser tão fácil de ver a gente.

Ariel engoliu o biscoito.

— Sim, senhor, capitão.

Eles chegaram ao navio um minuto depois e embarcaram pela prancha enquanto Kieran seguia falando das precauções que teriam de tomar para garantir que ninguém os rastreasse. Ariel fez um gesto dispensando Kieran enquanto ia para a sala de controle, com a caixa de biscoitos grudada ao peito. Santiago foi descarregar as comidas na cozinha.

Na área de estar do escritório, Kieran esfregou os olhos e os reabriu, focando Delilah.

— Na nossa próxima parada, vamos ter que…

— Kieran — interrompeu Delilah, ofegando. — Seu olho!

Ele levantou a mão para tocá-lo, aparentemente sem perceber que estava brilhando um azul feroz, fluorescente. A luz emitia um resplendor espectral na pele dele, apagando qualquer tom de rosa de suas bochechas e destacando as sombras sob os olhos. Ele abriu os lábios por um momento antes de fazer uma careta e pressionar o nó de um dos dedos no espaço entre as sobrancelhas.

— Delilah — disse entre os dentes —, fica calma. Estou prestes a ter um ataque.

Atrás deles, Delilah ouviu Briar soltar um gemido entrecortado ao entrar na sala. Delilah aproximou-se um passo de Briar, que abraçava o próprio corpo. Quando levantou a cabeça, os dois olhos reluziam com as chamas de magia azul que subiam das pálpebras.

Delilah arquejou.

— Santiago! — gritou ela. Kieran fez um barulho débil, e ela segurou seu cotovelo quando ele começou a cambalear, de joelhos fracos. Delilah berrou. — Ariel! Adelaide! *Socorro!*

Briar abafou um grito com o punho. Correu para a escada, mas um espasmo doloroso repentino a atingiu e ela deu de cara com o batente da porta na saída. Um retrato caiu da parede e atingiu o chão, estilhaçando vidro para todos os lados.

Briar desapareceu escada acima.

— O que eu faço? — perguntou Delilah, segurando o braço de Kieran com tanta força que suas unhas cravaram na pele dele. — Kieran, *o que eu faço*?

As pálpebras dele tremularam.

— Só me segura.

Delilah fez exatamente isso quando ele desmaiou no segundo seguinte. Com cuidado, abaixou-o até o chão, apoiando sua cabeça nas mãos. Seus dedos afundaram nos cachos macios. Seu coração martelava contra as costelas.

— Kieran? — Ela sentiu um bolo na garganta. — Você consegue me ouvir?

Nesse momento, Santiago veio correndo da cozinha e se agachou junto a eles. Ficou de joelhos e tirou o casaco.

— Ele acabou de desmaiar?

Delilah fez que sim, com lágrimas de pânico ardendo nos olhos.

— Eu… Eu não…

— Levanta a cabeça dele — instruiu Santiago, a expressão brincalhona de sempre desaparecida de seu rosto. Ela nunca o vira tão sério.

Delilah fez o que ele mandou, inclinando a cabeça de Kieran com delicadeza para cima enquanto Santiago enfiava seu casaco por baixo, embolado numa espécie de travesseiro.

— O que aconteceu com a irmã dele? — perguntou Santiago.

Os olhos de Delilah foram até o retrato quebrado no chão do outro lado do cômodo, cacos afiados de vidro cintilando à luz da tarde.

— Eu… não sei… Algo ruim.

— Vai checar — disse ele. — Eu fico com o Kieran.

Delilah hesitou, com as mãos pairando acima dele. Ainda estava tremendo e sua cabeça girava. Kieran não estava se mexendo, exceto pela respiração superficial, deitado com a cabeça acomodada no casaco de Santiago. Uma sensação estranha lhe dizia que ele não estava só dormindo. Era como se qualquer exalação pudesse ser a última.

— Está tudo bem — apaziguou Santiago. — Eu cuido dele. Vai dar uma olhada na Briar.

Afastar-se dele foi como tirar as mãos de um emaranhado de espinhos. Ela deu mais um olhar arregalado para ele antes de sair correndo para a escada que levava ao deque superior. Briar havia deixado rastros de lama com as botas, então foi fácil procurá-la.

Delilah irrompeu no deque aberto, explorando tudo com os olhos. Instantaneamente notou o casaco de Briar jogado de qualquer jeito no chão. Pegou e embolou-o no punho fechado.

— Briar! — ela berrou.

Deu mais alguns passos, seguindo os rastros de lama, até encontrar as botas de Briar, deixadas perto da porta que dava nos alojamentos. Enquanto Delilah ia examiná-los, notou gotículas escarlates no deque. Formavam um pequeno arco pontilhado na madeira.

Delilah tinha certeza absoluta de que era sangue de Briar. Nunca havia parado para pensar no cheiro de uma maldição, de onde ele vinha, mas agora, debruçada sobre os respingos, de repente percebeu que o fedor devia se alojar na corrente sanguínea. Ela colocou a mão no nariz, segurando o engulho.

De longe, Delilah ouviu o som de um grito abafado.

Foi aí que notou a porta entreaberta. Sem hesitar, Delilah saiu correndo naquela direção, gritando o nome da garota.

Antes de conseguir chegar, porém, uma figura saiu de fininho e bateu a porta. Delilah derrapou antes de interromper o passo.

Adelaide a encarou com olhos arregalados e enormes. O cabelo louro escapava do coque em sua nuca, e sangue começava a escorrer de um corte

finíssimo na bochecha.

— Preciso ver como ela está — disse Delilah. — Por favor.

Por um momento, Adelaide abriu a boca, começando a formar uma palavra, mas seus dentes se fecharam com um estalo. Ela estremeceu, pondo a mão na mandíbula.

— Tem alguma coisa estranha acontecendo — insistiu Delilah.

Adelaide estendeu a mão para trás e segurou a maçaneta. Olhou firme nos olhos de Delilah e, embora não conseguisse dizer, seu rosto deixava bastante claro: *Não*.

Quando se conheceram, ela tinha parecido tão acanhada. Agora, vê-la com os dentes cerrados e os olhos brilhando com uma indignação fanática fez Delilah dar um passo atrás.

— Adelaide — sussurrou Delilah, sem forças para lutar —, eu só quero garantir que ela esteja bem.

A mulher nem piscou.

— Eu… Tá bom. — Delilah ficou ali plantada por mais um momento antes de recuar. — Se você tem certeza.

Ela deu meia-volta e foi em direção à sala de jantar, onde Kieran tinha caído.

Só percebeu na metade do caminho que ainda estava agarrada ao casaco de Briar, o cheiro de maldição e sangue tão forte que a deixava tonta.

Delilah sentou-se num degrau, colocou o rosto nas mãos e tentou se acalmar.



CAPÍTULO SEIS

Regra n. 9: Se bruxaria culinária for prova de alguma coisa, é de que o jeito mais rápido de capturar um coração é pelo estômago.

Quando Delilah finalmente se recompôs, ela desceu a escada e encontrou Kieran esparramado em um dos sofás do escritório. Santiago explicou que o garoto estava dormindo e que provavelmente acordaria só dali a meia hora ou mais. Quando Delilah admitiu que não tinha descoberto o que havia acontecido com Briar, mas que Adelaide estava cuidando do assunto, ele apenas arqueou a sobrancelha.

— Mas o Kieran está bem? — perguntou Delilah.

Santiago fez que sim.

— Ele vai ficar bem. Mas só se passaram catorze dias desde o último ataque. Antes disso, foram vinte e, antes disso, eram quase dois meses de intervalo entre eles.

— Isso não parece bom.

— Sem dúvidas não é.

Santiago se levantou, colocando seu livro debaixo do braço. Seu cabelo, em geral bem penteado, estava sem vida, e seus olhos, fundos. Delilah nunca o tinha visto assim — era particularmente chocante vê-lo sem um sorriso no rosto. Ela percebeu — talvez pela primeira vez — que ele e Ariel eram o mais próximo que tinham de figuras paternas no navio, mesmo que só tivessem vinte e poucos anos. Apesar de todas as brincadeiras, Santiago devia se sentir responsável por todos eles de certa forma.

Ele respirou fundo e endireitou os ombros, com um sorriso frágil voltando ao rosto.

— Mas acho que é por isso que você está aqui, certo? Isso vai ser coisa do passado em breve.

A garganta de Delilah se apertou.

— Você pode ficar aqui um pouco tomando conta dele? — perguntou Santiago. — Ariel queria esperar para decolar quando o Kieran estivesse estável. Preciso ir lá avisar…

— P-pode deixar que eu aviso elu — Delilah conseguiu dizer. Quando Santiago levantou a sobrancelha, ela completou: — Eu já estava indo para lá mesmo.

— Claro. — Ele crispou os lábios. — Você está bem, minha amiga?

— Eu… estou bem. Estou bem.

Eles mantiveram contato visual por um momento, e Delilah se deu conta, de forma dolorosa, de que estava tentando convencer a si mesma.

Seu olhar se voltou mais uma vez para Kieran. As pálpebras dele se agitaram um pouco durante o sono e suas feições pareciam mais tranquilas. Ela disse a Santiago:

— Me chama se acontecer mais alguma coisa.

Enquanto ela se dirigia para a sala de controle, Santiago soltou um suspiro pelo nariz e sussurrou:

— Claro.

Delilah se trancou no quarto pelo restante da noite, porque preferiu não jantar e ficar com o rosto enfiado no travesseiro, tentando convencer seu cérebro a

parar de entrar em pânico. Quando não funcionou, começou a andar de um lado para o outro, sentindo que ia explodir. Para tentar extravasar algumas de suas frustrações, pensou em socar um travesseiro ou arrancar os cabelos, mas preferiu se deitar na cama e chorar.

O Kieran vai morrer, pensou ela, *e a culpa vai ser toda minha.*

Mesmo com anos de aulas particulares de magia, ela nunca imaginou que tentaria quebrar uma maldição tão poderosa quanto a dos Pelumbra. Estava preparada para quebrar a própria maldição, que, embora não fosse nada agradável, não a colocava em risco. Quanto mais tempo ela passava no navio, mais entendia que tinha a vida não de uma, mas de *duas* pessoas nas mãos. Isso a fazia querer gritar a plenos pulmões ou talvez correr para muito, muito longe, se esconder e nunca mais mostrar a cara.

Não que fosse uma opção viável, mas abandonar a sociedade para viver como uma bruxa do pântano não era exatamente *des*agradável.

Não posso abandonar o Kieran, ela decidiu. *Nem a Briar. Mesmo que ela seja um pé no saco.*

Pouco depois, quando o silêncio tomou conta do navio e os outros foram para a cama, o ronco no estômago de Delilah começou a ficar alto demais. Resmungando, ela se arrastou até a cozinha.

Enquanto se esgueirava pelos corredores, o navio estava totalmente silencioso. As tábuas do assoalho rangiam sob seus pés descalços, frias contra seus dedos. Pelas portas do escritório, ela avistou Adelaide dando uma olhada em um livro na estante, a vassoura encostada na porta. Delilah ficou quieta, indo na ponta dos pés até a cozinha. Acendeu a luz e a encontrou imaculada — no fundo, estava torcendo para encontrar o jantar ainda sobre a bancada.

Não teve tanta sorte. Também não encontrou nada na geladeira. Soltando um suspiro, juntou queijo cheddar, manteiga e pão de nozes. Depois de procurar uma frigideira ao lado do fogão, encontrou uma de ferro fundido e a colocou em uma das bocas, aumentando o fogo e pondo o sanduíche dentro. Enquanto ele esquentava, ela pegou verduras, uma maçã picada, hortelã moída, sal, pimenta e azeite para fazer uma salada. Então enfiou um pouco daquilo na boca enquanto esperava o queijo quente derreter.

Ela tinha acabado de virá-lo quando passos chamaram sua atenção.

— Santiago?

Em vez dele, quem entrou foi Briar. Estava com um suéter preto grande e calças largas de lona. Seus olhos estavam muito fundos, e os ombros, curvados. Ela viu Delilah e imediatamente voltou os olhos para o chão, com as bochechas coradas.

Delilah sentiu um frio na barriga. Cerrou os dentes, virando-se para olhar fixamente seu queijo quente. Quando Briar foi para a despensa sem dizer nada, um calor tomou conta de seu peito. Delilah não conseguia nem se concentrar no sanduíche — era como se seus ouvidos captassem apenas os movimentos de Briar enquanto ela abria a porta da despensa e começava a vasculhar o conteúdo. Delilah apertou a espátula, com a testa franzida.

— Que bom ver que você está bem depois de tudo o que aconteceu mais cedo — comentou Delilah, embora sua voz tenha saído mais fria do que pretendia. Parte dela queria questionar o que exatamente havia acontecido, mas duvidava que Briar lhe contaria algo se o fizesse. Ela pigarreou. — O que você está fazendo aqui embaixo?

Briar colocou parte do corpo para fora da despensa, segurando uma lata de gotas de chocolate e um saco de croutons.

— Jantando, é óbvio.

— Chocolate e croutons?

— Algum problema com isso?

Delilah segurou o saco de verduras.

— Quer pelo menos uma salada para acompanhar?

— Que nojo. Eu não como vegetais.

— *Nenhum*? — Delilah ficou boquiaberta.

— E você por acaso é a fiscal das folhas? Dá um tempo.

Briar fechou a porta da despensa com o ombro e começou a sair da cozinha, com as guloseimas na mão. Seu rosto estava vermelho, e ela não conseguia nem olhar para Delilah.

Antes que ela pudesse ir embora, Delilah soltou um suspiro dramático e esbravejou:

— Quer um queijo quente?

Briar parou.

— Quê?

Delilah apontou a espátula para a frigideira.

— Se você não jantou, devia pelo menos comer algo quente. Está quase pronto. — Briar pareceu desconfiada, e Delilah acrescentou: — Sério. Pode comer.

— Você enfeitiçou ele? — perguntou Briar, com uma carranca.

Delilah quase bufou, mas se conteve.

— Acha mesmo que eu tenho energia para isso agora? Não. É só pão, queijo e manteiga. Juro.

Briar mordeu o lábio. Depois, soltou o ar pelo nariz e colocou os croutons de volta na despensa. Mas ficou com o chocolate e subiu na bancada, do outro lado do fogão onde Delilah estava cozinhando. Pegou um punhado de gotas de chocolate e mastigou sem olhar para ela.

Delilah olhou para o chocolate e apertou os lábios.

— O dia foi meio que uma merda, né?

Briar deu uma olhada para ela. Assim tão perto, o cheiro de sua maldição era suficiente para embrulhar o estômago de Delilah, mas não parecia tão forte como antes. Os olhos de Briar eram felinos, mas redondos, tão desconfiados quanto curiosos.

O coração de Delilah acelerou. Inexplicavelmente, suor brotou em sua nuca.

Briar suspirou.

— É. Não foi dos melhores.

Delilah não conseguiu se segurar antes de perguntar:

— Por que você roubou aquelas coisas? Se precisava de absorvente, podia ter simplesmente me pedido.

— Ah, e você teria ficado muito feliz em me dar um, né?! — Briar fez cara feia para ela. — Não foi você que fez bolinhas mágicas especiais de pasta de amendoim para ficar menos irritada comigo? Porque não consegue nem me olhar sem ficar com raiva, certo?

Delilah paralisou. Seus olhos se arregalaram como luas gêmeas, e suas bochechas pegaram fogo. Seu estômago embrulhou.

— Dá para te ouvir do meu quarto — explicou Briar, apontando para uma saída de ar no canto da cozinha. — Só pra você saber.

— Eu… Eu… Eu…

Delilah sentia que todo o seu corpo era composto apenas de suor. Ela não conseguia nem mesmo olhar para Briar. Sua garganta ameaçava se fechar e sufocá-la.

— Eu já entendi — acrescentou Briar, enfiando outro punhado de chocolate na boca. Então disse: — Sou um pesadelo. Mas não vem fingir que você é melhor.

— Ah, fala *sério*! — Delilah se irritou. Ela bateu com a espátula na bancada e foi para o lado de Briar com passos firmes. Ela a encarou diretamente. Com Briar sentada na bancada, a diferença de altura de sempre era anulada. Sem pensar, Delilah inclinou-se para perto dela, de modo que seus rostos ficaram a apenas alguns centímetros de distância. Ela cutucou o peito de Briar. — *Você* só tem sido difícil desde que chegou aqui. E eu estou *tentando* te aturar, mas eu… eu…

Delilah percebeu com um sobressalto que a carranca de Briar havia desaparecido.

Agora ela estava pálida, com exceção de um leve rosado nas bochechas e na ponta do nariz. Seu corpo estava rígido, o que Delilah percebeu quando, sem pensar, colocou a mão ao lado da perna de Briar na bancada para se apoiar enquanto se debruçava.

Os olhos de Briar brilharam azuis por um breve segundo. Além disso, ela estava olhando fixamente, atônita, para os lábios de Delilah.

E, mesmo sem desejar, Delilah estava olhando para os de Briar.

— Ei. Hum. — Briar engoliu em seco, como se estivesse recuperando o fôlego. Ela sussurrou: — Meu sanduíche está queimando.

A boca de Delilah ficou seca.

— O que isso quer dizer?

Briar fez um gesto de lado para o fogão.

— Ele está literalmente pegando fogo.

Delilah piscou e olhou para o fogão, descobrindo que chamas estranhas — cor-de-rosa nos cantos e azuis no centro — de repente tinham engolido o queijo quente. Ela gritou, agarrando o cabo da frigideira e lançando o sanduíche em chamas na pia, onde ele continuou a queimar. Ela abriu a torneira, mas a chama só aumentou. Delilah soltou um guincho.

Briar estendeu a mão, com os olhos azuis ardentes. O fogo cuspiu faíscas e começou a se enrolar para cima, atraído pela mão dela. Delilah observou com olhos arregalados as serpentes de fogo se enrolarem no braço de Briar, sem nem chamuscar seu suéter. Briar soltou um suspiro e seu olho não amaldiçoado ficou castanho.

As chamas se apagaram.

— Desculpa. Minha magia é difícil de controlar às vezes. — Ela saltou do balcão, pegando o chocolate. Corando, disse: — Vou para a cama. Não estou com fome.

Ela saiu correndo pela porta, deixando Delilah com o coração acelerado.

Delilah passou a semana seguinte de sua viagem a Gellingham inventando desculpas elaboradas para explicar por que não conseguia parar de pensar em quando encurralou Briar na cozinha. Começou com *eu só fiquei olhando para a boca dela porque queria dar um soco* seguido de *minhas mãos estavam suadas porque a cozinha é sempre mais quente do que o restante do navio* e *meu coração estava batendo rápido daquele jeito porque eu estava com raiva*.

Com raiva. Definitivamente com raiva. Era a única razão lógica para a história toda.

Ela *realmente* não queria considerar a alternativa.

Fez o melhor que pôde para evitar Briar enquanto os dias passavam em um borrão, o que, felizmente, foi muito fácil, já que Briar se recusava a sair de seu quarto na maior parte dos dias. Quando fazia isso, se escondia no cesto da gávea com Cinnabar de guarda, caso alguém tentasse falar com ela.

Após os primeiros quatro dias, Delilah começou a estabelecer uma rotina. Ela acordava e tomava café da manhã com Kieran, Santiago, Adelaide e Ariel. Kieran levava o café para a irmã, mas, a julgar por sua decepção cada vez que voltava à mesa, ela não tinha muito interesse em falar com ele. Depois, Delilah vestia algo que não fosse uma camisola, trançava o cabelo e começava a trabalhar.

Havia vários livros no escritório, e alguns deles tratavam especificamente de maldições hereditárias. Delilah passou boa parte da semana examinando-os,

marcando as passagens que pareciam relevantes para a maldição dos Pelumbra. Mantinha um diário de anotações, atualizando-o à medida que obtinha mais informações da biblioteca e das respostas de Kieran às perguntas que lhe fazia.

Infelizmente, Kieran era quase inútil. Ele não sabia praticamente nada sobre a maldição, apesar de ter crescido com parentes que pareciam entender muito mais sobre o assunto do que ele.

— É meio estranho — comentou Delilah um dia, quando os dois estavam sentados no escritório, cercados por pilhas de livros e folhas avulsas de pergaminho. Kieran havia se oferecido para ajudá-la na pesquisa naquela manhã, o que se resumia a ficar olhando sonhadoramente pela janela enquanto Delilah o observava por cima do livro. — Por que sua família não te contaria nada?

Kieran deu de ombros, olhando para as nuvens cinzentas carregadas que pairavam lá fora.

— Sei lá. Uma vez perguntei para a minha mãe por que eles não tentavam quebrar a maldição. Ela começou a chorar e disse que procurar ajuda significaria revelar a existência da maldição para pessoas de fora. E seria um grande risco para o sucesso da família. Conseguimos manter nossa fortuna em parte porque temos uma boa relação social com as pessoas certas, e ela disse que, se alguém soubesse da maldição, seríamos excluídos.

Delilah piscou.

— Sua família se preocupa tanto assim com a reputação? A ponto de simplesmente… deixar você morrer?

A expressão de Kieran ficou sombria.

— Minha mãe sempre disse que era uma honra. Como se minha morte fosse o que garantiria que todos os outros Pelumbra continuassem a prosperar. Durante toda a minha infância, as pessoas ao meu redor diziam: *Kieran, você é tão altruísta, tão puro, tão gentil, uma pessoa tão boa*… Esse tipo de coisa. Eu acreditei, por muito tempo, que aceitar a morte era algo nobre.

— Que coisa horrível — sussurrou Delilah.

Ela pensou na relutância da própria mãe em contar a alguém sobre sua maldição, mas isso era para proteger Delilah de julgamentos. Em Celdwyn, as pessoas amaldiçoadas eram vistas como maus presságios. Alguns acreditavam que uma maldição poderia se espalhar como uma praga, enquanto outros

achavam que era prova de uma baixa integridade moral; se você fosse amaldiçoado, diziam, era porque tinha feito algo perverso. Ainda assim, se ela tivesse uma maldição como a de Kieran, sua mãe teria procurado uma solução por todo Celdwyn, independentemente do estigma. Esse pensamento causou uma pontada em seu peito.

— Eu só queria que meus pais tivessem orgulho de mim — disse Kieran. — E achava que ia conseguir isso ficando na propriedade e aceitando minha morte.

— Talvez seja porque eu não sou rica — comentou Delilah —, mas não consigo nem imaginar deixar meu filho morrer para continuar abastada e socialmente poderosa.

Kieran apenas deu de ombros, mas Delilah viu uma sombra passar por sua expressão.

— Você precisa entender: minha família é enorme. Tem pelo menos duzentos de nós vivendo em Celdwyn. E, desses duzentos, quase todos são bruxos. Nós temos aulas particulares de magia e uma ótima educação desde que começamos a andar. As conexões familiares significam que podemos ter qualquer profissão que quisermos sem nem fazer esforço. Os Pelumbra têm a vida inteira entregue de bandeja, com mordomos e empregadas e pessoas que dizem o quanto eles são especiais a cada hora do dia. Tenho primos que dão bailes luxuosos todas as noites da semana e têm assistentes só para servir o champanhe na boca deles.

Delilah o encarou.

— Dinheiro assim torna uma pessoa insensível — disse Kieran, fechando os olhos enquanto expirava. — Eles têm tanto medo de perder seus privilégios que a Briar e eu somos um sacrifício pequeno para eles. E, com uma família tão grande como a nossa, é improvável que a maldição vá se extinguir sozinha.

— Sinto muito, Kieran. — Delilah balançou a cabeça. — Como… como exatamente sua família ficou tão rica?

— Lá no início? Mineração, eu acho. Acho que ainda fazemos isso, mas os Pelumbra existem há tanto tempo que parece que sempre fomos ricos. Por quê? — Kieran não pareceu ofendido, apenas curioso.

Delilah virou suas anotações para mostrar a ele a página em que estava trabalhando, intitulada CAUSA DA MALDIÇÃO.

— Alguém lançou a maldição na sua família. Se soubermos por que e quem, vamos ter uma chance melhor de saber como quebrá-la. Normalmente, as maldições de família são uma forma de vingança: você odeia tanto uma pessoa que não quer só que *ela* sofra, mas toda a família dela. Portanto, faz sentido que um Pelumbra, em algum momento, tenha deixado alguém muito irritado. Dinheiro como o que você está descrevendo tende a ser uma coisa que deixa as pessoas irritadas.

— Huh. — Kieran estendeu a mão para o caderno, e Delilah o entregou para ele. Ele estudou as anotações, olhando de um lado para o outro enquanto lia. Ela tentou não usar o momento para examinar o estado do olho azul dele: já havia se passado uma semana desde o último ataque, e todos estavam começando a ficar nervosos pensando em quando seria o próximo. — "Amante abandonado"? — Kieran leu em voz alta.

Delilah deu de ombros.

— Talvez eu esteja projetando um pouco, mas foi o que aconteceu com a minha família. Minha antepassada irritou um bruxo e agora ninguém pode se apaixonar por nós sem que suas memórias desapareçam. Talvez tenha rolado algo parecido com sua família.

Kieran mordeu o lábio.

— A maioria dos casamentos da elite no norte são arranjados. Não envolvem muitos sentimentos.

— De qualquer forma, é alguma coisa complicada. — Delilah circulou sua anotação. — Sabe, pode ser útil se você conseguir uma árvore genealógica ou algumas certidões de casamento. Ver se alguém chama a atenção. Algum bruxo que pareça poderoso e ciumento.

Começou a chover, a água escorrendo contra as janelas como uma cortina. Delilah ficou olhando para os rios de gotículas que se entrelaçavam no vidro. Bateu com a ponta da caneta no papel.

Então, viu algo estranho: uma sombra contra as nuvens.

— Kieran — disse Delilah, levantando-se. Ela apontou para o vidro. — Está vendo aquilo?

Ele se levantou do sofá, enrolando o cobertor que estava em suas pernas em volta da cabeça e dos ombros como uma capa. Posicionou-se ao lado dela e forçou a vista.

— Parece outro aeronavio.

— Por que está chegando tão perto?

— Eu não… — Kieran se interrompeu.

A pouca cor que ele tinha de repente se esvaiu do rosto. Delilah estreitou os olhos quando viu uma bandeira no topo do navio. Mostrava um pássaro preto, algum tipo de ave de rapina, com duas cabeças.

— O que é isso? — perguntou Delilah.

— O brasão da família Pelumbra — sussurrou Kieran. Ele se virou para ela, com os olhos arregalados e assustados. — Temos que falar com Ariel.

Eles saíram correndo, entrando alguns momentos depois pela porta de Ariel, que já estava no assento de piloto, puxando alavancas e girando botões. De repente, o navio se inclinou, jogando Delilah contra o batente da porta e Kieran no chão.

— Tem um navio tentando se aproximar de nós — grunhiu Ariel entre os dentes, girando o volante para a direita. — E eu não consigo *enxergar* com toda essa chuva!

Delilah se segurou quando o navio fez outra curva acentuada. À frente deles não era possível ver nada além da chuva torrencial, e não havia nenhuma luz para guiá-los.

Ariel ordenou:

— Um de vocês, vá para uma das janelas laterais e me diga se eles estão…

Uma voz no ombro de Delilah disse:

— Eles estão atrás de nós.

No momento seguinte, Briar passou por eles, apesar do grito de protesto de Delilah. Ela estava encharcada, com a camisa masculina mal ajustada grudada em seu corpo como uma segunda pele e a calça preta molhada pela chuva.

Ela afastou as gotas de chuva dos olhos enquanto dizia:

— Se estivermos perto de onde acho que estamos, deve ter um grande lago à frente. Se fizermos tudo certo, podemos aterrissar lá e eles vão passar por cima de nós.

— Você conhece esta área? — perguntou Kieran.

Briar tensionou a mandíbula.

— Você não se lembra de ter visto isso em todas as informações que comprou sobre mim? — Ela fez um gesto para a janela, com os olhos estreitos

e fulminantes. — Estamos nos arredores de Margem Gabriel.

— Se segurem! — gritou Ariel. — Estamos perdendo altitude!

De fato, por um breve segundo, Delilah sentiu o chão sumir. Ela gritou. Seu estômago foi parar na boca quando a ausência de gravidade agarrou suas entranhas. O navio se endireitou bem quando os joelhos de Delilah se transformaram em gelatina. Ela teve de se apoiar na porta para não cair.

Ariel começou a dizer:

— Eles devem estar…

Algo colidiu com o navio. Ela deu um solavanco para o lado e Delilah caiu no chão. O painel de controle apitou e Ariel gritou:

— Merda, eles atingiram um dos balões!

— O que isso significa? — perguntou Kieran, pressionado contra a parede.

— Está prestes a…

Um estrondo alto soou acima deles quando um buraco se abriu no balão. Na mesma hora, a parte traseira do navio se inclinou em um ângulo de cinquenta graus. Objetos soltos caíram para trás em uma enxurrada, e Delilah, Briar e Kieran bateram na parede com tudo. Kieran e Delilah gritaram, segurando-se com toda a força que tinham. O casco soltou um gemido baixo.

Delilah temia que o navio estivesse prestes a se partir ao meio.

Briar se arrastou até o painel de controle e examinou a cena abaixo, ainda encoberta pela chuva.

— Ali — disse ela, apontando para a esquerda — é a margem do lago!

— Como é que você sabe? — questionou Ariel, usando toda a sua força para tentar impedir que uma das asas mergulhasse. — É igual ao cânion, ao rio e à maioria das malditas árvores!

— Confia em mim! — retrucou Briar. — Eu vivi aqui minha vida inteira, sei do que estou falando!

— Ariel! — gritou Kieran. — Eles estão chegando!

— Se você descer agora — disse Briar —, a neblina do lago vai esconder a gente.

— *Se* aterrissarmos no lago! — esbravejou Ariel. — Se eu jogar a gente na floresta, o navio vai ser destruído!

— Eu sei que ele está lá embaixo! — gritou Briar, batendo com o punho nos controles.

— Ariel — disse Kieran —, escuta logo o que ela está falando! Bota a gente no chão.

— Tudo bem — rosnou Ariel por entre os dentes. — Mas se isso destruir meu navio e me matar, a culpa é sua!

Ariel empurrou duas alavancas para a frente com um gemido, e as asas se fecharam contra o casco. O navio estremeceu antes de descer, ganhando velocidade à medida que caía pelas nuvens espessas, o navio dos Pelumbra desaparecendo acima deles.

Todos gritaram.

No último segundo, Ariel estendeu a mão e puxou uma polia no teto. Algo foi acionado na parte de trás no navio, pegando o vento e fazendo com que a embarcação voltasse para o lugar. Kieran e Delilah cambalearam.

Eles tiveram tempo de recuperar um pouco o fôlego antes que o navio atingisse a água.

O navio se inclinou para a frente e para trás. Delilah bateu o cotovelo na parede, e a dor subiu pelo osso como um choque elétrico enquanto a água espirrava contra as janelas. O navio flutuou até parar, sibilando.

Eles ficaram sentados por um momento até que a sombra escura do outro navio Pelumbra passasse lá em cima, fortemente obscurecida pela neblina. Delilah só esperava que fosse o suficiente para escondê-los também. Ela imaginou o navio dando meia-volta e aterrissando ao lado deles, com seus ocupantes invadindo a embarcação e levando Kieran e Briar embora.

Mas… não aconteceu. O navio simplesmente continuou voando, passando por cima das árvores, em meio à tempestade.

— Deu certo? — perguntou Ariel, virando-se com os olhos arregalados e brilhando loucamente. — Deu certo!

— Sim — rosnou Briar, passando a mão em seu cabelo raspado. — De nada.

E, por um breve momento, enquanto o navio balançava na água, Delilah olhou para Briar e sentiu um quentinho no peito.

Mesmo que eles ainda estivessem, de fato, correndo perigo.



CAPÍTULO SETE

Regra n. 17: Tente não se ofender com seu pôster de PROCURADO.

Exceto pelo enorme buraco no balão traseiro e alguns danos estéticos ao casco, o navio continuava basicamente intacto. Ariel o atracou no meio da margem rochosa do lago; ele soltou um rangido enorme ao parar. A chuva passou, e logo o sol brilhava sobre eles como se a tempestade nunca tivesse acontecido.

Todos subiram ao deque para analisar os danos. Ariel soltou um lamento sincero, com o lábio inferior tremendo, ao levantar a ponta do balão estourado. Adelaide, que estivera em seu quarto durante toda a comoção, colocou a mão no ombro delu e deu um tapinha de compaixão.

— Não se preocupa, meu bem — disse Santiago enquanto Ariel passava o polegar pela lona rasgada. Tinha um pouco de farinha no cabelo de Santiago, que estava fazendo uma massa de torta quando o navio começou a cair e passara o tempo todo berrando na cozinha. — Vamos pôr seu navio para voar de novo já, já.

— Meu navio, tecnicamente — murmurou Kieran.

— Ah, sim — disse Briar, cutucando as cutículas —, porque você ajudou muito a salvá-lo, com todos os seus gritinhos valiosíssimos.

Mesmo sem querer, Delilah soltou uma risadinha. Kieran lhe dirigiu um olhar magoado e ela sussurrou um pedido de desculpa, tentando não gargalhar.

— Precisamos comprar um remendo para ele — anunciou Ariel, soltando a lona quebrada do balão de suas mãos e deixando-a cair de volta no deque. Passou a mão pelo cabelo preto curto e franziu a testa. — O que seria bem mais fácil se soubéssemos onde fica a cidade mais próxima.

— É mais ou menos uma hora de caminhada daqui — falou Briar.

— Certo. Margem Gabriel. — Kieran analisou a floresta, levantando a mão para proteger os olhos do sol. As folhas eram verde-primavera, ainda orvalhadas da chuva, e um cheiro de terra molhada subia do solo. — Então… a tia Wrenlin mora aqui.

Briar ficou tensa. Delilah podia jurar ter visto o lábio da garota tremer por um brevíssimo segundo.

— Acha que consegue ir até a cidade pegar um remendo para a gente? — pediu Ariel a Briar.

— Eu vou com ela — ofereceu Kieran antes de ela poder discutir. Ele olhou de soslaio para Delilah. — Quer vir?

Ela hesitou, olhando de relance para Briar, que se recusava a encará-la. Considerando quanto tempo se passara desde o último ataque, Delilah achava bastante provável que ambos fossem atingidos por outro — mas, desta vez, no meio da praça da cidade. Eles ficariam completamente impotentes.

Ainda assim.

Briar.

O incidente da cozinha foi um acaso esquisito, lembrou ela a si mesma. *Nada que vá ser importante no futuro.*

Provavelmente.

Depois de hesitar por mais um momento, tirando esse último pensamento da cabeça, Delilah fez que sim.

— Claro. Desde que a Briar não se importe de ser nossa guia.

Um sorrisinho formou covinhas nas bochechas de Kieran, enquanto Briar ergueu as sobrancelhas. De início, ela não disse nada. Mas, com todo mundo a olhando, finalmente suspirou e falou:

— Tá, beleza. Eu levo a gente até lá.

— Ótimo! — exclamou Ariel. — Adelaide, Santi e eu podemos começar a consertar o casco enquanto vocês vão. — Elu deu uma cotovelada de brincadeira nas costelas de Santiago e provocou: — Finalmente dar uma utilidade a esses seus músculos, fora serem bonitos.

Santiago flexionou o braço.

— Mas você admite que são bonitos.

Adelaide revirou os olhos e acenou com a mão na direção de Delilah, Briar e Kieran, despedindo-se.

Ariel adicionou:

— Divirtam-se, crianças. Vamos começar a trabalhar por aqui.

— Perfeito — concordou Kieran. Ele olhou para Briar e Delilah. — Que ótimo! Podemos nos conhecer melhor e criar laços de quebra de maldição no caminho.

Briar cuspiu a palavra de volta, como se fosse uma doença venérea:

— *Laços*?

— Tá bom. — Delilah suspirou. — Vamos logo.

A viagem até Margem Gabriel não foi complicada, apesar de frustrante. Briar caminhava alguns metros à frente de Delilah e Kieran, falando com eles apenas para lhes dar instruções. Ela invocou Cinnabar para que liderasse o grupo como batedor, ficando de olho nele, em vez de em seus companheiros de viagem. Kieran tentou iniciar uma conversa algumas vezes, mas tanto Delilah quanto Briar se recusaram a participar muito, tirando poucas respostas monossilábicas. No fim, ele desistiu, soltando um suspiro pesado e olhando para as árvores.

Quando chegaram à cidade, Briar dispensou seu espírito protetor e os levou a uma loja que vendia o tipo de remendo de balão que Ariel havia pedido. Ela ficou tensa e se manteve no fundo da loja enquanto Delilah começava uma conversa agradável com o garoto do balcão. Depois de chegar à conclusão que Kieran não era seu namorado, o jovem elogiou as botas de Delilah e disse que seus olhos cinza o lembravam da cor do mar de manhã. Ela deu uma risadinha

e enrolou o cabelo num dedo enquanto Kieran entregava o dinheiro para o remendo e o enfiava na bolsa.

Quando se viraram para ir embora, Delilah deu uma piscadela para o garoto. Embora em geral não fosse de flertar — considerando o quanto as interações românticas carregavam um peso por causa da maldição —, ocasionalmente se permitia um tiquinho de normalidade, se o risco era baixo. Nunca admitiria, mas amava a sensação calorosa de flertar com alguém, capaz de fazer seu coração bater mais forte.

Ela desdenhou de si mesma. *Eu sou a mais "incurável" dos românticos incuráveis.*

Ele soprou um beijo de volta e Briar revirou os olhos.

Logo antes de saírem da loja, Kieran pausou, olhando um mostruário de panfletos perto da porta. Ele apontou e mirou o vendedor por cima do ombro.

— O que é isso?

O menino tirou o olhar de Delilah por tempo suficiente para dizer a Kieran:

— Ah, é… principalmente informações turísticas sobre Gellingham. Pouca gente passa por Margem Gabriel, mas os que passam em geral estão indo para Gellingham. Pode pegar alguns se quiser; a maior parte é mapa e anúncios de passeios mal-assombrados.

Kieran arregalou os olhos.

— *Fascinante*. Quanto é?

O menino levantou a sobrancelha.

— Ah… é de graça. Pode pegar quantos quiser.

Com um brilho nos olhos, Kieran fitou Delilah como se tivesse descoberto uma mina de ouro, articulando com os lábios as palavras "de graça". Pegou um panfleto de cada, enfiando na bolsa com uma alegria pueril. Antes que ele pegasse o mostruário todo, Delilah agarrou sua manga e o puxou consigo.

O sino acima da porta soou e parou enquanto eles saíam da loja. Margem Gabriel era uma cidade pequena, menor que Kitfield, do tipo que só tem algumas centenas de pessoas. Os habitantes em geral ficavam dentro de casa para evitar a neblina e chuva aparentemente constantes, e as únicas pessoas na rua eram todas pálidas e de pele acinzentada.

— Você vinha bastante para o centro quando era criança? — perguntou Kieran a Briar, cujos olhos não paravam de se movimentar atrás deles.

— Não muito — disse ela. — A Wrenlin não gostava de me deixar sair em público.

Antes que Kieran pudesse responder, Delilah ouviu uma comoção na rua. Sem pensar, ela entrou na frente de Kieran e Briar, escondendo-os o melhor que conseguia. Enquanto continuavam com cautela, viram dois homens uniformizados montando um bloqueio. Uma pequena multidão de habitantes do vilarejo estava por perto, discutindo alto com um homem de cabelo louro curto e casaco escuro. No peito, havia um emblema: a ave de rapina com duas cabeças.

Delilah sentiu o mesmo cheiro de magia que sentira em Dothering — o que parecia loção pós-barba cítrica forte.

Seu coração se apertou.

O homem louro olhou na direção deles, e Delilah reconheceu na mesma hora Regen Pelumbra, o detetive. *Deve ter sido o navio dele que tentou atracar ao nosso lado*, percebeu ela, assustada. Ela virou, olhando na outra direção. Pegou Kieran e Briar pelos pulsos e os puxou consigo. Ela foi tomada por uma onda de fúria protetora, e um zumbido invadiu seus ouvidos.

— Por que você… — começou Briar, mas Delilah a silenciou.

— É o cara que te perseguiu lá em Dothering — disse. — O Pelumbra. Ele deve ter convencido a guarda da cidade a montar um bloqueio caso viéssemos para cá.

Kieran olhou rápido por cima do ombro e guinchou um palavrão.

— Ah, não. É nosso tio. — Ele olhou para Briar. — Você não me contou que foi vista pelo *Regen*!

Briar levantou as mãos.

— Eu só conheci a Wrenlin e nosso pai. Como ia saber quem ele era?

— Shh, vocês dois — sibilou Delilah. Embora seu tom fosse todo profissional, por dentro, o temor se aproximava como um pavio aceso a centímetros de pólvora. Ela perguntou a Briar: — Tem outra forma de sair da cidade?

— Podemos desviar deles se pegarmos uma das ruas laterais até a floresta — sussurrou Briar.

Ela tinha ficado pálida, com um verniz ceroso de suor fazendo-a parecer febril. Sua respiração estava rápida, e Delilah percebeu, nervosa, que a garota

também parecia à beira do pânico.

Delilah cerrou a mandíbula. *Acho que vou ter que segurar a onda por nós duas.*

Ela os levou na direção indicada por Briar. Os três viraram numa ruela, Briar ainda parecendo estar prestes a vomitar. As construções não eram próximas, e o terreno era razoavelmente plano — fácil de ver onde acabava a cidade e começavam as árvores. Não tinha ninguém nas ruas, então Delilah acelerou o passo. Não correndo, mas caminhando rápido na direção das árvores.

— Ei! Espera!

Eles paralisaram. Delilah e Kieran se viraram, enquanto Briar permaneceu enraizada onde estava, mal respirando.

O menino da loja de consertos, aquele com quem Delilah tinha flertado, correu atrás deles. Seu rosto estava iluminado por um sorriso que enrugava as laterais dos olhos.

Olhando por cima do ombro, Briar soltou um palavrão.

O rapaz parou diante deles e se dirigiu a Delilah.

— Desculpa… É que eu… percebi que não peguei seu nome antes de você ir embora. Se você for ficar um pouquinho em Margem Gabriel antes de ir para Gellingham, achei que talvez pudesse querer jantar comigo. — Vendo sua expressão, e notando que Kieran e Briar estavam suando como se tivessem corrido quilômetros, ele completou: — Se… não tiver problema?

— Ah, puxa, que fofo da sua parte. — Delilah levantou as mãos. *É isso que eu ganho por ficar piscando que nem uma garotinha. Merda, merda, merda.* — Eu ia amar, mas estou meio com pressa de seguir viagem, na real.

— Bom, com a polícia montando bloqueios, sua melhor chance é pela floresta, mas é bem fácil se perder lá. Além do mais, eles disseram que tem uma bruxa perigosa à solta. Espera aí: eles me deram um panfleto. — Ele pôs a mão no bolso e puxou um papel com uma garota desenhada na frente. — Está vendo?

Infelizmente, o garoto e Delilah chegaram à mesma conclusão ao mesmo tempo. Embora o artista tivesse sido um pouco cruel com a profundidade das cicatrizes faciais e com o nariz torto de Briar, aquela claramente era ela, fazendo uma carranca e olhando bem nos olhos do observador. Uma das imagens era

dela careca, com seu olho azul exposto, enquanto a outra era ela usando uma peruca e o tapa-olho.

Aquele que no momento ela tentava ajustar cuidadosamente para cobrir o olho, em vão.

— Bom — disse Delilah, pressionando as mãos. Ela apontou os dedos para ele. — Que constrangedor.

Antes que o garoto pudesse abrir a boca, Briar torceu as mãos num feitiço que explodiu de sua palma como se fosse uma adaga. Então atingiu o pescoço dele, com choques elétricos dançando em sua pele. Seus olhos rolaram para trás, e ele caiu no chão, convulsionando. Kieran deu um gritinho enquanto Delilah se movia para ajudá-lo.

Com a voz instável, Briar instigou:

— Temos que ir.

— Isso foi necessário? Você podia ter matado ele! — esbravejou Delilah.

Ela pressionou os dedos no pescoço do garoto, determinando que seu pulso continuava normal, apesar de ele estar apagado.

— Ele teria chamado a polícia! — murmurou Briar de volta, com um rubor furioso cobrindo suas bochechas. — E você concordaria comigo se não se distraísse tão fácil com homens!

— Agora não é hora de… — Kieran começou a dizer.

Sarcasticamente, Delilah cantarolou:

— Ah, olha só você, de repente a Senhorita Perfeitinha! Que bom que *nunca* foi distraída por homens bonitos!

— Pela primeira vez, você tem razão! *Nunca fui!*

— Ei! — chamou uma voz da rua. Um policial apontou para eles. — Vocês três! Não se mexam!

— Merda! — praguejou Delilah. — Vai, vai!

O policial gritou, e os três correram pela rua.

Pularam uma cerca baixa atrás da casa de alguém e finalmente chegaram até a floresta. Briar fez um gesto para Delilah e Kieran a seguirem, e eles ziguezaguearam pela vegetação rasteira. Delilah precisou ajudar Kieran a desviar de troncos caídos e raízes no chão, mas Briar parecia seguir pela vegetação rasteira sem dificuldade. O solo empapado estava escorregadio sob seus pés.

— Anda — insistiu Briar. — Anda, anda!

Os três se esconderam embaixo de uma árvore enorme e pressionaram as costas no tronco. Eles esperaram, o peito arfando, tentando recuperar o fôlego silenciosamente. De uma vez, todos os três espiaram pela lateral da árvore. Delilah estreitou os olhos — um policial estava a cerca de três metros, de costas para eles, enquanto alguns outros disparavam a leste.

Kieran começou a dizer:

— Acho que eles perderam a gente…

Briar pôs a mão na boca dele. Enquanto o irmão soltava um ganido de surpresa, ela o puxou de volta para trás da árvore, e Delilah foi junto, prendendo a respiração.

Eles esperaram um momento antes de espiar de novo. O policial que estava de costas naquele momento tinha chegado mais perto, vasculhando a floresta. Após um momento, ele respirou fundo e foi para leste atrás dos outros policiais, o som de seus passos desaparecendo nos arbustos.

Delilah, Briar e Kieran exalaram de uma vez, se apoiando encurvados na árvore.

— Você é um tonto — murmurou Briar, mais sincera do que rude, para o irmão.

— Eu mereci essa — concordou ele.

— Vamos — disse Delilah, apontando na direção do lago onde haviam pousado antes. — Vamos sair daqui antes de eles sacarem.

Eles despistaram os policiais enquanto caminhavam pela floresta. Briar os levou por um caminho diferente e mais longo do que o que haviam pegado para ir até o centro, tentando evitar a polícia. Ela os guiou pelo trajeto como se conhecesse de cor cada árvore e pedra. A certo ponto, eles chegaram a uma clareira e se depararam com uma queda enorme até uma ravina, um rio verde-acinzentado fluindo do leito.

— A margem de Margem Gabriel — explicou Briar, assentindo. — Deve ter uma ponte por perto. Esse rio dá no lago em que pousamos, então, podemos seguir por ele do outro lado e estar de volta em uma hora.

Kieran ajustou a mochila.

— Maravilha! Olha só a gente, fugindo da lei, trocando provocações, nos movendo rápido. — Ele olhou de uma garota para a outra, sorrindo. — Criando laços!

Ambas reviraram os olhos e continuaram andando, deixando para trás um Kieran de cenho franzido, que precisou dar uma corridinha para alcançá-las. Enquanto seguiam, Delilah não parava de olhar por cima do ombro. Cada farfalhar da vegetação trazia imagens de possíveis emboscadas à sua mente. Seus nervos estavam à flor da pele.

Alguns minutos depois, Briar começou a dizer:

— E aqui fica a…

Eles chegaram a uma ponte. Mas ela estava desgastada pelos anos, completamente destruída no meio, pendendo sobre a ravina. As tábuas das pontas também pareciam prestes a se partir. Tinha musgo grudado nas cordas e corroendo as bordas quebradas da madeira.

— Cacete — resmungou Briar.

— Tem outro jeito de atravessar? — perguntou Delilah.

— Não. — Briar apertou os olhos com a palma das mãos. — *Cacete.*

— Vamos pelo outro caminho, então — sugeriu Kieran, apontando para a esquerda. De onde estavam, podiam discernir o ponto em que a ravina ainda não havia se aberto, lhes dando uma chance de margeá-la. — Vai, não parece tão ruim.

— Concordo — falou Delilah.

Kieran e ela deram alguns passos à frente. Briar não se mexeu.

— O que foi? — Delilah perguntou.

Briar ficou quieta. Por fim, depois de um longo momento, falou baixinho:

— A casa da Wrenlin fica lá.

Kieran e Delilah trocaram um olhar. Embora nenhum dos dois soubesse exatamente como era a relação de Briar com a tia, o fato de ela ter fugido parecia evidência suficiente para não voltar. Delilah lembrou a foto das duas paradas lado a lado, Briar uma criança de olhar vazio e Wrenlin séria.

A expressão de Delilah se suavizou. *Algo me diz que não foi uma infância muito feliz.*

Kieran cerrou a mandíbula, soltando um ruído baixo ao esfregar o queixo. Cuidadosamente, perguntou:

— Me diz se parecer uma má ideia, mas… e se a gente conversasse com ela?

Delilah e Briar o encararam, Delilah com as sobrancelhas levantadas e Briar de olhos arregalados.

Kieran continuou:

— Escuta. A Wrenlin sabe da maldição! Talvez ela tenha informações que podemos usar, e já estamos aqui, né? Nós somos três, e ela é uma. Acho que temos uma chance real de conseguir o que queremos.

— Ela sabe quem nós dois somos — respondeu Briar, olhando desconfiada o irmão. — Não vai te contar porcaria nenhuma.

Kieran franziu a testa. Delilah ficou com a impressão de que ele não tinha ouvido muitas vezes na vida a palavra *não*.

— Por que não?

Briar fechou as mãos em punhos.

— Passei dezesseis anos com aquela mulher, e ela se recusou a me contar qualquer coisa sobre a maldição. Chegar do nada agora só vai deixar ela puta e provavelmente me fazer acabar presa lá de novo.

— A Wrenlin é bruxa? — perguntou Delilah.

Briar fez que não com a cabeça.

— Não mais. Ela reprovou no Chamado. Mas isso não quer dizer que não consegue se virar. Pode acreditar em mim.

— Não estou sugerindo que a gente lute com ela. — Delilah afastou o cabelo do rosto, de olho nas árvores à margem da ravina. — Aliás, tive uma ideia: e se *eu* conversar com ela? Ela não faz ideia de quem sou, então, talvez eu consiga colocar alguma sensatez na cabeça dela.

— A Wrenlin não é uma pessoa do tipo *sensata* — grunhiu Briar.

— Você me subestima — disse Delilah, jogando os cachos por cima do ombro. — Vocês dois podem se esconder por perto. Se acontecer alguma coisa, a gente… — Delilah buscou as palavras certas.

— Dá uma surra nela? — sugeriu Kieran.

Briar ficou boquiaberta.

Delilah deu de ombros.

— Bom, eu ia falar correr, mas essa também não é má ideia. Eu entro, vejo o que consigo, e a gente sai bem antes de alguém saber onde estamos. Vamos voltar ao navio em um pulo.

— Esse plano é um surto total — disse Briar, franca. — E, se me fizer cair nas garras de Wrenlin mais uma vez, vou te matar.

— Eu gostei — disse Kieran, sacudindo o punho.

Delilah espanou os ombros. Para Briar, falou:

— Observe e aprenda, vós de pouca fé. Eu sei o que estou fazendo.



CAPÍTULO OITO

Regra n. 22: Às vezes, na verdade, você *não* sabe o que está fazendo.

Depois de tudo que Delilah tinha ouvido falar sobre o dinheiro dos Pelumbra, ficou chocada ao descobrir que Wrenlin Pelumbra morava basicamente num barraco.

Ficava a dez minutos de caminhada da margem da ravina, numa clareira escurecida por árvores densas que subiam bem altas até o céu, a folhagem bloqueando a pouca luz que entrava pelas nuvens. Videiras cresciam para cima e para baixo da casa, que parecia uma caixa de sapatos, e um jardim tomado pelo mato decorava a frente. Flores azuis nasciam pelas videiras, acentuadas por espinhos escarlate que Delilah imaginou serem venenosos, considerando o quanto eram vibrantes.

Briar ficou tensa assim que viu a casa. Inexplicavelmente, Delilah sentiu uma vontade repentina de passar o braço pelos ombros dela e tirá-la dali.

Segura a onda, lembrou a si mesma.

— Vocês dois podem se esconder naqueles arbustos — disse Delilah, apontando para os que ficavam na frente da casa. — Vamos.

Os gêmeos a seguiram, se escondendo na folhagem alta do jardim de Wrenlin enquanto Delilah se aproximava da porta. Ela respirou fundo algumas vezes, tentando deixar o cheiro terroso da floresta a acalmar.

Quando se tranquilizou, endireitou os ombros e bateu à porta.

Alguns momentos depois, Wrenlin Pelumbra abriu.

Era uma mulher magra e alta. Seu rosto parecia o de uma ave de rapina, com olhos fundos e escuros, e um nariz pontudo e reto. Seus lábios eram finos, e seu cabelo ruivo comprido estava trançado e caindo pelas costas, quase na altura do cóccix. Ela usava um vestido sem forma que se arrastava no chão, com a barra rasgada e manchada de lama. Delilah de repente se lembrou da foto dela com Briar — ela parecia ter envelhecido bastante nos anos que se passaram desde então.

— Quem é você? — questionou Wrenlin.

— Meu nome é Charlotte — mentiu Delilah. Ela abaixou os ombros. — Me desculpa… Eu me perdi na floresta. Estou tentando chegar a Margem Gabriel, mas já estou andando faz horas e não consigo descobrir onde estou. Tem alguma chance de a senhora fazer a gentileza de me deixar descansar aqui por uns minutos? Eu sou bruxa, posso fazer qualquer magia de que a senhora precise.

Wrenlin curvou a boca em desdém.

— Fica a dois quilômetros e meio para o sul. É só continuar andando.

Ela tentou bater a porta, mas Delilah segurou. Wrenlin arregalou os olhos.

Delilah logo se afastou e começou a abrir a boca. Wrenlin a interrompeu, esbravejando:

— Eu conheço seu tipo. Bruxas que gostam de desfilar por aí e esperam conseguir tudo o que querem balançando os dedos do jeito certo ou cantando uma musiquinha mágica. Se está tentando me intimidar com magia, posso te garantir que esta casa é construída inteiramente de espinheiro. Você não vai conseguir evocar magia a menos de cinco metros daqui. Agora, o que você *realmente* quer de mim? Ninguém vem para esta floresta por acaso.

Cacete, pensou Delilah. *Não tinha pensado no espinheiro*.

— Tá bom — disse ela, assentindo. *Novo plano*. — Você me pegou. Vou ser completamente sincera, então: estou aqui procurando pela Briar Pelumbra.

Delilah conseguiu ouvir um palavrão sussurrado, vindo dos arbustos onde Briar e Kieran estavam se escondendo.

Wrenlin continuou com o rosto neutro.

— Para quem você trabalha?

— Para o detetive Regen Pelumbra — mentiu Delilah. — Ele me contratou para conferir se ela estava aqui.

— Regen? — Wrenlin estreitou os olhos. — Engraçado. Ele me ligou mais cedo e falou que suspeitava que a Briar talvez estivesse por perto. Também mencionou que talvez estivesse viajando com uma bruxa. Alta, cabelo cacheado e um nariz impressionantemente grande que adora meter onde não é chamada.

— Ei! — rebateu Delilah, tocando o nariz. Ela ficou pálida assim que Wrenlin abriu um sorriso irônico. — Ah… merda.

— Vou avisar para o Regen que você passou aqui — desdenhou Wrenlin, com um sorriso. — Tenha um bom dia.

Porém, antes que ela conseguisse fechar a porta, Delilah entrou em pânico. Sem poder evocar sua magia assim tão perto da construção de espinheiro, fez a única coisa em que conseguiu pensar.

Deu um soco nela.

Ela mirou no nariz, mas Wrenlin desviou. O ataque descontrolado de Delilah acabou atingindo a têmpora de Wrenlin com uma força impressionante, fazendo a cabeça dela dar um solavanco para o lado com um *crack*.

Seus olhos tremularam por um momento antes de ela cair no chão apagada.

— Ai! — choramingou Delilah. Ela baixou os olhos para a mão, percebendo que o *crack* provavelmente tinha vindo de seu polegar, não do crânio de Wrenlin. Tentou dobrá-lo, mas sentiu um choque quente de dor subindo pelo tendão. Ela sacudiu a mão, se balançando nas pontas dos pés e repetindo: — Ai, ai, ai!

Kieran e Briar emergiram dos arbustos. Kieran ficou olhando, boquiaberto, enquanto Briar foi até o lado de Delilah e cochichou:

— Você acabou de *apagar ela*?

— Foi sem querer — disse Delilah entre os dentes. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Caramba, acho que quebrei o polegar.

— Você não deve colocá-lo dentro do punho na hora de dar um soco, sua tonta — grunhiu Briar. Ela estendeu o braço e pegou a mão de Delilah, que continuava a choramingar. Briar a examinou e fez uma careta. — É, está quebrado. Mas foi ótimo golpe.

— Servindo bem para servir sempre. — Delilah fungou, com as lágrimas se libertando e escorrendo pelas bochechas.

— Ei, pessoal? — Kieran se agachou ao lado do corpo inconsciente de Wrenlin. — Podem me ajudar aqui?

— Te ajudar a fazer o quê? — perguntou Briar.

— Bom, amarrar ela — disse Kieran como se fosse óbvio. As garotas arregalaram os olhos e ele completou: — Que foi? As coisas já chegaram a esse ponto. Pelo menos podemos conseguir umas respostas.

Wrenlin acordou amarrada a uma cadeira, com Delilah e os gêmeos agigantando-se em cima dela.

— Briar — rosnou ela, olhando a sobrinha enquanto piscava até recobrar a consciência. Algumas mechas de cabelo ruivo caíam nos olhos, mas não ajudavam a disfarçar a raiva que ardia em sua expressão. — Eu devia ter imaginado que você estava envolvida.

Então Wrenlin avistou Kieran e arregalou os olhos.

— Espera aí… Você… Seu olho… *Kieran*?

— Em carne e osso — confirmou ele.

Os olhos de Wrenlin foram de um gêmeo para o outro.

— Como diabos vocês se encontraram?

— Pura sorte e dinheiro, basicamente. — Kieran pigarreou. — É, ah, prazer, tia Wrenlin. Talvez eu não tivesse escolhido essas circunstâncias, mas fazer o quê?

— E quais são essas circunstâncias? — quis saber Wrenlin. Ela soprou ar para tentar tirar o cabelo comprido e sem vida dos olhos. — Finalmente veio

me matar, Briar? Chamou seu irmão e essa bruxa corpulenta de meia-tigela para fazer o trabalho? Não que você precise deles para isso.

— *Corpulenta*? — repetiu Delilah, sem conseguir esconder o novo hematoma em seu ego. De repente, a atitude de Briar fazia bem mais sentido. — Você é uma peça mesmo, sabia?

— Estamos tentando achar um jeito de quebrar nossa maldição — interrompeu Kieran. — E sabemos que você tem mais informação sobre isso do que nós.

Delilah estralou os nós dos dedos da mão boa.

— Certo… O que o Kieran disse. Conta pra gente tudo que você sabe da maldição.

— Senão você vai fazer o quê? — perguntou Wrenlin. — Quebrar o outro polegar me socando?

Delilah franziu a testa, segurando a mão direita latejante.

— Tá, isso foi desnecessário.

Briar foi até a bancada. A cozinha era minúscula e integrada a uma pequena área de estar. Ela puxou um cutelo de um bloco de facas perto da pia. Com o rosto impassível, parou atrás de Wrenlin e descansou o utensílio no ombro dela.

Delilah imaginou que Wrenlin fosse pagar para ver, mas, dessa vez, ficou tensa.

— Não queremos ter que pedir de novo — disse Briar. — Desembucha.

Wrenlin se enrijeceu. Delilah viu a veia de seu pescoço saltar, os olhos da mulher mais velha indo para o cutelo enquanto o resto do corpo continuava imóvel. Ela soltou o ar pelo nariz, a boca curvada numa carranca.

— Tá bom. — Wrenlin apertou os dentes. — Não faço ideia de quem jogou a maldição nem por quê. Não sei onde fica a versão escrita também.

Briar encostou a lâmina muito suavemente no pescoço de Wrenlin.

— Certeza?

Wrenlin respirou fundo, cada músculo ficando teso ao mesmo tempo. Gotículas de suor surgiram em sua testa, e a cor sumiu do rosto. Ela segurou a respiração enquanto se inclinava para longe do toque do cutelo.

Briar a acompanhou, recusando-se a ceder mesmo que um centímetro.

— Briar… — Kieran começou a dizer.

Delilah o interrompeu com um olhar. Dava pra ver que Briar estava blefando.

Só podia estar, né?

— Sim — disse Wrenlin.

A mulher havia ficado pálida, os dedos escorregadios tentando agarrar os braços da cadeira em que seus pulsos estavam presos.

Nenhuma emoção perpassou o rosto de Briar.

— Eu juro — continuou Wrenlin. Suas mãos haviam começado a tremer. — Não sei. Nunca tive acesso a essa informação. — Virando a cabeça só o suficiente para olhar Briar, ela completou: — Quanto eles já sabem?

A mão de Briar apertou a faca com mais força.

— Que eu estou sugando a magia do Kieran e matando ele. O que é tudo que eu sei, também.

— É… *só isso* que vocês sabem?

Briar pressionou o cutelo no pescoço da tia, e uma gota de sangue escorreu pela curva pálida de seu pescoço. Mais uma se seguiu, uma gotícula vermelha descendo do corte até a clavícula de Wrenlin antes de pingar no colarinho do vestido, manchando-o.

Delilah percebeu, ficando gelada: *não é só um blefe.*

Wrenlin soltou um palavrão.

— Tá, tá! Eu te conto se você tirar essa porcaria dessa faca de perto de mim.

O lábio de Briar se contraiu brevemente, e ela afastou a faca um centímetro.

Wrenlin se virou para encarar Delilah diretamente. Tinha olhos escuros, delirantes, como se houvesse fios de alta tensão atrás deles.

— Meus irmãos mais novos carregaram a maldição antes da Briar e do Kieran — explicou ela, com a mandíbula cerrada. — Eu assisti enquanto ela os matava. Tentei de tudo para descobrir como quebrá-la. Busquei em toda a propriedade Pelumbra, ameacei o chefe da família, vasculhei a biblioteca inteira. Nunca achei porcaria nenhuma. O mais perto que cheguei foi isto: o gêmeo que suga a magia é o portador da maldição, então, tem que ser o que quebra. E a maldição é atípica, de certa forma. Maldições-padrão sempre são negativas, mas tem algo na dos Pelumbra que beneficia a família. É por isso que eles têm deixado gêmeos morrerem há tantas gerações: estão ganhando algo com isso. Não é só porque têm medo do tabu.

— Como uma maldição pode ser benéfica? — perguntou Delilah, franzindo o cenho. — Ninguém escreve uma maldição porque quer *ajudar* outra pessoa.

— É só isso que eu sei — falou Wrenlin, olhando feio na direção de Briar. — Agora, sai de perto de mim, sua monstrinha.

Algo se acendeu nos olhos de Briar. Seus dedos se flexionaram no cabo da faca.

— *Não* tenta mandar em mim.

Kieran se moveu rápido. Agarrou o pulso de Briar antes que ela pudesse pressionar a lâmina mais fundo no pescoço de Wrenlin. O metal reluziu à luz antes de o cutelo cair do punho de Briar e bater no chão.

A respiração de Delilah ficou presa na garganta com um som curto e estrangulado.

Briar piscou como se tivesse passado um momento inconsciente. Então olhou para a mão, onde uma gota do sangue de Wrenlin tinha escorregado da lâmina pelo cabo e caído. Briar ficou pálida e, por um segundo, Delilah podia jurar ter visto os olhos da garota brilharem com lágrimas.

Briar se afastou de seu gêmeo e limpou a mancha de sangue na calça, desviando o olhar para o chão.

— Melhor a gente ir — disse Kieran, delicadamente.

Delilah assentiu, sentindo-se mais que um pouco enjoada.

— Concordo. — Ela olhou de novo para Wrenlin, estreitando os olhos. — Se a maldição matou seus irmãos, por que você se ofereceria para criar uma criança que também é amaldiçoada? Sabendo que a mesma coisa aconteceria?

— Eu podia ter impedido desta vez — sussurrou Wrenlin, olhando para Briar. — Foi *ela* que recusou. Ela pode até parecer inofensiva, mas uma parte dela gosta dessa maldição. Não é?

— Cala a *boca* — rosnou Briar.

De repente, vozes suaves entraram pela janela aberta. Delilah e os gêmeos ficaram tensos e, quando a brisa mudou, Delilah sentiu o cheiro familiar de loção pós-barba cítrica — Regen.

— Briar, tem uma porta dos fundos? — quis saber Delilah. — Temos que sair daqui.

Briar fez que sim, e deu um último olhar a Wrenlin antes de dizer a Kieran e Delilah:

— Venham comigo, eu tiro a gente daqui.

Enquanto os dois corriam para segui-la, Wrenlin berrou:

— Ela está mentindo para vocês!

Delilah hesitou por um instante, olhando por cima do ombro. O cabelo de Wrenlin estava espetado em ângulos esquisitos, emoldurado seu rosto feroz enquanto ela cuspia as palavras entre os dentes:

— Não acreditem em nada que ela diz. Lá no fundo, naquele coraçãozinho murcho, ela gosta do que é.

— *Do que* ela é? — repetiu Delilah.

Kieran pegou o pulso dela e a puxou antes que Wrenlin conseguisse dizer qualquer outra coisa.

Eles empurraram a porta dos fundos e os três fugiram para as árvores.



CAPÍTULO NOVE

Regra n. 6: Jogos de bebida são uma tradição de longa data entre covens de donas de cervejarias. Há quem diga que a princípio eram usados para seduzir as vítimas a se apaixonarem pelas bruxas e fazerem o que elas queriam. Considere esse boato um alerta.

Quando Delilah, Briar e Kieran se esgueiraram para longe do chalé, a última coisa que ouviram foi Wrenlin gritando por Regen, exigindo que ele a desamarrasse. Isso lhes deu tempo suficiente para escapar antes que Regen ou os outros policiais seguissem seu rastro. Depois de mais ou menos uma hora se escondendo por entre as árvores e mantendo o máximo de silêncio possível, os três conseguiram voltar para o lago.

Ao chegarem, porém, hesitaram. À primeira vista, o lago parecia completamente deserto. Kieran começou a dizer algo sobre Ariel ter talvez movido o navio, mas Delilah o interrompeu. Ela sentiu o leve aroma de magia esfumaçada no ar. Seguindo-o, chamou os gêmeos para se juntarem a ela na beira do lago. À medida que se aproximavam, um leve brilho iridescente

tornou-se visível no ar. *Alguém deve ter criado um encantamento*, Delilah se deu conta: um véu mágico escondia o navio. Sua suspeita foi confirmada quando ela tocou o contorno do brilho, passou por ele e encontrou o navio exatamente onde o haviam deixado.

Adelaide estava do outro lado, com os olhos reluzindo vermelho-alaranjados como duas brasas. Estava com pedaços de corda não entrelaçada entre os dedos, a parte trançada caída no chão. Delilah ficou atônita e em silêncio ao ver as mãos da mulher — nunca tinha visto alguém tecer tão rápido. O encantamento se erguia da corda como fumaça, criando o véu ilusório.

— Caramba! — Briar respirou ao passar pelo véu. Seus olhos seguiram o comprimento da corda, Adelaide a havia colocado em um grande círculo ao redor do navio. — Que impressionante.

— Que bom, vocês voltaram! — gritou uma voz do convés superior. O trio viu Ariel na ponta do navio. — Subam aqui e tragam o remendo!

Durante a hora seguinte, mais ou menos, o trio se empenhou em ajudar Ariel e Santiago a aplicar o remendo no balão. Mais rápido do que Delilah imaginara ser possível, Ariel colocou o navio em funcionamento, puxou uma alavanca para inflar o balão remendado e os colocou no ar em direção a Gellingham.

Só depois de algumas horas no ar é que todos se sentiram à vontade para andar pelo navio como de costume. Era como se estivessem preparados para outro pouso forçado ou para um ataque dos Pelumbra a qualquer momento.

Naquela noite, Delilah foi até a cozinha e encheu uma trouxinha de morim com gelo. Ela estremeceu ao pressioná-la contra o polegar que latejava. Briar tinha razão: sem dúvidas estava quebrado. Não era a primeira vez que Delilah sentia falta de viver com uma médica que sabia o que fazer com esse tipo de coisa.

Estava tão perdida em pensamentos que quase esbarrou em Briar quando chegou ao topo da escada para o convés principal. Briar lhe lançou um olhar venenoso, e Delilah revirou os olhos.

— Desculpa — resmungou Delilah, desviando-se para abrir espaço para a outra garota.

Briar parou, o olhar descendo para a mão de Delilah. Ela inalou um suspiro sibilante por entre os dentes.

— Você quebrou mesmo o polegar ao dar um soco em Wrenlin, não foi?

Delilah franziu a testa, enrugando o nariz.

— De nada.

Briar crispou os lábios como se estivesse pensando em dizer algo mais, mas não disse. Ela se moveu para passar por Delilah, porém, no último momento, Delilah pegou seu braço com a mão boa. Briar olhou para ela como se Delilah tivesse lhe dado um tapa.

— Escuta, é… — Delilah fechou os olhos e fez uma careta. — Não sei como cuidar desse tipo de coisa e queria saber se… você sabe.

Briar piscou os olhos. Com a cara séria, ela perguntou:

— Por que eu saberia?

Delilah cerrou os dentes e tentou não revirar os olhos.

— Porque você, claramente, sabe reconhecer um polegar quebrado. Eu sei que você passou seis meses ou mais fugindo e não parece avessa a lutar…

Um sorriso rompeu a expressão vazia de Briar enquanto ela tentava não rir, para surpresa de Delilah.

— Estou te zoando, boba. Se está perguntando se eu sei fazer uma tala, a resposta é sim. — Ela apontou para as cadeiras do convés. — Senta ali que eu vou pegar algumas coisas no meu quarto.

— Você está se oferecendo para me ajudar? — Delilah desdenhou.

— Você não acabou de pedir ajuda?

— Eu não pedi… — Os dedos de Delilah se fecharam para formar um punho e a dor imediatamente atingiu seu polegar inchado e latejante. — Ai, droga. Sim, tá bom, a ajuda seria muito bem-vinda.

Enquanto Briar procurava o que precisava, Delilah foi se sentar em uma das mesas na extremidade do convés. Com cuidado, retirou o gelo do polegar e o examinou à luz do pôr do sol. Ainda não estava roxo, mas com certeza estava muito mais inchado do que ela gostaria. Ela suspirou, recolocando o gelo e olhando para a borda do navio, para as nuvens cor-de-rosa e laranja que pairavam no céu escuro.

A viagem à casa de Wrenlin pelo menos lhes dera outra pista. Delilah nunca tinha ouvido falar de uma maldição que em contrapartida tivesse um benefício. Uma maldição tão incomum teria que ter sido estudada ou escrita *em algum lugar*, como, talvez, a Biblioteca de Maldições.

A biblioteca na qual você ainda não descobriu como entrar, uma voz na cabeça de Delilah a lembrou. *Não dá para ficar improvisando para sempre*.

Naquele momento, Briar voltou com uma espátula vincadora, um pano e fita adesiva. Delilah abandonou as reflexões quando Briar disse:

— Ok, deixa eu ver.

— Não acredito que você concordou com isso — murmurou Delilah enquanto removia o gelo.

— Sou cheia de surpresas.

Com cuidado, Briar pegou o pulso de Delilah e o virou para dar uma olhada melhor no polegar. Instantaneamente, o coração de Delilah a traiu, acelerando tanto que ela o sentiu latejar ainda mais forte em sua mão machucada. Por um momento, se preocupou que Briar pudesse senti-lo correr sob seus dedos. Felizmente, se sentiu, não reagiu.

Ela está te ajudando, lembrou Delilah a si mesma. *Não tem motivo para ficar brava com ela.*

Dominada por uma onda de insegurança, ela disse:

— Isso não quer dizer que eu gosto de você ou algo do tipo.

— E logo vai gostar menos ainda. — Briar colocou a espátula contra o polegar de Delilah enquanto se preparava para transformá-la, junto com o pano, em uma tala improvisada. — Porque isto vai doer.

Com mais força do que o necessário, Briar apertou o pano ao redor do polegar de Delilah, que xingou alto enquanto Briar tentava segurar o riso.

— Você é uma bebezona. — Briar riu. Ela abriu a boca para dizer outra coisa, mas aí seus olhos se voltaram para os ombros de Delilah. — Ah. Oi.

Delilah olhou para cima e viu Adelaide observando-as de olhos arregalados. Estava usando um vestido azul longo, com os cabelos claros presos em duas tranças que pendiam da clavícula. Fez uma pausa antes de se aproximar, puxando uma terceira cadeira para a mesa em que as duas estavam sentadas.

— Quebrei o polegar — explicou Delilah, de repente se sentindo estranhamente exposta ali, com Briar ainda segurando seu pulso. — A Briar está fazendo uma tala.

Adelaide sorriu para Briar. As sobrancelhas de Delilah se ergueram — a expressão de Adelaide era quase como… orgulho ou algo do tipo. Briar desviou o olhar e se mexeu tensa em seu assento, claramente não gostando da atenção.

— É só uma tala — murmurou ela, sem encarar Adelaide. — Não me olha como se eu estivesse curando uma doença terminal.

Adelaide soltou uma risada sem som — Delilah nunca a tinha visto tão relaxada. Depois de um momento, Adelaide tirou um carretel de linha do bolso do vestido e fez um gesto para Delilah deixá-la examinar seu polegar.

Delilah e Briar trocaram um olhar. Briar parou de enrolar o tecido e Delilah estendeu o polegar para Adelaide.

A mulher pálida estendeu a mão e desenrolou a tala, substituindo-a por algumas voltas de linha. Depois de um momento, seus olhos começaram a reluzir em um vermelho-alaranjado ardente e brilhante.

Seus dedos subitamente entraram em ação, tecendo o fio em um padrão complicado ao redor do polegar de Delilah. Os olhos das meninas se arregalaram quando o inchaço começou a diminuir em cada área tocada pelo fio. Um calor agradável subiu pelo braço de Delilah, tingindo sua pele de rosa.

O fogo nos olhos de Adelaide se apagou, substituído pelo castanho-escuro de sempre. Delilah examinou seu polegar. Experimentou mexê-lo e descobriu que estava completamente curado.

— Uau — admirou-se Briar. — Nunca conheci ninguém que conseguisse usar magia de cura antes. É muito raro.

É claro que Adelaide não pôde responder, mas deu um pequeno sorriso. Ela se levantou, dando um tapinha gentil na mão curada de Delilah antes de guardar seu fio.

Lançou às duas garotas outro olhar agradável antes de voltar para o convés em direção à escada, deixando-as em silêncio.

Na noite seguinte, bem quando Delilah pensou que poderia relaxar, Kieran e Briar tiveram outro ataque.

Dessa vez, porém, ela manteve a cabeça fria. Enquanto Briar foi para sua cabine, Santiago e Delilah cuidaram de Kieran. Delilah o ajudou a carregá-lo até o sofá, onde teve que correr para tirar do caminho os panfletos e mapas que ele havia pegado em Margem Gabriel antes que Santiago o colocasse no

estofado. Depois disso, não havia muito mais o que fazer a não ser esperar até que ele acordasse.

— Pelo menos — disse Delilah a Santiago enquanto se sentava em uma poltrona ao lado de Kieran —, eu me sinto menos desamparada desta vez.

Santiago reprimiu uma risadinha.

— Pelo jeito você gosta muito dele. É bom ver isso.

— Bom, claro. Ele é meu amigo. — Ela ergueu a sobrancelha para Santiago. — Por que está me olhando assim? Não é como se você não gostasse dele.

Santiago dispensou a ideia com um movimento da mão.

— Como um irmão mais novo, sim. Eu conheço o Kieran desde que ele era criança. Mas você… talvez seja a primeira amiga de verdade dele, Delilah. Ele precisa disso.

Delilah desviou o olhar de Kieran, virando-se para Santiago.

— Se não se importa, como exatamente veio trabalhar para os Pelumbra?

— Bom, eu sou de Esperona, caso não tenha adivinhado pelo sotaque — disse ele com uma piscadela. — Mas queria um recomeço, então vim para Celdwyn. Simples assim.

— Claro, mas você já me contou isso. — Delilah riu, revirando os olhos. — Eu quero saber por que você foi embora de Esperona em primeiro lugar. Quer dizer, sério, os Pelumbra vivem no norte de Celdwyn, onde não tem nada além de neve no inverno e chuva no verão inteiro. Por que sacrificar de bom grado a comida boa, o clima e as praias por isso?

— E o vinho — disse Santiago com pesar. — Não esquece nosso incrível vinho.

Delilah assentiu enfaticamente com a cabeça para deixar seu argumento claro. Esperona fazia fronteira com Celdwyn e, além da sua culinária e das suas músicas fantásticas, tinha uma população de bruxos ainda maior do que o país vizinho. Enquanto um em cada cem celdwynianos podia ser bruxo, Esperona tinha três vezes mais. Eles usavam um sistema de Chamado semelhante, mas os bruxos tinham um tempo mais curto para concluir sua tarefa — apenas um mês, enquanto o de Celdwyn durava meio ano. Delilah sempre quis visitar o local, mas ela e a mãe nunca tiveram tempo nem dinheiro para isso.

Santiago soltou um resmungo.

— Você está presumindo que eu tenho uma história trágica para contar, né?

Delilah deu de ombros.

— Só estou curiosa.

Santiago deu uma risadinha.

— Bom, eu tive uma infância muito tranquila. Minha mãe é bruxa, assim como todas as minhas irmãs. Meus pais têm um restaurante, e eu e minhas irmãs trabalhávamos lá. Como sou o mais novo, vi minhas irmãs completarem seus Chamados uma após a outra e depois voltarem para casa e acabarem fazendo os mesmos serviços de antes. Parecia profundamente entediante.

— Talvez — disse Delilah. O rosto de sua mãe surgiu em sua mente e seu peito apertou. — Mas tem algo de bom em estar em casa.

Ele balançou a cabeça.

— Nunca entendi o apelo de ficar em sua cidade natal. Quando recebi meu Chamado, pedi algo grande e empolgante, algo na cidade. Fui parar em Desanero, a capital, e minha tarefa era atuar como um ilusionista que criava encantos para uma família rica. Especificamente, eles precisavam que eu usasse minha magia para disfarçar a filha deles quando ela saísse pela cidade, para garantir que não fosse reconhecida pelas pessoas nem manchasse a reputação deles. Eu só precisava manter o disfarce por um mês até que ela se casasse e seria aprovado. Fácil.

— Por que eles tinham tanto medo de que ela fosse arruinar a reputação deles? — perguntou Delilah, espantada.

Santiago deu de ombros.

— A Adella tinha o hábito de ir para a cama com estranhos. Com frequência. Nada de mais. O problema era que ela estava noiva. Um casamento arranjado, é claro. Se alguém descobrisse que ela estava traindo o noivo na maioria das noites, muitas vezes com outras mulheres, o casamento seria cancelado e o escândalo seria um grande golpe para a família. Esperona ainda não está no mesmo pé que Celdwyn no que diz respeito à atração entre pessoas do mesmo gênero. Isso ainda é malvisto lá, como costumava ser aqui. Então, eu a acompanhava, usava magia para fazê-la parecer outra pessoa e tudo ficava bem.

Delilah levantou a sobrancelha, pensando principalmente no que ele havia dito sobre atração pelo mesmo gênero. Em Celdwyn, ninguém ficava chocado em relação a isso — Delilah sabia que, algumas gerações atrás, na época de sua

bisavó, não era assim, mas não conseguia imaginar que fosse um problema hoje. Ficava feliz por não ter que lidar com isso.

Santiago suspirou.

— E agora você está se perguntando: *mas então como você foi reprovado no Chamado?*, já que Ariel teve a gentileza de te contar que as coisas não deram certo para mim. Bom, no fim das contas, eu me apaixonei por Adella. Confessei meus sentimentos, e ela admitiu que sentia o mesmo. Eu a pedi em casamento, e ela desfez seu antigo arranjo. Como consequência, fui reprovado em meu Chamado, mas achei que ter minha magia selada não importava se eu pudesse passar o resto da minha vida com uma pessoa que amava.

Delilah ergueu as sobrancelhas. Nunca havia considerado abrir mão de sua magia por outra pessoa. Seria como perder uma parte de si mesma, amputar um membro intangível. Teria de ser um amor realmente espetacular para fazer essa escolha.

— O que aconteceu?

Santiago crispou os lábios, então passou a mão pelos cabelos e suspirou.

— Não gosto muito de falar sobre isso, mas… a Adella faleceu em um acidente. Eu fiquei viúvo aos dezenove anos e não tinha mais minha magia para me apoiar. Parei de me sentir em casa em Esperona. Então decidi vir para Celdwyn e começar do zero.

— Sinto muito — disse Delilah, sem saber o que mais poderia dizer. Ela não conseguia nem imaginar.

Santiago balançou a cabeça.

— Não precisa. É claro que sinto saudade dela, mas já faz seis anos. Gosto de pensar que estaria orgulhosa do meu progresso.

— Acho que estaria, sim — falou Delilah, gentilmente. — Desculpe a intromissão, mas como você acabou trabalhando para os Pelumbra depois de tudo isso?

Santiago revirou os olhos.

— O pai do Kieran me conheceu em Esperona. Depois que Adella morreu, voltei para casa para trabalhar no restaurante da minha família. Ele deve ter percebido que eu não estava feliz, porque, assim que o servi, me ofereceu um trabalho em Celdwyn. Eu estava tão empolgado para sair de Esperona que não

me atentei às letras miúdas. Ele me prendeu a um contrato que dizia que, se eu deixasse o emprego, perderia meu visto celdwyniano.

Delilah recuou em choque.

— Ele fez *o quê*? Santi, deve ter algo que você possa fazer para reverter isso. Isso não pode ser legal.

Santiago soltou uma risada amarga.

— *Tudo* é legal no que diz respeito aos Pelumbra. Com essa quantidade de dinheiro e influência contra mim, eu nunca venceria. Minha única opção era continuar trabalhando para eles ou voltar para casa. Então, quando o Kieran me pediu para fugir, para quebrar a maldição e irritar o pai dele, não pude recusar.

— Seria tão ruim assim voltar? — perguntou Delilah. — Para Esperona?

Santiago cerrou a mandíbula por um momento.

— Meus pais me aceitariam de volta, mas não sou muito útil no restaurante sem magia. Fiz inimigos entre os nobres da capital por causa da Adella. E tudo lá me lembra do que perdi. — Ele deu de ombros. — Celdwyn não é perfeito, mas prefiro estar aqui com as pessoas de quem eu gosto.

— Ariel? — Delilah supôs.

Santiago assentiu, soltando uma gargalhada.

— Aquele demoniozinho detestável. Sabe, quando a gente se conheceu, eu não suportava Ariel. Sempre gritando, sempre zoando a minha cara. Mas agora… não sei o que seria de mim sem elu. Nós somos melhores amigos.

— Amigos? — repetiu Delilah, piscando.

— Por que essa cara? — Santiago pressionou.

— É que… — Delilah franziu a testa, balançando a cabeça. — Eu achei que vocês fossem um casal.

— Ah, não, não, não. — Santiago virou o rosto para o outro lado, o rubor tomando conta de seu rosto. Ele esfregou a nuca, tentando aliviar o clima com uma risadinha. — De jeito nenhum. De onde você tirou isso? Ariel é…

— Você tem uma queda por elu, né?

— Eu — disse Santiago, levantando o dedo — não tenho nem nunca tive uma *queda*, ora bolas. — Ele passou os dedos pelo cabelo, alisando para trás o topo de seu cabelo raspado nas laterais. — Com licença. Tenho certeza de que o Kieran não precisa que nós dois estejamos presentes quando acordar.

— Não fuja dos seus sentimentos, Santi!

— Outra coisa que eu nunca vou ter é o desejo de *fugir* — corrigiu Santiago ao cruzar a porta.

— Vocês são perfeitos um para o outro! — falou Delilah.

Ele apenas bufou em resposta.

Delilah sorriu quando o som dos passos de Santiago desapareceu. Olhou para Kieran, ainda inconsciente. Seu peito subia e descia suavemente, mas a pele parecia ainda mais pálida do que o normal. De vez em quando, fazia uma expressão de dor, com os lábios franzidos e a testa enrugada, mas ela desaparecia com a mesma rapidez.

Ele não merece isso, pensou Delilah. Seus pensamentos se voltaram para Briar lá em cima. Será que ela estava sentindo tanta dor quanto ele? Ou será que era como Wrenlin havia dito?

Parte dela gosta do que é.

Delilah suspirou. Briar podia ser um pé no saco, mas Delilah não acreditava em nada do que a tia canalha dela dizia. Briar não era um monstro. Um pouco difícil, com certeza, mas… ela tinha algumas qualidades.

Não que Delilah um dia fosse dizer isso a ela, claro.

Enquanto refletia sobre sua situação, Delilah pegou um dos panfletos, desdobrando-o apenas para não ficar com as mãos desocupadas. Era um mapa de Gellingham com uma lista de eventos públicos. Estava um pouco desatualizado, pois a maioria dos eventos já havia passado, mas, ao examinar com calma, reparou em um local específico.

BIBLIOTECA DE GELLINGHAM, dizia. FESTIVAL DO ADVENTO DE VERÃO.

A Biblioteca de Gellingham — esse é o nome oficial da Biblioteca das Maldições, Delilah percebeu com um sobressalto.

Ela já tinha ouvido falar do Festival do Advento de Verão, mas apenas no contexto de Kitfield. Lá, era uma celebração da mudança das estações na praça da cidade. Ela não fazia ideia de como se comemorava o feriado em Gellingham. Deixou de lado o panfleto do mapa e começou a folhear os outros, procurando por algum que mencionasse o festival, mas não teve sorte.

Até que chegou a um folheto mais grosso, com uma capa impressa em xilogravura mostrando a linha do horizonte de Gellingham, junto com o nome

da cidade e o ano em letra cursiva. Ela o abriu e encontrou uma lista dos melhores eventos de Gellingham para turistas ao longo do ano. Examinou o índice e encontrou o Festival do Advento de Verão, depois foi até a página certa.

Uma comemoração do primeiro dia do verão, o Festival do Advento de Verão traz uma série de eventos em toda a cidade, começava a sinopse. Delilah pulou as linhas, os olhos percorrendo desesperadamente a página. *Quase todos são gratuitos e abertos ao público.*

Enquanto ela examinava, algo chamou sua atenção. Ela soltou um grito sufocado.

Levantou-se do sofá e imediatamente começou a correr em direção à sala de controle. Gritou o nome de Ariel enquanto seu coração acelerava.

Era um tiro no escuro, mas isso não ia impedir Delilah de tentar.



— Você espera que eu consiga nos levar a Gellingham em *dois dias*? — repetiu Ariel, com horror. — Mesmo indo na velocidade atual, que é mais rápida do que eu gosto, estamos no mínimo a quatro dias…

— Por favor — implorou Delilah, juntando as mãos. — Pode ser a nossa única chance. O Festival do Advento de Verão é o único momento em que a Biblioteca das Maldições está aberta ao público. Sei que é pedir muito, mas se for possível…

Embora tenha sido necessário um pouco mais de persuasão por parte de Delilah, Ariel finalmente concordou. Com todos os sistemas atingindo seus limites, o navio avançou em direção à capital de Celdwyn em um ritmo alucinante. O interior esquentou a um nível desconfortável e o motor não parava de fazer barulho — mas, Delilah pensou, se isso pudesse levá-los à biblioteca a tempo, valeria a pena.

No dia seguinte, enquanto Delilah estava no convés tentando deixar o vento secar o suor de sua testa, Kieran cutucou seu ombro.

— Está se refrescando? — perguntou ele.

O garoto continuava tão pálido quanto ficara após o último ataque, mas o calor lhe conferia alguma cor.

Delilah assentiu.

— Estou tentando. Talvez possamos jantar ao ar livre para não ficarmos sufocados.

— Na verdade, eu ia te perguntar sobre isso. — Ele sorriu. — Pensei que, já que estamos tão perto de Gellingham e temos uma boa pista, talvez pudéssemos comemorar aqui no deque esta noite. Podemos tomar uns drinques e pegar a vitrola para ouvir música. Se Ariel não se importar de colocar o navio no piloto automático por uma hora, talvez todos possam vir.

— Ah, que ótima ideia! Posso usar uma roupa chique? — perguntou Delilah, e balançou a saia. — Algo em que eu possa rodopiar?

— Seria uma pena se não usasse — disse Kieran. — Já conversei com Santi e acho que consigo convencer a Briar. Eu realmente comecei a fazer algum progresso com ela.

Delilah sorriu. Desde a viagem deles a Margem Gabriel, começara a se sentir muito melhor sobre toda a situação no navio, especificamente com Briar. Mesmo que elas não tivessem compartilhado exatamente seus segredos mais íntimos, Delilah sentia que compreendia um pouco mais a jovem. Ela não era irritante de propósito, por exemplo — só havia sido criada dessa forma.

E Delilah se esforçou ao máximo para não pensar no motivo pelo qual a ideia de passar uma noite com Briar de repente a fez corrigir a postura e seu coração bater um pouco mais rápido.

— Acho que eu também — admitiu Delilah. — Ela é… ok. Em pequenas doses. Vai ser divertido passar um tempinho com ela.

— Exatamente — disse Kieran. Seus olhos diferentes estavam brilhantes; por sorte, dessa vez não era um aviso de um ataque iminente, e sim entusiasmo. Era revigorante de ver. — As festividades começam no jantar, então. Vou ver se Santiago e Ariel nos deixam roubar um pouco de champanhe.

Delilah deu uma risadinha.

— Mal posso esperar.

Briar, apesar de se esforçar muito, não era páreo para os olhos de cachorrinho triste do irmão gêmeo.

Delilah a encontrou perto da mesa de jantar improvisada que Kieran e Adelaide haviam montado no deque. Eles até tinham pendurado luzinhas para criar um clima, e Adelaide fez outro feitiço para ajudar a manter o vento afastado. Santiago preparou uma refeição só de aperitivos: *crostini* de cogumelos com limão e chalotas, *rillettes* de salmão, *brie* assado com molho de *cranberry*, empanadas apimentadas e rúcula envolta em presunto maturado. O cheiro de toda essa comida deixou Delilah com água na boca.

Ariel revelou um estoque de gim e champanhe escondido nos fundos da cozinha e misturou a bebida com suco de limão e calda de caramelo para criar um drinque que Delilah nunca havia experimentado. O gim era um pouco forte demais para o gosto dela, mas saboreou a doçura que se espalhava em sua língua.

Briar sentou-se com certa hesitação, dando uma olhada para Adelaide, que tomava seu drinque e comia *crostini*. Adelaide abriu um sorriso afetuoso para ela, e Briar rapidamente desviou os olhos.

— As empanadas são só carne e tempero — explicou Santiago a Briar, depois que terminou de colocar os pratos na mesa. Ele acenou com a cabeça para Delilah. — Ela me contou que você não come vegetais.

Briar corou, olhando para Delilah de canto de olho. Então pegou uma, sussurrando:

— Ah… obrigada.

— Vamos jogar um jogo — disse Ariel depois que terminaram de comer, tirando um baralho de cartas do bolso e agitando-o. — Algum de vocês já ouviu falar de Maldições e Bênçãos?

Todos, com exceção de Santiago, fizeram que não. Ariel explicou que o jogo era uma corrida para que cada jogador se livrasse das suas cartas; com base nos resultados da primeira rodada, os papéis eram atribuídos a cada jogador — o mais alto era o Abençoado Superior e o mais baixo, o Amaldiçoado Inferior. Cada função tinha vantagens ou desvantagens especiais.

— A ressalva é que — explicou Ariel —, se você tiver uma mão ruim e quiser evitar comprar cartas extras na sua vez, pode tomar um shot e esperar a próxima rodada.

— Perfeito — disse Briar, com um sorriso malicioso. O coração de Delilah acelerou. *Ela está sorrindo? Desde quando ela sorri?* Briar percebeu que ela estava olhando e perguntou: — Que foi? Eu adoro jogos de cartas. — Então tomou um gole de seu drinque. — E gim.

Delilah pigarreou e desviou o olhar, ficando vermelha.

— É, tá, vamos jogar.

Adelaide distribuiu as cartas. Santiago aumentou o volume do toca-discos, a música pesada batendo na velocidade do coração de Delilah. Em poucos minutos, os seis estavam jogando as cartas na mesa, gritando de alegria e desespero com o passar das rodadas. Kieran perdeu a primeira rodada, o que o colocou como Amaldiçoado Inferior, enquanto Briar saiu por cima, com Delilah logo atrás.

— Foi incrível — comentou Kieran ao passar suas melhores cartas para Briar usar na próxima rodada. — Você é ótima nisso.

— As cartas são uma excelente maneira de ganhar dinheiro se você souber jogar — explicou ela. — Foi assim que me estabilizei depois que fugi. — Ela lançou um olhar para o irmão, com um sorriso no rosto. — Ainda bem que você tem dinheiro de família, senão estaria ferrado.

Todos ficaram paralisados. Embora estivessem acostumados a brincar com Kieran, nunca tinham visto Briar fazer isso. Kieran também piscou, com as sobrancelhas juntas. Delilah ficou tensa.

Então ele caiu na gargalhada.

— Bom, você pode ser a gêmea talentosa — disse Kieran. Ele colocou uma mecha de cabelo louro atrás da orelha, sorrindo com uma covinha. — Já que claramente eu sou o mais bonito.

Briar ficou sem palavras, enquanto todos os outros riram. Ariel agarrou os ombros de Kieran e os sacudiu, enquanto Adelaide cobriu a boca para esconder o sorriso. Santiago bateu o punho contra a mesa. Depois de um minuto, o vestígio de um sorriso surgiu no canto da boca de Briar, que revirou os olhos. Ela embaralhou as cartas com facilidade e as distribuiu a todos.

Ao estender a mão, ela disse:

— Nenhum de vocês pode falar nada até ganhar uma partida, tá? — Ela deu uma olhada para Delilah, e acrescentou: — Você quase me deu trabalho na última rodada.

— Quase? — repetiu Delilah, com o riso entalado na garganta.

Briar deu uma piscadela.

— Quase.

Delilah ficou arrepiada quando Briar lhe deu uma nova mão de cartas. Seus dedos roçaram levemente os de Delilah.

As duas ficaram tensas.

Briar recuou bruscamente, concentrando toda a atenção em passar as cartas para Kieran. Delilah pressionou a mão na bochecha, tentando esconder o rubor em seu rosto.

Ela lançou um olhar penetrante de soslaio para Briar.

— Você já *era*.

Durante o restante da rodada, Delilah tomou um shot toda vez que sua mão começava a ficar ruim. Vendo como ela estava na vantagem, Briar começou a fazer o mesmo até que ambas terminaram mais dois shots, batendo as cartas na mesa com o dobro da força de qualquer outro jogador.

Logo todos os outros estavam olhando para as duas com admiração, tendo sido eliminados. Elas revezavam entre beber gim e champanhe e jogar cartas. Delilah olhou para sua mão — não tinha nada particularmente bom, mas, se não jogasse nada, parecia que Briar conseguiria vencer a rodada. Ela tomou mais um gole de sua bebida e mostrou as cartas.

Briar soltou um palavrão, revelando a última carta que tinha na mão — era pior do que a de Delilah. Ela disse:

— Você venceu.

Delilah pulou da cadeira, jogando as mãos para o alto. Todos aplaudiram, e ela se curvou numa mesura e fez um floreio com as mãos. Kieran aplaudiu enquanto Briar se recostava na cadeira, cruzando os braços. A cabeça de Delilah começou a girar e ela cambaleou, se segurando na cadeira.

— Vou pegar um pouco de água — disse Delilah. — Podem começar a próxima rodada sem mim.

Ela empurrou a cadeira e foi para a cozinha, tomando o cuidado de manter os pés firmes. Não tinha muita tolerância a álcool. Se fosse do tamanho de Briar, já estaria no chão.

Pegou uma jarra vazia no armário da cozinha e a encheu de água, encostando-se no balcão enquanto bebia. Tinha acabado de terminar quando

Briar entrou na sala, tropeçando nos próprios pés.

— *Dessa* vez eu dei trabalho mesmo, né? — zombou Delilah, observando Briar pegar um copo e colocá-lo sob a torneira. — Aposto que você não esperava por isso.

— Se eu tivesse aguentado só mais uma gota de álcool, poderia ter vencido — retrucou Briar. Ela virou o copo e se apoiou na bancada. Lançou um olhar de lado para Delilah, e acrescentou: — Você sequer está bêbada?

Delilah balançou a cabeça.

— Não. Só alegrinha.

— Merda. — Briar esfregou o rosto. — Eu estou.

Briar terminou de beber a água e se inclinou sobre a bancada, suspirando. Passou a mão em seu cabelo curto e continuou:

— Às vezes eu perco a cabeça quando garotas bonitas me olham por muito tempo.

Delilah deu uma risadinha, perplexa.

— O que você quer dizer com isso?

— Ah, não *brinca* comigo. — Briar pousou o copo com força na bancada, ficando de frente para Delilah. Seus olhos estavam um pouco vidrados quando ela a encarou, semicerrando-os como se tentando ler algo distante. — Você sabe que estou atraída por você e fica mexendo comigo porque gosta de me ver sofrer.

Delilah soltou uma gargalhada.

— Você está atraída por mim?

Briar a encarou por um segundo antes de cair na risada. Ela pressionou a palma da mão na testa e balançou a cabeça.

— Loucura, né? Talvez eu seja masoquista. Talvez parte de mim goste dessa cara que você faz toda vez que me olha. — Briar apontou entre os olhos de Delilah. — Essa mesma. Com as sobrancelhas e a carranca. Você não me suporta.

— Às vezes, me imagino te prendendo contra a parede — admitiu Delilah, o gim e o champanhe derretendo qualquer filtro que pudesse tê-la impedido. Assim que disse isso, seu rosto ficou corado. Ela esclareceu: — Tipo, para te fazer calar a boca!

Briar soltou uma risadinha.

— É mesmo? E como é isso, geralmente? Quer dizer, na sua cabeça. Você sabe que eu conseguiria te enfrentar, mesmo você sendo vinte centímetros mais alta do que eu.

— Não conseguiria, não — esbravejou Delilah, revirando os olhos. *Tudo bem. Se ela quiser fazer esse jogo, eu entro na dela.* — Você é minúscula.

Briar olhou por cima do ombro, um sorriso malicioso cruzando seu rosto. Recuou até que sua coluna estivesse pressionada contra a parede e cruzou os braços, apoiando-se nela. Deu duas batidinhas com o cotovelo e disse:

— Engraçado você dizer isso quando tem uma parede perfeita bem aqui.

— Você é péssima — murmurou Delilah, com um frio na barriga.

Ela não é a única que sabe pegar pesado. Delilah atravessou a sala, com o coração batendo forte e o sangue borbulhando. Ficou na frente de Briar. Sua pele estava quente e elétrica, cada terminação nervosa acesa e crepitante.

Briar ergueu a mão sobre a cabeça e a pressionou contra a parede atrás dela.

— Vou te dar uma vantagem.

Delilah fechou a mão no braço dela, segurando-a no lugar. Sentiu o pulsar da veia de Briar, cuja coloração azul-púrpura lembrava as bordas do céu crepuscular. Sua mão era pequena; as unhas estavam roídas, e as cutículas, em pedaços. Cicatrizes marcavam os nós dos dedos. Ao vê-las, Delilah se perguntou como seria ter aqueles dedos em seus cabelos.

De repente, o sorriso brincalhão desapareceu do rosto de Delilah. Em seu ventre, ardia um calor tão forte que quase a fez cambalear. Ela não sentia nada parecido com aquilo desde…

Ah, *merda*…

— O que costuma acontecer depois? — perguntou Briar. — Na sua cabeça?

Delilah se forçou a olhar Briar nos olhos, mesmo com seu coração quase saindo pela boca. O rosto de Briar estava corado do pescoço até a ponta das orelhas, os olhos, arregalados. Seu sorriso era diabólico.

Em qualquer outro momento, Delilah teria se afastado. As lembranças dos olhos vazios de Theo e a confusão em sua voz teriam cravado suas garras nela e a tirado daquele transe. Mas agora, com o champanhe controlando seus pensamentos e o calor fazendo-a suar, ela só conseguia pensar nessa garota, neste momento.

E, pela primeira vez em anos, ela quebrou as próprias regras.

— Isto — sussurrou Delilah.

Ela se abaixou e beijou os lábios de Briar, que soltou um suspiro abafado de surpresa. Delilah começou a se afastar, mas Briar de repente usou a mão livre para agarrar um pedaço do vestido de Delilah e puxá-la para mais perto. Delilah soltou o pulso de Briar e deixou que suas mãos caíssem para os quadris dela. Briar retribuiu o beijo com força suficiente para machucar os lábios contra os dentes.

O som abafado de passos vindo do corredor finalmente fez Delilah voltar a si.

Ela se afastou de Briar e deu um passo para trás no momento em que Kieran abriu as portas da cozinha, balançando os ombros para a frente e para trás e assobiando uma música. Ele parou ao ver Delilah e a irmã de pé a poucos metros de distância uma da outra e exclamou:

— Aí estão vocês! Ficaram sabendo que acabou o gim?

Delilah e Briar trocaram olhares. Briar disse:

— É mesmo?

— Sim, acabou. — Ele deu mais alguns passos, depois parou, olhando para elas. — Vocês duas estão bem? Estão todas… vermelhas e suadas.

— Nunca estive melhor — Briar respondeu.

Ao mesmo tempo, Delilah disse:

— Preciso ir para a cama. Agora mesmo.

Ela saiu da cozinha antes que qualquer um dos gêmeos pudesse falar alguma coisa.



CAPÍTULO DEZ

Regra n. 24: Saiba quando improvisar.

Eu sou a tonta mais incurável do mundo.

Na manhã seguinte, Delilah passou a maior parte de seu tempo no chuveiro, vasculhando sua memória em busca de cada interação que já tinha tido com Briar, debatendo quando havia deixado as coisas saírem do controle. Ela sabia que não tinha sido muito sincera consigo mesma sobre seus sentimentos. Desde o momento em que pusera os olhos em Briar, a achara fisicamente atraente, mas a personalidade dela logo minou qualquer possibilidade de as coisas evoluírem para algo mais. Briar tinha o charme de um coiote selvagem. Além do mais, Delilah não tinha parado para pensar se, na verdade, havia enlouquecido e de *fato* estava um pouquinho atraída por Briar, nem se podia ser recíproco. Com certeza nunca tinha considerado tomar uma atitude a respeito.

Até tomar essa atitude e acordar sentindo que vivia a vida de outra pessoa. E, ainda por cima, de alguém infinitamente menos racional que ela e com um autocontrole deplorável.

Quando saiu do chuveiro, puxou a toalha do suporte e cobriu o rosto para dar um berro.

Não era para isso ter acontecido, gemeu ela por dentro. *Não de novo. Não depois do Theo*.

Ela pendurou a toalha de volta com a respiração trêmula. Enquanto se vestia, tentou pensar pelo lado positivo: eles chegariam a Gellingham em algumas horas. Então poderia voltar a se concentrar em quebrar a maldição dos Pelumbra e parar de pensar em Briar. Só precisaria tomar o café da manhã, esperar o pouso e aí estaria livre.

Ou era o que pensava. Até abrir a porta e encontrar Cinnabar parado na frente, espiando pela fenda embaixo da porta. O gato laranja felpudo soltou um silvo assustado e pulou para trás, eriçado.

Delilah emitiu um suspiro dramático e chamou:

— Você mandou seu gato mágico *me espionar*?

Passou-se um momento — Delilah ficou parada de braços cruzados — antes de a porta de Briar se abrir de leve.

— Talvez.

Cinnabar balançou a cauda de um lado para o outro, encarando Delilah com olhos inocentes. Após mais um momento, Briar saiu para o corredor, estalando os dedos e fazendo o gato desaparecer num flash.

Ela assumiu o lugar dele na frente de Delilah. Estava com olheiras e usando algo que Delilah tinha certeza de ser uma das camisas sociais pretas de Kieran. O peito de Delilah se apertou.

— Então, é… — disse Briar, enfiando as mãos nos bolsos. — Bom dia.

Por um segundo, ficaram lá paradas em silêncio. Delilah mordeu o lábio e esfregou a nuca com a mão espalmada.

De sobrancelhas franzidas como se estivesse com dor, Briar não se segurou:

— Posso conversar com você? Sobre ontem à noite? O… beijo. — Imediatamente, ela fez uma careta e cobriu o rosto com as mãos. — Aff, quero morrer.

Delilah ficou tensa. *Bom, é isso aí, então.*

— Certo… bom. Eu estava… — Delilah levantou o punho e abriu o mindinho e o polegar, inclinando-os para trás numa mímica de beber — … bem… doidona.

— Nem me fala. — Briar mordeu o lábio por um momento antes de olhar bem nos olhos de Delilah. — Escuta, as coisas saíram do controle. Eu estava sendo uma bêbada idiota. Não sabia o que estava falando e na verdade nunca tinha beijado ninguém antes e…

Delilah arregalou os olhos, alarmada.

— Foi seu primeiro beijo?

Briar conseguiu ficar ainda mais vermelha.

— Eu não estava tão desesperada a ponto de me atracar com as árvores de Margem Gabriel, se é o que está perguntando.

— Merda… desculpa. Eu estava um caos total ontem à noite. — As bochechas de Delilah queimavam, e ela pressionou os dedos na lateral da cabeça. — Foi um erro.

Por um segundo, uma faísca de mágoa passou pelos olhos de Briar. Mesmo assim, ela cruzou os braços e endureceu a expressão. Uma sensação incômoda apertou as entranhas de Delilah, espetando-a como espinhos.

— É — disse Briar, fungando. — Foi o que imaginei.

— Não é nada pessoal — explicou ela. Sua voz ficou mais baixa. — De verdade.

Briar soltou um riso seco.

— É sério — insistiu Delilah. — Eu diria isso a *qualquer um*. — Quando Briar lançou um olhar de desconfiança, Delilah completou: — É porque… Olha, eu…

Briar esperou.

Delilah abaixou a voz. Seu peito e garganta estavam apertados, e ela precisou forçar as palavras a saírem. Fazia tempo que não doía falar sobre isso em voz alta desse jeito.

— Eu também sou amaldiçoada, tá?

— É mesmo? — Briar parecia não acreditar. Seus olhos subiram e desceram por Delilah, como se buscando algum defeito secreto que estivera escondido bem à sua frente o tempo todo. — Como?

Delilah fez uma careta. Às vezes, desejava que sua maldição fosse algo externo. Pelo menos aí nunca teria que ter uma conversa assim.

— Há muito tempo, um bruxo ciumento amaldiçoou minha família para que nenhuma mulher Bea conseguisse achar o amor verdadeiro. No segundo

que alguém *de fato* se apaixona por nós, a pessoa… esquece. Cada momento feliz, cada detalhe passageiro, tudo desaparece. A gente lembra tudo, mas as pessoas que nos amavam? Viramos só estranhos para elas.

Sua voz ficou embargada no fim e ela soltou um palavrão baixinho. Passou a mão fechada pelos olhos antes que as lágrimas que se acumulavam ali pudessem escapar.

— Ah — disse Briar baixinho. Ela cruzou os braços, abraçou o próprio corpo e assentiu com a cabeça. — Não quero ser enxerida, mas… isso já aconteceu com você?

Delilah fez o que pôde para não deixar os soluços que ameaçavam tomar conta dela escapar, mas mesmo assim as palavras ficaram entaladas. Ela precisou sussurrá-las:

— Uma vez. O nome dele era Theo. Ele tinha dezessete anos; e eu, quinze. Ele foi para minha cidade durante seu Chamado, e a gente se conheceu enquanto ele procurava uma planta rara perto do meu chalé. Fiquei obcecada por ele na mesma hora. Ele foi criado em Gellingham e sabia um montão sobre maldições, e eu queria aprender tudo sobre elas. Prometi ajudá-lo a encontrar a planta se me ensinasse tudo que sabia sobre quebrar maldições.

— Foi assim que você ficou sabendo da biblioteca? — perguntou Briar.

Delilah fungou.

— Foi. Ele sonhava em um dia trabalhar lá. Durante os meses seguintes, passamos todos os dias juntos e conversávamos sobre o que faríamos quando nós dois fôssemos bruxos licenciados. No início, éramos só amigos, mas o tempo foi passando… Eu achei que não teria mal nenhum em ter um casinho com ele. Falei para mim mesma que deixaria sentimentos de fora.

A expressão de Briar se fechou.

— E imagino que não tenha acontecido assim, né?

Delilah fez que não.

— Ficou tudo bem por um tempo. Um beijinho aqui e ali, mãos dadas, coisas do tipo. Mas… eu não consegui me segurar. O Theo era tudo o que eu queria. Fofo, compreensivo, inteligente… Ele até achava graça das minhas piadas idiotas. Eu me convenci de que talvez, se o amasse o suficiente, as coisas seriam diferentes do que tinham sido para todas as outras mulheres da minha família. Por algum motivo, nós seríamos a exceção.

— E… não foram?

Agora, as lágrimas caíam com mais força. Delilah curvou a boca numa cara de sofrimento enquanto balançava a cabeça.

— Eu lembro tão claramente, Briar. Apareci na porta dele depois de termos a noite mais romântica do mundo na praia no dia anterior e ele simplesmente… — Os ombros de Delilah começaram a tremer, e sua voz falhou. — Ele tinha me esquecido. Depois de meses falando o quanto nos gostávamos, de repente ele era tudo para mim, mas eu não era *nada* para ele.

Briar ficou encarando enquanto Delilah colocava a mão fechada na frente da boca e fazia o possível para não se descontrolar completamente. A expressão de Briar tinha se suavizado. Seus dedos se contraíam ao lado do corpo como se ela quisesse tocar em Delilah. Depois de um momento, ela se mexeu.

Com toda a delicadeza possível, colocou a mão no braço de Delilah.

Os olhos brilhantes de Delilah encontraram os seus.

— Eu… entendo — disse Briar, desviando o olhar. — Maldições complicam essas coisas. Então… que tal a gente fingir que não aconteceu nada ontem? Voltar a irritar uma à outra?

Isso finalmente arrancou uma risada de Delilah. Ela secou os olhos com batidinhas, balançando a cabeça para tentar se recompor.

— Claro. Mas, só para você saber, eu *gosto* de você, sim. Achava que não, mas deve ter sido uma desculpa para não admitir que eu queria te beijar. — Assim que as palavras saíram de sua boca, Delilah começou a corar e fez o possível para não olhar diretamente para Briar. Então, esclareceu: — Se você topar, eu quero ser sua amiga.

Briar piscou, hesitando.

— Você está falando sério?

— Por que não estaria?

— Eu nunca tive uma amiga de verdade. — Vendo a expressão de Delilah se suavizar, Briar revirou os olhos. — Não me olha assim. Eu passei todos os meus anos de desenvolvimento enfiada dentro de uma floresta, tá? Não saía muito. Não era como se tivesse alguém da minha idade para brincar na margem de uma ravina mortal.

Delilah engasgou com uma risada, secando o restante das lágrimas.

— Se eu prometer não cair numa ravina, posso ser sua amiga?

— *Pfft*… pode. — Briar segurou um sorriso para manter o rosto impassível. — Então… agora a gente aperta as mãos ou…

Delilah a interrompeu com um abraço. Briar soltou um som abafado de surpresa.

— Obrigada por escutar minha história triste. E desculpa por ter sido tão escrota.

— Idem. — Briar ficou na ponta dos pés e abraçou Delilah de volta com hesitação, murmurando: — Sério, como que você é tão alta?

— Se você comesse algum vegetal, provavelmente também seria — disse Delilah, em tom amigável.

Sem soltá-la, Briar chutou sua canela.

— Ai! — reclamou Delilah. Abaixou os braços e deu um tapinha no ombro de Briar. — Não foi legal!

Briar deu uma risadinha, satisfeita.

— Ei, aí estão vocês. — As garotas olharam para o lado e viram Kieran vindo correndo lá de fora. Seu cabelo estava bagunçado pelo vento, os cachos voando e formando uma nuvem dourada desalinhada em torno de seu rosto sorridente. Ele apontou por cima do ombro com o polegar. — Estamos quase chegando, e a vista de Gellingham do deque é incrível. Vocês deviam vir ver.

Os olhos de Delilah se iluminaram e ela uniu as mãos.

— Ah! Que demais. — Ela fez um gesto para os dois a seguirem. — Vamos lá ver.

Gellingham era uma cidade dourada.

Cercada por bosques exuberantes e morros por todo lado, era lindíssima vista do céu. Construções brancas reluzentes despontavam em meio às árvores, com videiras floridas subindo pelas laterais. Cada detalhe parecia pintado em ouro com opulência. As ruas eram asfaltadas e cheias de carros — mais do que Delilah já vira na vida. Só alguns dos residentes mais ricos de Kitfield tinham carros, então, ver uma cidade toda lotada deles fez o coração dela martelar e seus olhos brilharem.

O campo de pouso ficava bem nos arredores da cidade, e Ariel aterrissou junto ao restante dos aeronavios estacionados. Alguns deles eram polidos e cheios de detalhes, com entalhes intrincados que faziam a embarcação roubada de Kieran parecer barata.

— Qual é o plano? — perguntou Kieran quando o motor começou a aquietar-se, as asas parando agora que o navio tinha pousado na grama.

Delilah piscou, sem entender.

— Como assim?

— Você sabe como funciona esse Festival do Advento… sei lá o quê? É só a gente entrar?

Delilah deu uma risadinha.

— Não exatamente. É o único dia do ano em que a Biblioteca de Maldições oferece visitas guiadas ao público. Sai uma a cada dez minutos. É basicamente um presente simbólico que o Conselho de Bruxos oferece a cada ano para a galera normal. Admito, eu não sei se é bem o tipo de passeio em que dá para só sair folheando a coleção de maldições, mas eu tenho um plano B.

— Que é…? — pressionou Kieran.

Delilah deu de ombros.

— Entrar escondida na seção de maldições?

— Você não tem plano nenhum, né?

Delilah levou a mão ao peito.

— Kieran, assim você me magoa. Eu não *deixei* de planejar, só… preferi deixar a vida me levar e descobrir o que fazer quando estiver lá.

— Então… improvisar?

— Exato. — Delilah sorriu.

Kieran engoliu em seco, parecendo meio verde.

Depois de o navio ter parado, Delilah, Kieran e Briar pegaram suas coisas e foram até o limite do campo de pouso, onde havia uma estação de bondes escondida entre as árvores. Tanto Kieran quanto Briar estavam disfarçados — ela com uma peruca e seu tapa-olho, enquanto ele usava um conjunto de roupas comicamente amarrotadas que teria ficado mais natural num entregador de jornais. Estava de calça marrom velha e uma camisa social branca levemente manchada, o cabelo enfiado para dentro de uma boina. Adelaide também tinha

tecido para ele uma pulseira de couro que fazia seu olho azul parecer castanho. Ela oferecera um a Briar também, mas a garota negara.

— Nenhum Pelumbra sairia por aí usando uma coisa destas — dissera Kieran a Delilah com uma piscadela, dando uma voltinha para mostrar o look completo. — Nunca vão adivinhar que sou eu.

Briar tossiu atrás da mão fechada para disfarçar uma risada, enquanto Delilah assentia de leve e dava um joinha.

Ariel e Santiago tinham ficado no navio para resolver negócios com o dono do campo de pouso, e Adelaide decidiu aproveitar o momento para fazer uma faxina. Ariel havia explicado que, se pegassem o bonde no fim do campo em direção à cidade, poderiam descer bem na frente da biblioteca.

Delilah andou saltitante pela estação, com os olhos brilhando. Nunca tinha estado numa cidade tão grande a ponto de ter transporte público. Kieran também ficou de queixo caído com os trilhos e os fios no ar, enquanto Briar se sentou num banco e manteve a expressão pétrea, exceto quando segurava um sorriso de vez em quando ao ver Delilah e o irmão boquiabertos com alguma parte nova e fascinante da estação.

— Uau — comentou Delilah, olhando um anúncio pendurado na parede dos fundos. — Olha só isso.

O pôster mostrava um desenho feito a lápis de cor de duas jovens, uma loura e outra ruiva, ambas com um fogo rosado engolfando os braços. Estavam com vestidos que iam até a altura da coxa e cartolas, os cabelos perfeitamente penteados.

No pé do pôster, enormes letras vermelhas e douradas diziam: VEJA AS FLAMEJANTES IRMÃS PELUMBRA.

— Ah, sim — falou Kieran. Ele apontou a loura. — Essa é a Daisy. A irmã dela é a Bella. São nossas primas de segundo grau. Causaram um rebuliço em casa quando começaram a se apresentar, até a família perceber o quanto estavam faturando. Agora, todo mundo aceita.

— Você não estava brincando quando falou que sua família era famosa — cochichou Delilah.

Seus olhos pousaram em outro pôster, este uma interpretação mais realista de um homem de cabelo escuro penteado para trás e olhos sérios. Embaixo

estavam as palavras VOTE EM AMOS PELUMBRA PARA O PARLAMENTO.

— É — disse Kieran, arregalando os olhos. — Acho que meio que somos os donos desta cidade. E, bom, da maioria das cidades do norte.

— Que nojo — murmurou Briar, revirando os olhos.

Um sino tocou, e eles levantaram a cabeça e viram um bondinho verde e dourado entrando na estação. Embarcaram e pegaram assentos mais para o fundo. A brisa entrava pelas janelas abertas, fazendo a saia comprida cor de creme de Delilah esvoaçar. O bonde saiu fazendo estalo pelos trilhos, anunciando com um sino toda vez que chegavam a uma parada.

Quando a cidade surgiu diante deles, parecia absolutamente viva. As ruas estavam lotadas de gente de um modo que Delilah jamais vira, fluindo nas duas direções e desviando uns dos outros como um rio mudando seu curso por conta das pedras. Cada esquina parecia produzir um novo som — risadas, buzinas, música vindo de janelas, um cachorrinho latindo de dentro da cesta de bicicleta do dono. Carros zanzavam pelas ruas, carregando pessoas com chapéus caros e joias extravagantes penduradas nas orelhas e nos pescoços. Os prédios emolduravam as ruas, agigantando-se dos dois lados. Suas janelas redondas revelavam gente trabalhando concentrada em pesadas mesas de madeira, parecendo empilhadas umas em cima das outras.

Delilah ficou de pé e se apoiou na janela lateral do bonde, segurando uma barra de apoio dourada. O sol esquentava sua pele levemente bronzeada e reluzia nos contornos também dourados dos arranha-céus. Só de vê-los, o coração dela disparava. Ela passara a infância lendo livros sobre Gellingham que contavam como a cidade brilhava ao sol, mas era ainda mais incrível pessoalmente. Cada devaneio que tivera de andar pelas ruas movimentadas como uma quebradora de maldições licenciada voltou de uma vez, e ela sentiu as bochechas começarem a doer com a força do seu sorriso.

— Dá para acreditar nisso? — falou ela para os gêmeos por cima do ombro, o laço verde comprido em seu cabelo flutuando na brisa com cheiro de flores e fumaça. Ela sentia-se absolutamente leve. — Esta cidade é incrível!

Kieran pulou para se juntar a ela. Ele se apoiou na janela ao lado de Delilah, esticando o pescoço para olhar os prédios e soltou um arquejo de surpresa. Delilah assentiu e disse:

— *Né?*

Ao mesmo tempo, Briar ficou de pé de má vontade e foi para o outro lado de Delilah. Espiou, cautelosa, enquanto o sol banhava seu rosto. Estreitou o olho visível, já que o outro estava coberto pelo tapa-olho. Aí, mirou das ruas para o rosto de Delilah. Um sorrisinho fez cócegas nos cantos de sua boca.

— Próxima parada, Biblioteca de Gellingham! — anunciou o motorneiro do bonde.

O veículo seguiu roncando por mais algumas ruas antes de parar na frente de uma torre pontuda de pedra cinza-escura que subia bem alta até o céu. Janelas redondas com vitrais coloridos, principalmente de fases lunares e constelações, adornavam cada andar. Trepadeiras subiam em espiral pelas paredes, contornando a torre, que era emoldurada de cada lado por jardins exuberantes. Na frente das portas arqueadas, esperava uma multidão, muitos usando roupas tradicionais de bruxos — incluindo capas e chapéus pontudos — como fantasias.

Delilah respirou fundo, unindo as mãos embaixo do queixo.

— Que lindo — falou, suavemente.

Briar soltou um *hum* baixinho e comentou:

— E provavelmente tem uma porrada de escadas.

Os três desceram do bonde e inclinaram a cabeça para trás, absorvendo a imponência da biblioteca gigante. O bonde apitou e se afastou, deixando-os na calçada, enquanto carros passavam por eles com o motor roncando e o sol batia na cabeça deles.

— Não sei nem por onde começar — falou Kieran, secando suor da testa.

Ele estava com os cachos louros compridos presos num coque na nuca, alguns caracóis soltos caindo pelo rosto pálido.

— Entrar na fila parece uma boa ideia — murmurou Briar.

Delilah, parada entre eles, entrelaçou os braços com os deles, apesar dos protestos de Briar.

— Vamos lá.

Ela puxou os dois pela rua, só soltando os braços quando chegaram ao fim da fila, que ia até o meio do quarteirão. Briar imediatamente começou a alternar o peso de um pé para o outro, e Delilah olhou feio. A única coisa que eles precisavam fazer era manter a calma e aí…

— Amei seu laço e seu vestido — comentou uma mulher mais velha, de pele escura, que estava na frente deles na fila, olhando de relance para Delilah e os gêmeos atrás de si. Ela fez um gesto para Delilah. — Me lembra do que as pessoas usavam na minha cidade natal. Você é do sul?

Delilah fez que sim.

— Sou. De Kitfield.

— Kitfield! Que maravilha! Eu sou de Creckhollow.

Algo no sutil sotaque dela e no modo como seus olhos enrugavam fez Delilah se lembrar da mãe na mesma hora.

— Impressionante vocês terem conseguido ingressos para a visita de hoje — acrescentou a mulher, mostrando um pedacinho de papel sépia decorado com filigranas douradas. — Eu precisei me matar para conseguir unzinho pelos arredores de Gellingham. Deve ter sido uma trabalheira lá em Kitfield.

O estômago de Delilah embrulhou.

— I-ingresso?

— Para a visita, né? — A expressão da mulher vacilou, preocupada. — Meu bem, eles não vão te deixar entrarem sem ingresso. Você tem, certo?

— Eu… tenho! Sim, claro que eu tenho. — Delilah acenou a mão, despreocupada, soltando um som de *pfff* enquanto revirava os olhos como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Com certeza. Cem por cento.

A mulher riu dela com um *Ah, que bom, foi ótimo conversar com você* sussurrado antes de dar as costas de novo, claramente já de saco cheio da esquisitice de Delilah.

Assim que ela parou de olhar, Delilah se inclinou para os gêmeos e sussurrou num tom que só os dois ouvissem:

— Como a gente vai conseguir ingressos?

— Achei que você saberia! — cochichou Kieran de volta.

Briar xingou baixinho.

— Você só pode estar zoando, Delilah.

— *Caralho* — resmungou Delilah. Seu coração começou a acelerar, e os cantos de sua visão ficaram borrados. Ela mal conseguia manter a respiração estável. — Os panfletos não falavam nada sobre precisar de ingresso! Se não entrarmos, não vai dar para saber se a maldição de vocês está lá dentro e, caso a

gente não encontre a maldição de vocês está lá dentro, o Kieran vai morrer e eu vou perder minha magia e vai ser tudo culpa minha e…

Delilah só parou quando Briar, do nada, estendeu o braço, pegou a mão dela e a apertou.

O corpo todo de Delilah ficou tenso com o toque da garota. Aí, suas bochechas esquentaram.

— Calma — pediu Briar, com a voz tranquila. Ela lançou um olhar por cima do ombro antes de voltá-lo a Delilah. — Eu… talvez tenha uma ideia. Mas preciso que você faça uma coisa por mim.

Com a boca completamente seca, Delilah só levantou as sobrancelhas.

— Faz alguma coisa que chame a atenção de todo mundo — pediu Briar. — Alguma distração. Só vou levar alguns minutos.

— Você vai matar alguém? — guinchou Kieran.

Briar bufou.

— Por que vocês dois sempre acham que eu vou matar as pessoas do nada? Lógico que não. Agora, pensa em alguma coisa. Eu já volto.

Enquanto Briar entrava na multidão, desaparecendo num instante, Kieran e Delilah se entreolharam, o rosto dele completamente sem cor, enquanto os dela estavam arregalados. Quando Delilah olhou para a multidão, não viu Briar em lugar algum.

— Alguma ideia? — perguntou Kieran com dificuldade.

— Uma — ofereceu Delilah. — Mas não posso garantir que vá funcionar.

— Não gosto do rumo que isso está tomando…

— Pessoal! — chamou Delilah a plenos pulmões. A multidão se aquietou um pouco, olhando por cima do ombro enquanto Delilah dava alguns passos atrás, os saltos batendo com estalos no paralelepípedo. Ela abriu bem os braços ao anunciar: — Bem-vindos ao Festival do Advento de Verão e seu evento de abertura aqui na Biblioteca das Maldições! Em nome da biblioteca, tenho uma surpresa muito especial para vocês.

Delilah levantou as mãos e criou uma chuva de faíscas verdes.

— Um show de magia!

Kieran conseguiu ficar ainda mais branco do que antes.

Um murmúrio passou pela multidão conforme as pessoas trocavam olhares e levantavam as sobrancelhas. Embora suas expressões não fossem a definição

de *animação*, ainda assim se concentraram nela. Delilah respirou fundo e avaliou os cheiros no ar, determinando rapidamente que pouquíssimas dessas pessoas eram bruxas, se é que havia alguma.

Perfeito.

Delilah desamarrou o laço verde do cabelo, deixando seus cachos caírem livremente pelas costas. Seus olhos começaram a brilhar de leve enquanto ela canalizava magia no laço, o aroma de açúcar com canela perfumando o ar. As pontas da fita começaram a se levantar, aparentemente por conta própria, como se dançassem na brisa.

Respirando fundo mais uma vez, Delilah começou a girar.

Em geral, ela não se considerava uma boa dançarina — embora tivesse aprendido a dançar. Quando criança, Ruby lhe dissera que as bruxas podiam testar muitas formas diferentes de canalizar sua magia antes de encontrar aquela que se encaixava melhor, e Delilah estava decidida a escolher algo lindo e gracioso — algo muito diferente de como via a si mesma. Aprendera rápido que seu corpo simplesmente não queria se dobrar e saltar como o das outras garotas das aulas de balé, para sua grande decepção. Em vez disso, ela decidiu experimentar outras formas de dança antes de enfim decidir que panificação e confeitaria eram mais a cara dela.

Mas ela tinha ficado razoável em giro com fitas.

Enquanto Delilah fazia o que podia para sorrir alegremente, sua fita deixava um rastro de faíscas no ar, estourando como fogos de artifício acima de sua cabeça e chovendo em volta dela. Os pontinhos de luz se mesclavam e se transformavam em formas de flores e videiras que se contorciam ao vento. Conforme a brisa pegava mais pontinhos, Delilah sentia a multidão completamente concentrada nela, olhando entre as faíscas com expressões maravilhadas.

Ela deu um sorrisinho arrogante discreto.

Depois de mais ou menos um minuto, viu Briar emergindo da multidão. Ela separou os lábios como se fosse falar algo sem som para Delilah, mas paralisou. Depois de um momento, Delilah percebeu que era porque a gêmea estava assistindo à sua dança, passando o olhar pelo seu corpo rodopiante como se fosse uma obra de arte.

Ao lado de Briar, Kieran pigarreou, e a irmã pareceu recuperar o foco como se estivesse saindo de um transe. Rapidamente balançou a cabeça e fez um joinha para Delilah.

Delilah girou na ponta do pé, disparando mais uma espiral de faíscas de sua fita antes de pousar numa mesura diante da plateia, abaixando a cabeça.

Todos irromperam em aplausos enquanto Delilah se endireitava, sorrindo e acenando.

De repente, uma voz retumbante cortou o ruído:

— Visita das onze! Quem tiver ingresso para a visita das onze, por favor, venha até os portões de entrada!

Briar fez um gesto para Delilah juntar-se a eles, falando:

— Somos nós.

Com um último sorriso para a multidão, Delilah seguiu Briar e o irmão dela até a entrada.



CAPÍTULO ONZE

Regra n. 15: Às vezes, quanto mais gentil o sorriso,
mais sombrio o coração.

— Você não machucou ninguém, né?

Briar bufou com a pergunta sussurrada pelo irmão enquanto passava pela soleira da biblioteca, tendo acabado de entregar seu ingresso à bruxa na porta.

— Só emocionalmente.

Como se seguindo uma deixa, alguém na porta gritou:

— Que diabos?! Estavam no meu bolso, juro!

O olho de Briar brilhou quando ela sorriu.

Enquanto os três entravam na Biblioteca de Maldições, Delilah instantaneamente notou uma mistura estonteante de aromas mágicos pairando no ar — uma mescla agradável de baunilha, madressilva, coco fresco e sal marinho. As paredes eram abraçadas por prateleiras, e enormes escadas em espiral levavam a andares e mais andares de mezaninos lotados de mais estantes de livros. Mesmo do térreo, Delilah conseguia ver o teto altíssimo, que devia estar pelo menos uns vinte andares acima. Os corrimões tinham sido decorados

com rosas de papel feitas de velhas páginas de livros, e partículas reluzentes matizadas de violeta iluminavam as prateleiras para as pessoas poderem enxergar melhor. Ao longo das paredes, havia plataformas cercadas que faziam um barulho suave de tique-taque enquanto subiam a níveis mais altos, levando grupos de pessoas.

Havia bruxos por todo lado, vestidos com roupas tradicionais e conversando com visitantes não mágicos, todos juntos com seus grupinhos da visita. Vozes ecoavam pelos espaços amplos e abertos enquanto os bibliotecários mostravam tudo às pessoas, gesticulando para tomos antigos e usando magia para levitar os livros e passá-los de mão em mão. Outros liam em voz alta de pergaminhos, fazendo as palavras saírem das páginas e circularem em torno de suas cabeças, pairando pelo ar como folhas voando à brisa.

— Bem-vindos à Biblioteca de Gellingham ou, como muitos de vocês conhecem, a Biblioteca de Maldições — anunciou a guia do grupo de Delilah, uma jovem bruxa com cabelo dourado e pele bronzeada, gesticulando para os pisos e mais pisos de mezaninos ao redor. Ela andava de ré, conseguindo de alguma forma não esbarrar em ninguém. Delilah demorou um tempo para perceber que ela tinha um espírito protetor, um pequeno cardeal vermelho, voando acima de sua cabeça, cujos olhos usava para evitar obstáculos. — Vou apresentar vocês a nossa coleção de algumas das maldições mais antigas e infames de Celdwyn — continuou a guia — e contar um pouquinho sobre suas histórias.

Delilah levantou a mão.

A guia deixou escapar uma risada.

— Uau, em geral não recebemos perguntas tão cedo. Sim?

— Como as maldições são organizadas? — questionou Delilah.

— Por tipo. Por exemplo, temos maldições de azar nos andares mais baixos, depois, subindo alfabeticamente, temos coisas como maldições geracionais, maldições mortais…

— E em qual piso ficam as maldições geracionais?

— No sexto — disse a guia, com um pouco da doçura forçada escapando da voz, substituída por um toque de irritação. Ainda assim, o sorriso não deixou seu rosto. — Porém, vamos pular as maldições de família hoje, então, se me acompanharem, podemos ir para o oitavo andar…

Ela continuou falando, mas Delilah imediatamente parou de prestar atenção. Enquanto o grupo seguia em frente, ela ficou para trás, fazendo um gesto para os gêmeos virem junto. Mantiveram alguns metros de distância entre eles e o restante do grupo de visita, e Delilah falou sussurrando:

— No segundo em que pisarmos numa dessas coisinhas de subir, precisamos sair de fininho no sexto andar.

Kieran piscou.

— Você está falando dos elevadores?

— Os… isso, o que você disse. — Ela apontou com a cabeça para o restante do grupo. — Façam que nem eu.

Delilah e os gêmeos se juntaram de novo ao grupo, ouvindo sem atenção a guia explicar a história das maldições escritas: o começo com glifos esculpidos em pedra, seguindo para tina em pele animal e lentamente evoluindo ao longo dos séculos para a forma atual, como pergaminhos ou manuscritos, antes de serem banidas pelo Conselho dos Bruxos. Em qualquer outro dia, Delilah teria ficado fascinada pelo assunto — especificamente a transição dos glifos à linguagem moderna —, mas, em vez disso, ficou de olho nas pessoas entrando a saindo dos elevadores no sexto andar. Eles paravam brevemente em cada andar, e seria fácil descer discretamente.

Perfeito.

Não demorou para o grupo embarcar, e Delilah conseguiu abrir caminho com os cotovelos, os gêmeos às suas costas, e ficar o mais perto possível da saída. Assim que o elevador começou a subir, o maquinário zumbindo, ela passou a contar os andares baixinho. Para sorte deles, a guia estava gesticulando para o espaço aberto da biblioteca, apontando os detalhes da arquitetura, de modo que todos estavam de costas para Delilah e os gêmeos.

Quando pausaram no sexto andar, ela olhou para os dois lados antes de descer, puxando os dois consigo.

Eles se esconderam atrás da estante mais próxima, prendendo a respiração.

A plataforma subiu para o andar seguinte.

— Muito bem — sussurrou Delilah. Seu coração estava acelerado. *Não acredito que deu certo*. — Vamos buscar o "P" e ver o que achamos. Lembrem-se, façam silêncio e ajam com naturalidade.

O sexto andar da biblioteca era maior do que Delilah tinha esperado, como se fosse mais amplo por dentro do que parecia por fora. Havia prateleiras e mais prateleiras de livros indo até onde ela conseguia ver, enquanto outras continham pergaminhos cuidadosamente embrulhados ou até pedras com símbolos entalhados nas laterais. Plaquinhas douradas indicavam as letras de cada prateleira, começando pelo "A" perto de onde estavam. Próximo dali, havia três bibliotecários numa mesa redonda. Dois estavam folheando livros enquanto um mais ou menos da idade de Delilah empilhava manuscritos delicadamente num carrinho de madeira com rodas. Nenhum olhou na direção deles.

Delilah e os gêmeos percorreram as pilhas nas pontas dos pés, fazendo o máximo de silêncio possível. O suor escorria pela nuca de Delilah. *Fácil, fácil.*

Não demorou para encontrarem a seção do "P", onde os três se espalharam pelas prateleiras em busca do nome Pelumbra. Delilah folheou antigos livros de couro repletos de maldições. No passado, muitos bruxos eram prolíficos na escrita de maldições, às vezes enchendo grimórios inteiros com seus trabalhos. Alguns haviam chegado a escrever milhares de maldições para vendê-las a quem desse o maior lance, permitindo que pessoas não mágicas comprassem maldições que poderiam lançar em seus inimigos simplesmente preenchendo as lacunas com os nomes deles.

Delilah puxou um livro com capa de couro, folheando o sumário. Não demorou para perceber que as maldições estavam organizadas pelo nome do bruxo ou bruxa que as escrevera, não das famílias que impactavam. Ela fechou o livro com um *tum*, e ele exalou uma nuvem de poeira no ar.

— Merda — falou, baixinho.

De repente, sua garganta parecia estar prestes a se fechar.

A não ser que a maldição tivesse sido escrita por outro Pelumbra, podia estar em qualquer um desses livros ou pergaminhos. Isso supondo que *estivesse* em alguma prateleira.

Pelo jeito, isso seria mais difícil do que ela imaginara.

Prestes a contar aos gêmeos o que havia descoberto, Delilah percebeu que Briar tinha desaparecido.

— Kieran! — cochichou.

Ele estava ocupado olhando boquiaberto um pedaço de jade guardado numa caixa transparente na prateleira oposta.

— Oi?

— Cadê a Briar?

— Ah, é… — Kieran olhou ao redor, aí deu alguns passos pelo corredor, procurando a irmã gêmea. Então virou abruptamente, começando a dizer: — Ela estava aqui agora mesmo…

Nesse momento, Kieran bateu de frente com alguém, fazendo um monte de pergaminhos voarem no ar.

— Ah… ah, não, me desculpa! — falou ele, nervoso. — Eu não…

A pessoa em quem ele esbarrara o encarou de olhos arregalados e boquiaberto. Delilah percebeu que era o bibliotecário mais jovem que vira antes empilhando pergaminhos num carrinho. Era magro, com uma cabeleira de cachinhos pretos. Sua pele era marrom, e ele tinha um punhado de sardas na ponte do nariz. De seus ombros, caía uma capa branca tradicional, embora parecesse meio curta para as pernas compridas do garoto. Um par de óculos redondos escorregava pelo nariz, parecendo prestes a cair.

Ao vê-lo, Kieran ficou sem palavras, emitindo um leve gemido.

— O que vocês pensam que estão fazendo aqui? — perguntou o bibliotecário, piscando como se não conseguisse acreditar no que via. Ele empurrou os óculos de volta para o lugar. — Este andar é só para bibliotecários e bruxos licenciados.

— Hum. — Kieran engoliu em seco. — Estamos, é… procurando um banheiro?

Delilah teve que segurar um gemido.

— Ash, quem…? — Outra bibliotecária apareceu atrás do garoto, de sobrancelhas arqueadas. — Não me lembro de ter conferido as licenças de vocês.

— É que a gente… esqueceu em casa? — tentou Delilah, com um sorriso falso torto.

A mulher fechou a cara.

— Se estão aqui para a visita, deveriam saber que se afastar do grupo é motivo de expulsão da biblioteca. Não podemos deixar qualquer um ficar perambulando aqui. Tem informações muito sensíveis nestas pilhas.

— E se eu te dissesse que estamos aqui por um assunto pessoal muito… delicado? — perguntou Kieran. Delilah virou a cabeça bruscamente na direção de Kieran enquanto ele tirava um pedaço de papel da jaqueta. Ele revelou à mulher o topo da página, onde estava impresso um brasão familiar com duas aves de rapina. — Um assunto relacionado aos Pelumbra.

Isso fez o garoto — Ash, segundo a mulher o chamara — balbuciar, incrédulo.

A bibliotecária estendeu a mão e casualmente tirou o papel de Kieran, estreitando os olhos para o brasão. Delilah e Kieran seguraram a respiração.

Ela começou a desdobrá-lo, e Kieran interrompeu:

— Hmm… Não precisa…

Ela levantou as sobrancelhas.

— Isto é só um papel de carta.

— Um papel de carta oficial — argumentou Kieran, começando a suar no couro cabeludo. — Direto do próprio William Pelumbra.

— Muito bem. — A mulher devolveu o papel a Kieran e balançou a cabeça. — Desculpa, garotos. Vou ter que escoltar vocês dois para fora daqui.

— Você não está entendendo! — interrompeu Delilah. — Eu estou aqui por causa do meu Chamado! Se eu não encontrar uma maldição específica…

— Senhorita, por favor — disse a mulher. — Não quero ter que chamar a segurança.

— Aniera! — chamou uma voz. — Temos uma desgarrada aqui!

— Me *solta*, sua babaca! — berrou Briar, a algumas estantes dali.

A bibliotecária suspirou como se aquele estivesse prestes a se tornar o dia mais longo de sua vida.

— Ash, pode escoltar esses dois e a amiga deles para fora da biblioteca? — Ela lançou um olhar sério a Delilah e Kieran, e completou para Ash: — Não hesite em usar um feitiço de nocaute, se precisar.

Delilah levantou as mãos.

— Hum, não vai ser necessário! Prometo. — Então berrou: — Briar, vem, vamos embora.

Depois de Briar xingar mais um pouco, Delilah e os gêmeos permitiram que Ash os escoltasse pela escada em espiral em silêncio, sem tirar o olho deles ao longo do caminho. Briar fazia cara feia para todos por quem passavam,

praticamente pronta para mostrar os dentes, enquanto o irmão ficou de cabeça baixa. Delilah estava zonza, listando rapidamente suas opções. Ela podia correr, mas era quase certo que a pegariam. Talvez tentar lutar e nocauteá-los? Tecnicamente, eram três contra três, embora algo lhe dissesse que os ossos de vidro de Kieran talvez estilhaçassem se ele tentasse socar alguém. Ele estava ficando mais cinza a cada ataque, as olheiras mais profundas do que nunca. Além do mais, ela duvidava que fazer isso serviria para qualquer coisa. *Merda, merda, merda.*

Ela não tinha um plano. Um minuto depois, Ash os levou até a porta, seguindo até cruzarem a soleira. Delilah deu meia-volta, desesperada para tentar mais uma vez convencê-lo do quanto precisavam dessa chance.

— Boa sorte — disse ele, entrando.

Delilah nem teve a chance de responder.

Kieran, porém, de repente ficou tenso quando Ash passou atrás dele. Antes que Delilah pudesse questionar, as portas da biblioteca se fecharam atrás de Ash com um baque.

— O que foi isso? — perguntou Briar ao irmão, claramente também tendo notado.

— Não sei — disse Kieran. Ele colocou a mão no bolso de trás e achou um pedaço de papel. — Mas tenho a sensação de que vamos descobrir.



CAPÍTULO DOZE

Regra n. 4: Alguns incêndios simplesmente não se apagam.

Me encontre na Casa de Chá Pérola Vermelha na Cidade Shui amanhã ao meio-dia. Tenho informações sobre os Pelumbra que podem te interessar.

Traga suas amigas.

Delilah abaixou o bilhete amassado, franzindo a testa.

— Onde fica Cidade Shui?

Ariel levantou a cabeça, com um brilho nos olhos.

— Você não conhece a Cidade Shui? — Quando Delilah fez que não, elu acrescentou: — Eu cresci lá. É um bairro na zona oeste de Gellingham.

A tripulação inteira — Delilah, Kieran, Briar, Santiago, Ariel e Adelaide — estava à mesa de jantar a bordo do aeronavio. Havia pratos de bife com molho de pimenta e brócolis com raspas de limão e azeite trufado (Briar, como já era de esperar, colocou todo o brócolis no prato de Kieran) à frente deles. Kieran

estava mostrando a todos o bilhete que o jovem bibliotecário havia lhe dado antes de desaparecer dentro da biblioteca, mexendo timidamente na comida enquanto todos liam.

Delilah, por sua vez, ainda sentia o corpo inteiro desorientado. Ela havia passado tanto tempo tentando pensar em um jeito de entrar na biblioteca, mas acabara estragando tudo antes que pudessem encontrar algo útil. Que tipo de quebradora de maldições era ela se não conseguia nem elaborar um plano bem-sucedido? Se Briar não tivesse pensado em roubar os ingressos, eles nem teriam conseguido entrar.

Ela não diria isso em voz alta — não quando eles talvez tivessem uma pista —, mas a mistura ácida de culpa e constrangimento que inundava suas entranhas a fazia querer desabar e chorar.

— É um bairro muito singular — explicou Ariel, tirando Delilah de sua espiral de vergonha. — É todo feito de cursos d'água em vez de estradas, então o transporte é limitado a bicicletas e gôndolas. Muita gente se mudou para lá há uns trinta anos, quando uma praga mágica matou a maioria das plantações e deu início a um período de fome em um país vizinho a Celdwyn, Fenshi, e eles deram o nome de Cidade Shui para diferenciar de Gellingham. Minha família ainda mora lá.

— Ah — disse Delilah, sorrindo. Agora não era hora de ficar se culpando pelo desastre da biblioteca. — Que legal isso da sua família. Você está planejando fazer uma visita a eles?

Ariel quase engasgou com a água enquanto dava um gole. Engoliu e pigarreou, dizendo:

— Não. Não temos contato.

Delilah ergueu as sobrancelhas.

— Sinto muito.

Ariel balançou a cabeça, com um gesto de "deixa pra lá".

— Não tem por que lamentar. Estou muito melhor assim.

— Você não sente saudade deles? — perguntou Kieran.

Ariel mordeu o lábio por um momento e olhou para Santiago — Delilah suspeitou que ele sabia mais da história do que qualquer outra pessoa. Ele deu de ombros, e Ariel suspirou.

— Às vezes. Mas… — Ariel passou a mão pelos cabelos. — Uma das coisas que vocês vão notar, ou talvez já tenham notado, ao crescer e sair de casa é que começamos a comparar nossa infância com a dos outros. E, quanto mais tempo passamos fora de casa e com quanto mais pessoas conversamos, mais percebemos que a vida que tínhamos antes não era… saudável.

Briar assentiu suavemente.

Ariel deu uma mordida no bife e o engoliu.

— Eu saí de casa porque sabia que não era feliz lá. Não voltei porque percebi, em retrospecto, *por que* não era feliz. — Ariel agitou o garfo no ar. — *Mas*… ainda me lembro de cada canto da Cidade Shui de cor. Se precisarem de um guia, vou ficar feliz de levar vocês.

— Você não tem medo de voltar? — questionou Briar.

Ariel balançou a cabeça.

— Não. Além disso… agora que você mencionou… tem umas pontas soltas de que não cuidei antes de ir embora e que talvez seja bom resolver. — Elu olhou para Santiago. — O que acha de ir para a Cidade Shui amanhã?

— Não consigo nem começar a imaginar os absurdos que você planejou — disse Santiago com um suspiro melodramático.

— Assim que se fala. — Ariel olhou para Adelaide. — E você, Addie?

Ela piscou, crispou os lábios e voltou a cortar seu bife educadamente.

— Não custava tentar. — Ariel se dirigiu então a Delilah e aos gêmeos: — Vou ligar e reservar uma gôndola para a gente em Gellingham. Supondo que vocês realmente queiram se encontrar com um estranho em uma casa de chá só por causa de um bilhete. Pode ser uma armadilha.

Kieran educadamente limpou a boca com o guardanapo.

— Acho que não. Considerando que ele disse que tem informações sobre os Pelumbra, eu diria que não sabe que *somos* Pelumbra. E ele quer nos encontrar em um local público no meio do dia.

— E essa é nossa única opção além de invadir de novo a biblioteca — murmurou Briar.

Embora a declaração não tivesse sido dirigida a ela, ainda assim fez Delilah estremecer. *Isso já é passado — não tem nada que eu possa fazer a não ser seguir em frente e melhorar no futuro*.

— Nós vamos proteger uns aos outros — prometeu Delilah.

— Tudo bem, então — disse Ariel com um aceno de cabeça. — Saímos pela manhã.



Delilah, os gêmeos, Ariel e Santiago deixaram o navio na manhã seguinte, após o café da manhã. Eles pegaram o primeiro bonde para a cidade e desembarcaram do outro lado de Gellingham, depois da biblioteca. A última parada foi ao lado do rio Gell, um trecho largo de água verde-acinzentada, ladeado por salgueiros com galhos de junco que mergulhavam na água. Ramos de florzinhas amarelas desabrochavam acima e abaixo deles, e uma doçura amanteigada enchia o ar. A superfície da água, que se movia lentamente, levava as flores caídas rio abaixo.

Um único barco esperava no cais. Era de madeira, com cerca de três metros de comprimento e quatro suportes que sustentavam um pequeno telhado pontiagudo, como se fosse uma casinha. Lanternas redondas de papel estavam penduradas no teto, as borlas tremulando com a brisa. O barqueiro estava na parte de trás do cais, com um remo na mão. Ele tinha peito largo, era bonito, com pele bronzeada reluzente e cabelos castanho-escuros. Parecia ter mais ou menos a idade de Delilah, e usava uma camisa branca folgada e calça verde justa.

— Ariel — disse ele ao vê-los. — Faz tempo que não te vejo.

O rosto de Ariel se iluminou.

— Ru… olha só você! É praticamente um adulto.

— Não diga isso aos meus pais — respondeu ele, rindo. — Eles vão me fazer trabalhar mais do que eu já trabalho.

Ariel subiu no cais e abraçou o barqueiro antes de dizer:

— Santi, Delilah, Kieran, Briar: este é Ru Shao. Nós crescemos juntos na Cidade Shui. Ele era o melhor amigo do meu irmão mais novo.

Ru ergueu a mão.

— É um prazer conhecer vocês. Tentem se espalhar para não balançar muito o barco.

Santiago subiu primeiro, tomando o cuidado de se abaixar para evitar bater a cabeça no teto baixo. Ariel o seguiu, sentando-se na parte de trás com ele.

Enquanto isso, Delilah perguntou a Kieran:

— Você sabia que Ariel tinha um irmão mais novo?

Ele balançou a cabeça.

— Ariel não fala muito da família.

Ela assentiu e o seguiu até o cais. Ru estendeu a mão para ajudar a todos. Dentro do barco havia bancos largos o suficiente para duas pessoas se sentarem. Kieran subiu, depois Delilah. Briar hesitou na beira do cais. Ru ofereceu a mão, mas ela não a pegou. Delilah estendeu a dela.

— Vem.

Briar cerrou a mandíbula. Na beira do cais, ela pegou a mão de Delilah com cautela. Colocou um dos pés no barco, os olhos subindo do braço até o rosto de Delilah. O calor aqueceu suas bochechas por um momento enquanto ela fitava a outra garota.

Ela tentou colocou o pé para dentro, mas ele se enroscou em um pedaço de corda. Briar soltou um grito e caiu. Delilah apertou a mão e puxou, levando Briar em sua direção. O barco balançou, derrubando as duas para trás. As costas de Delilah bateram no banco, enquanto Briar aterrissou em cima dela, ofegante e pálida.

— Cuidado! — gritou Ru, estabilizando o barco contra o cais.

Ele olhou para dentro do barco.

— Todo mundo bem?

Briar piscou, olhando para Delilah, que a havia agarrado com os dois braços inconscientemente, abraçando-a contra o peito. Briar era ossuda e pequena, e a queda empurrou o tapa-olho para cima da testa, de modo que ambos os olhos fitavam Delilah, arregalados. Por um segundo, Delilah não conseguiu tirar os olhos dos lábios de Briar. A sensação da outra noite voltou com clareza, e ela ficou tensa. As bochechas de ambas ficaram coradas. O coração de Delilah acelerou.

Puta merda, controle-se, repreendeu-se mentalmente.

Delilah baixou os braços. Briar deu um grito e caiu no chão. Ela se esparramou, gemendo e xingando enquanto esfregava o cotovelo.

— Desculpa! Você está bem? — perguntou Delilah, sentando-se, com os olhos arregalados.

Briar ergueu o polegar sem empolgação.

— Estou.

— Tá todo mundo aqui dentro? — perguntou Ru. Quando todos falaram que sim, ele disse: — Então vamos.

Ru se afastou do cais e os guiou até o centro do rio. O rio fluía lentamente, com a brisa soprando florzinhas amarelas pelo ar. As ondas batiam de forma suave nas laterais do barco.

Briar se levantou e, a contragosto, sentou-se ao lado do irmão, que estava rindo da queda dela. Briar lançou-lhe um olhar fulminante, e ele tossiu para disfarçar, ainda sorrindo.

A Cidade Shui surgiu no horizonte alguns minutos depois. As mesmas árvores semelhantes a salgueiros ladeavam as ruas, com tufos de grama comprida em volta das raízes. Passarelas de pedra levavam a pontes em arco sobre os cursos d'água. Peixes partidos ao meio estavam pendurados em cordas amarradas entre as árvores, secando ao sol até se tornarem carne seca. Crianças corriam umas atrás das outras pelos becos estreitos entre as casas de dois andares com telhados de palha e varandas com vista para a água. Mais barcos com lanternas penduradas nos telhados passavam flutuando, e Ru acenava para os outros barqueiros enquanto mergulhava seu remo na água cristalina e seguia em frente.

— O que te traz de volta a Shui? — perguntou Ru a Ariel. — Seus pais fizeram parecer que você nunca mais voltaria.

Ariel abriu os olhos — estava sentindo o aroma das flores no ar.

— Estou resolvendo algumas pendências. Espero conseguir entrar e sair sem que ninguém me veja. — Ariel lançou um olhar para Ru. — Você não vai contar, certo?

Ele balançou a cabeça.

— Claro que não. Rory me mataria se eu te denunciasse.

Assim que Ru mencionou Rory, o sorriso de Ariel vacilou. *Será que era o nome do irmão mais novo?*, pensou Delilah.

Mas Ariel se recuperou rapidamente.

— Valeu, Ru.

Ele assentiu e perguntou:

— Ariel mencionou ao telefone que alguns de vocês não planejam ir pra casa dos pais delu. Para onde vocês vão?

Delilah não tinha percebido que era para lá que Ariel e Santiago estavam indo. Era um pouco surpreendente, considerando o que Ariel havia dito sobre a sua infância, mas não parecia certo se meter no assunto. *Talvez esteja tentando fazer as pazes*, ela pensou.

— Nós três vamos à Casa de Chá Pérola Vermelha — disse Kieran com um movimento da mão, indicando sua gêmea e Delilah.

Ru soltou um assobio baixo.

— Ah, vocês estão com sorte. É logo ali na frente.

Ele puxou o barco e o prendeu no cais. Delilah saiu primeiro, seguida por Kieran e Briar, que tinha começado a ficar um pouco pálida. Kieran se ofereceu para ajudar Briar a sair do barco, mas ela apenas fez uma careta, pisando no cais com cuidado.

— A gente vem buscar vocês à uma hora — disse Ariel.

— Tentem não ser sequestrados nem se machucar — acrescentou Santiago.

— Vamos fazer nosso melhor — garantiu Delilah com pesar, acenando. — Boa sorte com suas pontas soltas, Ariel!

Ariel acenou de volta enquanto Santiago suspirava e Ru empurrava o barco para longe do cais. Os gêmeos e Delilah subiram com cuidado a escada para a rua, que estava repleta de bicicletas barulhentas desviando deles. As paredes dos prédios eram decoradas com uma mistura de placas antigas de madeira em fenshi e celdwyniano, além de uma arte nova pintada em cores vivas, retratando peixes dourados, flores e crianças com balões nas mãos. Um vendedor ambulante vendia pirulitos de açúcar dourados em forma de macacos e dragões, além de espetos de morangos e bagas de espinheiro caramelizados. Delilah comprou um pirulito de dragão e, quando o lambeu, sentiu o gosto de lavanda.

— A casa de chá fica neste beco — disse Kieran, apontando, enquanto Delilah se afastava do vendedor. Ele consultou o relógio e disse: — Já é quase meio-dia. É melhor irmos andando.

Eles avistaram a Casa de Chá Pérola Vermelha através de um arco no beco. A placa do lado de fora, em fenshi, estava intacta, mas a que dizia CAFÉ/CHÁ em celdwyniano estava sem algumas letras, embora seu tracejado ainda fosse visível contra a parede branca. Havia uma árvore baixa e retorcida com feixes de folhas semelhantes a nuvens na entrada, com pequenas etiquetas douradas

penduradas nos galhos. Atrás dela, mesas estavam ocupadas por casais idosos tomando chá e pessoas mais jovens sentadas sozinhas, escrevendo ou desenhando. Contra a parede do fundo havia potes e mais potes de diferentes chás. Delilah e os gêmeos sentaram-se a uma mesa perto da janela, mantendo-se atentos.

— Estou nervoso — disse Kieran, limpando as mãos suadas na calça. — E se for uma armadilha?

— Agora é tarde demais — murmurou Briar. Ela perguntou a uma garçonete que passava: — Pode trazer um chá oolong com leite? Obrigada. — Quando Delilah e Kieran lhe lançaram um olhar, ela acrescentou: — Se vamos ser atacados, não vejo por que não podemos tomar um chá enquanto esperamos.

A garçonete tinha acabado de voltar com xícaras e um bule de chá oolong quando uma voz atrás deles disse:

— Vocês são os da biblioteca, certo?

Os três se viraram e viram o jovem bibliotecário deslizando para um assento ao lado de Delilah, em frente a Kieran, seus olhos cor de mel que lembravam flores silvestres os estudando enquanto ele se acomodava. Ele usava calça preta, uma camisa social azul e um colete prateado da mesma cor de seus óculos redondos. Delilah inalou e sentiu um sutil aroma terroso e quente, como fumaça de madeira de macieira, que não havia notado no caos da biblioteca: magia.

Todo o comportamento de Kieran mudou em um segundo. Suas bochechas pálidas ficaram coradas, seus olhos brilhantes se arregalaram e ele se endireitou na cadeira.

— Ah! O-oi. Que bom te ver de novo.

Delilah e Briar se olharam. Delilah arregalou os olhos, enquanto Briar franziu as sobrancelhas e a testa.

O bibliotecário assentiu.

— É bom ver você também. Não tenho certeza se você ouviu ontem, mas meu nome é Ash. Sou aprendiz de bibliotecário. Desculpa pelo bilhete pouco ortodoxo, mas achei que não seria uma boa ideia falar com vocês sobre algo tão sensível na biblioteca.

— Provavelmente o fato de que eles estavam prestes a chamar a segurança para expulsar a gente não ajudou — murmurou Briar.

Ash deu uma risada fraca.

— Isso também foi um obstáculo, é verdade. No começo, achei que você pudesse ser um Pelumbra quando mostrou aquele papel de carta para a Aniera. Não é incomum membros da família aparecerem por aqui. Mas aí…

Ele parou, olhando para Kieran.

— Sem ofensa, mas quando eu vi o que você estava vestindo… Bom, os Pelumbra são o tipo de rico que jamais seria visto usando uma calça de operário. Eles todos se vestem de um jeito muito ostensivo. Veludo, borlas e coisas do tipo.

Kieran ficou corado novamente. Briar abafou uma risada com os nós dos dedos, e Delilah lhe deu uma cotovelada por baixo da mesa.

Ash pigarreou.

— Mas… desculpa, fui muito grosseiro. Eu nem perguntei os nomes de vocês!

— Kieran! — cuspiu Kieran, nervoso. Todos se viraram para olhá-lo enquanto ele rapidamente pigarreava para encobrir uma falha na voz. — Eu sou… Eu sou o Kieran. Prazer.

Delilah também se apresentou. Depois de um momento, deu uma olhada para Briar. Ela parou de rir do irmão e disse:

— Ah, é, desculpa. Eu sou a Briar. Kieran é o meu irmão gêmeo, e a Delilah é nossa amiga.

— Prazer em conhecer oficialmente todos vocês — disse Ash com um pequeno aceno de cabeça. — Se não se importam que eu pergunte, o que queriam na biblioteca? — Olhando para Delilah, ele acrescentou: — Você disse que tinha a ver com seu Chamado?

Enquanto ela erguia as sobrancelhas e Briar estreitava os olhos, Kieran explicou:

— Estamos tentando quebrar uma maldição. E ela está relacionada aos Pelumbra.

Ash inspirou bruscamente.

— Ah, meu Deus, eles colocaram uma maldição em você?

Os olhos dos gêmeos se encontraram e, depois de uma pausa, eles responderam juntos:

— Sim.

Pela primeira vez, a expressão agradável e a aura formal de Ash desapareceram quando sua boca se curvou em uma carranca e ele esbravejou:

— Desgraçados!

O grande sorriso de Kieran murchou.

— Parece que estamos na mesma página, então — disse Ash, dando de ombros enquanto recuperava a compostura. Seus olhos mais uma vez encontraram os deles enquanto ele explicava: — Meu nome completo é Ashmont Bartelle. Os Pelumbra são o mais próximo que minha família tem de inimigos.

Kieran ficou branco como um fantasma.

— Kier? — chamou Delilah. — Você está bem?

— Hum… claro! Sim. Estou excelente. — Ele tomou um gole de seu chá, com a mão tremendo de leve. Abaixou a xícara e explicou às meninas: — Os Bartelle são outra família importante no norte de Celdwyn. Eles são ricos, como os Pelumbra, e n… *Eles* tinham várias parcerias comerciais. Antes…

— Antes de os Pelumbra matarem metade da minha família há alguns anos — completou Ash entre os dentes. Ele respirou fundo, mas seus olhos ainda estavam fulminantes. — Porque todos eles são pessoas cruéis e gananciosas, que descartam qualquer um que seja para ganhar um dólar a mais. Não existe um Pelumbra com coração.

Enquanto Kieran ficava ainda mais pálido, Briar levantou seu chá e disse:

— Um brinde a isso.

A testa de Ash se enrugou por um segundo antes de encostar sua xícara na dela. Ele perguntou:

— O que levou vocês dois a serem amaldiçoados pelos Pelumbra?

Uma gota de suor escorreu pela têmpora de Kieran enquanto Briar explicava, tranquila:

— Nós fomos criados em Havensbridge, a cidade no pé das montanhas onde fica a propriedade dos Pelumbra. Nós dois somos bruxos e viemos de uma família pobre, então eles nos convidaram para ir à propriedade deles para que os Pelumbra mais jovens pudessem praticar magia de combate contra gente

de fora e nos ofereceram um lugar para ficar em troca. William Pelumbra ficou tão irritado com o fato de sermos muito melhores em magia do que suas sobrinhas e sobrinhos que nos fez pagar por isso lançando uma maldição na gente.

— Que crueldade — disse Ash, os olhos indo de Briar a Kieran enquanto acrescentava: — Sinto muito.

— Está tudo bem — disse Kieran, esfregando a nuca. — Não é culpa sua.

Enquanto Ash permanecia fascinado por Kieran, Delilah — que não pôde deixar de ficar um pouco impressionada com a historinha improvisada de Briar — a cutucou e levantou as sobrancelhas.

Briar sussurrou, tão baixinho que Delilah mal conseguiu ouvir:

— Um de nós tem que saber mentir de improviso.

Enquanto isso, Ash pigarreou, desviando o olhar de Kieran.

— Parece que nós três fomos injustiçados por eles, então. Minha história é um pouco diferente. Quando eu era mais novo, os Pelumbra fizeram uma parceria com minha família para construir uma mina de carvão em um veio que passava por baixo da nossa propriedade. Apesar de a minha família ser rica, não tínhamos o dinheiro necessário para acessar o veio. Os Pelumbra se ofereceram para pagar pela construção em troca da divisão dos lucros da mina. Minha família assinou o acordo e permitiu que eles contratassem trabalhadores. Em poucos meses, a mina do Vale Bartelle–Pelumbra estava pronta para ser aberta.

Kieran se encolheu na cadeira.

— Até — explicou Ash — a véspera do início da mineração. Os Pelumbra convidaram os Bartelle para visitar a mina e mostrar a todos o que tinham construído. Meus pais levaram minha irmã mais velha e eu. Eu só tinha dez anos, então estava praticamente vibrando de empolgação quando descemos para os túneis. William Pelumbra também levou vários parentes dele, como se fosse uma grande festa. Estávamos na metade do passeio quando os alarmes começaram a soar. Meus pais agarraram minha irmã e eu quando a fumaça tomou conta dos túneis. Alguém gritou que tinha um incêndio, e o caos se instalou. O teto começou a ceder e o fogo incendiou o veio todo de uma vez. Era impossível respirar com a fumaça. Meus pais e eu conseguimos sair por

uma abertura, mas perdemos minha irmã porque ela — seus dedos se fecharam em punhos — tentou voltar e salvar um dos Pelumbra.

— Não consigo nem imaginar — sussurrou Delilah, sem saber o que dizer.

Ash cerrou a mandíbula.

— Quer saber o que mais me irrita nisso? — Ele encontrou os olhos dela. — Nem um único Pelumbra se machucou. Eu me lembro de correr pelos túneis, e era como se a fumaça e as pedras que caíam *evitassem* eles. Era impossível, parecia que eles não podiam ser feridos. E, para completar, o veio de carvão passava por baixo da nossa propriedade, e a fumaça que vazava do solo deixou nossa casa inabitável. A mina está queimando até hoje e nunca encontramos uma maneira de apagar o incêndio, então nunca poderemos voltar.

— Não é à toa que você odeia os Pelumbra — murmurou Briar.

Ash tomou um longo gole de sua xícara antes de soltar uma exalação forte pelo nariz.

— Desde então, passei anos tentando descobrir o que aconteceu. Não podemos investigar a mina, já que ela ainda está queimando, mas uma teoria é que os desmoronamentos e o incêndio começaram porque os Pelumbra quiseram improvisar e economizar na construção. E, considerando o que vi lá embaixo, só posso imaginar que tenha algum tipo de bênção sobre a família, algo que torna os Pelumbra sortudos de maneiras impossíveis.

— Como uma bênção poderia fazer isso? — perguntou Delilah. — Sempre pensei que esse tipo de magia não fosse tão poderoso, que só servisse para ajudar a encontrar objetos perdidos ou adivinhar o vencedor em um jogo de apostas. Não fazer com que uma família inteira sobrevivesse a um acidente horrível de mineração.

Ash assentiu.

— Pois é, e é por isso que comecei a suspeitar que a bênção dos Pelumbra não é normal. Não faz tanto tempo que trabalho com maldições, mas sei o suficiente para achar que é uma geas.

Os olhos de Delilah se arregalaram em compreensão, enquanto Briar franziu a testa e perguntou:

— Hum… O que é uma geas?

— É uma bênção mágica com uma condição, basicamente — explicou Ash. Delilah tinha ouvido Theo falar de geas, mas como se fossem uma lenda infantil, e não de fato algo real. — Nesse caso, acho que os Pelumbra têm uma geas que age tanto como bênção quanto como maldição: um membro carrega o fardo da maldição da família para todos os outros receberem os benefícios da bênção. Dependendo do quão terrível é a maldição, isso explicaria por que toda a família Pelumbra é tão sortuda, por que sua fortuna cresceu exponencialmente desde que chegaram ao poder, por que sempre vencem as eleições, por que parecem nunca morrer de nada além de velhice. Eles sacrificam um de seus membros para beneficiar toda a família.

— Faz sentido — disse Briar entre os dentes.

Temendo que o aperto da garota pudesse quebrar a xícara de chá que segurava, Delilah estendeu a mão e tocou gentilmente o pulso dela.

A mão de Briar relaxou.

Ash assentiu para ela com a cabeça, com a mandíbula cerrada.

— Você parece alguém que quer vingança.

Briar estalou o pescoço.

— Eu não seria contra isso.

— Nesse caso, tenho boas notícias. — Ash colocou a palma das mãos sobre a mesa, o olhar passando pelos três. — Tem um cofre dos Pelumbra, mantido fora da biblioteca, no arquivo restrito, que ninguém toca há mais de um século. Exatamente o tipo de lugar onde se guardam árvores genealógicas, certidões de nascimento… e talvez, só talvez, a forma escrita da geas. E, se tivéssemos a forma escrita, poderíamos encontrar uma maneira de destruir a bênção deles para sempre e conseguir a vingança que merecemos pelo que fizeram com a gente.

— Incrível! — exclamou Kieran, seus olhos se iluminando pela primeira vez desde que Ash começara a falar de sua família. — O que precisamos fazer para acessar o arquivo?

— Bom… E meio complexo. Os arquivos são restritos aos arquivistas, aos proprietários dos cofres e às pessoas com permissão por escrito de um dos conselheiros da biblioteca. Mas, em parte, é por isso que eu queria falar com vocês. Eu acho que, se tivermos mais de um testemunho oferecendo um bom motivo para acessarmos o cofre dos Pelumbra, podemos convencer um dos

conselheiros que conheço a nos dar permissão. Ele é meio insuportável, mas tem coração mole, especialmente em relação a pessoas amaldiçoadas.

— Parece razoável para mim. Onde podemos encontrar esse conselheiro? — perguntou Delilah.

— Imagino que já tenham ouvido falar dele — disse Ash. — É o Klaus Hammond.



CAPÍTULO TREZE

Regra n. 8: Qualquer coisa pode ser uma arma se você for criativo.

O mundo de Delilah parou de repente.

Ela nunca tivera nenhum interesse particular em conhecer o pai. Bem, exceto por algumas fantasias de repreendê-lo por abandonar a mãe e ela e por nem sequer enviar um cartão de aniversário por dezessete anos. Isso poderia ser agradável. Mas sem dúvidas jamais pensara em pedir um *favor* a ele, quanto mais um favor que poderia decidir se ela ia manter sua magia e potencialmente salvar a vida de seus amigos.

Isso vai ser um pesadelo.

— Ele mora em Gellingham — continuou Ash, claramente sem notar que Delilah tinha começado a surtar. — Mas está viajando há algumas semanas num… qual foi o termo que a Aniera usou… *retiro espiritual* com um grupo chamado Coven do Orvalho Lunar. São um grupo nômade enorme de bruxos que viajam por Celdwyn e países vizinhos.

Delilah não ouviu boa parte da última afirmação de Ash, porque estava meio ocupada fervendo de raiva. Ele pausou e perguntou:

— Você está bem, Delilah?

— Acho que, como estamos todos compartilhando segredos, também vou aproveitar. — Ela endireitou os ombros e soltou uma exalação pelo nariz. — Klaus Hammond é meu pai. Nunca conheci ele, mas é.

Ash recuou fisicamente.

— Quê? Como… você tem certeza de que é ele?

— Pode acreditar quando digo que minha mãe pinta um cenário bem… colorido da noite da minha concepção — respondeu Delilah, estremecendo ao lembrar quantas vezes Charlotte tinha contado a história a amigos e viajantes no pub. Pensando agora, era surpreendente ninguém ter ido atrás de Delilah antes de Kieran. — Seria algo difícil de inventar.

— Bom… Talvez, se for a filha do Klaus pedindo acesso ao cofre, as coisas fiquem mais fáceis. — Ash assentiu. — Daqui a uma semana, os bruxos do Orvalho Lunar vão passar na Floresta Pinwhistle para uma de suas paradas na feira itinerante. Como ela fica nos arredores da cidade, devemos conseguir encontrar com ele lá. Também não sei que tipo de progresso vocês fizeram na quebra da maldição, mas pode aproveitar para perguntar se algum dos bruxos conhece alguma panaceia que possa ajudar. Se, claro, vocês estiverem interessados. Não posso forçar ninguém a…

— Eu estou interessado, sim — interveio Kieran. Quando Delilah levantou as sobrancelhas, ele corrigiu: — É, nós estamos interessados. Sim.

Delilah olhou de soslaio para Briar, esperando que a garota lhe lançasse outro olhar de *qual é o problema dele?*, mas de repente ela tinha ficado pálida. Seus ombros estavam tensos, a mandíbula se mexendo enquanto ela encarava a xícara.

— Briar? — chamou Delilah, a voz quase um sussurro.

Ela balançou a cabeça, sem fazer contato visual.

— Não é nada. Deixa pra lá.

Enquanto isso, não tendo notado esse breve diálogo, Ash deu um sorrisinho para Kieran.

— Maravilha. Bom, obrigado por me escutarem e se oferecerem para ajudar. Eu sei que confiar em desconhecidos não é muito reconfortante, mas

acho que podemos fazer essa parceria funcionar para todos nós.

— Estou animado para ser seu parceiro. — Kieran deixou escapar. Ele esfregou a nuca. — Ou… hum, acho que isso vai ser bom.

Ash abriu um sorrisão.

— Eu também acho.

— Ótimo — disse Briar, seca. Ela apontou o relógio e disse: — Melhor a gente ir. Ariel e Santiago vão voltar já, já.

— Ela tem razão — falou Delilah. Aí, para Ash: — A gente se encontra daqui a uma semana e meia então?

Ele fez que sim.

— Pode apostar. Eu espero vocês na base da trilha leste da Floresta Pinwhistle. Foi ótimo conversar com você. — Ele mordeu o lábio e completou: — Com você também, Kieran.

Kieran deu o maior sorriso que Delilah já tinha visto.



— Parabéns por ter conseguido não tirar a roupa lá — disse Briar ao irmão, segurando um *tanghulu*, um dos espetinhos de morango e baga de espinheiro que tinham visto à venda em frente à casa de chá. Ela mordeu uma orbe caramelizada e, mastigando, adicionou: — Pelo visto estava sendo bem difícil para você não arrancar tudo e deixar o Ash te pegar ali mesmo.

Kieran quase cuspiu seu *jianbing,* que parecia um crepe. Estavam sentados num banco na rua ao lado do rio Gell, esperando Ariel e Santiago voltarem. Os três tinham se separado para comprar o almoço depois de se despedirem de Ash, que precisou voltar à capital para trabalhar. Delilah tinha acabado de terminar de engolir um *baozi* de porco.

Kieran corou.

— Eu… Eu não dei *tão* na cara.

Briar semicerrou os olhos por um momento. Aí, abaixou a voz — soando bizarramente como o irmão — e disse:

— Nãaao, Ash, não me odeie por ser um Pelumbra, você é tão sexy, haha.

Delilah tentou esconder que estava achando graça e acabou soltando uma gargalhada em staccato que se dissolveu em risadinhas. Briar sorriu, claramente

orgulhosa de si, enquanto Kieran revirava os olhos.

— Ele é muito lindo! Olha, eu fiquei preso numa casa só com os meus parentes pela maior parte da minha vida. Não aprendi a conversar com caras bonitos sem parecer um idiota!

— Ele era bem gato, admito — concordou Delilah.

— Blé — disse Briar, dando de ombros. — Pra quem curte esse tipo de coisa. Ele perdeu alguns pontos com aquela história de *quero me vingar de toda a sua família*.

Kieran a olhou sério.

— Acho que eu não pedi sua opinião sobre romance, garota que lê pornografia embaixo da mesa do café da manhã.

Delilah arquejou, sorrindo, enquanto o olho visível de Briar faiscava com magia azul.

— Você prometeu que não ia contar isso pra ninguém.

Para Delilah, Kieran completou:

— Tinha umas garotas com pouquíssima roupa na capa.

Briar se lançou para a frente e agarrou o colarinho da jaqueta dele. Com uma força impressionante, ela o arrancou de seu assento. Seus olhos foram para o rio, e Kieran implorou:

— Na água não…!

Antes de Briar poder jogá-lo, porém, todos pausaram ao ouvir o som de passos pesados na passarela. Um assovio cortou o burburinho de conversa da rua. Eles viraram a cabeça e se depararam com duas figuras vindo em sua direção, uma carregando um objeto embaixo do braço.

— Ei! — gritou a figura da frente. — Kieran! Delilah! Briar!

— Ariel? — percebeu Kieran. — Santiago? O quê…

— Parem eles! — gritou um homem correndo atrás.

Parecia haver três perseguidores, com uniformes pretos e vermelhos.

— Vai pra trás de mim — disse Briar, largando Kieran.

Seu olho visível reluzia azul, e a luz começou a se agrupar em torno das pontas de seus dedos.

Kieran e Delilah trocaram olhares antes de darem um passo atrás. Briar se agachou por um momento para pegar um punhado de terra, endireitando-se bem quando Ariel e Santiago os alcançaram.

— Vão, vão, vão! — berrou Ariel. O objeto embaixo de seu braço parecia ser algum tipo de vaso. — O Ru está no fim da rua com o barco!

— Eu alcanço vocês — prometeu Briar. Olhando direto nos olhos de Delilah, disse: — Vai.

O coração de Delilah se agitou por uma fração de segundo. Ela balançou a cabeça, corando de vergonha com a breve traição em seu peito, aí começou a correr junto com os outros.

— Guarda municipal — explicou Ariel, nem de longe tão ofegante quanto Santiago, enquanto abria um sorriso culpado para Delilah. — Me pegaram roubando.

— Uma… ameaça — chiou Santiago. — Você é uma… ameaça terrível… à sociedade.

Habitantes do vilarejo saíam do caminho enquanto eles passavam correndo. Um homem com um carrinho de algodão doce em formato de rosas deu um gritinho quando Ariel quase o jogou no rio com uma cotovelada para tirá-lo da frente. Santiago pediu desculpas baixinho ao passar.

Ao lado de Delilah, Kieran respirava com dificuldade, ficando mais para trás a cada passo. *Ele não tem força suficiente para isto*, percebeu ela, assustada. *A Briar o drenou demais recentemente.*

— Ei! — chamou Delilah enquanto ela e Kieran começavam a ficar para trás. — Nós… Nós não podemos conti…

Algo explodiu atrás deles. Os quatro pararam com tudo e viraram para ver uma enorme nuvem de poeira subindo no ar. Pessoas saíam correndo de dentro dela cobertas de poeira e tossindo.

— Briar! — berrou Delilah.

Ela teve tempo de dar quatro passos de volta na direção da nuvem quando uma pequena figura saltou de lá, caindo de pé ao completar um salto mortal para trás. Ela girou e saltou num arco gracioso e jogou mais dois punhados de poeira no ar.

Assim que dois guardas municipais emergiram da nuvem de poeira, Briar girou os pulsos. A poeira no ar inflamou. Explosões de chamas atingiram as roupas dos guardas, que berraram enquanto tentavam desesperadamente apagar o fogo.

Briar deu meia-volta, ofegante, e saiu correndo na direção de Delilah e dos outros. Ao passar por Delilah, perguntou:

— O que vocês estão esperando? Corram!

O coração de Delilah acelerou. Briar passou voando por ela, e Delilah retomou o ritmo, mantendo-se mais perto de Kieran. Embora ele continuasse ofegante, a pausa para recuperar o fôlego parecia ter sido suficiente para evitar que desmoronasse.

Como Ariel prometera, Ru estava esperando em sua gôndola pouco à frente. Santiago ajudou a estabilizar os outros, que embarcavam rápido. Ru empurrou o barco para longe do cais com seu remo, e começou a impulsioná-lo pelo rio, de volta pelo caminho que tinham feito de manhã.

— Todo mundo bem? — perguntou Delilah.

Briar limpou a terra dos ombros.

— Um banho seria bom. Não curto muito improvisar armas. Com certeza não com terra.

Kieran continuava tentando recuperar o fôlego. Ele perguntou a Ariel:

— O quê… O que é isso?

— Ah. — Ariel removeu o objeto de baixo do braço, e Delilah percebeu assustada que não era um vaso, e sim uma urna. Era feita de argila, com um verniz vermelho brilhante. — Certo. Este é o Rory, meu irmão mais novo.

— Talvez a gente não tenha escolhido o melhor momento — explicou Santiago. — A casa com certeza parecia vazia no início.

A boca de Ariel se curvou num sorriso perverso.

— Vocês tinham que ter visto a cara da Mŭqīn. Ela achou que eu fosse um fantasma. O Rory teria achado hilário.

— Que bom que você pegou ele — disse Ru. Ele olhou por cima do ombro, confirmou que não estavam sendo seguidos e soltou um suspiro aliviado. — Ele sempre foi mais feliz com você. Mesmo com suas maquinações malucas.

— Ele sempre quis viajar o mundo como piloto — explicou Ariel a Delilah e aos outros. — Não ia querer ficar parado numa prateleira na casa dos nossos pais. Então… — Ariel deu um tapinha na urna — … achei que ele podia vir com a gente.

— Vejo que vocês também saíram ilesos — comentou Santiago, olhando-os de cima a baixo. — Não era uma emboscada?

— Sem emboscada — confirmou Delilah. — Um aprendiz de bibliotecário quer ajudar a gente.

— Não é bem assim — corrigiu Briar. — Ele está obcecado em se vingar dos Pelumbra. Então estamos na corda bamba. — Ela apontou o irmão com o polegar. — Mas esse aqui aparentemente curte isso.

— Foi mal — falou Kieran, enterrando o rosto nas mãos e abaixando a cabeça. Sua respiração ainda estava um pouco irregular demais para o gosto de Delilah, e ele tremia um pouco, mas parecia estar se recuperando. Ele completou, com a voz abafada: — Você já viu alguém tão lindo que seu cérebro simplesmente para de funcionar? Parece que você foi possuído por um demônio que te faz fazer e dizer coisas idiotas que não faria nem diria em outra ocasião?

Sem perceber, os olhos de Delilah se voltaram para a boca de Briar por um brevíssimo segundo, até ela ver Briar fazendo o mesmo. As duas olharam para a frente com um solavanco, as bochechas ficando vermelhas e o suor irrompendo na nuca de Delilah.

— Nunca — falou Briar rápido.

— Não sei como é isso — concordou Delilah.

— Ah, que fofura. — Santiago deu uma risadinha. — O Kieran tem uma paixonite autodestrutiva. Como ele se chama?

— Pode ter guardas municipais da Cidade Shui atrás da gente. Talvez fosse melhor nos concentrarmos em fazer silêncio e ficar imperceptíveis — argumentou Kieran.

— Que nada — descartou Ru, olhando a beira do rio. — Parece que despistamos eles. A barra está limpa.

— Você ouviu o homem — disse Ariel, sorrindo. — Pode contar tudo.

Kieran gemeu enquanto todos os outros se recostavam no banco, inundados por ondas de alívio.



CAPÍTULO CATORZE

Regra n. 3: Diz a sabedoria antiga que a cor da magia de alguém é um indicativo de sua personalidade — verde exuberante significa estabilidade e teimosia, vermelho significa paixão e raiva, roxo é para os apáticos, amarelo para os astutos e azul bem claro para mentes atormentadas. Já a sabedoria atual diz que os resultados podem variar.

Naquela noite, de volta ao aeronavio depois de todo mundo ter jantado, Delilah se enfiou no escritório e fez mais anotações sobre os Pelumbra. Ela escreveu tudo o que Ash havia contado, circulando várias vezes a palavra *geas*. Estava perdida em pensamentos, desenhando Cinnabar no canto de uma página, quando a porta se abriu e Briar entrou.

— Então, é aqui que você está se escondendo — comentou Briar, se jogando no sofá que ficava junto à janela. O luar entrava e deixava a pele dela com um brilho prateado. Ela se esparramou, fechou os olhos e bocejou. — O que está fazendo?

— Só umas anotações para mim mesma. — Delilah fechou o caderno e viu Briar começar a puxar uma costura solta do sofá. — Conseguiu tirar toda a terra?

Briar soltou uma risada pelo nariz.

— Consegui. Mas levou um tempo.

— Como você fez aquilo, aliás? — perguntou Delilah, colocando o caderno ao seu lado numa mesa lateral ornamentada. — Como transformou aquela nuvem de poeira em fogo?

Briar sorriu.

— *Ledrith*. É, sabe, magia de combate baseada em dança. É meio que minha especialidade, tipo você e seus doces.

— Ah, sim. Você comentou lá em Dothering. — Delilah piscou. — Mas *ledrith* é tão…

— Gracioso? — chutou Briar. — E eu não sou exatamente graciosa, é?

Delilah corou.

— Eu não usaria essas palavras.

— Eu gosto de fazer do meu jeitinho — disse ela, rindo, aparentemente inabalada pela provocação acidental de Delilah. — Posso te mostrar um dia desses, se quiser aprender alguns golpes básicos. Não é difícil.

— Sério? De onde eu venho, os bruxos tendem a ser… bem reservados em mostrar suas técnicas a outros bruxos. Ficam com medo de suas habilidades serem copiadas e eles perderem sua influência.

Briar piscou.

— Sério? Que bobagem.

— Pelo jeito você realmente não cresceu com a cultura de uma cidade pequena, né? — Delilah assentiu. — Se não se importar em me mostrar, eu amaria aprender.

— Lógico. — Briar se levantou do sofá, fazendo um gesto para Delilah a seguir. — Vem. Posso te mostrar lá no deque superior.

— Agora?

Briar deu de ombros.

— Por que não?

Justo, pensou Delilah. Ela saiu do escritório atrás de Briar e seguiu pelo corredor, com suas pinturas impressionistas e pisos de madeira rangendo. Era

como se estivessem sozinhas. Kieran tinha ido dormir cedo — Delilah tentou não pensar em como as aventuras do dia o tinham exaurido, mas isso estava escancarado em seus olhos fundos. Ela ouviu Santiago e Ariel rindo enquanto jogavam uma partida de cartas na mesa de jantar. Não via Adelaide desde que voltaram, mas supôs que ela estivesse arrumando a cozinha ou lendo.

Delilah e Briar subiram a escada até o deque superior. A noite tinha trazido um frescor ao ar, o finzinho do frio antes de o verão dominar Celdwyn por completo. Briar endireitou os ombros e tirou o suéter largo de cima deles, revelando uma regata preta e a pele clara com sardas dos braços e do peito. Ela se virou, emoldurada pelas árvores do campo de pouso, pelos outros aeronavios que estavam atrás e pelas estrelas que brilhavam no céu.

O coração de Delilah bateu forte.

— Quer trocar esse vestido? — perguntou Briar, fazendo um gesto para a vestimenta verde que batia nas panturrilhas de Delilah.

Delilah fez que não.

— Não precisa. Só não põe fogo nele.

— Não prometo nada. — Briar parou ao lado dela e disse: — Primeiro, fique com os pés separados e distribua o peso igualmente entre os dois. Endireite os ombros. Dobre os joelhos.

— Que militar — disse Delilah, rindo e se esforçando para seguir as instruções.

Ela desdenhou.

— Nem um pouco. Se eu estivesse sendo militar — ela contornou Delilah, aí deu um chute repentino para separar os pés dela e levantou as mãos, puxando os ombros da outra garota para trás sem hesitar —, eu faria algo assim.

Delilah tentou dar uma cotovelada no esterno de Briar, mas ela segurou com a mão aberta.

— Bela tentativa, bruxinha cozinheira.

— Como você é babaca — resmungou Delilah.

— Eu estou *ajudando* — devolveu Briar.

Ela parou dentro da linha de visão de Delilah, mas não tão perto que pudessem se tocar. Inexplicavelmente, Delilah ainda sentia onde Briar havia

tocado em seus ombros, a pele quente como se a outra garota tivesse disparado uma minúscula faísca de eletricidade em seus nervos.

— A magia mais difícil — começou Briar, assumindo a mesma pose — é criar algo do zero. Foi por isso que eu usei terra mais cedo. É mais fácil canalizar magia num objeto, em vez de usar magia pura. É possível se você for poderosa o suficiente, mas é melhor começar com algo. — Ela pôs a mão no bolso e tirou algumas pedrinhas, jogando uma para Delilah. — Segura entre as palmas.

Delilah fez isso. Os dois olhos de Briar começaram a brilhar azuis enquanto ela explicava:

— Agora, comece a conduzir magia para ela e siga o que eu fizer.

Delilah assentiu. Respirou fundo e mentalmente extraiu a reserva de magia que residia em seu peito, canalizando-a pelos braços e dedos, os olhos brilhando verdes.

Briar afastou as mãos. A pedra levitou entre suas palmas, reluzindo de energia azul. Ela plantou um pé à frente do corpo, aí avançou com o outro enquanto virava, movendo a bola de luz junto consigo. Com um impulso repentino, ela girou, lançando o pé plantado e a bola cintilante no ar. A pedra que estava dentro explodiu com a magia, fazendo choverem faíscas azuis sobre as duas.

Delilah mordeu o lábio e respirou fundo antes de tentar copiar o movimento. Não era nem de perto tão graciosa assim e, quando tentou girar em cima do pé parado, cambaleou um pouco, mas isso não a impediu de lançar sua bola de magia no ar. Era bem menor que a de Briar e não chegou nem perto de explodir com a mesma pompa, mas, ainda assim, causou uma chuva de faíscas verdes que pareciam vaga-lumes na escuridão.

— Nada mal — disse Briar. — Alguém já te disse que você provavelmente tem mais poder puro do que a maioria dos bruxos?

Delilah fez que não.

— Nunca. Eu sempre me achei bem na média.

Briar balançou a cabeça, sorrindo.

— Que nada. Vou te falar uma coisa: só te disseram isso porque sabiam que você era mais forte.

Delilah relembrou todas as suas aulas em Kitfield, todas as vezes que Ruby lhe dissera que ela daria uma boa bruxa para outra cidade. Claro que não ia demonstrar que Delilah era mais poderosa que ela — por que faria isso?

— Puxa. — Delilah olhou Briar nos olhos. — Isso te intimida?

Briar gargalhou.

— Você vai ter que fazer bem mais que produzir essa bolinha mágica de nada para me intimidar, Delilah.

As orelhas de Delilah ficaram cor-de-rosa. Era muito estranho ouvir Briar falando o nome dela assim, tão relaxada, gargalhando e sorrindo como se não tivessem passado semanas se desprezando.

Ou talvez não fosse isso. Talvez nunca tivesse sido raiva que as mantinha distantes.

— Tá, beleza — disse Delilah, revirando os olhos. — Me mostra de novo.

Elas passaram mais ou menos uma hora praticando, depois de Delilah finalmente ceder e trocar de roupa, vestindo uma camiseta fina e uma calça após tropeçar muitas vezes no vestido, para o deleite arrogante de Briar. Em geral, ela odiava usar qualquer coisa masculina — tinha passado boa parte da infância sendo zoada por sua altura, muitas vezes sendo questionada se, na verdade, era um menino —, mas nesse momento nem estava pensando nisso, ao lado de Briar, que parecia não ligar para a aparência das outras pessoas.

Quando enfim pararam, Delilah estava com um leve brilho de suor na testa e os cachos grudados na nuca. Sentou-se numa das cadeiras do deque enquanto Briar foi buscar água na cozinha para as duas.

— Obrigada — disse Delilah, pegando seu copo da mão de Briar e brindando com o dela. — Tim-tim.

— Você é bem boa — comentou Briar, sentando-se ao lado dela. Ambas olharam as estrelas, recuperando o fôlego. — Aposto que, se ficasse de saco cheio de cozinhar, teria um futuro promissor com *ledrith*.

Delilah deu um sorrisinho.

— Isso significa muito para mim.

Briar deu de ombros.

— Só estou falando a verdade.

As duas ficaram sentadas em silêncio por um momento, absorvendo a vastidão do céu. Delilah percebeu seus pensamentos voltando ao início daquela

tarde e à conversa com Ash.

Ela mordeu o lábio.

— Briar? Posso te perguntar uma coisa?

Briar levantou as sobrancelhas.

— Talvez. O que você quer saber?

— Mais cedo, lá na casa de chá, Ash mencionou panaceias e você pareceu… não muito animada com a ideia. — Delilah suavizou a voz. — O que é uma panaceia?

Mais uma vez, Briar estremeceu. Ela balançou a cabeça e disse:

— Panaceias… são meio que… curas mágicas universais. A ideia é que podem remover qualquer maldição ou outra magia sombria de alguém. São muito, muito raras ou simplesmente uma lenda. Mas muita gente vai atrás delas, torcendo por uma solução alternativa que quebre a maldição caso estejam sem opções.

— Parece uma coisa boa — comentou Delilah.

Briar fez que não.

— Não. Não é mesmo.

Delilah inclinou a cabeça e a encarou, esperando uma explicação, mas de repente os olhos de Briar pareceram vazios. Foi como se o corpo dela tivesse desligado e a única coisa que ainda funcionava estivesse atrás de seus olhos.

— Eu… imagino que você tenha um motivo para não confiar nesse tipo de coisa — comentou Delilah. — Não precisa contar se não quiser.

Briar se aquietou, puxando os joelhos para perto do corpo. Passou um dos dedos pelo topo do braço, traçando uma das cicatrizes mais aparentes que cortavam sua pele. Era rosa-clara, a pele enrugada e irregular. Delilah já tinha notado antes, mas não ia perguntar de onde vinha cada marca — tinha imaginado que fazia parte do fato de ela ter crescido numa floresta.

— Se eu te contar — começou Briar, fazendo contato visual Delilah —, você tem que prometer não me olhar como fez com Ariel, quando elu te contou do irmão, ou com Ash, quando ele falou sobre o incêndio na mina.

Delilah levantou de repente as sobrancelhas.

— Quê?

— Quando você tem pena de alguém — disse Briar —, fica com uma cara de quem está magoada.

Delilah franziu a testa.

— Isso se chama compaixão, Briar.

Briar balançou a cabeça.

— Não estou nem aí para como se chama. Só não faz isso, tá?

— Tá — concordou Delilah, baixinho. — Não vou fazer.

Briar fechou os olhos com força e respirou fundo.

— Quando Kieran e eu nascemos, minha mãe decidiu que o melhor jeito de ele ter uma vida mais longa era me mandar embora — disse Briar, olhando fixamente a cicatriz, com cuidado de evitar os olhos de Delilah. — Os Pelumbra disseram para ela que não ia adiantar, mas ela insistiu. No fim, a verdade era que ela não me mandou embora por causa disso, e sim porque tinha nojo de mim. Ela não queria admitir que eu era dela. Meus pais pediram para vários familiares diferentes cuidarem de mim. — A voz dela soava vazia. — Ninguém queria ser obrigado a esconder uma bebê amaldiçoada. Eles tinham quase desistido quando Wrenlin entrou em contato e se ofereceu para ficar comigo. Ela só tinha dezenove anos e fazia menos de um ano que a maldição tinha matado os irmãos dela. Wrenlin havia cortado laços com a família e se mudado para Margem Gabriel para se afastar deles. Ela odiava todos porque tinham basicamente deixado os irmãos morrerem na frente dela. E minha mãe estava tão desesperada para se livrar de mim que concordou em me entregar para uma ermitã adolescente numa floresta.

Delilah assentiu, tentando desesperadamente manter o rosto neutro.

— Sua mãe parece terrível.

— Sei lá. Não sei se culpo ela. Pelo que fiquei sabendo, quando nasci, eu… — Ela considerou as palavras. — Eu não parecia normal. Não era como um bebê deveria ser. Não era igual ao Kieran.

Delilah crispou os lábios. Não conseguia imaginar do que Briar podia estar falando.

— O que fez a Wrenlin querer ficar com você?

Briar fechou a cara.

— Ela tinha feito alguma promessa para os irmãos de que ia dar um jeito de quebrar a maldição. Então, quando eu nasci, decidiu que o único jeito de honrar os dois era ficar comigo e matar aquilo que tinha matado eles. Ela me aceitou especificamente para descobrir um jeito de me consertar.

— Nunca é uma boa abordagem para criar uma criança — comentou Delilah.

Briar revirou os olhos, assentindo.

— Ela estava tão concentrada no fato de que eu era amaldiçoada que simplesmente… esqueceu que eu também era humana. — Ela esfregou os olhos. — Minha infância toda foi uma teoria sobre a maldição atrás da outra. No fim, ela decidiu que não tinha como quebrá-la e que a única esperança era usar uma panaceia.

Ela se encolheu, apertando bem os olhos antes de continuar:

— A Wrenlin não tinha muito dinheiro. Meus pais mandavam fundos para ela cuidar de mim, e ela gastava quase tudo em panaceias falsas. Toda semana, tinha algo novo, algum bálsamo para esfregar no meu peito ou uma poção que me fazia vomitar por três dias seguidos. E eu tomava, porque era criança e não sabia que me fariam mal.

"E teve uma vez, quando eu tinha uns… sete anos, talvez. Eu tinha acabado de passar por um ataque, e ela estava limpando terra do meu rosto. Wrenlin me disse que um dia eu não teria que sentir esse tipo de dor. Sem pensar, eu falei para ela que os ataques não me machucavam."

Briar abraçou o próprio corpo, encarando os joelhos.

— Porque, em geral, não machucam mesmo. Talvez no começo, mas… depois que começa, é… incrível. Parece que eu sou capaz de qualquer coisa. E é horrível admitir que eu gosto da sensação, porque sei que o Kieran sofre tanto, mas, quando eu era pequena, não entendia isso. Eu só falei a verdade para ela.

"Ela surtou. Me disse que eu merecia ser amaldiçoada. Depois disso, as panaceias falsas que ela testou passaram a ser… invasivas. Ela escolhia coisas que sabia que iam me machucar e, se eu dissesse que doía, me lembrava o quanto eu era terrível por gostar de como a maldição fazia eu me sentir. Que era assim que eu podia me redimir."

Briar respirou trêmula, pressionando o dedo na cicatriz com força.

— Esta foi a pior. Ela me prendeu e cortou meu braço para colocar dentro da ferida um maço de ervas que tinha comprado de uma bruxa, dizendo que elas sugariam a maldição do meu sangue. A ferida infeccionou e eu fiquei doente. Levei semanas para voltar ao normal.

Delilah pressionou o punho nos lábios. Não tinha percebido quanto estava profundamente tensa até mover os lábios, com os músculos doloridos.

Ela perguntou:

— Você… Você contou para alguém?

Briar fez que sim.

— Uma vez. Todo ano, meu pai, William, fazia uma visita para ver como eu estava. Quando eu era pequena, era a coisa mais empolgante do mundo. Eu ficava lá na janela, tão feliz que meu pai ia me visitar. — Ela mordeu a parte de dentro da bochecha. Seus olhos começaram a brilhar. — Ele sempre sorria ao me ver. Me pegava no colo, me abraçava e dizia que me amava. Eu achava que ele era a melhor pessoa do mundo. E, depois disto — ela apontou para a cicatriz —, quando ele foi me ver, eu contei o que a Wrenlin tinha feito. Tinha certeza de que ele finalmente veria que precisava me levar para casa, mesmo que eu fosse amaldiçoada.

Uma lágrima escorreu pela bochecha de Briar, e ela secou com a mão fechada.

— Ele viu e… nem reagiu. Passou os dedos pelo meu cabelo, beijou minha testa e falou que a Wrenlin estava fazendo o necessário para me curar. — Ela soltou uma respiração trêmula enquanto as lágrimas apertavam sua garganta. — E me largou lá. Me largou com ela. Não estava nem aí.

Ela conteve um soluço, e Delilah foi até o seu lado. Estendeu a mão para um abraço, aí hesitou.

Briar fungou, balançando a cabeça.

— Não precisa me tocar.

— Não… Não é isso… — Delilah piscou para afastar as lágrimas. — Eu posso? Tem problema?

Briar assentiu, as lágrimas pingando pelo queixo.

Delilah estendeu o braço e puxou a outra garota para perto, aconchegando-a em seu peito. A pele exposta de seus braços estava toda arrepiada. Briar fechou os olhos e tentou se acalmar, respirando devagar pelo nariz e fechando as mãos no tecido da blusa de Delilah.

Briar esfregou as lágrimas da bochecha no ombro de Delilah e murmurou:

— Você fez a cara. Eu te disse para não fazer aquela cara.

— Eu não tenho pena de você, Briar — sussurrou Delilah, apoiada nos cabelos curtos de Briar. — Não mesmo.

— Mas devia — devolveu Briar. — Eu mereço.

Delilah a segurou com mais força.

— O que aconteceu com você não é culpa sua. Você era criança. A Wrenlin e o seu pai e todo mundo… *Eles* falharam com *você*. Você não é um problema que precisa ser solucionado.

— Não sou? — questionou Briar, sem abrir os olhos. — Esse é o motivo todo de você estar aqui. Tentar me consertar.

— Você não é sua maldição — falou Delilah. — Assim como eu não sou a minha.

— Às vezes, parece que todo mundo só enxerga isso — sussurrou Briar. Ela abriu os olhos e os levantou para Delilah. — Desculpa. Eu não queria… Não queria despejar toda essa merda em cima de você.

Delilah soltou uma gargalhada, secando a umidade das próprias bochechas.

— Você é tão boa com palavras. — Ela esfregou o polegar em círculo no braço de Briar. — E eu perguntei, né? Obrigada por me contar. Eu… Eu entendo bem mais agora.

— E se a gente for nessa feira com o Ash, você não vai me forçar a tentar nenhuma panaceia? — perguntou Briar.

Delilah fez que não.

— Não. Eu jamais te forçaria a fazer alguma coisa que fosse te machucar.

— Mesmo que envolvesse o segredo para quebrar a maldição? — questionou Briar. — Mesmo que significasse que você ia perder sua magia?

Delilah balançou de novo a cabeça.

— Só você pode tomar esse tipo de decisão. Não cabe a mim te dizer o que fazer.

Briar conseguiu dar um sorrisinho.

— Falou tudo.

— Pronto. — Delilah a soltou e se afastou, esfregando a parte de cima dos braços. — Preciso entrar, senão vou acabar congelando, mas… obrigada por confiar em mim.

Briar assentiu.

— Sim. Eu… vou entrar já, já. Só preciso de um minuto.

— Eu faço um chá pra gente — disse Delilah, alegre.

Briar olhou para o outro lado, tentando esconder o sorriso que queria suprimir.

— Obrigada, Delilah.

Quando Delilah ficou de pé e foi na direção da escada, pausou para colocar a mão no peito, momentaneamente dominada por uma sensação de calor.

Ela desceu a escada.



CAPÍTULO QUINZE

Regra n. 13: Esteja preparado: o passado tem um hábito irritante de voltar.

Com o passar da semana seguinte, Delilah e os outros esperaram pela chance de encontrar Klaus Hammond com o Coven do Orvalho Lunar. Delilah se ocupou pesquisando sobre geasa em algumas das livrarias locais de Gellingham, em uma tentativa de se distrair do complexo novelo de emoções que envolvia o encontro com seu pai. Ela não sentia amor por Klaus, mas havia uma parte dela, lá no fundo, que estava curiosa sobre ele. Ainda assim, ela fez o melhor que pôde para afastar essa curiosidade em favor de aprender os meandros das geasa.

Descobriu que elas eram extremamente raras no presente, mas tinham sido muito mais comuns na época em que o Conselho dos Bruxos assumiu o poder. Costumavam ser usadas por bruxos poderosos que tentavam se vingar de outros bruxos poderosos — sabendo que o vínculo complexo entre bênção e maldição tornava mais difícil removê-las. Delilah anotou isso, escrevendo um comentário embaixo que dizia: *Bruxo de outra família importante?*

Quando Delilah perguntou a Kieran se os Pelumbra tinham feito parcerias com outras famílias ricas além daquela com os Bartelle, ele não conseguiu se lembrar de nenhuma. Eles sempre dependeram basicamente de si mesmos.

— É mais fácil confiar na família — disse Kieran, dando de ombros. — Não que a gente sempre se dê bem, porque definitivamente não é o caso, mas a família sempre vem em primeiro lugar.

Delilah acrescentou outra anotação à página: *Lançada por um Pelumbra em outro?*

Parecia improvável.

Nesse meio-tempo, Kieran entrou em contato com Ash. Os quatro se encontraram em Gellingham algumas vezes para traçar o plano de ataque e, depois disso, apenas conversar.

Ou… alguns deles conversavam, pelo menos. Delilah e Briar se viram sentadas na primeira fileira do show de Kieran e Ash, um espetáculo emocionante com muitos toques suaves de mão e risadas exageradas das piadas nada engraçadas um do outro. Ash tirava um livro da bolsa para mostrar uma passagem a Kieran, e os dois ficavam sentados sorrindo e gargalhando entre si enquanto Delilah e Briar torciam o nariz. Parecia que tinha se esquecido de que não estavam sozinhos neste planeta, o que era impressionante, porque as encenações de Briar de estar vomitando ficaram cada vez mais exageradas.

Na véspera da parada do coven nos arredores da cidade, Ash se retirou da mesa para buscar o café, e Briar finalmente não aguentou mais.

— Então, e aí — soltou ela, colocando a palma da mão na bochecha e olhando languidamente para o irmão do outro lado da mesa —, você e o Ash já treparam ou não?

O queixo de Kieran caiu.

— Briar!

Ela ergueu a sobrancelha.

— Isso é um não?

Kieran franziu a testa, com as sobrancelhas arqueadas. Arregalou os olhos para Delilah, esperando que ela o defendesse.

Delilah simplesmente examinou as unhas.

— Se não, deveriam.

— Vocês duas são inacreditáveis — esbravejou Kieran. Ficou mexendo no papel à sua frente para ocupar as mãos, balançando a cabeça. — Eu nem sei do que vocês estão falando. O Ash e eu somos só amigos.

Briar e Delilah estreitaram os olhos pare ele.

— Que foi? — perguntou ele.

Briar pigarreou e colocou a mão no braço de Delilah. Em uma imitação assustadoramente precisa da voz do irmão, disse:

— Ah, Ash, você é *tão engraçado*.

Delilah baixou a voz uma oitava, colocando a mão dela sobre a de Briar.

— Não tão engraçado quanto você, Kieran. Eu poderia ficar te ouvindo falar o dia inteiro.

— Parem com isso — retorquiu Kieran.

— Eu prefiro que você me cale — Briar continuou na voz de Kieran, batendo os cílios e balançando os ombros. — Vamos nos beijar lá no meio das prateleiras. O cheiro dos livros me deixa *tão excitado*.

— *Kieran*, como você é safado — respondeu Delilah, mordendo o lábio.

Briar soltou um suspiro teatral.

— Me dá uma palmada com um tomo amaldiçoado.

— Por favor — implorou Kieran, com o rosto vermelho. Pressionou as mãos nas bochechas. — Ele vai voltar e… caramba, eu *literalmente* pago para vocês pararem.

— Admite que você gosta dele e talvez a gente pare — disse Briar com um sorriso diabólico.

— Tá bom! — Kieran jogou as mãos para o alto. — Eu gosto do Ash! Muito! — Ele enterrou o rosto novamente nas mãos. — Está feliz?

— Muito. — Briar deu uma risadinha.

— Eu estaria um pouco mais feliz se ele não odiasse mais que tudo a fuça de todos os Pelumbra — falou Delilah, baixando o tom de voz para que ninguém por perto conseguisse ouvir. Ela se debruçou sobre a mesa e cochichou: — Não estou tentando criticar o seu gosto, mas tem certeza de que quer ficar com alguém que fez um pacto de vingança contra a sua família?

Kieran arquejou, dando de ombros.

— Todo relacionamento tem obstáculos, certo? — Ao ver a expressão das meninas, acrescentou: — Olha, eu já queria me distanciar do nome Pelumbra.

Por que não o abandonar completamente? O Ash não precisa saber.

— Sou a última pessoa que te diria para manter laços com os Pelumbra — disse Briar —, mas, gostando ou não, é isso que somos. Afinal de contas, carregamos a maldição deles. Você não pode simplesmente fingir ser outra pessoa e esperar que ele nunca descubra.

— Ela tem razão — concordou Delilah. — Se ele não te aceitar por quem você é, você não deveria tentar mudar por ele.

— Estou mudando por *mim*, não só por ele — argumentou Kieran. — O Kieran Pelumbra original não existe mais. Eu sou uma pessoa independente. Uma pessoa independente que não está associada ao meu passado. Nem com as pessoas que feriram Ash.

— Você está brincando com fogo — advertiu Delilah.

— Vai dar tudo certo — garantiu Kieran. Ele notou algo por cima do ombro de Delilah e acrescentou: — Agora finjam que não estávamos falando disso. Ele está de volta.

— Café? — Ash disse um momento depois, colocando uma caneca na frente de Kieran.

— Sim, por favor — respondeu ele, radiante.

Delilah e Briar trocaram olhares, mas não disseram mais nada.

No dia seguinte, uma tempestade de verão começou a se formar ao sul, trazendo consigo um ar pesado e frio. Delilah encontrou Briar e Kieran na rampa, com uma sacola de suprimentos pendurada no ombro.

— Estão prontos? — perguntou ela.

— O Ash vai encontrar a gente no início da trilha — explicou Kieran com um sorriso. Quando Delilah e Briar reviraram os olhos, ele acrescentou: — Por favor, comportem-se.

— Não prometo nada — murmurou Briar no ouvido de Delilah.

Santiago os alcançou pouco antes de saírem e distribuiu comida embrulhada em pano de cera de abelha. Ariel e ele estavam planejando comprar suprimentos naquela manhã, deixando os garotos por conta própria. Eles agradeceram pelos lanches e saíram para pegar o bonde.

Eles seguiram pela estrada por cerca de oitocentos metros e desceram em uma parada não passava de uma plaquinha apoiada nos trilhos. Outra placa mais adiante, em um caminho de terra, dava as boas-vindas aos visitantes da Floresta Pinwhistle. As árvores eram enormes e subiam até o céu, pinheiros com galhos largos e casca com um leve cheiro de turfa e baunilha. A luz do sol salpicava a trilha, e samambaias prateadas brotavam ao lado dela.

Ash estava embaixo da placa de boas-vindas, vestido com uma camisa xadrez de botões enfiada em uma calça cáqui e botas grossas de caminhada, com um bastão na mão.

— Vocês vieram! — Ele apontou com a cabeça para a trilha. — É por aqui. Não deve levar mais de uma hora.

— Ótimo — disse Kieran, radiante, e se pôs ao lado de Ash. — Eu nunca fiz trilha. Já te contei isso? Acho que já devo ter contado.

Eles começaram a andar, parecendo nem notar que Briar e Delilah estavam atrás deles.

— O amor deixa a gente burro, né? — disse Briar.

Delilah assentiu.

— Pelo jeito, sim. Vamos.

Os quatro subiram a trilha, o suor brotando na testa de Delilah. Kieran logo se viu ofegante, com o suor escorrendo da testa. Recentemente, havia desenvolvido um chiado nos pulmões e precisou parar de caminhar algumas vezes para tossir e enxugar a testa. Ainda assim, manteve um ritmo decente, então Ash ficou atrás com ele enquanto Delilah e Briar tomavam a dianteira. A floresta desabrochava em todos os tons de verde, com veados correndo entre as árvores e o canto dos pássaros nítido na brisa. Eles passaram por alguns bruxos descendo, claramente tendo ido à feira ao nascer do sol para garantir as melhores mercadorias. Alguns carregavam sacolas com potes cheios de ingredientes para preparar poções, enquanto outros tinham os braços lotados de flores que cheiravam a um doce encantamento que causou um friozinho na barriga de Delilah.

Eles chegaram à metade da trilha antes que Delilah os parasse. Kieran tentou desesperadamente recuperar o fôlego, enquanto Briar inclinou um pouco a cabeça para o lado.

— Estou sentindo cheiro de magia na trilha desde que chegamos — explicou Delilah, e apontou para as árvores. — Mas neste ponto ele se desvia para este lado. Acho que, se outros bruxos já seguiram esta trilha, eles viraram aqui.

— Acho que faz sentido — disse Ash, passando o polegar gentilmente pelo queixo enquanto refletia a respeito. Kieran o observou como se ele fosse o sol nascendo sobre as montanhas depois de uma noite longa e fria. — Sei que eles gostam de montar a feira de modo que seja um pouco mais difícil para as pessoas não mágicas encontrarem. Talvez devêssemos seguir essa trilha dos bruxos.

— Parece uma ótima maneira de se perder na floresta — resmungou Briar.

— Concordo com o Ash — falou Kieran, esfregando a testa com o dorso da mão para limpar uma gota de suor. — Acho que devíamos seguir a trilha.

Delilah mordeu o lábio.

— Olha, eu não sou um cão de caça. Não posso prometer que consigo seguir mesmo o cheiro.

— Aposto que a gente consegue seguir outras coisas, tipo pegadas e coisas do gênero — completou Ash, dando um passo à frente com seu bastão de caminhada e apontando para algumas marcas de botas na terra. — Estão vendo? Vamos ficar bem.

Kieran fez que sim com a cabeça e correu para ficar ao lado dele, enquanto Briar e Delilah, com as sobrancelhas franzidas, se entreolhavam.

— Acho que podemos tentar, não? — ofereceu Delilah.

— Tá bom — resmungou Briar. — Para a floresta.

No começo, foi bem fácil. Os bruxos que haviam aberto o caminho à frente deles não estavam tentando cobrir seus rastros de forma alguma, deixando galhos quebrados e muitas pegadas. No entanto, à medida que o sol cruzava o céu, os quatro se embrenhavam cada vez mais na floresta, tornando impossível ver o horizonte de Gellingham à distância.

Pouco depois do meio-dia, Briar perguntou:

— Delilah, você ainda está sentindo o cheiro de magia?

Delilah fez uma pausa, inalando. Sentiu o cheiro familiar da maldição de Briar e Kieran, com o aroma sutil da magia de Ash por baixo, mas nada mais.

Claramente, a expressão em seu rosto quando ela percebeu que havia perdido o outro cheiro mágico foi mais do que suficiente. Briar xingou baixinho.

— A gente pode refazer nossos passos — sugeriu Delilah. — Voltar para a trilha principal e tentar de novo.

— Será que viramos errado em algum lugar? — considerou Ash. Ele estendeu a mão e tocou uma das árvores, murmurando: — Podíamos tentar ir para o norte. Suspeito que a feira aconteça mais longe da cidade…

— Se continuarmos vagando por aí, só vamos nos perder ainda mais — apontou Briar. — É melhor voltarmos. Isso não vai dar em nada.

— Não podemos simplesmente desistir de encontrar o Klaus — comentou Kieran.

Briar encontrou seu olhar.

— Você passou os últimos quilômetros ofegando. Se não voltarmos agora, vai ficar exausto demais para continuar.

As bochechas de Kieran ruborizaram, e Ash olhou para ele — olhou de verdade para ele — pela primeira vez, com uma pequena carranca se abrindo no rosto. Kieran tentou desesperadamente enxugar o suor de seu rosto, balançando a cabeça.

— Desculpa — disse Ash. — Eu… Eu não percebi que você estava cansado.

— Não é isso… É a maldição — explicou Kieran, desviando do olhar de Ash. — Por causa dela, eu não sou tão… forte quanto a maioria.

— Talvez devêssemos descansar um pouco — ofereceu Delilah. — Pensar nas nossas opções e ver como nos sentimos depois do almoço.

— Seria ótimo — concordou Kieran, com a voz ainda quase baixa demais para ser ouvida.

Os quatro encontraram uma pequena clareira para almoçar, todos disfarçando a frequência com que olhavam para Kieran, tentando avaliar se ele estava bem ou não. Seu rosto permanecia vermelho — se por desconforto ou esforço, Delilah não tinha certeza —, e ele não falava muito enquanto comia o sanduíche que Santiago havia preparado.

Pelo menos Santiago tinha feito mais uma vez um almoço maravilhoso — ele havia dado a Delilah um sanduíche com brócolis, muçarela, provolone picante e geleia de tomate em um pão com gergelim. Ela estava prestes a dar a

última mordida quando inalou e captou o sutil aroma de magia no ar — sândalo misturado com um toque floral muito suave.

— Tem um bruxo chegando — falou, baixinho.

Briar se levantou instantaneamente, com a magia ondulando em rajadas elétricas na ponta de seus dedos. Ela começou a dizer:

— Se for o Regen outra vez…

Mas então uma voz soou:

— Briar? É você?

Um segundo tenso paralisou todos no lugar por um momento.

Então os olhos de Briar se arregalaram.

— *Laven*?

Das árvores saiu um homem baixo e magro, usando uma capa remendada, um chapéu curvado e pontudo e botas surradas. Tinha traços femininos que a princípio fizeram Delilah pensar que tivesse mais ou menos a idade deles; ao olhar mais uma vez, viu evidências de pés de galinha e rugas tênues na testa de sua pele bronzeada, e percebeu que ele provavelmente tinha trinta e poucos anos. Usava uma vara comprida para abrir caminho pela vegetação rasteira, pisando silenciosamente entre as samambaias.

— Que surpresa — disse ele, tirando o chapéu para passar a mão em seu espesso cabelo preto. Ele tinha uma voz aguda, suave e melódica. — Nunca imaginei que te veria tão perto de uma cidade grande. — Seus olhos se voltaram para Delilah e os outros, sorrindo. — E você fez amigos.

Delilah levantou a sobrancelha, e Briar deu de ombros.

— Foi contra a minha vontade, mas eles não são tão ruins. — Ela estendeu a mão para o homem e explicou: — Pessoal, este é Laven Alvarez, um bruxo viajante que me acolheu por um tempo depois que fugi de Margem Gabriel. Foi ele quem me ensinou a evocar um espírito protetor.

Ele assobiou e um pequeno peneireiro desceu do céu, pousando em seu ombro. Delilah quase não conseguia acreditar que o bruxo era real, e não saído de um livro de histórias, com a roupa, o espírito protetor e a aura de um praticante de bruxaria de uma era há muito esquecida.

Ele estendeu a mão e o pássaro acariciou seus dedos.

— Foi Sera quem viu você. Eu não consegui acreditar. Em parte porque você fugiu de mim tão de repente que temi que tivesse morrido, e em parte

porque a Briar que eu conheço nunca se perderia na floresta.

Briar franziu a testa, apontando o polegar para os outros.

— A culpa é deles. A parte de me perder, quero dizer. A fuga… — Ela deu de ombros. — Desculpa. Odeio despedidas.

Laven abriu um sorriso agradável.

— Eu entendo. No fundo eu sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. — Ele olhou para os outros. — Muito prazer. Presumo que estejam procurando a feira?

Todos assentiram, e Delilah perguntou:

— Você sabe como chegar lá?

Laven fez que sim, apontando para o peneireiro em seu ombro.

— Sera pode nos levar de volta. Eu me juntei recentemente ao Coven do Orvalho Lunar, então estou indo nessa direção também. Vai levar uma meia hora.

— Por mim, sem problemas — disse Briar. Ela olhou para o irmão. — Tudo bem por você?

Kieran assentiu.

— Meia hora de caminhada. Eu dou conta.

— Ótimo. — Briar olhou de volta para Laven e explicou: — Ah, a propósito, esse é meu irmão gêmeo, Kieran. E esses são nossos amigos, Ash e Delilah. A Delilah está fazendo seu Chamado, tentando quebrar nossa maldição.

Laven ergueu as sobrancelhas.

— É uma tarefa e tanto para um Chamado.

— Nem me diga — respondeu Delilah, enfiando o pano de cera de abelha do sanduíche de volta na bolsa. — Bom, vamos?

Todos fizeram que sim, e Laven cutucou Sera em seu ombro. O pássaro decolou com um bater de asas, deslizando pelas árvores à frente deles. Enquanto Ash e Kieran se afastavam um pouco, andando em um ritmo mais lento, Briar e Delilah se juntaram a Laven.

— Você nunca mencionou que teve um companheiro de viagem antes de se juntar a nós, Briar — comentou Delilah, lançando um olhar para Laven.

— Peguei ela tentando me roubar — contou Laven com uma risadinha, seu bastão fazendo um *clac, clac, clac* suave contra as rochas enquanto ele os guiava

para o nordeste, subindo a colina e se afastando de Gellingham. — Eu estava acampando ao norte de Eldagenny, no oeste. Imaginem minha surpresa quando pensei que uma raposa tinha entrado em minha mochila e, em vez disso, encontrei Briar embolsando minha carne seca.

Briar revirou os olhos.

— Eu tinha acabado de fugir. Não tinha dinheiro e estava sem comida.

— Fiquei com pena da coitada — disse Laven. — Perguntei se ela queria ir comigo até a próxima cidade e acabei viajando com ela pela maior parte do oeste de Celdwyn.

— Foram cerca de dois meses — esclareceu Briar. — E aí, bem… Senti que podia me virar sozinha. Então fui embora.

Delilah assentiu, tentando não deixar transparecer o quanto a ideia de Briar vagando pela floresta, faminta e sozinha, a incomodava. Ocorreu-lhe que ela ainda não sabia quase nada sobre o passado dela e ficou irritada consigo mesma por não ter perguntado.

— Fico feliz por você ter ajudado — disse Delilah a Laven.

Laven deu de ombros.

— A vida de um bruxo sem cidade nem coven é difícil. Sei disso por experiência própria. Era o mínimo que eu podia fazer. — Seus olhos se moveram entre Briar e Delilah, e ele acenou com a cabeça ao dizer a Briar: — Fico feliz de saber que você não está sozinha.

— É, ah… — Briar se afastou, dando uma espiada em Delilah antes de voltar a se concentrar rapidamente no caminho à frente. — Com certeza é… diferente.

Delilah mordeu o lábio para não sorrir e olhou para a frente também.

O restante da jornada pela floresta foi preenchido com Briar e Laven colocando o papo em dia. Ele não parecia guardar nenhum ressentimento pelo fato de Briar tê-lo abandonado. Parecia ser o tipo de homem que levava tudo na boa, sem se incomodar com a aspereza de Briar nem com as perguntas de Delilah sobre a feira e o que poderia haver lá. Delilah logo entendeu por que Briar havia ficado com ele por tanto tempo: nada parecia perturbá-lo.

Rapidamente, as árvores ao redor deles começaram a ficar menos densas e eles chegaram à reunião de bruxos. Uma miríade de cheiros mágicos atingiu Delilah instantaneamente — havia de tudo, de herbáceo a floral e picante,

como se ela tivesse entrado em uma cozinha de primeira linha. Em vez de barracas, como as da feira livre em Kitfield, a feira do Coven do Orvalho Lunar era formada por carroções coloridos, com diferentes produtos dispostos em tapetes elegantes na frente deles ou pendurados em varais. A admiração tomou conta de Delilah, iluminando seus olhos e trazendo um sorriso ao seu rosto.

— Ainda não começou de verdade — explicou Laven quando Kieran e Ash os alcançaram. — Este é só o início das festividades. A maioria dos produtos mais finos só vai ser disposta mais tarde, quando a lua aparecer. — Ele deu de ombros. — Velha superstição de bruxos: a melhor hora para comprar é à meia-noite.

— Você disse que está viajando com os bruxos do Orvalho Lunar há algum tempo, certo? — perguntou Delilah. Quando Laven assentiu, ela mordeu brevemente o lábio e hesitou antes de perguntar: — Eu… queria saber se você sabe onde está o Klaus Hammond. Preciso falar com ele.

Os olhos de Laven se arregalaram.

— Klaus? Você acha que ele pode ajudar com o seu Chamado?

— Mais ou menos. — Delilah se perguntou se devia contar a ele, depois admitiu: — Ele é meu pai.

Laven piscou e ficou em silêncio por um momento, mas não reagiu com o choque que normalmente se seguia quando Delilah revelava sua ascendência.

— Sabe, eu achei mesmo que você me parecia um pouco familiar. É estranho, na verdade… Você tem o rosto dele.

Delilah semicerrou os olhos.

— Não é a primeira vez que ouço isso.

— Ah… Estou vendo que talvez tenha alguma tensão aí. — Laven conteve uma risada. — Klaus tem se afastado do grupo durante o dia e, na maioria das vezes, só dorme aqui. Acredito que estaria viajando sozinho se não fosse do tipo que se sente solitário e entediado com tanta facilidade. É provável que ele volte lá pelo pôr do sol.

— O que ele está fazendo? — perguntou Briar. — Vagando pela floresta por diversão?

Laven deu de ombros.

— Ele não contou para nós. Está tirando uma folga de seus trabalhos típicos de quebra de maldição, mas, fora isso, não sabemos ao certo o que tem

feito. Quando perguntei, ele mudou de assunto e fingiu que nunca tínhamos comentado nada.

— Parece a maioria das interações que tive com ele na biblioteca — disse Ash, suspirando. Ele tocou o pulso de Kieran suavemente e disse: — Quer dar uma olhada na feira? É bem incrível.

Os olhos de Kieran se iluminaram.

— Eu adoraria. — Para Delilah, ele disse: — Aposto que tem muita coisa que podemos fazer para passar o tempo enquanto esperamos a volta do Klaus.

Delilah inalou o cheiro de magia novamente e sorriu.

— Vamos dar uma olhada.



Delilah, Kieran e Ash passaram o restante da tarde explorando a feira com entusiasmo. Briar ficou um pouco para trás e se manteve quieta, como costumava fazer em meio a multidões. Enquanto exploravam as várias fileiras de barracas, a música irrompia dos artistas em uma espécie de praça central cercada pelos carroções. Pessoas com maquiagem espalhafatosa em pernas de pau jogavam no ar um pó que ganhava vida em plumas de fumaça de arco-íris, transformando-se em formas que variavam de gatos a cenas à beira-mar. A magia encantava Delilah. Quando o pó atingia no chão, perfumava o ar com o cheiro de caramelo.

Quando Ash lembrou Kieran de perguntar ao redor sobre panaceias, Briar começou a demonstrar irritação, e Delilah rapidamente deu uma desculpa para que eles se separassem. Kieran corou com a ideia de ficar sozinho com Ash, que concordou que seria melhor seguirem em direções diversas para explorar mais a área. Eles seguiram caminhos diferentes quando o sol estava começando a se pôr, o crepúsculo tingindo de cor-de-rosa e laranja a linha das árvores.

— Obrigada por fazer isso — disse Briar, esfregando a nuca enquanto expirava. — Eu… acho que não teria conseguido não surtar se tivéssemos conversado mais sobre esse assunto.

— Fica tranquila — respondeu Delilah, apontando o polegar para si mesma e sorrindo. — Deixa comigo.

Briar virou rapidamente o rosto, corou e murmurou baixinho:

— Você me dá muita vergonha alheia às vezes.

Delilah apenas riu.

— Nem finge que não gosta.

Briar revirou os olhos, mas não conseguiu evitar que o canto da boca tremesse em um sorriso.

Elas seguiram em frente com Delilah na liderança. Passaram por uma banda que tocava uma música animada, acentuada por trompas, um contrabaixo e um pandeiro. Um grupo de pessoas em pares deslizava pela grama, e Delilah pensou que nunca tinha visto dançarinos tão habilidosos.

— Os músicos devem ser bruxos — comentou Briar, vendo como Delilah olhava para eles. — Se você começar a dançar com a música deles, vai saber os passos mesmo que nunca tenha praticado antes.

Um sorriso malicioso cruzou o rosto de Delilah. Ela *adorava* esse tipo de coisa. Ocasionalmente, os bruxos que viajavam por Kitfield apresentavam músicas como essa em festivais na praça da cidade, e Delilah forçava a mãe ou as amigas a irem para a pista com ela. Não havia nada de que ela gostasse mais do que se perder em uma canção.

Ela se virou para Briar, estendendo a mão.

— Quer dançar comigo?

Briar pareceu que ia vomitar.

— Na frente de toda essa gente?

— Você mesma disse: qualquer um consegue dançar isso.

Delilah estendeu a mão e a agarrou, puxando-a para a frente apesar de um grito de protesto. Então colocou Briar na posição correta, com os dedos delas entrelaçados de um lado e quadris unidos do outro. A pele de Briar estava quente ao toque. A sensação instantaneamente trouxe de volta a sensação dos lábios dela nos seus, o modo como suas mãos agarraram o vestido de Delilah.

Delilah sentiu um frio na barriga e quase estremeceu.

Ela é só uma amiga, Delilah se repreendeu. *E isto não passa de uma simples diversão. Não complique demais as coisas.*

Delilah afastou as imagens do beijo delas de sua mente e deu os primeiros passos. Assim como Briar havia dito, soube exatamente o que fazer, como se estivesse ensaiando há anos. Elas deslizaram em meio ao grupo, com os pés saltando quase que por vontade própria, girando uma em torno da outra. O

coração de Delilah palpitava. O ritmo acelerou e suas mãos foram para a cintura de Briar. O olho visível de Briar se arregalou antes que Delilah a levantasse no ar, girando-a e colocando-a suavemente de volta no chão.

Briar sussurrou:

— *Uau*.

— Não é tão ruim, né? — Delilah riu.

Briar respirou fundo.

— Nem um pouco.

A música terminou e todos na plateia começaram a bater palmas. Delilah fez uma reverência teatral enquanto sorria para Briar, que desdenhou e balançou a cabeça.

Depois que Briar recusou outra dança, as duas decidiram ir jantar. Encontraram uma carroça que vendia kebab e sentaram-se na grama nos arredores da feira. As luzes se acenderam e a escuridão tomou conta da floresta ao redor delas. As nuvens começaram a se adensar, deixando visível apenas uma parte da lua cheia.

Com a boca cheia de kebab, Briar perguntou:

— Ei, Delilah? Posso te perguntar uma coisa?

Delilah levantou os olhos de seu espeto.

— Claro.

Briar mordeu o lábio, com os olhos voltados para a grama a seus pés. Gentilmente, ela perguntou:

— Você já viu a forma escrita da maldição da sua família?

Delilah fez um *hum* suave, balançando a cabeça.

— Não, acho que ninguém da minha família viu. Mas, assim que sua maldição for quebrada e eu passar no meu Chamado, minha primeira parada vai ser a Biblioteca de Maldições. Aí, com sorte, vou conseguir encontrar.

Briar arrancou algumas folhas de grama e brincou com elas entre os dedos.

— Você acha que pode ter… exceções?

— Exceções? — Delilah deu um gole de água do cantil que havia trazido consigo. — Como assim?

— Tipo, você acha que — as bochechas de Briar ficaram rosadas — talvez… certas pessoas possam ser imunes?

A cor se esvaiu do rosto de Delilah.

Merda.

— Não — disse ela com firmeza, zonza.

Seu estômago estava embrulhando o kebab que acabara de comer e ameaçava voltar. *Por favor, por favor, me diga que isso não é o que estou pensando.*

Quando Briar franziu as sobrancelhas, Delilah balançou a cabeça, xingando por dentro.

— Olha, eu… teve um tempo em que eu realmente estava convencida de que poderia ter exceções, sim. — Delilah mordeu a parte interna da bochecha, não se permitindo olhar para Briar enquanto falava. — Quando eu ainda estava com o Theo, achei que talvez, *só talvez*, nosso amor fosse diferente. Que se fosse maior, mais real, mais verdadeiro, talvez a maldição não pudesse tocá-lo. Me permiti viver essa fantasia por meses, até que ela desmoronou na minha cabeça. — Delilah respirou fundo para se firmar enquanto o fundo de sua garganta ardia com a ameaça de lágrimas. — Então, não. Não tem exceções.

Mesmo que eu fosse capaz de dar qualquer coisa para encontrar uma.

Briar ficou em silêncio por um momento. Em vez de reagir, só ficou fria. Delilah gostaria de conseguir interpretar a expressão em seu rosto, mas estava apenas… vazia. Como se ela tivesse abandonado seu corpo ali, sentado como uma estátua.

— O Theo era um menino, certo? — Briar sussurrou.

— Sim. Por quê?

— Sua mãe sempre ficou só com homens? E suas avós?

— Tenho certeza de que elas só se interessaram por homens — disse Delilah. Ela enrugou o nariz e se virou de frente para Briar, inclinando a cabeça para o lado. — O que isso tem a ver?

Briar olhou na direção oposta, cruzando os braços e franzindo a testa.

— Nada.

— Nada? — repetiu Delilah com a sobrancelha arqueada.

— É que… — Briar se abraçou com mais força, escondendo a bochecha contra o ombro. Sua voz saiu abafada e baixa: — Antigamente, às vezes as pessoas não consideravam que uma mulher pudesse amar outra mu…

— Delilah! — uma voz chamou. — Briar!

— Droga — resmungou Briar, baixinho. Ela se virou. — *Que foi*?

Kieran e Ash pararam de se aproximar. Kieran estava vestido com uma camisa nova com os botões de cima abertos, o cabelo preso para trás com um pedaço de barbante cintilante. Ash havia comprado um novo par de brinquinhos de rubi que brilhavam em suas orelhas. Ambos tinham um cheiro forte de magia, e seus rostos estavam quentes e sorridentes.

Os meninos se entreolharam antes de Kieran perguntar:

— É um momento ruim?

Delilah balançou a cabeça, embora sua mente estivesse absolutamente acelerada. *O que Briar estava prestes a dizer?*

— Hum… Está tudo bem, de verdade. O que foi?

— Laven nos disse que o Klaus está de volta — explicou Ash. Ele apontou para uma carroça verde no final da feira com uma única luz acesa. — Ele está lá dentro, se quisermos falar com ele.

O estômago de Delilah embrulhou. Ela ficara tão distraída com todos os outros que nem tivera a chance de processar o fato de que seu pai estava aqui, em carne e osso. Dezessete anos de especulações sobre Klaus faziam com que parecesse mais uma lenda do que uma pessoa — era difícil imaginar que ele estava do outro lado da clareira.

E pensar que ela poderia finalmente mandá-lo para aquele lugar.

Não agora, lembrou a si mesma. *Isso é estritamente profissional. Vou me encontrar com ele para ajudar os gêmeos, não para criticá-lo.*

Isso pode ficar para depois que a maldição for quebrada.

— Tudo bem se eu falar com ele a sós? — perguntou Delilah. Quando Ash levantou as sobrancelhas, ela acrescentou: — Preciso dar uma palavrinha com ele antes. Eu… Na verdade, nunca tive a oportunidade de conhecê-lo.

— É claro — disse Ash, fazendo que sim. Para Briar, ele falou: — O Laven também pediu para te avisar que está acendendo uma fogueira, se quiser dar uma olhada.

— É melhor do que ficar aqui sentada no escuro — resmungou Briar. Ela se levantou e ofereceu a mão a Delilah, ajudando-a a ficar de pé também. Sua mão permaneceu na dela por um instante a mais antes que a soltasse, desviasse os olhos e dissesse: — Boa sorte com seu pai.

— Obrigada. — Delilah lhe deu um sorriso. — Será… Será que podemos conversar um pouco mais sobre sua teoria quando eu voltar?

— A-ah, sim. Claro. Com certeza. A gente se fala já, já. — Briar foi para o lado do irmão. — Vem. Vamos lá.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Regra n. 20: Fique longe de cogumelos.

A carroça de viagem de Klaus era um pouco diferente da dos outros. Um pequeno cordão de luzinhas decorativas emoldurava a porta de madeira, como se ele fosse um artista em um show e aquele, o seu camarim. Delilah olhou por cima do ombro para a feira ainda movimentada antes de se aproximar da porta, pronta para bater.

Ela hesitou por um momento. Francamente, mal conseguia acreditar. Estava prestes a conhecer o pai. O homem que entrou na vida de Charlotte Bea por uma única noite e a mudou para sempre. Aquele que nunca havia tentado ajudar Charlotte nem sua filha a quebrar a maldição. Aquele que passava os dias curtindo o luxo como um dos bruxos mais conhecidos de Celdwyn enquanto Charlotte sofria para encontrar alguém que ensinasse magia a Delilah.

Ela rangeu os dentes. *Não estou aqui por mim. Estou aqui por Briar e Kieran.*

Ela soltou o ar e bateu na porta.

— Pode entrar! — Uma voz estrondosa veio de dentro. — A porta está aberta!

Ele é só um homem, lembrou Delilah a si mesma. *Sim, tecnicamente, é meu pai, mas também é normal, comum, só um ho…*

Os pensamentos de Delilah foram interrompidos no momento em que ela abriu a porta da carroça.

O lugar estava uma zona. Roupas caras estavam espalhadas por toda parte, penduradas sobre o pequeno fogão no canto, largadas sobre a pia e pelo chão. Embora Delilah sentisse o cheiro da magia de Klaus — algo meio rosado e forte, como groselha fresca —, esse não era o aroma predominante na salinha de estar. Não, o que predominava era uma combinação de uísque e odor corporal.

O homem estava sentado em uma cama acomodada na parte de trás da carroça. Os lençóis estavam emaranhados, com Klaus meio coberto por eles. Quando Delilah entrou, ele se levantou com um bocejo. Usava uma camisa branca folgada com mangas bufantes e cordões pendurados no decote, que mostrava um peito peludo e bronzeado. Delilah segurou um engulho.

— Como você é alta — comentou ele arrastando um pouco as palavras, quando Delilah se abaixou.

— Obrigada por isso — irritou-se ela.

Klaus estreitou os olhos para ela por um momento, e Delilah não pôde deixar de fazer uma careta — ela *realmente* se parecia com ele. Tinha o mesmo cabelo grosso e encaracolado, olhos grandes e nariz distinto dela. Seu cabelo estava começando a ficar grisalho nas têmporas. Delilah havia se acostumado com as fotos dele no jornal, com o cabelo bem penteado para trás, mas agora ele estava caindo sobre os olhos, grande e indomável no topo da cabeça.

Claramente, esse não era o Klaus Hammond pronto para a câmera que o público em geral estava acostumado a ver.

Seus olhos castanhos se estreitaram um pouco antes de ele inspirar e quase perder o controle do copo de licor que tinha em punho.

— Diabos me carreguem — murmurou ele. — Delilah?

— Você sabe meu nome. É… um começo, eu acho. — Ela apontou para uma cadeira em frente a ele, ao lado do fogão. — Posso me sentar?

Em vez de responder, ele simplesmente a encarou de queixo — com a barba por fazer — caído. Depois de um momento, se levantou, embora tivesse que se abaixar um pouco, devido ao teto baixo e à sua altura impressionante.

— Não acredito nisso — disse ele, colocando sua bebida no balcão de forma instável. — Depois de todo esse tempo. Sempre me perguntei se… quando… este dia chegaria. — O pai a encarou forçando a vista, como se ela fosse um espírito que ele mal conseguia ver à sua frente. — Dezessete anos e eu ainda me lembro do cheiro da maldição da família Bea. E tem também — ele inalou suavemente —, tem outra maldição, só que não é sua. Mas o cheiro dela está grudado a você. Deve ser daquela garota com quem te vi dançando.

Delilah deu um pulo para trás.

— Você viu aquilo?

— Quando eu estava voltando para cá. Foi um espetáculo. É raro ver duas pessoas se olhando daquele jeito. — Klaus sorriu um pouco para si mesmo. — Há quanto tempo vocês estão juntas?

— *Juntas*? — repetiu Delilah. Ela balançou a cabeça. — Nós somos só amigas.

— É mesmo? — Ele parecia desconfiado, e isso fez com que Delilah de repente se sentisse como um inseto sob um microscópio. Felizmente, ele deixou para lá. — Mas é evidente para mim que a maldição sobre essa garota é muito forte. É por isso que você está aqui? Para pedir que eu quebre a maldição dela? Ou a da sua família? Você sabe que é por isso que todo mundo me procura.

Delilah ficou parada por um momento, atônita.

Ele era tão… *arrogante*. Ela esperava algo um pouco mais parecido com *que bom finalmente te conhecer*, no mínimo. Talvez uma pergunta sobre como ela estava ou o que sua mãe andava fazendo? De repente até mesmo algum tipo de pedido de desculpas, mesmo que superficial?

Mas certamente não *isso*.

Ela abriu e fechou a boca enquanto a raiva começava a ferver dentro de si. Klaus girou a bebida, sem tirar os olhos dela, como se estivesse esperando que ela admitisse timidamente que ele a havia interpretado da maneira certa.

Mesmo depois do que ela dissera a si mesma sobre não ficar com raiva, Delilah não conseguiu se conter.

— *Não*! — cuspiu ela. — Claro que não! Você acha… Aff, por que eu *te* pediria ajuda? Você nem se deu ao trabalho de quebrar a maldição da minha mãe quando conheceu ela, muito menos a mesma maldição que acabou em *mim*, sua *filha*! O objetivo do meu Chamado é eu quebrar a maldição da Briar por conta própria. Por que eu pediria para um tolo bêbado que nem você para fazer isso por mim?

Delilah não percebeu o quanto sua voz havia se elevado até que fez contato visual com Klaus e o viu encarando de volta, sem nenhum traço da animação que estivera em seu rosto antes. Ela soltou o ar, olhou pela janela e cruzou os braços.

— Você não me tem em alta conta, não é, Delilah? — disse Klaus, pegando sua bebida.

Ele deu um gole considerável no copo antes de pousá-lo e enchê-lo novamente.

— Por que teria? — perguntou Delilah, recuperando controle de seu tom. Ela fez um gesto para os arredores. — Você nem está mais quebrando maldições. Foi você quem mandou o Kieran atrás de mim para começo de conversa! Você é a razão de eu estar nesta confusão.

— Kieran? — Klaus inclinou a cabeça para o lado. — Não conheço esse nome.

— Kieran Pelumbra? Ele te encontrou em um bar em Gellingham há algum tempo e disse que precisava quebrar uma maldição de família. Você mandou ele para Kitfield no dia do meu aniversário para ele roubar meu Chamado. Alguma dessas coisas está te lembrando de algo?

— Não muito — admitiu ele. — Mas uma maldição da família Pelumbra… isso sim seria algo bem incrível.

— Claro, por que você se lembraria? — repetiu Delilah, rindo sem humor. *Que babaca*. Ela olhou para o chão e chutou uma camiseta suja para longe do caminho. — O que você está fazendo aqui, afinal? Além de fugindo dos seus deveres?

— Estou tirando uma folga do trabalho — explicou Klaus, dando de ombros. — É saudável. Você vai entender um dia, quando for mais velha.

Delilah ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

— Se você quer saber, eu ando procurando algo na floresta. — Ele cambaleou para trás, felizmente aterrissando na cama, antes de dar um tapinha no próprio nariz com a ponta do dedo. — Talvez você tenha sentido o cheiro no caminho até aqui. Acredito que tenha um veio mágico subterrâneo por aqui.

— Um o quê? — perguntou Delilah.

— Você sabe como os bruxos surgiram, não é? As histórias antigas?

Quando Delilah apenas o olhou sem entender, ele explicou:

— Em todo o mundo, existem veios de magia correndo pelo solo, não muito diferentes de pedras preciosas ou minerais. A coleta de magia desses veios foi o que deu à primeira bruxa suas habilidades e, desde então, outras pessoas em todo o mundo têm sido capazes de absorver magia deles. Hoje em dia, claro, quase todos secaram, mas suspeito que ainda exista um por aqui.

Delilah piscou.

— Então você está vagando pela floresta atrás de alguma magia subterrânea que pode ou não ser real?

Ele apontou para ela e sorriu.

— Exatamente.

— Isso é… realmente impressionante. — Delilah balançou a cabeça. Ela não poderia se importar menos com o que esse homem fazia em seu tempo livre. Talvez fosse até melhor ele passar mais tempo na floresta e acabar sendo comido por um urso ou algo assim. — Escuta, eu podia ficar o dia todo discutindo o passado e seu trabalho ou qualquer outra coisa. Mas não é por isso que estou aqui. Meu amigo Ash me disse que você é conselheiro da Biblioteca de Maldições e que talvez possa nos dar permissão por escrito para acessar o arquivo.

— Ah. — Ele balançou um dedo na direção dela. — Aí está. Eu tinha a sensação de que você não estava aqui só para conhecer seu pai.

— Você só é pai no sentido biológico — retrucou Delilah.

— Acho que tem razão. — Ele bateu no queixo enquanto olhava para o teto e depois continuou: — Bom. Uma carta… O que exatamente você quer acessar no arquivo?

— Tem um cofre dos Pelumbra — explicou Delilah. — Preciso entrar para ajudar a quebrar a maldição dos meus amigos. — Ela pensou no rosto dos

gêmeos e sentiu um peso sobre os ombros. — Por favor. Eles são muito importantes para mim.

O rosto de Klaus se suavizou por um momento.

— Os Pelumbra — repetiu ele. — É um pedido e tanto. Eu não gostaria de virar inimigo de uma das famílias mais poderosas de Celdwyn.

— Por favor — repetiu Delilah. — Isso não é algo trivial. Tem vidas em jogo.

Enquanto Klaus acariciava o queixo, pensando concentrado, Delilah sentiu que ia entrar em combustão devido à pressão que se acumulava em seu peito. No entanto, no momento em que ele estava abrindo a boca para falar, houve outra batida na porta.

— Sim? — chamou ele.

— A Delilah está aí? — veio a voz de Ash. — Aconteceu uma coisa!

Delilah foi até a porta e a abriu.

— Ash? O que foi?

Os olhos do aprendiz de bibliotecário estavam arregalados, sua pele marrom manchada de suor.

— Tem algo acontecendo com o Kieran, e a Briar desapareceu na floresta. O Laven está ajudando o Kieran, mas eu…

— Merda — disse Delilah. — Eles devem estar tendo um ataque. — Delilah se virou para o pai. — Eu ainda não terminei aqui, mas tenho que ajudar meus amigos. Por favor… pense bem.

Ela saiu correndo com Ash antes que Klaus tivesse a chance de responder.

Delilah encontrou Kieran deitado ao lado da fogueira que Laven havia acendido, com três bruxos amontoados ao redor dele. Laven estava checando seu pulso. Kieran estava desmaiado e com os olhos fechados, sua pele ainda mais pálida e translúcida do que o normal, com as veias azuis visíveis por baixo.

— Ele parece estável — comentou Laven, fazendo contato visual com Delilah quando ela e Ash pararam ao lado dele. — Posso tentar pintar algumas runas de proteção nele, se você achar que ajudaria.

Delilah deu de ombros.

— Acho que não faria mal tentar.

— O que aconteceu? — perguntou Ash, olhando entre os vários bruxos. — Em um segundo ele estava bem, e aí… o olho azul dele começou a brilhar…

Delilah sentiu uma pontada no peito ao se lembrar da primeira vez que vira os gêmeos terem um ataque — o quanto a preocupação e a ansiedade a consumiram. Ela tocou suavemente o braço de Ash.

— É parte da maldição dele e da Briar — explicou. — Acontece quando ela está drenando a magia dele. Ele… deve ficar bem.

Ela tentou se lembrar de quanto tempo fazia que eles haviam tido outro ataque. Quatro dias, talvez? *É pouquíssimo tempo.*

Merda.

Ash se ajoelhou ao lado de Kieran. Ele estendeu a mão, depois recuou, como se estivesse nervoso com a possibilidade de seu toque quebrá-lo.

— Você viu para onde a Briar foi? — perguntou Delilah a Laven, que estava tirando um potinho de tinta e um pincel de uma bolsa em sua cintura.

Delilah tinha ouvido falar de bruxos que lançavam sua magia principalmente por meio de runas desenhadas ou pintadas, mas foram raras as vezes que vira o processo em ação.

Laven apontou para a floresta.

— Ela correu naquela direção. Acho que não precisamos nos preocupar tanto com ela quanto com o irmão.

Delilah ergueu as sobrancelhas.

— M-mas ela está lá no meio na floresta! Pode ter onças, ou lobos ou…

— Ela vai ficar bem, prometo — garantiu Laven, de repente mais sério do que Delilah o ouvira até então.

Por um segundo, um olhar sombrio passou por sua expressão. Ele balançou a cabeça, voltando a se concentrar em Kieran enquanto começava a pintar símbolos na pele exposta dos braços do garoto.

Alguns instantes depois, uma gota de água atingiu o braço de Delilah e o estrondo baixo de um trovão soou ao longe. Laven olhou para o céu nublado e praguejou.

— Pelo jeito não vai ter feira esta noite — murmurou ele. Para Ash e Delilah, disse: — Podem ficar na minha carroça enquanto esperam o Kieran acordar e a Briar voltar. Vou passar a noite com algum dos outros bruxos.

— É muito generoso de sua parte — disse Ash. Ele olhou para cima enquanto a chuva ficava mais forte, uma gota pousando em sua bochecha e escorrendo por sua pele. — Vamos levá-lo.



Com a ajuda de Laven, Delilah e Ash conseguiram carregar Kieran até um carroção perto do centro da feira. Seu exterior roxo-escuro era decorado com detalhes de flores douradas pintadas. O interior era muito parecido com as acomodações de Klaus, mas havia uma segunda cama em um mezanino acima da primeira.

— Alguns de vocês vão ter que dividir camas, infelizmente — disse Laven.

— Você pode dividir com o Kieran — disse Delilah a Ash depois que eles deitaram o garoto na cama de baixo. Quando o rosto do garoto imediatamente esquentou, Delilah acrescentou: — Tudo bem por você?

— Eu… Eu gostaria de pedir a permissão dele primeiro — respondeu Ash. — Seria errado presumir. Eu preferiria esperar até que ele acordasse.

Delilah assentiu, impressionada. Ela apreciava o cavalheirismo de Ash.

— Faz sentido. Sabe, você é um cara legal, Ash.

— Eu… Eu tento.

Ele se sentou em uma cadeira em frente à cama de Kieran.

Laven entrou depois deles. Delilah se sentou ao lado de Ash, enquanto o bruxo mais velho se posicionava junto a Kieran para continuar pintando suas runas. Lá fora, a chuva começou a cair com força, escorrendo pelas janelas em arco da carroça em filetes grossos.

— Que tempestade — murmurou Laven.

Ash viu como Delilah começou a morder o lábio inferior e perguntou:

— Está preocupada com a Briar?

Delilah assentiu.

— Eu sei que ela sabe se cuidar. Caramba, ela provavelmente é de longe a coisa mais poderosa daquela floresta, mas… — Ela olhou para a chuva pela janela, observando os bruxos correrem para pegar os itens de suas barracas da feira, com os pés espirrando água das poças na grama. — Talvez eu devesse ir atrás dela.

— Eu não faria isso — disse Laven, baixinho.

— Por que não? — quis saber Delilah, um pouco mais ríspida do que pretendia.

Laven hesitou por um momento, com o pincel pairando sobre a pele de Kieran. Delilah percebeu que ele estava tentando pensar na maneira correta de dizer o que estava pensando. Então, ele soltou um suspiro.

— Eu cometi o erro de ir atrás dela uma vez quando estávamos viajando juntos. Ela já tinha me dito para não fazer isso, e quando a encontrei… — Ele estremeceu. — Bom, ela não me perdoou depois. Desconfio de que seja grande parte do motivo pelo qual ela fugiu.

— Você faz parecer que ela está escondendo alguma coisa — disse Ash.

Laven balançou a cabeça.

— Todo mundo tem partes de si que escolhe não mostrar aos outros. Ela não quer se machucar mais do que já se machucou, então se esconde. Agora eu entendo. — Seus olhos se voltaram para Delilah. — É por isso que eu sugiro que você a deixe em paz. Se pressionar — ele deu de ombros —, ela vai embora antes que você perceba.

Delilah fez uma careta, cruzando os braços. Por um lado, Laven conhecia Briar — talvez melhor do que Delilah —, e ela o havia abandonado sem sequer se despedir. Mas, ao mesmo tempo, ela não conseguia imaginar como seria a sensação de ficar presa no meio de uma tempestade no escuro sem ninguém vindo te procurar. O pensamento fez com que seus músculos ficassem tensos, e ela não conseguia parar de mexer a perna ou morder o lábio.

Mesmo assim, Delilah decidiu deixar pra lá.

— Tudo bem. Entendido.

Laven fez uma pausa como se estivesse pensando em dizer algo mais sobre o assunto, mas se conteve. Em vez disso, ele falou:

— Entendo por que ela gosta de você.

Delilah levantou as sobrancelhas.

— Como assim?

Laven deu uma risadinha.

— Você é tão leal quanto ela.

— É impressionante — concordou Ash. — A diferença entre a maneira como a Briar fala com você e com todos os outros… Ela se importa mesmo

com você.

Delilah desdenhou:

— Ah, fala sério. Ela pega tanto no meu pé quanto no de todo mundo.

Laven balançou a cabeça.

— Não, ele tem razão. É diferente. Acredito que ela… goste bastante de você.

Delilah sentiu que estava prestes a corar. Rapidamente apontou para um baralho que estava sobre a mesa e desviou do assunto:

— Bom, de qualquer forma, parece que ainda temos um tempo até o Kieran acordar. Alguém quer jogar uma rodada de Maldições e Bênçãos? Eu consigo vencer quase todo mundo.

Laven e Ash ergueram as sobrancelhas, sem dúvidas percebendo a tentativa de Delilah de mudar de assunto. Ash, especificamente, parecia querer dizer algo, com os lábios entreabertos e a chuva ainda manchando as lentes de seus óculos.

Por fim, ele balançou a cabeça e disse:

— Sabe de uma coisa? Maldições e Bênçãos parece uma ótima ideia.

Delilah deu um suspiro de alívio e pegou as cartas.

Naquela noite, enquanto a escuridão aumentava e a chuva caía, Kieran permaneceu inconsciente. De vez em quando, ele soltava uma tosse ofegante, mas, fora isso, não se mexia. Depois de algumas horas jogando cartas e conversando, Laven saiu para ficar na carroça de um amigo, enquanto Ash adormeceu ereto em sua cadeira.

Enquanto todas as luzes dos outros carroções se apagavam com o fim da noite, Delilah permaneceu acordada. Observava a carroça do pai, refletindo se deveria tentar falar com ele novamente. Ele já devia estar apagado, considerando a quantidade de uísque que ela o tinha visto beber.

Por uma fração de segundo, pegou-se pensando em como mal podia esperar para reclamar com Briar sobre como Klaus tinha sido um babaca — e franziu a testa.

Ash roncava baixinho na cadeira ao lado dela. O peito de Kieran subia e descia suavemente na cama, seus cílios tremulando enquanto ele sonhava. Lá fora, trovões ribombavam e um raio atravessava o céu.

O coração de Delilah doeu quando ela se lembrou do que Laven havia dito: *Ela não quer se machucar mais do que já se machucou, então se esconde.*

Ela não precisa se esconder, Delilah quis dizer. *Não de mim.*

Distraída, puxou um fio solto em seu vestido. Não podia deixar Briar ficar sozinha na chuva e no escuro. Se fosse ela lá fora, ia querer que alguém a procurasse. E o que quer que Briar quisesse esconder, nada era mais importante que sua segurança.

Delilah se levantou, olhou em volta e viu uma capa pesada pendurada em um gancho na parede. Era de lã — perfeita para impedir que se molhasse. Ela a pegou e a colocou em volta dos ombros, levantando o capuz para cobrir os cabelos.

— Já volto — ela prometeu a um Kieran adormecido — com sua irmã.

Em silêncio, ela se esgueirou para a chuva.

Depois de dar uma olhada rápida no acampamento, Delilah se dirigiu para a floresta. Um relâmpago cruzou o céu mais uma vez, o trovão ecoando em seus ouvidos. Ela levantou a mão e segurou o capuz sobre os olhos enquanto o vento a atingia, borrifando-a com a chuva fria.

Suas botas chapinhavam na lama enquanto ela se arrastava na direção das árvores. Os galhos acima rangiam com o vento, criando um gemido baixo e coletivo. Ela inspirou, tentando captar o cheiro de podridão que sempre se agarrava a Briar, mas percebeu que o aroma da chuva e da terra úmida encobria tudo o que ela normalmente conseguiria sentir.

Depois de cerca de vinte minutos se embrenhando cada vez mais na mata, Delilah começou a se preocupar com a possibilidade de não ter nada para rastrear. As luzes fracas da caravana atrás dela haviam se apagado, e agora só o que conseguia ver ao seu redor eram árvores. Seu coração começou a acelerar. Os trovões continuavam a ribombar, e os intervalos entre as trovoadas eram cada vez menores.

Quando estava começando a perder as esperanças, ela se deparou com uma espinheira que tremia ao vento, com seus espinhos longos e finos. Preso na

ponta de um deles havia um pedaço de tecido — preto, como o casaco que Briar estava usando.

Delilah estendeu a mão e o pegou, esfregando o tecido úmido entre os dedos. Ela evocou luz verde na ponta dos dedos e iluminou o chão à sua frente, seus olhos brilhando no escuro como os de um gato.

Ali, na lama, havia um rastro fraco, mas visível, de pegadas de botas. O coração de Delilah deu um salto.

Colocando o pedaço de tecido no bolso, ela continuou andando por mais uns quinze metros, abrindo caminho pelos galhos finos que bloqueavam seu caminho, até encontrar algo perturbador. Ali, na base de uma árvore, havia mais pedaços de tecido, rasgados e manchados de sangue. Delilah arquejou ao sentir o cheiro da maldição de Briar neles — era definitivamente o sangue dela.

— Não — sussurrou Delilah, abaixando-se para tocar a blusa arruinada. — Não, não, não…

O estrondo de um trovão a fez pular enquanto um relâmpago brilhava sobre sua cabeça.

— Briar! — berrou Delilah.

Ela se endireitou, procurando desesperadamente por pegadas de botas. A chuva atingia seu rosto e encharcava a saia e as meias.

Ela avistou outra pegada de bota por perto e correu, mas o que encontrou foram as botas em si, abandonadas sob um pinheiro alto. Delilah pegou uma delas — estava tão estragada quanto as outras roupas. Um corte irregular na ponta revelou uma sola enlameada. O coração de Delilah estava quase saindo pela boca, e sua respiração mal passava de breves suspiros. *Cheguei tarde demais*.

— *Briar*! — gritou ela novamente, com a voz embargada pelo terror que se instalava em seu peito.

Antes que ela pudesse concluir o pensamento, algo farfalhou nas árvores ao seu lado. Delilah congelou, segurando os trapos de roupa junto ao peito. Um galho se quebrou quando algo se moveu. Algo grande.

Uma sombra enorme se ergueu contra os pinheiros.

As mãos de Delilah tremeram. Ela prendeu a respiração, com o peito doendo, rezando desesperadamente para que a coisa não percebesse que ela estava ali. Não ousou se mexer, os músculos tensionando e a mantendo imóvel.

Um relâmpago atravessou o céu e, por um momento, iluminou o espaço entre Delilah e a criatura. Ela viu a lateral de um focinho cheio de dentes irregulares. Algo pendia de sua boca — algo mole.

Uma brasa azul fantasmagórica brilhava do outro lado da cabeça da criatura, e o cheiro de podridão vinha dela.

— Briar! — berrou Delilah.

A criatura se endireitou, soltou um ganido abafado e correu na outra direção. Não houve sutileza em sua fuga — ela arrancou galhos das árvores e os esmagou sob os pés enquanto corria.

Essa criatura está com Briar na boca, pensou Delilah, quase escorregando na lama ao se afastar para persegui-la. *Mas se o olho dela está aberto — isso significa que ainda está viva!*

Delilah correu como nunca havia corrido. Saltou sobre raízes e troncos, mal percebendo que os galhos arranhavam sua pele, deixando cortes nas bochechas e nos braços expostos. A magia se acendeu na ponta de seus dedos. Ela juntou pedras para girá-las e lançá-las na direção da criatura, fazendo-a mergulhar para fora do caminho conforme as pedras explodiam em uma chuva de faíscas.

— Devolve ela! — rosnou Delilah.

Quando Delilah estava começando a alcançá-la, a criatura de repente se lançou para a frente. Ela não teve tempo de perceber o motivo até que seu pé atingiu a beira de um cume. Com um grito, ela caiu na encosta lamacenta, rolando em meio à lama e aos arbustos.

Seu corpo finalmente parou no fim de um barranco, com a lama cobrindo cada parte dela. O sangue dos arranhões começou a escorrer por seu rosto e braços, os ossos e os músculos latejavam por causa do impacto. Seus braços tremiam enquanto ela se esforçava para se levantar, gemendo por causa da dor maçante que se infiltrava sob sua pele.

Delilah limpou a sujeira dos olhos. Por um momento, pensou que, de alguma forma, tivesse caído em um portal para um mundo diferente.

Ao seu redor, havia cogumelos enormes e multicoloridos com pelo menos dois metros de altura, mas a maioria se elevava a seis metros no ar. As lamelas brilhavam com luz bioluminescente, assim como as manchas brancas no topo dos chapéus dos cogumelos. A luz que eles emitiam era rosa-escura, e o ar cintilava ao redor deles.

Quando Delilah inalou, reconheceu instantaneamente o cheiro: era o aroma terroso que sempre acompanhava a magia de uma bruxa. Ela se levantou trêmula, estendendo a mão para o ar cintilante. A poeira se acumulou na ponta de seus dedos. Quando a examinou mais de perto, percebeu o que estava vendo: esporos.

Sua cabeça girou. Ela começou a ouvir sussurros suaves. Não eram palavras específicas, apenas murmúrios abafados que subiam por seus pensamentos como fumaça.

Delilah se balançou um pouco, apertando os olhos. Mal conseguia se lembrar de por que estava ali. O que ela estava fazendo? Correndo, mas por quê?

Algo à frente se moveu, mas Delilah mal notou. Em vez disso, ela estava chegando cada vez mais perto do cogumelo mais próximo, o sussurro em sua cabeça ficando mais alto. Se chegasse um pouquinho mais perto, talvez conseguisse entender o que eles estavam dizendo.

Um som baixo e gutural tirou Delilah de seu transe. Ela piscou, recuperando o foco bem a tempo de ver uma criatura diferente de qualquer uma que já tenha visto.

Não era como o monstro que ela estava perseguindo. Aquele era magro, com ossos salientes e membros longos e maleáveis. Parecia um urso, com exceção das estranhas membranas translúcidas em suas costas. Elas se contorceram quando ele afastou os lábios dos dentes, rosnando. Delilah percebeu com um sobressalto que as membranas eram estranhas asas de inseto malformadas que brotavam das costas do urso como um fungo. Seus olhos brilhavam cor-de-rosa e o pelo ao redor do pescoço estava emaranhado de musgo.

Delilah deu um passo atrás. Conforme o urso rosnava, as asas se contorciam inutilmente em suas costas. Tinha cerca de dez delas, todas com formas e tamanhos ligeiramente diferentes.

— Não vou machucar você — prometeu Delilah, recuando centímetro a centímetro em direção ao cume escorregadio. — Só me deixa ir embora.

Ela se chocou contra algo. Sua cabeça se virou bem a tempo de perceber que havia esbarrado em outro cogumelo. Os esporos choveram em cima dela.

Instantaneamente, sua mente começou a girar, como antes. À sua frente, o urso de repente se transformou em dois ursos, depois em quatro, todos a perseguindo com os dentes lambuzados de saliva.

Toda a força deixou os joelhos de Delilah de uma só vez, e ela afundou no chão. Sua visão escureceu nos cantos.

Em um piscar de olhos, o urso avançou em Delilah. Um rosnado gutural saiu de sua garganta. Ela ergueu os braços fracamente, fechando os olhos.

Mas o impacto não veio. Em vez disso, houve um baque alto quando algo aterrissou na frente dela com um grito baixo e animal. Delilah abriu um olho apenas o suficiente para ver uma figura grande parada entre ela e o estranho urso.

A criatura estava apoiada em quatro patas, com as garras afundadas na lama. Tinha um focinho lupino que levava a um rosto pálido como um fantasma, com uma luz azul brilhante no lugar do olho, localizada bem fundo na órbita. Além das orelhas pontudas como as de um lobo, ela tinha chifres enormes feitos de pedaços de ossos entrelaçados e retorcidos que terminavam em pontas afiadas. Uma camada de penas começava na parte de trás da cabeça, descendo pelas costas e pelos braços. A coluna vertebral era arqueada; as vértebras brotavam da pele, pontiagudas e cobertas de sangue. Suas pernas eram quase reptilianas, com escamas pretas como a noite que desciam dos quadris até as garras na ponta dos dedos dos pés. Uma cauda longa e escamada terminava em um tufo de penas.

Quando Delilah ofegou, a criatura se ergueu sobre as patas traseiras, virando a cabeça em sua direção.

Delilah sentiu um aperto no peito.

Quando menina, ela tinha ouvido histórias de monstros, feras distorcidas por magia das trevas que se escondiam nas sombras onde os bruxos não iam. Sua mãe dizia que se ela não fosse para a cama ou não comesse legumes, algo surgiria à noite e a levaria embora.

Olhando para a criatura à sua frente, ela teve certeza de que aquilo era totalmente capaz de arrastá-la para a escuridão.

O urso parou onde a criatura o havia golpeado e soltou um rugido estridente. Saliva voou de seus dentes enormes. A criatura desviou o olhar de Delilah, com um rosnado saindo do fundo da garganta; as penas de sua cabeça

se eriçaram enquanto ela atacava o urso mais uma vez, cravando longas garras na lateral do corpo dele. Uma das asas deformadas do urso foi arrancada, aterrissando na lama, ainda se contorcendo um pouco.

Delilah ofegou, o que a fez inalar mais esporos. O som dos sussurros em sua cabeça ficou mais forte, abafando o barulho da luta à sua frente. Suas pálpebras ficaram pesadas e sua visão, embaçada. Entre piscadas longas e trêmulas, Delilah viu a criatura morder o pescoço do urso, fazendo-o urrar.

— Socorro — sussurrou ela, de forma tão fraca que mal conseguia ouvir a própria voz. — Me ajudem.

Seus olhos se fecharam e seu corpo caiu, inconsciente.



CAPÍTULO DEZESSETE

Regra n. 18: O monstro nunca é o monstro.

A primeira coisa que Delilah notou quando acordou foi o quanto a queda no barranco a havia machucado e, depois, como o chão era incrivelmente duro e desconfortável.

— Ai — gemeu ela, levantando-se para esfregar os olhos cansados.

Ouviu um movimento repentino por perto e, ao piscar, viu uma sombra saindo de perto.

Ela se levantou com um sobressalto. Estava deitada perto da boca de uma caverna, com uma fogueira crepitando a poucos metros em um poço improvisado. Saíam faíscas do fogo, e a madeira estava claramente úmida. Alguém havia tirado dela a capa roubada de Laven e a colocado sob sua cabeça como travesseiro. Seu vestido e suas botas ainda estavam sujos de lama, mas parecia que a chuva havia lavado grande parte da lama de sua pele exposta.

Delilah esfregou o nariz; quando afastou a mão, encontrou alguns dos resíduos cintilantes da floresta de cogumelos em seus dedos. Seu batimento

cardíaco acelerou quando tudo voltou à tona — o urso estranho e distorcido e sua luta com aquele monstro.

Aquele que havia capturado Briar.

Aquele que a havia… salvado?

Delilah abriu a boca para gritar, mas parou quando seu nariz começou a formigar. No momento seguinte, ela soltou um espirro parecido com o de um gatinho, cobrindo o nariz com a parte interna do cotovelo. O espirro deixou um resíduo brilhante em sua pele. Ela gemeu, murmurando:

— Eca, que nojo.

O som de uma risada suave do lado de fora da caverna fez com que ela levantasse a cabeça.

— Oi? — chamou. Então Delilah tateou o chão à procura de uma pedra, a magia correndo para as pontas de seus dedos. — Quem está aí?

Por um momento, houve silêncio. Delilah se levantou, a pedra pairando sobre sua mão enquanto ela se preparava para jogá-la em qualquer um que se aproximasse.

Finalmente, quem quer que tivesse rido soltou um suspiro pesado.

— Sou eu, sua idiota — disse uma voz familiar.

— Briar? — Delilah deu um pulo, com um sorriso estampado no rosto. — Briar! Você está bem!

Ela deu alguns passos antes de Briar dizer:

— Não se aproxime!

Delilah hesitou, lembrando-se de repente dos pedaços de tecido manchados de sangue que havia encontrado na floresta. Ela não sabia a história completa, mas parecia que Briar havia perdido a camisa e a calça. Delilah pegou sua capa do chão e foi até a boca da caverna.

— É sério! — esbravejou Briar, com a voz cada vez mais trêmula e aguda à medida que Delilah se aproximava. — Delilah, não…

Delilah colocou a cabeça para fora, mantendo os olhos fechados. Ela estendeu a capa, tentando não rir.

— Aqui. Pode usar isso. Eu não vou olhar, juro.

— Eu… Ah. Obrigada.

Briar pegou a capa enquanto Delilah mantinha os olhos fechados, rindo.

Quando Briar colocou a capa em volta de si, o tecido esvoaçou no ar.

— Por que você está rindo? — ela perguntou.

— Nunca pensei que você fosse do tipo que se preocupa com modéstia — respondeu Delilah. Ela ouviu Briar prender o broche que fechava a capa no pescoço e, presumindo que nesse momento a outra estava decente, abriu os olhos. Começou a dizer: — Como você perdeu toda a sua…?

Um grito irrompeu de sua garganta antes que ela pudesse contê-lo.

Uma mão com garras tapou sua boca, abafando o som, enquanto Briar vociferava:

— Eu te disse para não olhar!

Delilah precisou olhar fixo por alguns segundos para entender o que estava vendo. A pessoa diante dela sem dúvidas era Briar, mas parecia que tinha roubado algumas das características do monstro da floresta. Chifres de osso em espiral se projetavam acima de suas sobrancelhas, e a boca e o nariz estavam contorcidos em algo semelhante a um focinho. Penas cobriam sua cabeça, descendo pelo pescoço e desaparecendo na capa. Seus dedos terminavam em garras longas e pontiagudas, e manchas de escamas pretas cobriam seus antebraços e pernas. Uma cauda escamada e coberta de penas estava enrolada em volta de perna esquerda, contorcendo-se levemente.

O rosto de Briar ficou completamente vermelho, o rubor subindo até as pontas de suas orelhas agora pontudas.

De queixo caído, Delilah estendeu a mão e tirou a mão de Briar de sua boca. Ela piscou os olhos. Seu cérebro estava confuso, incapaz de explicar o que estava vendo.

— O que *aconteceu* com você? — perguntou ela finalmente.

Depois de um segundo, ela ofegou e teve um sobressalto quando um pensamento lhe ocorreu. Freneticamente, arregaçou as mangas de seu vestido, verificando se seus braços ainda estavam normais ou se haviam aparecido escamas nela também.

Briar franziu a testa.

— O quê… O que você está fazendo?

— Aqueles esporos de cogumelo fizeram isso, não foi? — perguntou Delilah, passando as mãos sem parar pela nuca para verificar se havia penas. Quando não encontrou nada, agarrou Briar pelos ombros e disse: — Escuta, nós vamos resolver isso, tá? Tenho certeza de que tem alguma maneira de fazer

você voltar ao normal. — Sua voz se elevou. — Por que você não está entrando *em pânico*? Temos que fazer alguma coisa!

Briar fitou os olhos de Delilah, franzindo as sobrancelhas. O que quer que tivesse acontecido com Briar havia alongado suas pernas, de modo que ela agora estava quase da mesma altura de Delilah. Ela abriu e fechou a boca, deixando escapar um murmúrio suave.

— Você… não sabe o que está acontecendo?

— Não… mas tenho uma forte teoria, e isso é um bom começo! — disse Delilah, estendendo a palma da mão e batendo o punho da outra contra ela. — Talvez, se eu for imune aos esporos do cogumelo, possa usar engenharia reversa para achar uma cura…

— Como você é burra — admirou-se Briar.

Delilah ficou paralisada, franzindo a testa.

— Por que você diria uma coisa dessas? Estou tentando te ajudar!

— Usa o cérebro, idiota! — Briar gesticulou para si mesma. — Eu *sou* o monstro, Delilah! Aquela coisa que você estava perseguindo? Era eu! A coisa que lutou contra o urso? Eu também!

Delilah paralisou, de olhos arregalados. Lentamente, as peças começaram a se encaixar. Ela se lembrou de todas as vezes que Briar fugiu quando Kieran e ela estavam tendo ataques, de quando os fez prometer que nunca entrariam em seu quarto sem sua permissão, as roupas rasgadas no convés…

— M-mas… — Delilah balançou a cabeça — … tinha tanto sangue!

— É, bom. — Briar se encolheu. — Não é uma transformação muito… bonita. Se eu resistir, meu corpo meio que… se quebra até ganhar forma. Então, sangue. Como eu disse, não é bonito.

— Mas eu vi… Tinha algo na boca dele…

— Na minha boca — corrigiu Briar sem rodeios.

— Mas parecia um *corpo* pendurado na lateral! — Delilah se irritou. — Eu… Eu pensei que você estava sendo arrastada para ser comida na floresta!

— Ah. Deve ter sido…

Ela abriu a boca e revelou dentes irregulares enquanto colocava para fora o que Delilah percebeu ser uma língua azul considerável, como a de um gambá.

Os olhos de Delilah se arregalaram como dois pires. Finalmente, ficou atônita demais para falar.

Briar percebeu e colocou a língua de volta na boca, voltando a ficar corada. Ela pigarreou e olhou para o chão.

— Certo. Enfim. O que acha de conversar lá dentro? — Ela se afastou, franzindo a testa. — Supondo que você esteja… disposta a isso. Eu… Eu posso ir…

— Não! — Delilah balançou a cabeça. — Não, não vá. Estou bem, eu juro. Só — ela balançou a cabeça — surpresa.

Briar zombou.

— Não brinca.

Ela se virou e voltou para a caverna, a luz da fogueira tornando sua sombra retorcida mais longa contra a parede de pedra.

Delilah olhou para a floresta por cima do ombro. Estava um breu, claramente ainda era noite, mas a chuva enfim havia parado. Ela soltou um suspiro trêmulo e entrou. Briar havia se sentado no chão e parecia estar tentando encontrar a melhor maneira de esconder seu corpo dentro da capa. Delilah respirou fundo e se sentou ao lado dela.

Briar franziu as sobrancelhas, encarando-a.

— Que foi? — perguntou Delilah.

— Você… — Briar franziu os lábios. — Você não está… com medo de mim?

— Neste momento, não. — Delilah levantou as sobrancelhas. — Deveria? Quer dizer — ela fez um gesto para a boca de Briar —, você poderia fazer um estrago com isso. Preciso dizer que são impressionantes.

Briar conteve um sorriso, o que, era preciso admitir, teve um efeito sinistro, com as presas enormes e os incisivos afiados.

— Você não vai ver aquele urso esquisito tão cedo.

— Ah! Ah, o urso! — Delilah se sentou mais ereta, com as mãos estendidas ao lado do corpo. — Você enfrentou um *urso*? Espera… Preciso que você explique desde o início. O que aconteceu exatamente?

Briar se virou e ficou olhando para o fogo. Delilah não sabia se a garota estava ciente disso, mas a ponta de sua cauda balançava de um lado para o outro no chão da caverna como a de um gato selvagem. Ela tentou não a encarar e falhou miseravelmente.

— Enquanto você falava com o Klaus, percebi que o olho do Kieran começou a brilhar — explicou Briar. — Saí correndo na hora. Porque, assim — ela fez um gesto para si mesma —, talvez esta não seja a melhor maneira de aparecer em uma reunião de bruxos poderosos, certo? Eu estava tão preocupada em me afastar que não tive tempo de salvar nenhuma das minhas roupas. — Ela franziu a testa. — O que é mesmo uma pena. Eu adorava aquelas botas.

— Então, sempre que drena magia, você se transforma nessa… hum… criatura grande…?

— Você pode dizer "monstro".

— Mas é você — argumentou Delilah. — E você não é um monstro. Não na minha opinião, pelo menos. Você teria que, sei lá, pegar alguns habitantes da cidade e comê-los vivos para que eu pensasse em você como um monstro.

— Que padrão baixo — murmurou Briar. Ela esfregou a nuca e suspirou. — De qualquer forma, sim. Tecnicamente, posso me transformar nisto sempre que quiser, o que foi útil quando meu pai não parava de mandar seus homens atrás de mim depois que fugi da Wrenlin. Mas não consigo impedir quando estamos sofrendo um ataque. Alguma coisa no fato de ser exposta a tanta magia de uma só vez… o traz à tona.

— O Kieran sabe? — perguntou Delilah.

Briar balançou a cabeça em negativa.

— Ele já deve me achar um monstro por sugar a magia dele, imagina o que pensaria se me visse assim?

— É por causa da maldição, não por qualquer coisa que você tenha feito — apontou Delilah. — Kieran sabe que você não está machucando ele de propósito. Ele entenderia.

— Entenderia isso? — Briar fez um gesto para si mesma, meio enrolada sob a capa de Laven. — Como é que entenderia? Quem olha para a prova literal e *física* de que alguém é um monstro e pensa: *Ah, ela deve ser uma boa pessoa, se você desconsiderar as presas*. — Ela fechou os olhos com força. — A Wrenlin sempre disse que a razão pela qual eu fiquei com essa metade da maldição é porque nasci perversa. O Kieran é o gêmeo bom, e eu… não.

Suas palavras pareciam uma apunhalada no coração de Delilah. *Se eu voltar a ver Wrenlin, vou terminar o que Briar começou com o cutelo.*

— Mas que idiotice — esbravejou Delilah. — Você não é inerentemente má, e sua maldição não é, nem de longe, uma prova de que você é. Além disso — ela apontou para o rosto de Briar —, você *é* uma boa pessoa, independentemente de qualquer coisa.

Briar se abraçou com mais força, escondendo parte do rosto nos braços. Com a voz abafada, ela falou:

— Agradeço a intenção, mas… eu sei o que vai acontecer. Você está em choque agora, então não teve tempo de perceber o quanto isso é ruim, o quanto é *nojento*. — Ela estremeceu, dando uma olhada nas escamas em seus braços. — Mesmo quando eu voltar ao normal, vai ficar pensando nisso. Eu sempre vou ser o monstro que finge ser a Briar, porque agora você sabe o que eu sou de verdade.

Sua respiração ficou presa e ela desviou o olhar, tremendo.

A garganta de Delilah começou a apertar. O cheiro da maldição estava ainda pior agora do que normalmente, o odor de decomposição se misturando com a fumaça da fogueira. Ela amaldiçoou seu estômago por se embrulhar com isso.

Balançando a cabeça para aliviar o ardor nas narinas, Delilah se aproximou de Briar e a puxou para um abraço.

— O quê…? — Briar começou a protestar.

Delilah enterrou o rosto nas penas do pescoço de Briar.

— Você não pode presumir que sabe como me sinto, tá? Eu me preocupo com *você*, não com isso aqui. E, beleza, sim, talvez eu leve algum tempo para me acostumar com a ideia de que você pode se transformar em uma criatura mágica e matar ursos ou sei lá o quê, mas eu vou me acostumar. Porque… Porque eu am…

Ela se engasgou, percebendo o que ia dizer.

— Delilah? — perguntou Briar.

— Eu… Eu... — gaguejou Delilah. *Eu estava prestes a dizer…? Não, de jeito nenhum. É só porque estou nervosa*. — Não importa. Só saiba que isso não muda nada para mim. E, se você não quiser que ninguém mais saiba, vou guardar segredo.

Com um suspiro, os ombros de Briar se afundaram. Era como se Delilah finalmente tivesse lhe dado permissão para relaxar e, no momento em que o fez, ela se deu conta do quanto Briar havia se encolhido. Ela se derreteu no

abraço de Delilah, envolvendo-a com os braços e pressionando sua bochecha contra a da outra garota.

O calor se espalhou pela pele de Delilah onde elas se tocaram. O coração de Briar, que martelava em seu peito, começou a desacelerar; ela inspirou o cheiro do cabelo de Delilah, mesmo com os tufos de lama secando entre os cachos. As penas no pescoço de Briar faziam cócegas na pele de Delilah, que conseguia sentir as vértebras salientes da coluna de Briar através da capa.

— Obrigada — falou Briar, baixinho.

Delilah se afastou o suficiente para olhá-la de frente.

— Seu segredo está seguro comigo. Ah, e obrigada por me salvar daquele urso. Foi muito corajoso.

Briar, ainda com os olhos fechados, não se moveu. Contra o pescoço de Delilah, ela sussurrou:

— Aquela coisa não tinha a menor chance contra mim. — Ela fez uma pausa, unindo as sobrancelhas. — Mas… o surgimento das asas foi estranho. Nunca vi nada parecido com elas antes. Nem com os cogumelos.

— Eu também não. — Delilah murmurou baixinho para si mesma ao refletir. — Klaus mencionou algo sobre um veio mágico que corre no subsolo por esta área, e aquele lugar inteiro cheirava a magia. Será que… — Ela se recostou, soltando Briar e cruzando os braços. — Vou falar com ele quando voltarmos. Se não se importa que eu pergunte, quanto tempo normalmente leva para você voltar ao normal depois de um ataque?

— Esse é… meio que o problema. — Briar ergueu os braços escamados. — Essa situação estranha em que não sou uma coisa nem outra geralmente dura só cerca de meia hora. Mas já se passaram quase duas horas desde que eu te trouxe para cá e comecei a me transformar de volta. Só que esse ataque foi estranho, parecia que tinha algo me impedindo de absorver a magia do Kieran, e agora estou presa assim há muito mais tempo do que o normal.

A boca de Delilah formou um suave *ah*.

— Acho que pode ter sido culpa do Laven. Ele pintou algumas runas no Kieran para tentar protegê-lo. Talvez isso tenha impedido você de absorver a magia direito.

Briar soltou um rosnado baixo.

— Droga, Laven. — Ela se deixou cair para trás, com a coluna pressionada contra a rocha, segurando os dedos na frente do rosto. — Quando eu te trouxe de volta para cá, tinha certeza de que estaria normal quando você acordasse. Lá se foi esse plano.

— Vamos esperar aqui fora — sugeriu Delilah. — Além disso, o Kieran e o Ash têm aquela carroça inteira só para eles. Talvez eles finalmente façam algo além de tocar no braço um do outro.

Um sorriso torto brotou no rosto de Briar, que Delilah notou ter voltado ao normal, embora seus dentes ainda estivessem irregulares.

— Estou muito feliz que esta noite horrível talvez ajude meu irmão a se dar bem.

Delilah riu, cobrindo a boca com a mão. Briar ergueu uma das sobrancelhas, e ela explicou:

— Desculpa, é que sua língua é grande demais para a sua boca e está fazendo você falar com língua presa.

Briar ficou vermelha como um pimentão.

— É fofo — confessou Delilah, dando uma risadinha.

— *Não* é. — Briar gemeu, jogando os braços sobre o rosto. — Eu vou matar o Laven.

Enquanto Briar estava com o rosto coberto, Delilah deu uma olhada melhor nela, avaliando a forma como seus pés descalços estavam cobertos de lama e os joelhos nodosos despontavam por baixo da capa. Sua cauda batia suavemente no chão da caverna ao lado de Delilah.

Sem pensar, Delilah a tocou.

De repente, a cauda se retesou e as penas se abriram na ponta, revelando uma farpa em forma de gancho que apontava na direção de Delilah.

— Eita! — gritou ela.

— É venenosa — advertiu Briar. — Se eu fosse você, não tentaria fazer isso de novo.

— *Venenossa* — repetiu Delilah, imitando o ceceio de Briar.

Parecia impossível fazer Briar ficar mais vermelha, mas de alguma forma isso aconteceu, para a alegria de Delilah.

— Eu te odeio — resmungou Briar. — Mais do que tudo.

Delilah se deitou no chão da caverna ao lado dela, sorrindo.

— Não odeia não.

Embora os braços de Briar ainda estivessem cobrindo a maior parte do seu rosto, Delilah percebeu um leve sorriso.

— Tudo bem — admitiu Briar. — Não odeio. Mas não força a barra. — Ela revelou seu olho brilhante. — Sou muito perigosa.

— *Perigossa* — repetiu Delilah.

Briar gemeu alto enquanto Delilah começou a rir histericamente, a risada ecoando pela caverna em uma cacofonia deliciosa.



Delilah não havia percebido que tinha adormecido no chão da caverna até que o som de vozes ecoando a despertou de um sonho. A sonolência manteve suas pálpebras pesadas, e ela franziu o nariz com frustração diante da intrusão repentina, apertando mais os braços em torno do peso pressionado contra ela.

Ela sentiu a suave vibração de uma respiração em sua garganta. Sonolenta, nada daquilo lhe pareceu incomum.

Até que uma voz familiar gritou:

— Delilah! Briar!

Delilah abriu os olhos e percebeu que o corpo quente que ela havia abraçado sem perceber durante o sono era, na verdade, Briar, toda encolhida, com a cabeça gentilmente aninhada sob o queixo dela.

Briar também despertou e, por um segundo, as duas ficaram se encarando.

No momento em que se deram conta, elas se sentaram de supetão, Briar bateu com a cabeça no queixo de Delilah, que soltou um palavrão. Ambas ficaram muito vermelhas, e Briar apressou-se em puxar a capa em torno de si, enquanto Delilah rapidamente desvencilhou-se de suas pernas e se afastou.

— Ai! — Briar gemeu, esfregando o topo da cabeça.

Para alívio de Delilah, as penas haviam desaparecido, assim como qualquer outra evidência do que ela vira na noite passada.

— Delilah! Briar!

As meninas voltaram a atenção para o som. Na boca da caverna estava Kieran, com o suor escorrendo pela testa e o cabelo louro encaracolado afastado do rosto. Ash apareceu depois de subir a pequena colina que levava à

caverna, e atrás dele estava Laven, com o bastão de caminhada na mão e seu espírito protetor no ombro.

— Vocês estão bem! — berrou Kieran. Ele correu para a frente e caiu de joelhos na frente delas, envolvendo Delilah e Briar em um abraço forte, uma com cada braço. — Eu fiquei tão preocupado.

Delilah o abraçou de volta enquanto Briar hesitou por um momento antes de fazer o mesmo.

— A gente se perdeu um pouco — explicou Delilah quando Kieran se afastou. — Desculpa por termos preocupado você.

— Eu te disse que conseguiria encontrar as duas — disse outra voz.

Delilah se endireitou e encontrou ninguém menos que Klaus Hammond ao lado de Laven, com um sorriso largo no rosto.

— Estamos procurando vocês desde antes de o sol nascer — explicou Ash, juntando-se a eles lá dentro. — O Kieran não ia ficar em paz enquanto não encontrasse vocês.

— Já era a ideia de eles passarem um tempo sozinhos — murmurou Briar para que apenas Delilah pudesse ouvir.

Delilah conteve uma risada e disse:

— Obrigada por encontrar a gente, Kier.

— Foi principalmente… — Kieran começou a dizer.

— Fui eu que fiz o rastreamento — explicou Klaus, com as mãos na cintura. — Que tipo de pai eu seria se deixasse minha filha perdida na floresta sem ajuda?

— Kieran se ofereceu para recompensá-lo — explicou Laven, sem se incomodar.

— Faz sentido — murmurou Delilah. Ela se levantou, tirando a lama seca da saia. — Bom, obrigada por nos encontrar. Isso com certeza vai facilitar a volta.

— O que trouxe vocês até aqui na calada da noite, afinal? — perguntou Ash. — Não deve ser seguro andar por esta floresta no escuro.

— Eu… me perdi — mentiu Briar. — E a Delilah me encontrou. Decidimos passar a noite acampando aqui. Por segurança, claro.

— Ela lutou contra um urso — interrompeu Delilah antes que pudesse se conter.

Todos os homens levantaram as sobrancelhas.

— Com… Com a minha magia — esclareceu Briar, corando.

— Que impressionante — disse Klaus.

— Na verdade, foi uma situação muito estranha — disse Delilah. Ela encontrou os olhos de Klaus. — Tem uma floresta de cogumelos enorme não muito longe do acampamento do Coven do Orvalho Lunar. O lugar inteiro cheira a magia, e o urso com o qual Briar lutou tinha um monte de coisas estranhas crescendo nele. Você acha que pode ser por causa do veio mágico que está procurando?

Os olhos de Klaus se arregalaram. De repente, ele também se colocou ao lado dos outros na caverna.

— Com certeza. Mudanças estranhas no ambiente são o primeiro sinal de que estamos perto.

— Acho que você está com sorte, então — disse Delilah. Ela deu uma olhada de relance para Briar antes de acrescentar: — Sabe… Acho que poderíamos te mostrar onde fica. Em troca da carta que nos permite acessar o arquivo da biblioteca.

Kieran e Briar ergueram as sobrancelhas. Enquanto Kieran arregalava os olhos, um sorriso malicioso brotou no rosto de Briar.

— Parece justo — concordou Laven. Como ele era bem mais baixo que Klaus, teve de estender a mão para dar um tapinha no ombro do homem. — O que você acha, Klaus?

Os olhos de Klaus se desviaram de Laven para Delilah e Kieran. Depois de um momento, ele assentiu.

— É justo. Vou escrever assim que voltarmos.

— Nesse meio-tempo, melhor a gente ir embora — disse Laven. — Vamos precisar aproveitar a luz do dia se vocês quiserem voltar para Gellingham antes do anoitecer.

— Sim, vamos indo — falou Kieran. Ele sorriu para Delilah e sua irmã novamente. — Estou muito feliz por vocês terem se encontrado. Teria sido terrível ficarem presas aqui sozinhas.

— Sim — concordou Delilah. Ela sentiu um calor no peito ao olhar de relance para Briar, com seus braços finos, sardas e sujeira sob as unhas. — Também estou feliz por termos nos encontrado.



CAPÍTULO DEZOITO

Regra n. 25: Fora a solução descrita na própria maldição, a melhor forma de acabar com ela é com uma brecha. É só uma questão de ser corajoso o suficiente para encontrar uma.

Ao voltarem ao acampamento, Delilah e Briar puderam vestir roupas novas — e comprar sapatos para Briar — antes de mostrarem a Klaus o caminho para a floresta de cogumelos. Delilah o alertou sobre os esporos e para ficar de olho em animais estranhos. Ao ver os cogumelos embaixo da ravina, ele esbugalhou os olhos como uma criança solta em uma loja de doces.

Como havia prometido, de volta à sua carroça, escreveu uma carta dando acesso ao arquivo.

Enquanto os outros começavam a arrumar suas coisas para a caminhada até o início da trilha, Klaus perguntou a Delilah se podia conversar com ela a sós.

— Sabe — disse ele, depois de se afastarem um pouco da carroça de Laven —, você me parece uma jovem bruxa impressionante, Delilah. Suas habilidades devem ter sido aperfeiçoadas com maestria.

Ela cerrou a mandíbula. *Não graças a você*.

— Tive sorte de ter uma boa professora que me acolheu. É um tabu a bruxa de um vilarejo ensinar alguém de fora da família. Mas você deve saber disso.

Klaus mordeu o lábio.

— Bom, mesmo assim. Sua mãe deve estar orgulhosa de você.

— Espero que sim.

Delilah chutou a grama de leve. Pensar na mãe suavizou sua expressão. *O que será que ela pensaria se soubesse que eu finalmente o conheci?* Charlotte nunca parecera guardar qualquer rancor de Klaus, mesmo que Delilah achasse que ele merecia.

Mas, depois de uma longa pausa, Delilah acrescentou:

— Ela fala de você às vezes.

Klaus ergueu as sobrancelhas.

— Ah. Isso é… um pouco surpreendente. Imaginava que ela já estava resolvida com outra pessoa a esta altura. A Charlotte é uma mulher adorável.

— Isso não é exatamente possível para nós — murmurou Delilah. Quando Klaus inclinou a cabeça, ela explicou: — Nossa maldição faz com que as mulheres da família Bea, todas nós, sejam amaldiçoadas a nunca encontrar o amor verdadeiro. No momento em que alguém se apaixona por nós, essa pessoa perde todas as lembranças que tem da gente.

— Ah, puxa vida. Que pena. — Os olhos de Klaus voltaram-se para a carroça de Laven, onde Briar estava tirando itens da mochila de Kieran e transferindo-os para a dela. Ele perguntou: — Você tem certeza de que é isso mesmo?

Delilah teve que segurar uma risada cortante.

— Por gerações nenhuma mulher Bea se casou ou teve qualquer tipo de relacionamento duradouro. Não foi por falta de tentativa, é só que nunca dá certo.

— Que interessante — comentou Klaus, acariciando o queixo. — Talvez… se voltarmos a nos encontrar, você possa me contar um pouco mais sobre essa maldição. Acredito que ela não funcione exatamente como você pensa.

Delilah paralisou. Pela segunda vez, sentiu uma cocegazinha quente no peito. Era um pequeno fragmento de algo maior, algo que a aterrorizava só de pensar, mas ainda pequeno o suficiente para ser apagado.

Mas grande o suficiente para pegar fogo também.

— Como assim? — perguntou Delilah, baixando a voz.

Ela não se atrevia a fazer nada até ouvi-lo dizer o que ela estava pensando.

— Delilah! — Kieran chamou do outro lado do campo. Junto dele, Briar se esforçava para içar sua mochila lotada sobre os ombros magros, enquanto Kieran abria um sorriso radiante. Pelo jeito, ele não estava carregando nada. — Estamos prontos para ir!

— Um segundo! — Delilah se virou de volta para Klaus. — Sério… O que você quer dizer com isso? Você acha que tem algum tipo de…?

— Exceção — entoou Klaus. O corpo inteiro de Delilah se retesou ao ouvir a palavra. Klaus não fazia ideia de que a faísca no peito dela de repente se acendeu, ameaçando explodir em chamas. — Pode ser. Ou não.

— Que tipo de exceção?

O coração de Delilah tinha começado a bater forte. Ela sentia que estava prestes a pular do peito, tão acelerado que o zumbido em seus ouvidos abafava todos os outros sons. A parte racional de sua mente implorava para que ela fechasse a boca e fingisse que não o tinha ouvido, mas a outra…

Os olhos de Delilah a traíram, pousando em Briar. Seu corpo esguio, a maneira como ela estava de pé com as mãos na cintura. A mochila que ela carregava era ridiculamente grande em comparação com seu corpo pequeno, mas isso não parecia incomodá-la. Ela estava ocupada demais revirando os olhos para o irmão para perceber, com um sorrisinho no rosto.

Seu sorriso. Dentes ligeiramente tortos, um pouco desalinhados. Lábios rosa-claros como o interior de uma concha. Ela não costumava sorrir assim, mas, recentemente, algo havia mudado.

Quando Delilah olhou de volta para Klaus, ele estava com a mão sobre o peito, tentando conter um sorriso.

— Quem sabe? — disse Klaus, colocando a mão no bolso. Ele deu uma olhada entre as duas, balançando a cabeça. — Talvez dê para fazer um experimento.

O rosto de Delilah ficou vermelho.

— E-experimento? Como assim?

Klaus deu uma risadinha.

— Ah, nada. Só estava pensando em voz alta. Agora é melhor você ir. Não quero deixar seus amigos esperando. Boa sorte no arquivo.

Delilah abriu a boca para persuadi-lo a contar mais, mas foi nesse momento que Kieran gritou seu nome novamente, e Briar e Ash também passaram a chamá-la. Ela acenou para eles e disse:

— Já vou!

Ela se virou de volta para o pai.

— Olha, hum… Obrigada. Pela ajuda. Foi bom conhecer você, acho.

— Você também, Delilah. — Ele estendeu a mão e deu um tapinha no ombro dela, o que poderia ter sido fofo se não fosse tão forçado. — Boa viagem.

Ela desejou o mesmo para ele e partiu em direção a seus amigos, com a mente alvoroçada pelo que ele havia dito.

Talvez dê para fazer um experimento.

A viagem de volta a Gellingham foi tranquila. Todos estavam cansados da noite anterior, mas, felizmente, Laven se ofereceu para ajudá-los a encontrar a trilha principal de modo que não tivessem que passar por mais dificuldades na floresta do que já haviam passado. Quando chegaram ao início da trilha, Laven se despediu, fazendo questão de dizer a Briar que estava feliz por ela ter encontrado companheiros de viagem tão bons.

Ash se despediu de Delilah e dos gêmeos assim que eles chegaram ao fim trilha. Depois de um momento de hesitação, ele se inclinou e deu um abraço em Kieran.

— A gente se vê amanhã — disse ele rápido para Kieran. Delilah poderia jurar que o rosto dele parecia um pouco suado e quente. — A carta do Klaus, tecnicamente, só permite que vocês e a sua quebradora de maldições entrem no arquivo, então vou esperar do lado de fora. Aí podemos discutir o que vocês encontrarem.

— C-certo — gaguejou Kieran. — Obrigado por ter vindo, Ash.

— Imagina. — Ele acenou com a cabeça para Delilah e Briar. — Até amanhã.

Assim que Ash partiu, Briar deu uma cotovelada nas costelas de Kieran, rindo.

— Ai! — gritou ele. — Que foi?

— Por favor, me diz que vocês confessaram que gostam um do outro — disse Briar.

A voz de Kieran embargou.

— Eu… Não, claro que não.

Briar e Delilah trocaram um olhar, suspirando em derrota.

No caminho de volta ao campo de pouso, a grama alta fazia cócegas em seus tornozelos e as luzinhas piscantes dos vaga-lumes brilhavam entre as folhas. O chilrear dos grilos pairava no ar quente. O pôr do sol tinha acabado de começar a corar o céu quando o aeronavio apareceu.

— Seria uma má ideia — admitiu Kieran depois de alguns minutos, durante os quais Delilah havia se esquecido do que eles estavam falando. — Precisamos da ajuda dele agora, e se o Ash descobrisse que eu sou um Pelumbra… Não acho que ele aceitaria bem.

Briar deu de ombros.

— Não sei, não. Às vezes as pessoas nos surpreendem.

Delilah sorriu enquanto eles seguiam em frente.

Naquela noite, de volta ao navio, depois que todos foram para a cama, Delilah escapou para a cozinha. Fazia tanto tempo que ela não assava nada que começara a se sentir estranhamente ansiosa.

Na verdade, estava nervosa desde que ouvira a palavra *exceção*.

Pegou a farinha, o açúcar e os limões na despensa, deixando-os em uma pilha com os ovos e a manteiga da geladeira. Colocou um disco com um homem de voz aveludada balbuciando canções de amor, em um volume baixo o suficiente para não acordar Briar, caso ela conseguisse mesmo ouvir pelas aberturas de ventilação.

Ela mediu a farinha, misturando-a com a manteiga e o açúcar em uma tigela azul-celeste. Evocou magia do fundo do seu peito enquanto isso, de modo que a ponta de sua colher de madeira passou a brilhar levemente com energia. Imaginou uma espada que pudesse cortar as camadas de videiras sufocantes que cercavam seus pensamentos — algo que pudesse ajudá-la a ter um pouco mais de clareza em relação à sua situação.

Ela havia dito a Briar: *Não posso me aproximar de ninguém dessa maneira.*

Sentiu um aperto no peito e a magia em suas mãos disparou por um momento, queimando a superfície da massa. Ela soltou um palavrão, largando a colher e deixando a magia fluir pelos braços, balançando a cabeça.

Não deveria nem estar pensando nisso. De que adiantava, se no final ela só ia se machucar?

O rosto de Theo voltou à sua mente. O dia em que tudo desmoronou havia começado de uma forma perfeita: era uma manhã linda em Kitfield, as flores ainda desabrochando no fim do verão e as árvores lançando sombras nas calçadas de paralelepípedos da cidade. Delilah e Theo haviam passado a noite anterior na praia, discutindo todas as coisas que queriam fazer juntos quando o Chamado dele terminasse: viajar pelo mundo, tornar-se famosos quebradores de maldições, viver na cidade grande — tudo com que Delilah havia passado a infância sonhando acordada.

Ela apareceu no chalé onde ele estava morando, animadíssima para começar o dia. O sol brilhava, o céu estava azul e ela ia se encontrar com o rapaz por quem estava se apaixonando.

Mas, quando ele abriu a porta depois que ela bateu, sua expressão estava vazia. Ao vê-la, Delilah notou um pequeno lampejo de magia cinza nos olhos dele. Não era a cor da magia dele, que sempre fora de um tom quente de vinho. Aquilo era outra coisa.

— Oi — disse ele, com a testa franzida. — Posso… ajudar em alguma coisa?

O coração de Delilah se apertou, e a palavra *não, não, não* ecoava em sua mente como um disco quebrado. A bile subiu em sua garganta. O mundo sob seus pés rachou como gelo em um lago congelado.

— Theo? — disse ela baixinho.

Por favor. Por favor, lembre-se de mim.

— Theodore — corrigiu ele. — Não tem muita gente que me chama de Theo hoje em dia.

O gelo sob os pés de Delilah havia se quebrado.

Afastando-se da lembrança, ela estremeceu, com as lágrimas ameaçando cair. Fazia muito tempo que ela não chorava por causa de Theo. Nos últimos seis meses, mais ou menos, a memória dele havia deixado de afetá-la tanto

quando vinha à tona. Embora, no início, aquilo a cortasse como um caco de vidro, o tempo desgastara as bordas irregulares.

Mas ainda doía. Provavelmente sempre doeria.

Então, por que seu relacionamento com Briar seria diferente? Claro, Briar havia admitido que se sentia atraída por Delilah quando elas se beijaram bêbadas, mas isso não significava que fosse algo mais. E sim, desde então as coisas tinham sido fáceis entre as duas. Delilah acordava todas as manhãs animada para vê-la, e toda vez que ganhava um dos sorrisos evasivos de Briar, seu coração disparava, mas…

Não importava como Delilah se sentia. Não havia importado com Theo e não importaria com Briar. Sua maldição ainda a apagaria das lembranças de Briar se ela retribuísse esses sentimentos.

A não ser que…

A não ser que.

Delilah passou a faca por um dos limões. Quando começou a espremê-lo, uma gota escorregou sobre sua pele, fazendo arder um arranhão na palma da mão causado pela queda da noite anterior.

Ela se lembrou de quando acordou e encontrou Briar aninhada no contorno de seu corpo, e de como queria desesperadamente abraçá-la. Passara a noite presa em pesadelos em que acordava e descobria que Briar havia desaparecido, com medo demais de permanecer depois de seu segredo ter sido revelado. Aquilo assustou tanto Delilah que, mesmo adormecida, ela se viu agarrada a ela.

Talvez fosse tarde demais para apagar essa faísca.

Delilah terminou de misturar o recheio, despejando-o sobre a casca de biscoito amanteigado assim que saiu do forno. Com as mãos vazias, ela se abraçou, sentindo-se vazia.

Você só vai piorar as coisas se tiver esperança, lembrou a si mesma.

Ela se recostou na bancada, inclinando a cabeça para cima para olhar a grade sobre a abertura de ventilação que levava ao quarto de Briar. Imaginou-a dormindo naquela cama enorme, e como seria a sensação de adormecer com o som de sua respiração.

Talvez, pensou Delilah, fazendo uma oração silenciosa, *ela valha a pena.*



CAPÍTULO DEZENOVE

Regra n. 10: Amar é deixar ir.

No dia seguinte, Delilah, Ash e os gêmeos foram de bonde para o arquivo.

Delilah estava um caco. Tinha dormido mal e estava com olheiras sob seus olhos cinzentos. A maior parte da noite, ela se revirou na cama, sentindo como se estivesse sendo partida ao meio por seus pensamentos. As tortinhas mágicas de limão que havia feito não ajudaram em nada a clarear suas ideias; na verdade, ela tinha certeza de que a deixaram mais ansiosa, provavelmente devido ao que estava sentindo quando as fez.

O que ela sabia era o seguinte: se cedesse aos seus sentimentos — que, àquela altura, eram quase impossíveis de esconder — e Briar não fosse uma exceção, seu coração se partiria novamente.

Mas se ela cedesse e Briar fosse…

Briar, sentada ao lado dela como se estivesse ouvindo seus pensamentos.

— Tá tudo bem?

Delilah imediatamente se endireitou e pigarreou.

— Quem, eu? Claro. Estou ótima. Só estou… um pouco nervosa com o arquivo, só isso.

Briar bateu seu joelho contra o de Delilah.

— Nós vamos ficar bem. Pelo menos, somos boas em improvisar, certo?

Nós. Somos.

— Caralho — disse Delilah, a palavra quase inaudível.

— Quê? — perguntou Briar.

Eu disse isso em voz alta? Caramba.

— Nada.

No banco em frente a elas, Delilah viu Kieran e Ash trocando olhares, mas não disseram nada.

Dez minutos depois, eles chegaram à parada e caminharam alguns quarteirões até o prédio do arquivo. A parte externa era bem menos empolgante do que a biblioteca imponente e coberta de hera: o arquivo tinha formato de cúpula e era atarracado. Não parecia ter nenhuma janela, o que não era uma surpresa — Delilah não sabia muito sobre preservação de maldições, mas Theo havia falado de como a luz do sol poderia descolorir as páginas, então fazia sentido mantê-las sob luzes artificiais.

— Bom — disse Ash, olhando para eles. Ele apontou com o polegar para um dos dois velhos pinheiros que se erguiam como sentinelas do lado de fora. — Vou esperar vocês aqui fora, na sombra. Boa sorte.

Ele estendeu a mão para Kieran, depois hesitou. Acabou dando um tapinha em seu ombro. Kieran corou.

Bem baixinho, Briar murmurou:

— Inacreditável.

Delilah deu uma risadinha e a empurrou em direção à porta.

Não havia nenhum guarda lá, o que era um alívio depois do fiasco na biblioteca. Quando Delilah e os gêmeos entraram, encontraram um espaço úmido e escuro. Diante deles havia uma mesa de recepção que no momento estava vazia, e fileiras e mais fileiras de prateleiras atrás dela. O cheiro de papel velho e couro pairava no ar, e as únicas luzes eram esferas azul-claras flutuantes que balançavam como barcos na água. Em comparação com a agitação da biblioteca, o arquivo era mortalmente silencioso.

Os três ficaram em silêncio por um momento antes de Briar perguntar em voz alta:

— E aí, é só a gente entrar ou…?

— Desculpa! — disse uma voz masculina.

Uma figura surgiu de trás da mesa. Usava o mesmo tipo de túnica tradicional de bruxo que Ash vestia quando se conheceram; seu cabelo escuro estava raspado nas laterais e com dreads no topo. Sua pele e seus olhos eram ambos de um tom quente e profundo de castanho.

Ao vê-lo, o coração de Delilah se apertou.

Sem perceber, ele continuou:

— Peço desculpas. A manhã está tranquila, então achei que teria tempo para catalogar algumas coisas. Como posso ajudar?

As sobrancelhas de Briar se ergueram ao ver a cor se esvaindo do rosto de Delilah. Ela, no entanto, mal registrou o olhar. Era como se o mundo ao seu redor tivesse ficado embaçado, deixando apenas o garoto atrás da mesa de recepção. As lembranças que ela tinha dele, como cacos de vidro, pareciam se afiar novamente, cortando Delilah todas juntas ao mesmo tempo. Os dias que passaram juntos na floresta, as noites abraçados em frente à fogueira na praia, as promessas sussurradas de um futuro juntos em Gellingham — tudo isso quase foi o suficiente para fazer seus joelhos cederem.

Antes que pudesse se conter, ela disse:

— Theo?

Briar virou rapidamente a cabeça para Delilah, com os olhos arregalados de horror.

— *Theo*?

Kieran sussurrou para a irmã, tão baixo que Delilah mal conseguia ouvir:

— A gente conhece ele? Acho que perdi alguma coisa.

Theo, por sua vez, apenas piscou.

— Ah, desculpa, a gente se conhece? Tem algo familiar no seu rosto, mas não consigo reconhecer de onde.

Delilah estava com um bolo na garganta. Suas mãos começaram a tremer. Nunca fora do tipo que se deixa dominar pelas emoções, mas agora só conseguia ficar ali parada. Lágrimas se formaram em seus olhos.

Não consigo fazer isto. De novo, não.

— Você se lembra de nós, não? — disse a voz de Briar ao lado de Delilah.

De repente, Delilah sentiu a mão de Briar em suas costas, firmando-a. Seu toque era quente, mesmo através do tecido da blusa de Delilah. A sensação foi o suficiente para tirar a garota do surto, mesmo que só um pouco.

Sua respiração se acalmou.

Com um breve olhar de lado para Delilah, Briar acrescentou:

— A gente se conheceu em Kitfield. No pub? Eu sou a Briar. Acho que minha amiga Delilah e eu vencemos você nos dardos algumas vezes. Mas você tinha bebido um pouco. Não te culpo por ter esquecido.

— Ah. — Theo deu uma risadinha. Ele bateu com a palma da mão na testa. — Kitfield! Claro. Faz sentido. Me perdoem, eu estava meio zoado durante o meu Chamado. Às vezes, sinto que mal me lembro de como foi. É bom ver vocês de novo, acho. O que os traz aqui?

— Poderia nos mostrar o cofre dos Pelumbra? — perguntou Briar.

A boca de Delilah tinha ficado completamente seca, e suas palavras também. Ela apenas tirou a carta do bolso e a colocou sobre a mesa, fazendo o possível para não tremer.

— Klaus Hammond deu permissão pra gente acessar o arquivo — explicou Kieran, apontando para a carta.

Vagamente, ela percebeu que ia ficar devendo um favor enorme aos gêmeos por terem lhe dado cobertura.

Delilah imaginou que, se Theo estivesse bebendo alguma coisa, teria cuspido tudo ao ouvir o nome de Klaus. Ela se lembrou de que uma vez lhe contara que Klaus era seu pai, e Theo ficara tão chocado quanto estava agora. Antes de saber sobre o abandono paterno de Klaus, Theo era um grande fã dele. Delilah supôs que, ao se esquecer dela, ele provavelmente havia se esquecido disso também.

Theo leva a mão à carta. Pegou uma lupa ao seu lado, segurou-a sobre o selo da família Hammond, e seus olhos escuros se arregalaram. Ele sussurrou o nome de Klaus, a voz tingida de espanto.

— Estou impressionado por vocês terem o encontrado. Trabalho aqui há um ano e nunca tive a chance de conhecê-lo — comentou Theo. Ao ler a carta, ele articulou com os lábios a palavra *"uau"*. — O que eu não daria para

conversar com ele sobre quebra de maldições. Uma carta como essa é uma grande honra. Deve ser um Chamado muito importante.

— Isso significa que você pode nos mostrar o cofre dos Pelumbra? — perguntou Kieran.

— Com a bênção do *próprio* Klaus Hammond? Claro, vou levar vocês até lá. Venham comigo.

Os três seguiram Theo até o labirinto de estantes. Livros e pergaminhos antigos ficavam dentro de molduras de vidro nas prateleiras. Embora estivessem embaçados pelo tempo, Delilah distinguiu grimórios encadernados em couro ladeados por antigos pergaminhos de velino e até mesmo pequenos panfletos costurados com barbante para manter as páginas unidas. Alguns deles tinham um brilho fraco, enquanto outros exalavam o cheiro de enxofre e carvão. A maioria das luzes não os tocava, deixando-os meio obscurecidos pela sombra.

É claro que Theo trabalha em um lugar como este, pensou Delilah. *Ele sempre disse que trabalharia.*

Seguindo um pouco atrás de Kieran e Theo, Briar cutucou Delilah.

— Se for demais — disse Briar —, o Kieran e eu podemos cuidar disso. Você não precisa ficar.

Delilah logo balançou a cabeça.

— Não. Não, eu… Eu estou bem. Juro.

Eu definitivamente não estou bem.

Briar ergueu a sobrancelha desconfiada, mas não insistiu. Em vez disso, estendeu o braço, apertou a mão de Delilah e continuou andando.

Ao seu toque, Delilah sentiu um frio na barriga.

Levou alguns minutos percorrendo as prateleiras até chegarem nos fundos do arquivo, onde havia uma parede alta de cofres, que tinham portas diversas, feitas de metais variados e em diferentes formas e tamanhos. Algumas estavam enferrujadas, com as dobradiças travadas por anos de desuso. Outras com certeza haviam sido instaladas mais recentemente, com fechaduras de metal polidas o suficiente para que Delilah pudesse ver o borrão de seu reflexo nelas, mesmo sob a luz fraca.

Theo os conduziu a um cofre distintivamente pequeno, logo abaixo do nível dos olhos. Era pequeno a ponto de Delilah não saber se conseguiria colocar as

duas mãos nele ao mesmo tempo. Não tinha nada de extraordinário, e a portinha estava tão empoeirada que era difícil ler as letras na frente que diziam PELUMBRA.

Pela primeira vez desde que haviam entrado no arquivo, a mente de Delilah finalmente se afastou de Theo. Em vez disso, seu batimento cardíaco acelerou quando ela disse:

— É… minúsculo.

Minúsculo demais para algo tão significativo quanto a maldição da família Pelumbra.

Merda, merda, merda.

Um músculo da mandíbula de Briar se contraiu.

— É só isso? Certeza que não tem, sei lá, um maior? Os Pelumbra não são muito conhecidos pela sutileza.

— Também não tem fechadura — observou Kieran. Sua voz soava tensa. — Será que esta não é uma outra família Pelumbra? Estou falando dos que estão em, bom, todos os setores do governo, na maioria das grandes empresas em Gellingham…

Theo o interrompeu:

— Este é o único cofre Pelumbra que temos. Mas você está certo sobre a ausência de uma fechadura física. Tem um feitiço gravado no metal. Eu tinha a impressão de que ninguém poderia girar a maçaneta a menos que seja descendente direto do bruxo que fez a porta. Mas, considerando que Klaus Hammond deu permissão para vocês acessarem, presumo que tenham outra maneira de abrir.

Kieran engoliu em seco.

Naquele momento, uma sineta tocou do outro lado da sala por onde eles haviam entrado. Todos pararam por um momento até que ela tocou novamente, duas vezes, em estouros rápidos.

— Já vou! Só um segundo — gritou Theo, então disse a Kieran: — Já volto, mas, por favor, não tirem nada do cofre sem minha supervisão. Nada lá dentro deve ser acessado sem a presença de um arquivista.

Kieran começou a prometer que esperaria, mas Theo já estava indo para a recepção.

Quando ele desapareceu entre as estantes, Briar se inclinou para perto do irmão e sussurrou:

— O que você está esperando? Abre a porta.

— Quê? Por que eu? — retrucou Kieran. O suor começou a brotar em sua testa, apesar do frio úmido do arquivo. — Você também é uma Pelumbra!

— Ele não vai te morder — apontou Briar. Ela fez uma pausa, esfregando o queixo. — Ou… *provavelmente* não vai. Acho que nunca se sabe em um lugar como este.

— Muito tranquilizador, Briar… obrigado. — Kieran soltou o ar pelo nariz, fechando os olhos. — Espero mesmo que valha a pena.

Ele estendeu a mão, com os dedos compridos hesitando ao pairar em frente à maçaneta. Estremeceu antes de murmurar outro palavrão e segurar. Um momento de silêncio tenso passou entre os três quando ele apertou com mais força. Uma luz prateada fraca brilhou entre os dedos de Kieran enquanto ele girava a maçaneta.

O cofre se abriu com um pequeno sopro de poeira.

— Funcionou — disse Kieran. Seus olhos se iluminaram e ele olhou para trás, para Delilah e Briar. — Funcionou! E nem, sei lá, explodiu, ou…

Naquele momento, uma voz vinda da frente da sala soou:

— Eu *disse* que essas crianças não têm permissão para acessar o cofre, independentemente do que te disseram. Agora traga-as até mim antes que eu mesmo vá buscá-las.

Um calafrio percorreu a espinha de Delilah. Ela conhecia aquela voz — tinha ouvido em Dothering e em Margem Gabriel, cercada por uma nuvem de magia cítrica e forte. Aquela que havia rosnado o nome de Briar com desdém enquanto a caçava.

Regen Pelumbra.

— Merda — praguejou Briar enquanto o irmão conseguia ficar ainda mais pálido do que o normal. — Temos que sair daqui.

— Como? — questionou Delilah, esticando o pescoço para espiar por entre as estantes.

O arquivo estava escuro o suficiente para que fosse difícil distinguir a figura em pé em frente à mesa. Ainda assim, mesmo à distância, era evidente, pela forma como ele se movia, que estava ficando impaciente.

E, por acaso, ele estava bem no caminho para a porta da frente.

Delilah xingou baixinho.

— Não tem como passar por ele.

— Ele encurralou a gente! — guinchou Kieran.

A expressão de Briar se endureceu. Por um segundo, Delilah pensou ter visto um brilho azul-claro em seu olho visível.

— Kieran, pega o que estiver no cofre — ordenou Briar, com um tom que não deixava espaço para discussão. Enquanto ele assentia com a cabeça e se aproximava para colocar a mão lá dentro, Briar diminuiu o espaço entre ela e Delilah e ficou na ponta dos pés para cochichar em seu ouvido: — Vai pelos cantos do arquivo e fica atenta para ver se o Kieran está te seguindo. — Algo cutucou suavemente a panturrilha de Delilah e, quando ela olhou para baixo, quase pulou ao ver a cauda com ponta de farpas de Briar. — Tive uma ideia.

— V-você vai… — Delilah dobrou os dedos e usou as mãos para imitar mandíbulas com presas mordendo.

Briar enrugou a testa.

— O quê?

Delilah baixou ainda mais a voz, sussurrando por trás da mão.

— Você vai… comer ele?

— Tá doida? Não. — Ela apontou para a farpa, escondida pelo tufo de penas que a cercava. — Eu te disse que ela é venenosa, certo? Vou picar e paralisar ele para não poder seguir a gente.

— Ah. Uau. — Delilah piscou. — Você é meio incrível, sabia?

Briar ficou muito vermelha.

— Quê? Cala a boca. Se manda daqui.

Com o coração batendo um pouco mais rápido do que ela gostaria, Delilah estendeu a mão para o pulso livre de Kieran quando ele finalmente conseguiu colocar os dedos em volta do que quer que estivesse no cofre e tirar de lá.

— Vamos — disse a ele enquanto Briar se virava para ir em direção a Regen. — Me segue.

— Cadê…? — Kieran começou a questionar, olhando brevemente para os lados em busca da irmã.

Delilah o puxou pelo pulso.

— Não se preocupa com ela. Vamos.

Kieran não teve tempo de protestar, pois Delilah praticamente arrancou seu braço do ombro, puxando-o para o canto mais distante da sala. Ele gaguejou um pouco enquanto cambaleava atrás dela, mas se calou rapidamente quando ela lhe lançou um olhar severo e fez um leve *xiu*.

Os dois se esgueiraram pelas prateleiras enquanto a voz de Regen ficava cada vez mais alta. Theo o mandava fazer silêncio, pedindo que ele falasse baixo ou chamaria a segurança. Por um segundo, um velho impulso protetor veio à tona e uma parte de Delilah quis intervir e defender o garoto.

Mantenha os gêmeos em segurança, ela lembrou a si mesma. *São eles que importam, não minha antiga mágoa.*

— Você tem alguma ideia de quanto dinheiro os Pelumbra doam para este lugar todos os anos? — questionou Regen, sem notar a sombra que se aproximava ao seu lado. — Provavelmente vinte vezes o seu salário…

Ele parou com um arquejo agudo.

Theo deu um grito.

— Corre! — Delilah gritou para Kieran.

Ele obedeceu, correndo em direção à porta atrás de Delilah. Ela olhou por cima do ombro a tempo de ver Regen cambaleando antes de cair no chão como um peso morto. Sua boca estava curvada em um rosnado, os olhos brilhantes de raiva e os dentes travados. O cheiro de magia cítrica fervente contaminava o ar.

Theo ficou olhando horrorizado enquanto Briar se esquivava dele, sua cauda desaparecendo no ar. Ela fez contato visual com Delilah, acenou com a cabeça, e correu.

— Vocês… Espera! — gritou Theo. Ele apontou o dedo para Kieran, que estava segurando o que havia tirado do cofre, uma caixinha de joias, junto ao peito. — Larga isso!

Enquanto ele gritava, alguns vidros das prateleiras chacoalharam e racharam.

Kieran deu um gritinho.

Sem olhar para trás, Delilah agarrou seu pulso fino e o puxou em direção à porta. Theo berrou mais uma vez e Delilah mal percebeu um flash de luz pelo canto do olho. De repente, um alarme começou a soar.

Quando a luz se dissipou, Briar estava junto a ela.

— Já cuidei do Theo. Vamos embora. Estou ouvindo guardas chegando.

— Você…? — Delilah começou a perguntar, horrorizada.

— Só nocauteei — esclareceu Briar. — Não sou tão ruim assim. Afinal, não é como se ele tivesse partido seu coração de propósito. — Ela refletiu sobre a afirmação. — Mas, se tivesse, eu *com certeza* teria feito doer.

A pele de Delilah ficou quente.

Os três correram para a porta, Delilah quase arrastando Kieran atrás dela. Com um zumbido nos ouvidos, Delilah empurrou a porta com o ombro. Ela se abriu.

Apenas para revelar uma barreira mágica azul iridescente entre eles e o exterior.

— Merda! — disse Briar. Ela se atirou contra a barreira e ricocheteou como se fosse feita de borracha. Deu um soco, mas sem sucesso. Ela cerrou os dentes, tentando novamente. — Vai, vai!

Lá fora, a voz de Ash chamou:

— Delilah? Kieran?

— Ash! — exclamou Delilah. — Socorro!

Para seu crédito, Ash nem hesitou. Saiu correndo de seu posto sob o pinheiro e imediatamente examinou a porta, procurando por algum tipo de falha na barreira. Em seguida, estalou os dedos e seu rosto se iluminou.

— Os bibliotecários de plantão sempre carregam bolsinhas de pó de espinheiro, só para garantir! — gritou. — O arquivista também deve ter algumas no cinto dele. Rápido… Vocês podem jogar um punhado na barreira para anular a magia!

— Entendi! — Delilah disse a Briar: — Me dá cobertura.

O som de passos pesados vindos das alas ficou mais alto conforme Delilah atravessava a sala. Ela encontrou Theo deitado no chão, de olhos fechados. Se não soubesse o que tinha acontecido, o suave sobe e desce do peito dele a teria feito pensar que ele estava dormindo.

Ela se ajoelhou ao lado dele, afastando uma mecha de sua testa. Ele parecia mais velho do que da última vez que ela o vira — menos menino e mais homem. Um pouco de barba por fazer cobria sua mandíbula, e suas feições tinham se tornado um pouco mais definidas. De uma forma estranha, Delilah

achou reconfortante. Esse não era o Theo que havia partido seu coração. Ele estava diferente agora.

— Desculpa — sussurrou. Procurou o cinto em volta da túnica dele, onde haveria uma bolsinha. Para seu alívio, encontrou uma pendurada no lado esquerdo da sua cintura. Quando começou a desamarrá-la, acrescentou: — Eu realmente não consigo ficar perto de você sem tornar sua vida mais difícil, né?

Ele se mexeu de leve. No momento em que Delilah tirou a bolsa de pó de espinheiro do cinto, os olhos dele se abriram.

Então, muito suavemente, uma expressão de reconhecimento passou por seu rosto.

— Bea? — falou, baixinho. — É você?

Ela paralisou.

Não pode ser.

— Que saudade — completou ele, e ergueu a mão trêmula como se fosse acariciar a bochecha dela.

Os olhos de Delilah ficaram marejados no mesmo instante. Ela conhecia aquela voz, aquele tom, aquele apelido. Aquele que ela desejara tanto ouvir novamente — que havia dito a si mesma que ouviria de novo um dia, quando quebrasse sua maldição.

Mas agora ela se sentia estranhamente… vazia. Em suas fantasias, ele diria seu nome e ela seria dominada pela necessidade de beijá-lo e abraçá-lo como antes. Tudo voltaria a ser igual, seu coração partido finalmente consertado.

De repente, ela se deu conta de que não tinha absolutamente nenhum desejo de estar nos braços dele.

Naquele momento, como havia acontecido meses antes, uma luz acinzentada cintilou de repente em seus olhos. O olhar de reconhecimento desapareceu. Uma dor familiar voltou ao peito de Delilah, mas não do tipo que machucava — ela apenas pairava pesada entre suas costelas.

Theo piscou os olhos, desorientado.

— O que… O que está acontecendo?

— Nada com que você precise se preocupar — disse-lhe Delilah. Ela enxugou gentilmente as lágrimas que haviam escapado. — E, ah… Também senti saudade de você, Theo.

Ela lhe deu um último sorriso embargado antes de se levantar e correr para a porta.

— Pare aí mesmo! — chamou um dos guardas que estavam entrando na sala.

Mas Delilah já estava colocando a mão na bolsinha e lançando pó de espinheiro na barreira. Ao contato, ela se derreteu em um brilho de luz.

Os gêmeos passaram correndo, depois Delilah. Ela bateu a porta atrás de si.

— Tá, ouçam — disse Ash. — Vou bloquear essa porta o máximo que puder para dar uma vantagem a vocês. Peguem o beco até a rua Argent e subam seis quadras. Depois, peguem o bonde em direção ao norte. É um pouco fora de mão, mas ninguém vai esperar que vocês peguem essa linha para sair daqui, já que fica longe das paradas centrais. E, quando estiverem longe do centro da cidade, vão embora e não voltem mais. Se um Pelumbra viu vocês, vai ter guardas municipais procurando em todos os lugares. São todos comprados pelos Pelumbra e não vão parar até encontrarem vocês.

A testa de Kieran se enrugou.

— Mas e você? Eu… Eu não quero simplesmente te abandonar…

Ash o interrompeu, pegando sua mão e apertando-a de leve.

— Eu vou ficar bem. Quando estiver fora da cidade, me liga no número que eu te dei. Talvez… Talvez eu vá te encontrar.

Os olhos de Kieran começaram a brilhar.

— Kieran, vem — chamou Delilah, acenando com a cabeça para o quarteirão. — Temos que ir.

Kieran hesitou por um momento até que, de repente, inclinou-se para a frente e beijou os lábios de Ash que, por sua vez, congelou por um momento antes de retribuir o beijo, com os dedos entrelaçados firmemente aos do gêmeo de Briar. Kieran se afastou, encostando a testa na de Ash, enquanto deixava a mão percorrer com delicadeza a sua nuca.

— Obrigado — disse Kieran a ele enquanto se afastava. — Por tudo.

Soltando a mão de Ash, Kieran acenou para as meninas, e os três correram para a rua.



CAPÍTULO VINTE

Regra n. 16: Se estiver procurando por uma praga na árvore genealógica, comece pelas raízes.

— Bom, considerando tudo — comentou Briar —, podia ter sido muito pior.

Enquanto isso, Kieran estava sentado com a cabeça apoiada nos braços cruzados na mesa de jantar do aeronavio. O motor sob eles roncava conforme o navio subia para as nuvens — Ariel não tinha demorado em tirá-los do chão quando eles voltaram para o navio depois de escapar do arquivo e descer do bonde. Ariel pilotava o avião o mais alto possível sem arriscar danificar os balões ou as asas, torcendo para que isso os mantivesse fora do radar de qualquer embarcação que pudesse estar os perseguindo.

E, enquanto Ariel lutava para mantê-los fora de perigo, Kieran estava, previsivelmente, se lamentando.

— E se eu nunca mais vir o Ash?

Ele suspirou, com a voz abafada pelos braços.

— Talvez seja melhor assim — disse Briar, dando de ombros.

Briar e Delilah estavam sentadas em frente a ele, Briar segurando a caixa que Kieran havia roubado do cofre. Era pequena, esculpida em uma madeira escura elegante e decorada com filigranas. Havia uma trava que parecia enferrujada, embora Briar estivesse tentando abrir com uma faca serrilhada. Com a língua entre os dentes enquanto se concentrava, ela acrescentou:

— É melhor isso do que lidar com a inevitável rejeição dele quando descobrir que você é um Pelumbra.

Kieran levantou a cabeça apenas o suficiente para olhar feio para ela.

— Você não sabe se isso vai acontecer.

— Seja realista, Kier.

— Ele gosta de mim! E eu gosto dele! Talvez seja simples assim. — Kieran finalmente se endireitou, cruzando os braços enquanto travava o maxilar e lançava um olhar para Briar. — Além disso, acho que você está projetando os seus problemas em mim.

O rosto de Briar ficou rosado.

— *Projetando*…?

Antes que ela pudesse terminar, porém, de repente conseguiu deslizar a faca por baixo da trava da caixa, abrindo-a com um clique. Todos os olhares do trio se voltaram para o objeto, cuja tampa se abriu um pouco, mas não o suficiente para mostrar o que havia dentro. Com cuidado, Briar colocou a faca na mesa.

— Finalmente. — Ela abriu a tampa e pôs a mão dentro. — Agora podemos ler essa maldição idiota e descobrir como…

Ela parou de falar quando tirou de dentro um pergaminho de papel do tamanho de um dedo mindinho, amarrado com um laço prateado. Puxando uma das pontas do laço, deixou a fita cair de volta na caixa antes de desenrolar o pergaminho. Ao fazer isso, suas sobrancelhas se uniram e a boca crispou-se. Ela o virou uma vez, pronunciando a palavra *onde…?* para si mesma.

— Isso *só* pode ser piada — esbravejou. Ela xingou alto, os olhos brilhando azuis enquanto as luzes acima deles piscavam. Jogou o pergaminho sobre a mesa, pressionando as palmas das mãos com força contra os olhos. — Não pode ser. Depois de tudo isso, depois de *tudo*…

— O que foi? — perguntou Kieran.

Delilah pegou o pergaminho com cuidado, segurando-o contra a luz. Estava em branco.

Ela o virou, confirmando sua suspeita.

— Não tem… nada aqui. É só um pedaço de papel em branco.

— Não! — gritou Briar. Ela bateu com o punho contra a mesa, fazendo sacudir o vaso de flores que Santiago havia colado com tanto cuidado para o caso de turbulência. — *Merda!*

— M-mas não pode estar em branco. — Kieran pegou o papel da mão de Delilah, virando-o várias vezes sobre a mesa. Seus dedos começaram a tremer. — Não… Não pode.

A mente de Delilah estava atordoada. Tinha de haver algum tipo de explicação, *algo* que estivesse passando despercebido. Porque se não houvesse, isso significaria…

Que eles estavam de volta à estaca zero. Sem nenhuma pista para os gêmeos.

E era apenas questão de tempo até que ela perdesse os dois.

— Não. — Delilah se levantou, pegando a caixa. Ela a virou de cabeça para baixo, sacudindo, enquanto a faísca em seu peito começava a arder. — Essa droga de caixa estava tão enferrujada que não dava para abrir, então não é possível que alguém tenha colocado um pergaminho em branco em um cofre mágico sem motivo. A gente deve ter deixado passar alguma coisa…

O som de passos a interrompeu, e Delilah olhou para cima e viu Adelaide parada na porta, com um espanador pendurado ao seu lado.

— Adelaide, ei! Você… Você trabalhou para os Pelumbra por um bom tempo — começou Delilah. Ela segurou a caixa e o pergaminho na direção dela. — Já viu isto antes? Será que você não sabe algo sobre o pergaminho em branco mais irritante do mundo?

Adelaide, enquanto isso, ficou paralisada, com os olhos castanho-escuros arregalados como luas gêmeas. Suas mãos começaram a tremer. O espanador caiu de sua mão no chão com um estrépito.

— Adelaide? — perguntou Kieran. — Você está…?

Em uma explosão de movimentos que Delilah não esperava, Adelaide arrancou a caixa de sua mão. Seus lábios se entreabriram, mas nenhum som saiu, apesar da tensão em sua garganta.

Lágrimas brotaram em seus olhos. Seu polegar fino traçou a filigrana na borda da caixa.

Kieran começou a dizer o nome dela novamente quando, de repente, os olhos de Adelaide se iluminaram com uma magia ardente. O cheiro da magia saiu dela em ondas, as pontas de seu cabelo louro platinado se erguendo levemente e tremendo no ar.

— O quê…? — Briar começou a perguntar.

Foi nesse momento que a caixa pegou fogo.

Delilah e os gêmeos gritaram quando chamas brancas incandescentes e com tons de azul se acenderam nas palmas das mãos de Adelaide. Ela não se mexia, as sobrancelhas unidas e os dedos apertando a caixa que se desfazia em cinzas em suas mãos. Quase tão rápido quanto apareceram, as chamas diminuíram, e a caixa virou apenas carvão se apagando, espalhado pelas palmas das mãos de Adelaide.

E, no centro delas, havia uma pequena luneta dourada coberta de cinzas.

Quando a luz desapareceu de seus olhos, Adelaide empurrou a luneta na direção de Delilah.

Delilah, por sua vez, estava atônita demais para falar. Após um momento de hesitação, pegou a luneta, segurando-a com cuidado, como se fosse um filhote de passarinho cujos ossos pudessem quebrar sob seus dedos. O metal estava frio. A única evidência de que já havia sido consumido por uma chama eram as cinzas que manchavam a lente.

Os olhos de Adelaide se voltaram para a mesa onde estava o pergaminho, com uma expressão severa.

— O que — disse Briar, ainda com os olhos arregalados e olhando para Adelaide — *diabos* foi isso?

— Eu nunca vi… — Kieran piscou. — Adelaide, como…?

— Espera aí — disse Delilah. Ela limpou suavemente a luneta na saia antes de pegar o pergaminho da mesa. — Tive uma ideia.

Ela levou a luneta até o olho, apontando-a para baixo em direção ao pergaminho. Para sua surpresa, o vidro bloqueou toda a luz, deixando apenas um vazio preto a encarando através da lente. Franzindo a testa, ela a posicionou sobre o papel e a manteve sobre ele.

Depois de um momento, a lente da luneta se abriu, revelando um texto dourado e curvado rabiscado no pergaminho.

Delilah quase a deixou cair.

— Está aqui! Está…! — Ela se interrompeu, estreitando os olhos. — É… Puxa.

— Que foi? — quis saber Briar, levantando-se em um pulo. É a nossa maldição?

Delilah leu o texto mais duas vezes, o coração acelerando. Não, não era a maldição de Briar e Kieran. Se tratava de algo completamente diferente.

— Não é a de vocês — disse Delilah, abaixando a luneta lentamente. — É a da Adelaide.

Enquanto Delilah lia o texto em voz alta, Kieran copiava a maldição de Adelaide:

— "Um segredo conhecido que não se pode contar, trave os lábios soltos, sem voz para falar. Nenhuma palavra ou sinal se exprime até o dia que o sangue dos Pelumbra a perdoar pelo seu crime."

— Crime? — repetiu Briar. — Que crime?

Kieran deu de ombros.

— Sei lá. Ninguém em casa já mencionou o fato de Adelaide ter feito algo errado.

Enquanto isso, Adelaide havia se sentado à mesa, com as mãos cruzadas à sua frente enquanto olhava fixamente para eles. Se Delilah tivesse que apostar pelo brilho de seus olhos, estava tentando não chorar.

— Talvez tenha sido de propósito — disse Delilah. Pegando o papel em que Kieran havia copiado a maldição, ela o leu novamente, balançando a cabeça. — Essa rima parece meio juvenil, então tenho que presumir que foi escrita às pressas. Alguém queria manter Adelaide quieta o mais rápido possível.

Delilah esfregou o queixo e acrescentou:

— Mas essa última frase, *até o dia que o sangue dos Pelumbra a perdoar pelo seu crime*, parece uma solução muito simples.

— Espera… Você está dizendo que eu só preciso perdoar a Adelaide e isso vai quebrar a maldição? — perguntou Kieran.

Delilah deu de ombros.

— Bom, você é um Pelumbra, certo? Então… Não vejo por que não.

Os olhos de Adelaide se arregalaram e se voltaram para Kieran, suplicantes.

— Você acha mesmo que é tão fácil assim? — perguntou ele. Quando Delilah deu de ombros, ele se virou para Adelaide e disse: — Bom, se é só isso que é preciso… Adelaide, eu… Eu te perdoo.

Delilah não estava esperando muito. Apesar de a resposta estar escrita bem à sua frente, ela se viu ofegante quando um leve brilho prateado começou a reluzir na pele de Adelaide. O cheiro fraco de sua maldição, contido sob o de Kieran e Briar, de repente começou a se dissipar dando lugar ao cheiro quente e esfumaçado de sua magia.

Adelaide inalou bruscamente, levando a mão ao pescoço. Ela o agarrou por um momento, ofegando sem ar.

— Adelaide? — perguntou Kieran, preocupado, levantando-se da mesa de modo que sua cadeira rangesse contra o chão de madeira. — Você está bem…?

Ele parou quando os olhos dela se ergueram para encontrar os dele, um sorriso aquecendo sua expressão tipicamente plácida. Ela tossiu um soluço e depois correu para o lado dele, abraçando-o. As sobrancelhas de Kieran se ergueram enquanto ela chorava em seu ombro.

Provavelmente porque, pela primeira vez, uma voz sussurrou por trás de seus soluços.

— Vocês conseguiram — disse Adelaide. Sua voz era suave, grave e baixa, com um leve sotaque como o de muitas pessoas criadas no norte de Celdwyn. Ela se afastou, mantendo a mão no ombro dele enquanto olhava para as meninas, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Vocês me libertaram.

Demorou um pouco para Adelaide se recompor, e durante esse tempo Ariel e Santiago se juntaram a eles. Ariel disse que eles estavam se dirigindo lentamente para o leste, onde as montanhas se erguiam em direção às nuvens, oferecendo-lhes um pouco mais de cobertura caso Regen tentasse persegui-los de Gellingham.

Santiago havia feito um ensopado para o jantar, que Adelaide comeu devagar encolhida debaixo de um cobertor, com os olhos vermelhos de tanto

chorar e o rosto inchado. Ela agradeceu gentilmente a Santiago, o que quase a fez cair em prantos de novo.

— Desculpa — disse ela enquanto engolia uma colherada de ensopado. — É que… faz tanto tempo. Achei que estava condenada a nunca mais dizer uma palavra pelo resto da vida. É… arrebatador simplesmente conseguir dizer obrigada.

— Se você não se importa que eu pergunte — disse Kieran, pousando a colher por um momento —, por que você foi amaldiçoada? Ninguém lá em casa nunca mencionou que tinha a ver com os Pelumbra.

A expressão de Adelaide se fechou. Ela esfregou o polegar em círculos sobre a outra mão, seus longos cílios tremulando enquanto ela piscava para afastar uma nova onda de lágrimas. Depois de uma longa pausa, ela soltou o ar e disse:

— É uma longa história. — Encontrando os olhos de Kieran, ela acrescentou: — Você está… disposto a me ouvir?

Ele assentiu.

Adelaide suspirou.

— Faz muito tempo. Eu tinha dezenove anos e morava na propriedade dos Pelumbra. Acho que ninguém nunca te contou isso, mas… sou meio que sua tia-avó. São só algumas gerações de diferença.

Por um momento, todos ficaram em silêncio. Os lábios de Kieran se entreabriram, seus olhos ficaram enormes, enquanto sua irmã ficou branca como um fantasma. O olhar de Delilah se deslocou entre os três e, depois de um segundo, as palavras de Adelaide fizeram sentido. Com base no que Delilah tinha visto dos outros Pelumbra, muitos deles — inclusive Kieran — tinham pele clara e cabelos dourados. Adelaide não era exceção. Kieran e ela até compartilhavam algumas características que Delilah nunca havia notado antes — por exemplo, o mesmo nariz longo e reto e o queixo pontudo. Pensando bem, eles poderiam se passar por primos.

— Você é uma *Pelumbra*? — disse Briar, incrédula. Ela passou a mão em seu curto cabelo ruivo. — Mas… pelo que Kieran me contou, eles te tratavam como empregada. Como um *lixo*. Pensei que só fizessem isso…

Ela não precisou dizer a última parte.

Pensei que só fizessem isso comigo.

Ela parou de falar. Com delicadeza, Adelaide estendeu a mão, colocando-a sobre a de Briar.

— Você está longe de ser o único membro de nossa família que eles jogaram de lado por causa dos próprios interesses egoístas — falou ela com gentileza, encontrando os olhos de Briar. Estendeu a outra mão e pegou a de Kieran, apertando-a enquanto dizia: — Preciso que vocês dois saibam que fiz o possível para salvá-los desse destino. Assim como tentei salvar todos os outros pares de gêmeos desta família nos últimos duzentos anos. Mas… não tem muito que uma criada muda possa fazer contra a família mágica mais poderosa de Celdwyn.

— Espera aí, *duzentos* anos? — repetiu Ariel, em choque. — Quer dizer, percebi que você não envelhece há muito tempo, mas não há *tanto* tempo assim.

— Pelo jeito, você não pode mais tirar sarro de mim por ser o mais velho do navio — sussurrou Santiago para Ariel.

— Duzentos e dezenove, para ser exata — disse Adelaide. Ela deu de ombros, apontando para seu rosto jovem, sem nenhuma ruga à vista. — Não que dê para saber só de me olhar. Acho que devo à maldição por ter me salvado de me transformar em uma casca imortal.

— Nunca ouvi falar de uma maldição que pudesse fazer isso — murmurou Delilah. — É uma magia extremamente poderosa.

— De fato. — Adelaide soltou um suspiro e, em seguida, soltou as mãos dos gêmeos. — Por gerações, servi aos Pelumbra, esperando que um deles me oferecesse perdão. Dias e noites intermináveis atendendo às necessidades deles e nem uma vez sequer eles consideraram… — Ela se interrompeu, recompondo-se enquanto impedia que sua voz aumentasse ainda mais. — Eu tinha certeza de que seria fácil. Era só esperar a próxima geração atingir a maioridade e eles esqueceriam o ódio que seus pais nutriam por mim. Mas até agora… isso nunca tinha acontecido.

Antes que alguém pudesse questionar, Adelaide continuou:

— Quando eu tinha dezenove anos, estava morando na propriedade com minha mãe, Annabel, e meu pai, Edward. Eu estava noiva de um rapaz da família Bartelle, na esperança de que pudesse fazer o que minha mãe havia feito pelos Pelumbra: levar magia para a linhagem deles.

— Os Pelumbra não eram bruxos antes da sua mãe? — perguntou Delilah.

Adelaide assentiu.

— Ela foi a primeira. Naquela época, os bruxos estavam só começando a ser aceitos pela sociedade depois de milênios de opressão. As bruxas dos vilarejos eram uma coisa nova, e as famílias ricas estavam procurando uma maneira de obter vantagem sobre outras famílias ricas. Meu pai, Edward Pelumbra, teve a brilhante ideia de se casar com uma bruxa depois de conhecer minha mãe em uma feira itinerante.

"Em troca do estilo de vida confortável que os Pelumbra poderiam oferecer, minha mãe, uma escritora habilidosa, escreveu uma bênção para Edward como presente de casamento. É a mesma bênção que está nos Pelumbra hoje: ela dá sorte sobrenatural a eles. É a razão pela qual eles conseguiram se tornar uma parte tão importante da alta sociedade de Celdwyn e se safar de tantos negócios duvidosos."

— É o que Ash nos disse sobre a mina — comentou Delilah com os gêmeos. — Como durante o desmoronamento, de alguma forma nenhum Pelumbra se machucou, enquanto um monte dos Bartelle morreu. Ele estava certo sobre a bênção.

— Isso se aplica à nossa maldição? — perguntou Briar. Ela já havia devorado toda a tigela de sopa, e estava com o canto da boca sujo de caldo. — Porque o Ash pensou que nós talvez tivéssemos uma geas, é isso?

Os olhos de Adelaide escureceram.

— Isso… tudo é por causa do que eu fiz.

Houve um momento de silêncio antes de Adelaide continuar:

— Minha mãe estava casada com Edward há quase vinte e cinco anos e era fiel como ninguém. Mas Edward nunca se contentou com uma única mulher. Especialmente uma como a minha mãe, que ficou muito doente depois de me ter e nunca se recuperou totalmente. Há muito tempo surgiram rumores na família de que ele estava tendo um caso, mas eu me recusei a acreditar. Edward era meu pai, o chefe da família Pelumbra. Por que ele negligenciaria suas responsabilidades como marido e pai por causa de outra pessoa se nos amava tanto?

"Mas, uma noite, eu estava na biblioteca da propriedade quando ouvi meu pai falando com alguém. Quando fui investigar, encontrei ele conversando com

uma mulher chamada Pearl, que era a bruxa do vilarejo de Havensbridge. Acontece que ele estava tendo um de seus muitos casos com ela, mas ela sem querer ficou grávida de gêmeos. Eu ouvi os dois discutindo o que fazer, e Pearl insistiu que ele encontrasse uma maneira de se livrar da minha mãe para que os dois pudessem se casar e os gêmeos fossem criados como os herdeiros da família Pelumbra.

"Fiquei tão magoada por meu pai ter traído minha mãe daquela maneira que imediatamente corri para contar a ela. Mas, quando tentei sair de fininho da biblioteca, Pearl me pegou. Em pânico, ela me amaldiçoou a ficar em silêncio para evitar que eu contasse à minha mãe. O problema era que minha mãe tinha ido me procurar para discutir os planos do meu casamento."

— O que ela fez? — perguntou Delilah.

Adelaide fez uma careta.

— Acho que ela percebeu que seu relacionamento com meu pai estava condenado. Ele tinha seguido a vida, ia começar uma nova família com uma nova bruxa. Minha mãe estava doente, como mencionei, e sabia que não lhe restava muito tempo. Então, ela fez duas coisas.

"Primeiro, ela modificou a bênção que tinha dado ao meu pai como presente de casamento. Ela estava… irada. Com razão. Mas isso não justifica o fato de ela ter escolhido como alvo os gêmeos de Edward e Pearl que ainda não tinham nascido."

Adelaide inspirou, fechando os olhos.

— Eles foram os primeiros a carregar a maldição de vocês.

Os gêmeos se entreolharam. Briar perguntou:

— Então, Kieran e eu fomos ferrados porque o idiota do seu pai traiu a sua mãe?

Adelaide fez uma careta.

— Bom… é. Ela não tinha como retirar a bênção, então, em vez disso, transformou em uma geas ao acrescentar uma condição: a maldição de vocês. E quanto a mim… — Adelaide estendeu o braço e gesticulou para a luneta que estivera escondida na caixa. — Aponta para cá.

Delilah ergueu as sobrancelhas em dúvida, mas fez o que lhe foi pedido. Depois de um momento, a escuridão no vidro se dissipou, revelando uma

escrita em cursiva na parte interna do pulso de Adelaide: *Você não morrerá em silêncio.*

Delilah leu em voz alta e disse:

— Isso é… uma bênção?

Adelaide assentiu.

— Como não tinha sangue Pelumbra, minha mãe não podia quebrar minha maldição, então ela achou que poderia ajudar me dando uma bênção e transformando minha maldição em uma geas também. Mas isso só me tornou biologicamente imortal enquanto eu continuava incapaz de falar.

— O que aconteceu depois de tudo isso? — insistiu Delilah.

— Bom… Minha mãe faleceu pouco tempo depois. A magia necessária para criar duas geasa poderosas esgotou o pouco de vida que restava a ela. Isso, somado ao desgosto… a tirou de mim. — Os olhos de Adelaide começaram a marejar novamente. — Depois que ela morreu, meu pai disse que os Bartelle não queriam mais que eu entrasse para a família deles porque eu era muda. Sem minha mãe nem meu noivado… tudo o que me restava era minha vida na propriedade. Assim, durante anos e mais anos, trabalhei, esperando que um dia a nova família de meu pai me perdoasse. Mas, com o passar do tempo, fui ficando cada vez mais em segundo plano até que só… desisti.

Kieran estendeu a mão, colocando-a sobre a de Adelaide.

— Sinto muito, Adelaide.

— Voltando um pouco — disse Delilah. Ela ainda estava presa a algo que Adelaide havia mencionado antes. — Você falou que foi sua mãe quem escreveu a maldição do Kieran e da Briar. Você sabe o que ela diz? E como quebrar?

Adelaide mordeu o lábio.

— Eu… Não. Não exatamente.

Os ombros de todos caíram.

— Mas eu sei onde está. — Adelaide cutucou Kieran e perguntou: — Você conhece a ala antiga da propriedade?

Ele assentiu.

— Claro. Onde fica o escritório do papai, atrás do salão de baile.

— Está lá — explicou ela. — Entalhada na fundação da propriedade em si. Minha mãe gravou na pedra com a própria mão, no mesmo ponto onde tinha

escrito a bênção anos antes.

— Espera aí. — Delilah bateu no queixo com o dedo enquanto seu cérebro trabalhava. — Nós só precisamos ir até a propriedade Pelumbra e encontrar a maldição, certo? E aí podemos descobrir como quebrá-la?

— Falar é fácil — disse Ariel, tirando o olho de seu ensopado. — Os Pelumbra têm um número absurdo de guardas por perto. Eles não vão deixar a gente entrar de novo. No segundo em que derem de cara com a gente, já era.

Kieran esfregou o queixo.

— Talvez… Talvez a gente não precise mostrar a cara.

Todos se voltaram para ele, com as sobrancelhas erguidas.

Ele explicou:

— Todo ano, os Pelumbra organizam um baile de máscaras para todas as famílias notáveis de Celdwyn. É a maior festa que damos no ano, e a propriedade fica lotada. Confesso que nunca tive permissão para ir, por causa da maldição e tudo o mais, mas eu fazia o possível para espionar. Só conseguia me safar porque a equipe de segurança da propriedade ficava tão concentrada na festa que não tinha tempo de me monitorar.

Delilah arregalou os olhos.

— Kieran, isso é perfeito! Quando eles realizam o baile?

— No solstício de verão — explicou Kieran.

— Isso é daqui a três dias! — exclamou Briar. Ela se virou para Ariel. — Você acha que consegue levar a gente até a propriedade tão rápido?

Ariel fez que sim com a cabeça.

— Vamos ter que fazer uma parada para abastecer e comprar suprimentos, mas com certeza temos uma boa chance.

— Então, está decidido — disse Delilah. Ela se levantou, colocando as mãos sobre a mesa. — Vamos nos infiltrar no baile, entrar sorrateiramente na propriedade e encontrar a maldição. Todo mundo a favor?

Todos disseram:

— Sim!

— Bom, então. — Ariel se levantou. — Acho que é melhor começarmos a nos dirigir para o norte.

E foi o que fizeram.



CAPÍTULO VINTE E UM

Regra n. 2: Tome cuidado para não deixar os nós da cabeça emaranharem os fios do coração.

Logo depois que Adelaide terminou sua história, Ariel se retirou para a cabine de comando para iniciar a viagem até a propriedade dos Pelumbra. O motor zumbia sem parar; as asas batiam com um fervor rangente que nunca diminuía. A temperatura dentro do navio aumentou nas horas seguintes, como havia acontecido quando eles correram para chegar a Gellingham. Delilah começou a se preocupar com a possibilidade de o motor superaquecer e explodir em chamas.

Vestida com seu pijama mais leve, ela se deitou na cama naquela noite, encarando o teto. O suor molhava sua testa, embora ela estivesse deitada em cima dos cobertores, e o camisolão grudava em suas costas úmidas. Ela já tinha virado o travesseiro tantas vezes que, infelizmente, não havia mais um lado frio.

E, para completar, seu cérebro havia decidido se concentrar em Theo novamente.

Em meio a todo o caos da quebra da maldição de Adelaide e da volta de Gellingham, Delilah mal tivera a chance de refletir sobre o fato de ter visto seu ex. Por mais que tivesse sido doloroso rever seu rosto familiar, não tinha sido exatamente como ela previra. É claro que ela queria que ele se lembrasse dela, que dissesse seu nome como antes. Mas quando ele o fez…

Não foi como antes. Não como quando ela estava apaixonada por ele.

Porém, mais importante do que perceber que sua chama por Theo parecia ter se apagado foi que, por um momento, ele a *reconhecera*. O reconhecimento estava lá quando ele sussurrou seu nome.

Como ele conseguiu se lembrar de mim, mesmo que tenha sido apenas por alguns segundos?

Ela não tinha nenhuma resposta. Seu primeiro pensamento foi que o pó de espinheiro poderia ter causado algum efeito, mas ela sempre ouvira dizer que o espinheiro não tinha impacto sobre maldições.

Apesar de seu rancor persistente em relação ao pai, parte dela desejava pegar o telefone e ligar para Klaus para perguntar se ele já tinha ouvido falar de uma maldição que perdia o poder daquela maneira. Ele talvez até já tivesse visto isso em seus longos dias de quebra de maldições.

E talvez ele pudesse lhe dizer se isso era ou não um sinal de que talvez, apenas talvez, algo na maldição dela estivesse mudando.

Delilah usou o camisolão para enxugar o suor do pescoço. Nesse ritmo, o calor combinado com seus pensamentos acelerados a manteria acordada a noite toda. Com um gemido, ela se sentou, colocou as pernas para fora da cama e foi até a cozinha para pegar um pouco de gelo e um pano frio.

O corredor estava silencioso quando ela se dirigiu ao convés. A porta de Kieran estava fechada — ele tinha ido para a cama cedo. Não era a primeira vez que isso acontecia. Desde seu último ataque na floresta, ele vinha dormindo algumas horas a mais todas as noites, não se juntando mais aos outros para o café da manhã no horário habitual.

Delilah dizia a si mesma que era cansaço geral, mas sabia que não era verdade.

Ela havia dado apenas alguns passos em direção ao deque quando ouviu o som de vozes. Fez uma pausa e, ao olhar para os lados, encontrou Adelaide encostada na borda do convés, com as mãos apoiadas na barra de apoio. Ao seu

lado estava Briar, inclinada para a frente com o queixo apoiado nas mãos enquanto olhava para o céu noturno. Delilah paralisou, dando um único passo para trás em direção à sua cabine.

Mas acabou ficando por ali.

— Eles eram todos que nem eu? — Briar perguntou a Adelaide, sem olhar para ela. — Os… outros gêmeos amaldiçoados? Eles também se transformavam em…

Adelaide assentiu.

— Todos eles. Nasceram em uma mistura de suas formas humanas e amaldiçoadas, como você. Eu fui parteira de quase todos… inclusive você. Só alguns membros da família sabem exatamente o que a maldição implica para o gêmeo na sua posição, então me chamaram todas as vezes para auxiliar os partos.

— Então, quem nasceu primeiro, o Kieran ou eu?

— Kieran foi o primeiro. Cerca de cinco minutos antes de você.

— Bom, isso explica por que minha mãe queria que eu morresse. Imagino que deve ter sido um grande show de horrores dar à luz um bebê bonito e saudável, e depois ter um monstro tenebroso. — Briar torceu o nariz. — Mas odeio o fato de ele ser o mais velho. Sempre torci para que fosse eu.

Adelaide deu uma risadinha.

— Se você não contar a ele, eu também não vou. Além disso, você estava longe de ser um monstro tenebroso. Tinha o cabelo bem ruivo e uns brotinhos de chifre muito fofos. Também era supercomportada. O Kieran sofreu de icterícia e cólicas desde que nasceu. Você gostava mais de ficar no meu colo olhando para as montanhas pela janela. Era tão… doce. E feliz.

Briar quase soltou uma gargalhada.

— Isso não deve ter durado muito tempo.

Adelaide ficou em silêncio. Enquanto conversavam, Delilah se enfiou em um canto atrás de alguns caixotes para se manter totalmente fora de vista. Em geral, não era do tipo que ficava escutando conversas alheias, mas algo na maneira como os olhos de Adelaide brilhavam a fez querer ficar e ouvir. O que quer que ela tivesse a dizer, já estava pensando nisso há muito, muito tempo.

Adelaide suspirou.

— Sabe, eu tentei levar você embora uma vez. Seu pai decidiu te mandar para a Wrenlin, e eu fiquei arrasada. Eu cuidava de você desde que nasceu, então para mim era como se estivesse prestes a perder minha própria filha. Enrolei você em um cobertor e tentei sair de fininho no meio da noite.

Briar ergueu a sobrancelha.

— Sério que você fez isso?

— Por pouco eu não te tirei de lá. Mas seu pai me pegou antes que eu conseguisse sair da propriedade. Ele tirou você de mim e me trancou em um quarto por dias até poder te mandar para a Wrenlin. — Os olhos de Adelaide se encheram de lágrimas, e duas escaparam, escorrendo por suas bochechas. — Passei quase dois séculos amaldiçoada, mas, naquele dia, tentei gritar com tanta força que minha mandíbula travada pela maldição quebrou. Perder você e saber que eu não poderia te proteger da nossa família… foi o pior dia da minha vida. Pior do que quando fui amaldiçoada. E eu sinto muito, muito mesmo por não ter sido capaz de te proteger.

Sua voz ficou embargada nas últimas palavras. Ela abaixou a cabeça enquanto as lágrimas escorriam pelo queixo, ganhando um tom prateado pela luz da lua.

Briar ficou em silêncio por um longo momento. Uniu as mãos à frente do corpo e se balançou sobre os pés, claramente sem saber o que dizer. Delilah quase saiu do esconderijo, querendo fazer algo para confortar Adelaide, mas se conteve. *Não cabe a mim fazer isso.*

— A culpa não é sua — afirmou Briar finalmente. Ela esfregou os próprios olhos, fungando. — Você tentou. É mais do que qualquer outra pessoa fez por mim naquela época. Além do mais, foi no passado. Hoje em dia, mesmo com a maldição, estou… feliz. Mais do que acho que já fui um dia.

Adelaide enxugou os olhos e pigarreou. Com gentileza, ela sussurrou:

— Você não faz ideia de como é bom ouvir isso. Depois que a Wrenlin te levou, passei anos me perguntando se algum dia veria seu sorriso novamente. — Ela soltou um risinho lacrimoso. — Estou feliz por ter conseguido.

Houve uma breve pausa antes de Adelaide acrescentar:

— Suspeito que parte disso seja obra da Delilah, né?

Briar ficou corada. O coração de Delilah estava na boca, e seu estômago subitamente ficou leve. Parte dela implorava para ir embora e dar a elas a

privacidade que mereciam. Mas a outra parte — a que estava pensando em Briar sem parar desde a floresta — venceu.

Briar tossiu e pigarreou.

— Eu… acho que dá para dizer que sim.

A expressão de Adelaide ficou afetuosa.

— Vocês duas ficaram bem próximas.

Briar suspirou. Seus dedos deslizaram pelo guarda-corpo, traçando distraidamente formas na madeira.

— É… Essa é uma forma de descrever. Como eu não ficaria próxima dela? Quer dizer, ela é engraçada e… inteligente e tão linda que sinto como se algo dentro de mim estivesse derretendo.

O calor tomou conta de Delilah, irradiando como um pequeno sol. Absorta, ela colocou a mão sobre o peito, sentindo o coração acelerado sob a ponta dos dedos.

Ela me acha bonita?

Então uma expressão sombria passou pelo rosto de Briar.

— Mas uma garota que nem ela nunca vai amar um monstro como eu. Não quando tem gente como aquele Theo se apaixonando por ela. Ela merece alguém assim, não… — Ela olhou para as mãos, suspirando. Seus ombros ficaram tensos e ela abaixou a cabeça. — Não eu.

O coração de Delilah parecia feito de chumbo, ficando mais pesado a cada palavra. Não era possível que Briar realmente acreditasse nisso, era? Adelaide estendeu a mão e a pousou no ombro de Briar, que lhe lançou um olhar questionador. Adelaide então deu um tapinha em seu ombro.

— Sabe o que eu aprendi nesses últimos duzentos anos?

Briar inclinou a cabeça.

— As pessoas se arrependem mais dos momentos em que ficaram em silêncio — admitiu ela. Afastou do rosto o cabelo que voava com a brisa e fixou o olhar em Briar. — A Delilah não tem como ler sua mente. E você não tem como saber o que ela vai falar até que conte a verdade a ela.

Briar respondeu, com as palavras carregadas de sarcasmo:

— Ah, é, com certeza, se eu contar para ela dos meus… — a palavra ficou presa, até que ela a cuspiu — … *sentimentos*, ela não vai duvidar de mim depois do que ela passou. Ótimo plano, Adelaide.

Os coração de Delilah batia como um animal encurralado contra suas costelas.

Se ela tem sentimentos por mim, isso significa…?

Sem se abalar, Adelaide riu.

— Diga o que quiser, mas passei dois séculos vendo as pessoas se apaixonarem. Isso que você e a Delilah têm? Algo me diz que vale a pena o risco.

— Mas e se não valer? — Briar estremeceu assim que as palavras saíram de sua boca, como se não tivesse a intenção de deixá-las escapar. Sua testa se enrugou e ela esfregou as têmporas. — Se eu contar para ela, posso estragar tudo. E, se eu contar… quem disse que vai importar? Toda essa coisa de nos infiltrarmos na propriedade Pelumbra é um tiro no escuro. Se chegarmos lá e não conseguirmos passar pelos guardas para encontrar a maldição… ou se não formos capazes de quebrá-la a tempo…

Briar se interrompeu.

— Ela sabe? — perguntou Adelaide baixinho. — O que vai acontecer com você?

Briar fez que não.

— Não. Eu não contei. Eu… não consegui.

O brilho nos olhos de Delilah se apagou.

O que… vai acontecer?

A expressão de Adelaide se fechou. Suavemente, ela estendeu a mão e deu um abraço de lado em Briar. Depois de um longo momento de hesitação, Briar a abraçou também.

— Acho que você tem muito em que pensar — ponderou Adelaide, esfregando o antebraço de Briar. — Mas eu estou aqui. Talvez dezessete anos atrasada, mas estou aqui.

Briar assentiu de leve.

— Obrigada, Adelaide.

— Imagina. Agora é melhor eu ir para a cama. — Adelaide se afastou, estendendo a mão para tirar um cílio da bochecha de Briar antes de endireitar os ombros. Pela primeira vez, Briar não recuou ao ser tocada. — E você devia fazer o mesmo. Só… pensa no que eu disse, tá bom?

Briar bufou.

— Você por acaso é o quê, minha mãe?

Adelaide deu uma risadinha, mas havia uma nota de dor contida por baixo.

— Quem me dera ter tido tanta sorte. Boa noite, Briar.

— Boa noite.

As duas seguiram caminhos diferentes, deixando Delilah sentada atrás da pilha de caixotes com os olhos úmidos e o coração dolorido.

E, depois de alguns longos minutos, ela se decidiu.

Se ela não acredita que eu possa amá-la, pensou, *simplesmente vou ter que provar que está errada.*

Quando o sol se pôs no dia seguinte e todos se reuniram para o jantar, Ariel entrou na sala de jantar e anunciou que eles precisariam parar durante a noite.

— Como assim? — quis saber Briar. — Por quê?

— Estamos com pouco combustível e preciso substituir o fluido de arrefecimento — explicou Ariel, se abanando. — Não sei se perceberam, mas aqui dentro já não está mais só aconchegante.

Delilah assentiu com a cabeça — mesmo depois de finalmente ter conseguido pegar no sono na noite anterior, ela acordara mais de uma vez em uma poça de suor. O único alívio do dia tinha sido ficar no convés ao ar livre, mas, na velocidade em que estavam indo, o vento era forte a ponto de emaranhar os cachos de Delilah em segundos. Fora isso, ela passara a maior parte do dia procurando desculpas para enfiar a cabeça na geladeira, o que deixou Santiago muito irritado.

— E isso vai levar a noite toda? — questionou Delilah.

Ariel fez que não.

— Não, mas, quando chegarmos à cidade mais próxima, já vai estar fora do horário de funcionamento de qualquer tipo de oficina de manutenção de aeronavios. É melhor passarmos a noite por lá e partirmos de manhã. Com o ritmo que estamos mantendo, devemos chegar à propriedade a tempo.

— Você pode pelo menos escolher uma cidade onde eu possa comprar alguns ingredientes bons? — pediu Santiago. Ele apontou para a burrata, os tomates, o manjericão e a baguete crocante que havia colocado sobre a mesa.

— A burrata de Gellingham é melhor do que qualquer outra que eu tenha experimentado, e tenho medo de que essas crianças façam um motim se eu não mantiver a qualidade dos pratos. — Ele olhou para Briar. — Menos aquela, que parece feliz em comer qualquer pedaço de carne que eu coloque na sua frente, desde que não tenha nada verde por perto.

Briar revirou os olhos e cruzou os braços.

— De nada.

— Não posso te prometer nenhum queijo bom — disse Ariel —, mas vamos parar em Águas de Wyvern, que, se o nome não deixou claro, tem uma fonte termal.

— Ah! Já li sobre esse lugar — falou Delilah, com os olhos brilhantes. — Algumas pessoas juram que a água tem propriedades curativas.

— Pode ser bom — comentou Kieran.

Ele tocou o rosto de leve, o sorriso fraco se desvanecendo. Nos últimos dias, suas bochechas estavam cada vez mais encovadas, e as olheiras escuras se destacavam fortemente contra sua pele pálida.

O peito de Delilah se apertou.

Ela não queria dizer em voz alta, mas começava a sentir que estavam ficando sem tempo.

— Hum… pensando bem, talvez não seja a melhor ideia sair do navio — considerou Santiago, apontando para Delilah e os gêmeos com um pedaço de pão. — Se alguém seguiu a gente desde Gellingham, precisamos conseguir fugir rápido. Não podemos fazer isso se vocês estiverem de gracinha nas fontes termais.

— Na verdade, não acho que a Briar seja fisicamente capaz de fazer gracinha — observou Kieran.

Ela o chutou por baixo da mesa, fazendo-o rir atrás da mão.

— De qualquer forma, eu concordo — disse Ariel. — Supondo que tudo corra bem, a gente dá meia-volta com o navio e comemora *depois* que terminar de quebrar a maldição.

— Então… é para a gente ficar no navio? — esclareceu Delilah.

Ariel assentiu.

— Sim. Devemos pousar em uma hora.

Delilah fez o melhor que pôde para sorrir e acenar com a cabeça, o retrato perfeito da obediência, até que os adultos se viraram e saíram da sala. Seus olhos se voltaram para Briar, que estava tirando o tomate e o manjericão de um pedaço de pão coberto com burrata.

Ela tinha uma ideia.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Regra n. 23: Cuidado com os truques de luz.

O campo de pouso onde Ariel havia aterrissado era pequeno, com apenas um outro aeronavio. O campo ficava aos pés de um cume alto e irregular, um dos muitos que se erguiam ao redor deles. Delilah sabia que essas eram as Presafiadas, as montanhas mais perigosas de Celdwyn e, de longe, as maiores. Seus picos eram cobertos de neve mesmo no fim da primavera. A densa floresta de abetos e piceas formava uma bela camada verdejante interrompida apenas por cicatrizes de queimadas de incêndios florestais e quedas rochosas acentuadas cobertas por cachoeiras. O ar fresco tinha cheiro de chuva, baunilha e pinho.

Quando o navio ficou em silêncio naquela noite, Delilah saiu na ponta dos pés de seu quarto e foi até o outro lado do corredor. Ela olhou em ambas as direções, então bateu com o punho na porta de Briar.

Depois de alguns instantes de tensão, Briar a abriu. Ela estava usando uma camiseta regata folgada e uma cueca masculina. Bocejando, esfregou a mão no cabelo raspado.

— Oi.

— Oi. — O rosto de Delilah se iluminou. Ela mordeu o lábio para tentar conter o sorriso, torcendo para que o rubor não ficasse muito evidente com a pouca luz. — Eu sei que Ariel mandou a gente não sair do navio, mas eu estava olhando uns mapas da região no escritório, e tem uma trilha que leva deste campo de pouso diretamente até uma das piscinas em Águas de Wyvern. Tecnicamente está fechada no momento, então…

Briar ergueu as sobrancelhas.

— Você quer invadir uma fonte termal?

— É perfeito, não é? — Os olhos de Delilah brilharam. — Vamos ter o lugar todo só para nós. E podemos entrar e sair antes que alguém aqui perceba.

— Você quer acordar o Kieran também?

— Eu estava pensando em talvez irmos só nós duas?

— Você… Ah. Claro.

Briar piscou de surpresa, radiante. Um sorriso como aquele vindo dela era algo tão raro que Delilah sentiu um aperto no peito, a pulsação acelera e o sangue ferver. Com as bochechas quentes e a expressão desguardada, Delilah teve que se segurar para não suspirar de amor.

Briar indicou com o polegar o quarto.

— Vou colocar uma roupa de banho e encontro você lá embaixo.

Com um sorriso enorme, Delilah correu de volta para o próprio quarto para se trocar. Seu traje de banho era um maiô composto por shorts justos azuis e brancos que iam até o meio da coxa e parte de cima de manga comprida. Ela pegou uma toalha no banheiro e saiu rapidamente do quarto, atravessando o convés na ponta dos pés e descendo a escada até a rampa.

Ela parou por um momento quando o som suave de vozes flutuou pelo corredor, vindo do escritório. Mantendo-se na ponta dos pés, Delilah se aproximou um pouco mais.

Para sua surpresa, era a voz de Kieran. Quando ela se inclinou para espiar dentro da sala, encontrou-o encolhido no sofá, com as pernas embaixo do corpo e o telefone do navio junto ao ouvido, enquanto ele enrolava o fio no dedo. Ele estava sorrindo, com uma expressão de afeto.

— Que bom que você não surtou quando eu… te beijei — sussurrou ele no fone. Ele sorriu, corando. — Eu… Eu realmente não sabia se era recíproco,

mas… simplesmente senti que tinha que tomar a iniciativa.

Deve ser o Ash, Delilah percebeu. Kieran estava mesmo caidinho por ele.

O som fraco de passos atrás dela foi o único aviso que Delilah recebeu antes de Briar aparecer ao seu lado e cochichar:

— E aí, você acha que agora ele vai começar a rir e balançar os pezinhos ou…?

Delilah conteve a vontade de gritar e firmou os pés.

— Você *precisa* dizer alguma coisa antes de simplesmente surgir do nada.

— Mas aí eu não ia ver a sua cara toda vez que te assustasse. — Briar sorriu, indicando com a cabeça a saída. — Vamos lá.

Delilah revirou os olhos de um jeito melodramático antes de se virar para seguir Briar. A voz de Kieran foi sumindo conforme elas se esgueiravam pelo corredor, passando pelas velhas pinturas de Pelumbras falecidos pregadas nas paredes. Embora Adelaide, Ariel e Santiago estivessem sem dúvidas dormindo, com pouco risco de acordar, o coração de Delilah batia furiosamente no peito, e um zumbido tomou conta de seus ouvidos.

Briar segurou a porta da rampa aberta, tentando e falhando em conter uma risada quando Delilah esbarrou o quadril com força na maçaneta e quase soltou um palavrão. Murmurando xingamentos cada vez mais pesados, Delilah deu um tapinha no ombro de Briar, que soltava risinhos pelo nariz, suas tentativas de não rir só piorando a situação. Delilah, que não estava se saindo muito melhor, sussurrou para ela ficar quieta, e Briar repetiu com uma imitação ruim do leve sotaque do sul de Celdwyn de Delilah. Isso rendeu a Briar uma cotovelada nas costelas.

Ainda mal conseguindo segurar o riso e calando uma à outra, elas seguiram pela rampa, com toalhas jogadas sobre os ombros, e se dirigiram para a trilha da fonte termal.

A trilha, ladeada por cordões de luzinhas penduradas de árvore em árvore, as levou para dentro da floresta. Elas lançavam um brilho amarelo na mata densa e úmida devido à chuva recente. Gotas de orvalho brilhavam como pequenas joias nas samambaias e nas pontas das agulhas de pinheiro. O ar estava frio e fresco, quase silencioso, exceto pelos pios das corujas nas árvores e pelo farfalhar de pequenos animais na vegetação rasteira.

Não demorou muito para que as árvores se abrissem em uma clareira ao redor da fonte termal. Ali, aninhadas na encosta da montanha, havia cinco piscinas naturais espalhadas por alguns hectares de trilhas floridas e uma pousada onde algumas luzes se apagavam — provavelmente hóspedes se preparando para dormir, já que as piscinas estavam tecnicamente fechadas. Refletores estavam presos nas bordas das rochas ao redor das águas, mas haviam sido desligados durante a noite, deixando apenas a lua e o brilho distante da pousada iluminar o local.

— Delilah, aqui — sussurrou Briar, apontando para a piscina mais próxima.

Era parcialmente encoberta pelas árvores, perfeita para manter afastados os olhares curiosos da pousada. Briar pendurou sua toalha em um galho de árvore antes de entrar. A água estava escura, o vapor que subia dela assumia um tom prateado à luz da lua. Briar afundou na água, boiando de costas com os braços abertos. Seus longos cílios se agitaram quando ela soltou um suspiro e fechou os olhos.

O coração de Delilah acelerou.

Deixando sua própria toalha em um galho, Delilah entrou na fonte. Estava quente, mas não a ponto de ela precisar sair logo. Lentamente, ela se aproximou de Briar e boiou na água de modo que sua cabeça ficasse próxima à da outra garota, mas suas pernas ficassem em direções opostas. Acima delas, as estrelas brilhavam em um céu vasto e sem nuvens.

Por um bom tempo, elas simplesmente ficaram olhando para cima em silêncio.

Fala logo, Delilah se repreendeu. *Este é o momento perfeito.* É só *abrir a boca e…*

Briar quebrou o silêncio antes que Delilah tivesse a chance.

— Ei, Delilah?

— Hum?

— Tenho pensado em uma coisa — disse ela.

Ela engoliu em seco, abrindo os olhos para olhar novamente para o céu. Seus lábios se moveram, mas nenhum som saiu por um momento. Ela estremeceu, tentando encontrar as palavras.

A pulsação de Delilah acelerou.

— Quando minha família fala sobre nossa maldição — começou Briar —, se concentra principalmente no gêmeo que está morrendo. Eles sabem exatamente o que vai acontecer: quando o Kieran ficar sem magia para eu usar, ele morre. Mas não sabem o que vai acontecer comigo.

Delilah virou a cabeça para conseguir ver Briar melhor. Parecia que havia um leve brilho de lágrimas em seus olhos.

— A morte do Kieran sempre foi a parte mais aceitável para os Pelumbra. Ele seria o mártir perfeito, e a família continuaria viva. Mas eu? — Ela estremeceu. — Se o Kieran morrer, vai ser o meu fim. Eu vou me transformar no monstro que você viu na floresta e nunca mais voltarei a ser eu mesma. Minha mente ainda vai estar lá, presa naquele corpo até eu morrer.

Delilah ficou tensa e começou a dizer:

— Briar…

Ela interrompeu:

— Antigamente, quando um gêmeo morria e o outro se transformava de forma permanente, os Pelumbra ofereciam ao gêmeo vivo uma escolha: morrer nas mãos deles ou ficar preso na propriedade. Tem uma cela nas profundezas da mansão onde o gêmeo pode passar o resto de seus dias como um monstro, escondido de olhos curiosos. Mas… pelo que a Adelaide me contou, nenhum deles escolheu essa opção.

Delilah prendeu a respiração. Seu corpo de repente ficou mais pesado, como se o fardo das palavras de Briar pudesse arrastá-la para baixo da água em um instante.

— Eu também não sei se escolheria — sussurrou Briar.

No mesmo momento, Delilah ficou de pé, com a água ondulando ao seu redor. Enquanto Briar também se endireitava, os olhos de Delilah começaram a arder. Briar mal teve tempo de se levantar completamente antes que Delilah a envolvesse num abraço, apertando-a.

— O que você está fazendo? — questionou Briar.

— Eu não vou abandonar você — rosnou Delilah contra os cabelos curtos de Briar. Seus olhos brilhavam com um fogo pálido à luz da lua. — Não importa o que aconteça com a maldição, tá? Não me importa se você ficar presa na sua outra forma, eu não vou deixar os Pelumbra tocarem em você. Nunca mais. Queimo a propriedade deles inteira se precisar.

— Delilah…

— Estou falando sério. — Delilah se afastou, com as mãos nos ombros de Briar, e os apertou. — Vou dedicar cada fibra do meu ser para acabar com essa maldição, mas se eu não conseguir? Não vou perder você.

Os olhos de Briar começaram a brilhar. Pela primeira vez, porém, ela não tentou esconder a emoção em seu rosto.

Tão baixinho que Delilah mal conseguia ouvi-la, Briar sussurrou:

— Não faz isso.

Delilah piscou os olhos.

— Não enten…

— Não finge que sente por mim o mesmo que eu sinto por você.

O mundo ao redor de Delilah parou bruscamente. Sua pulsação acelerou, latejando no peito e na garganta. Mesmo com os pés bem apoiados no fundo da fonte termal, parecia que o mundo havia desmoronado debaixo dela. Ela mal conseguia se lembrar de como respirar.

— O que… você sente por mim?

A expressão de Briar se distorceu quando ela comprimiu os lábios em uma linha e olhou firmemente na outra direção. Ela se abraçou com força, com os ombros tensos como se estivesse se preparando para levar um golpe.

Por fim, abriu os olhos e sussurrou baixinho:

— Eu estou me apaixonando por você.

Por um único segundo extracorpóreo, Delilah se deu conta de quantas vezes ela imaginou ouvir essas palavras. Como ficava sentada em suas aulas com Ruby, olhando pela janela do chalé, fantasiando sobre o dia em que quebraria sua maldição e seria arrebatada e abraçada por alguém que amava. Mesmo sabendo que não deveria pensar assim, de vez em quando ela deixava sua mente vagar para um futuro impossível, onde alguém poderia iluminar a escuridão que dominava seu coração.

Uma exceção.

Briar se arriscou a dar uma olhada para ela.

— Você não precisa…

Ela parou de falar quando Delilah a puxou para um beijo.

Não foi nada parecido com o primeiro beijo que elas haviam dado no navio. Aquele tinha sido furioso, cheio de pressão e dentes. Esse foi gentil, Delilah

segurando suavemente o rosto de Briar contra a palma da mão enquanto deixava a outra deslizar por sua coluna e entrar na água.

Por um momento, Briar ficou tensa, como se estivesse chocada demais para processar o que estava acontecendo. Depois, porém, ela se derreteu nos braços de Delilah. Pressionou seus corpos, provocando uma onda de calor que fez Delilah murmurar contra os lábios de Briar. As mãos de Briar encontraram as curvas macias da cintura de Delilah, uma mergulhando na água para traçar seu cóccix enquanto a outra subia até as omoplatas. Delilah sentia os batimentos cardíacos de Briar martelando contra suas costelas, o calor passando de pele a pele como tinta sobre papel. O vapor da fonte as envolvia, fazendo gotas brilhantes se acumularem nas pontas dos cílios delas.

Delilah havia passado tanto tempo imaginando esse momento, mesmo quando se reprimia mentalmente por isso. Ela imaginara como seria a sensação de ter Briar nos braços, como a tocaria como se fosse algo precioso. Passara várias noites em claro no navio, dizendo a si mesma para não permitir que seus sentimentos dominassem sua razão, tentando construir um muro cada vez mais alto em torno de seu coração.

Briar se afastou, com o rosto corado e a respiração pesada. Seus lábios se entreabriram como se ela fosse dizer algo e depois se fecharam.

Sua cabeça se inclinou em direção à lua brilhante, e um tom prateado brilhou em seus olhos.

O prateado, a expressão vazia…

Delilah sentiu o estômago afundar.

Não, não, NÃO.

Briar piscou, parecendo retomar o foco.

— Delilah? Você está bem?

Delilah estava paralisada. As lembranças do dia em que Theo se esqueceu dela tomaram conta da sua mente. Mesmo com Briar a encarando questionadora, Delilah só conseguia pensar nas rachaduras no alicerce que ela se forçara a construir desde que soube de sua maldição.

Seu estômago embrulhou e, de repente, ela queria vomitar. Sua pele adquiriu um brilho ceroso e cinza à medida que a cor se esvaía.

O que estou fazendo? Por que haveria uma exceção?

Vai acontecer de novo.

Mesmo que fosse Briar. Briar, que, de alguma forma, era direta e esperta ao mesmo tempo, sincera ao extremo e linda como um raio atravessando o céu noturno. Uma garota, um monstro — algo completamente diferente. Algo que fazia o coração de Delilah acelerar e a pele de sua espinha formigar como se tocada por uma brisa fresca em um dia de verão.

Ela estava se apaixonando — caramba, talvez já tivesse se apaixonado — por Briar. Exatamente o que havia prometido a si mesma que nunca mais faria.

Briar deu um passo para trás, a luz deixando seus olhos.

— Ah.

Os olhos de Delilah se encheram de lágrimas. Ela sentia que estava sendo rasgada ao meio, desesperada para estender a mão, para dizer que estava só perdida nos próprios pensamentos, mas não conseguia. Ela tinha começado a tremer, a bile subindo pela garganta. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e a vergonha a atingiu como um tapa. Ela nunca havia desejado tanto ser como qualquer outra pessoa e poder simplesmente entregar seu coração a alguém.

As mulheres da família Bea não são iguais a todo mundo, sua mãe havia lhe dito uma vez. *Não podemos amar como eles.*

Embora ela quisesse tanto, tanto mesmo, ser capaz de fazer isso. De beijar Briar na beira da fonte e beijá-la até que seus lábios ficassem machucados — de levá-la de volta ao navio e aconchegar-se ao lado dela na cama, adormecendo ao som de sua respiração. Observar a forma como o luar iluminava as maçãs do rosto acentuadas e seus cílios trêmulos. Acordar de manhã e contar a ela os sonhos que tinha todas as noites sobre um futuro juntas, com a maldição quebrada, duas bruxas poderosas em um chalé nos limites da floresta, onde morariam. Delilah com seu próprio espírito protetor, convocado para se aconchegar com Cinnabar nas noites frias, enquanto Briar entrelaçava seus dedos nos cabelos de Delilah e sussurrava seu nome.

Uma vida que não era possível para ela. Ela tinha sido tonta de dizer a si mesma que era. Ainda que Briar ainda se lembrasse dela agora, não seria por muito tempo. Delilah piscou, mais lágrimas grossas rolando por seu rosto.

Era apenas questão de tempo até que Delilah a perdesse.

— Sinto muito — sussurrou ela. Fechou os olhos, levantando os punhos para pressioná-los enquanto seus ombros tremiam. — Eu sinto muito, muito mesmo.

Briar estremeceu, e foi como se um punhal atravessasse as costelas de Delilah. Em um segundo, o rosto de Briar se transformou na carranca familiar que Delilah conhecia tão bem desde o dia em que se viram pela primeira vez, com a raiva por trás de seus olhos como a única vida ali.

Esbarrando em Delilah, Briar saiu da fonte, pegou sua toalha na árvore e correu em direção à trilha em silêncio.

Delilah esperou até ter certeza de que Briar tinha ido embora para começar a chorar de verdade.

Ela abaixou a cabeça enquanto os soluços escapavam de sua garganta. Seu corpo tremia, o peito doía como se alguém tivesse pegado uma colher e arrancado seu coração do meio das costelas. Ela afundou na água, mas quase não conseguia mais sentir o calor. Sua pele tinha ficado gelada, a garganta engasgada e ardendo.

Eu sou uma idiota.

Ela precisou se segurar para não uivar de dor.

Quando outra onda de soluços se desprendeu de seu peito, o som de alguém pisando em cascalho a fez congelar.

Delilah fungou, olhando para cima.

— Briar?

Mas ela não chegou a ver o rosto da pessoa que, no momento seguinte, estava estendendo uma mão brilhante na direção dela, cercada por um cheiro forte de magia apimentada.

A última coisa que Delilah ouviu antes de ficar inconsciente foi o toque agudo de um sino.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Regra n. 5: Alguns segredos têm dentes.

Quando acordou, Delilah estava sentada numa poltrona bergère — ainda com as roupas de banho —, com um tapete de pele sob seus pés e uma lareira aconchegante acesa à sua frente. Depois de um momento piscando até voltar à consciência, ela percebeu que estava numa cabana de madeira com grandes janelas arqueadas. O ar tinha cheiro de fumaça de lenha, uísque e pós-barba.

Em pânico, ela ficou de pé num pulo, e uma toalha que estava envolta em seus ombros escorregou para o chão. Virou a cabeça para a esquerda e para a direita, e tudo o que encontrou foi um homem pálido e desengonçado a encarando, parado na frente da saída.

— Ah, não — murmurou ele. Pigarreando de forma trêmula, ele chamou. — Hum, chefe? Ela acordou.

Delilah imediatamente assumiu uma pose de *ledrith* que Briar lhe ensinara, a magia faiscando na ponta dos dedos.

— Quem *diabos* é você e o que eu estou fazendo…?

— Delilah, espera.

Ela parou ao ouvir a voz. Girando nos calcanhares, virou a tempo de ficar frente e frente com ninguém menos que Klaus Hammond, usando o que talvez fosse o terno mais ridículo que Delilah já vira. A roupa toda era coberta de rosas vivas que brotavam do tecido branco. O cheiro delas perfumava o ar, como se Klaus tivesse lavado o terno com óleo de rosas antes de vestir. Ele estava com o cabelo penteado para trás, destacando suas têmporas grisalhas e a barba cheia de pelos brancos.

— *Klaus?* — disse ela, piscando sem acreditar. — O que está acontecendo? Por que estou numa cabana de madeira, e quem é *esse*?

— Ah. — Klaus apontou com o polegar para o homem na porta. — É o Henrick, meu assistente. Mandei ele te buscar. — Ele pausou, olhando sério para Henrick, e completou: — É claro que, quando falei para ele garantir que você viesse em paz, não quis dizer que era para te nocautear.

— Desculpa — respondeu Henrick, com as orelhas grandes ficando cor-de-rosa. Delilah deu uma boa olhada nele, que mal parecia saído da adolescência, ainda todo desajeitado e desproporcional. — Eu entrei em pânico.

— É seu primeiro dia no trabalho, por acaso? — questionou Delilah.

Henrick engoliu em seco, o pomo de Adão proeminente subindo e descendo.

— S-sim, na verdade. Eu realmente lidei mal com a situação e peço descul…

— Tá, tá, tudo bem. Só… não sai por aí nocauteando as pessoas desse jeito. Vão acabar te entendendo mal. — Delilah virou-se para o pai. — Enfim. Isso não responde minha pergunta sobre onde estou e também como é que você conseguiu me encontrar.

— Você está na Pousada de Águas de Wyvern — explicou Klaus. Ele cruzou o cômodo e se sentou numa segunda poltrona bergère adjacente àquela em que Delilah acordara. Cruzou as mãos no colo. — Eu segui seu navio de Gellingham até aqui depois que ouvi que vocês tinham roubado algo do arquivo. Preciso falar com você sobre uma coisa urgente.

Houve uma pausa enquanto Delilah esperava o pai continuar, mas, em vez disso, ele só ficou lá sentado por um momento. Aí, com um olhar de esguelha, disse:

— Henrick, essa é sua deixa para sair.

— Ah! Certo. Desculpa, senhor. — Ele abriu a porta e assentiu uma vez para Delilah. — Foi um prazer, senhorita Bea.

Henrick saiu e fechou a porta.

— Melhor você treiná-lo um pouco mais antes de pedir para ele seguir e sequestrar alguém de novo — sugeriu Delilah.

Klaus bufou.

— Vou adicionar à minha lista de tarefas. Agora, vou direto ao ponto.

Ele estendeu o braço até o outro lado da poltrona e pegou um grande tomo de couro que estava numa mesinha de canto. Abriu e, lambendo o dedo, folheou uma série de páginas até encontrar o que estava procurando. Com o livro aberto nas mãos, debruçou-se para diminuir a distância entre eles e o entregou a Delilah.

— Dá uma olhada nisto.

Delilah o encarou com desconfiança, mas fez o que ele disse. Franziu a testa ao olhar a letra cursiva, escrita em tinta dourada numa página antiga, quase se desfazendo.

Daqui em diante, um feitiço há de tecer
Nos ramos da linhagem Bea o seu poder.
Cada mãe será filha, e a filha, também mãe,
Mas nunca o amor poderá ir além,
E prender qualquer uma delas nos braços de alguém.
Se o amor verdadeiro ousar se infiltrar,
Que da mente logo se venha a apagar,
Pois nunca mais há de um coração pulsar
E por nenhuma Bea vai um homem se enamorar,
A menos que o amor venha a se proclamar
Sob o salgueiro-de-prata a lhes abençoar.

Delilah ficou boquiaberta. Havia um zumbido em seus ouvidos e uma sensação de surrealidade ao olhar para as palavras. Depois de um momento, ela percebeu que havia se esquecido de piscar e de respirar.

— É… minha maldição? Como é que você a encontrou?

Klaus alisou o cabelo. Seus profundos olhos castanhos se voltaram para o fogo, sua expressão mais suave do que Delilah já vira. Ele esfregou o polegar sobre o joelho, balançando-o de leve.

Será que ele estava *nervoso*?

— Depois que conversamos na floresta, comecei a pensar… no que você disse. — Ele fechou os olhos, exalando um suspiro. — Em como eu era pai só no sentido biológico. Eu sabia disso, mas ouvir você dizer me deixou… meio triste, acho.

Delilah finalmente desviou os olhos do texto floreado, fixando o olhar nele.

— *Meio triste*? Só isso? — Ela parou por um instante. — Espera aí. Você encontrou essa maldição, me localizou e fez com que seu lacaio me nocauteasse e me sequestrasse só para tentar *se desculpar*?

— Exatamente. — Klaus puxou o colarinho. — Cometi alguns erros em minha juventude, Delilah.

— Esse é o eufemismo do século — resmungou ela.

Klaus pressionou os lábios. O fogo crepitava atrás dele, cuspindo faíscas pela chaminé. A sala cheirava levemente a brasas fumegantes.

— Eu também procurei você porque preciso te contar uma coisa. Sobre mim. E… sobre nossa família.

— Por favor, não me diga que é outra maldição.

— Nossa, não. Se tivesse uma maldição sobre os Hammond, eu teria quebrado décadas atrás. — Então Klaus continuou, imperturbável: — Não… Veja, os Hammond são bruxos há muito tempo. Alguns até argumentam que podemos estar entre os primeiros e ser descendentes da mais antiga praticante de magia, que adquiriu seus poderes extraindo magia de um veio sob o solo. Você deve lembrar que, lá na floresta, eu estava procurando por um desses veios. Por acaso eu te disse o motivo?

Delilah balançou a cabeça, mas não falou nada.

Klaus suspirou pesadamente.

— Estou no ramo de quebra de maldições desde os quinze anos. A fama me encontrou cedo na vida. Mas antes disso… Eu era só um garoto crescendo no norte de Celdwyn com sua família. — Ele fez um gesto para o cômodo ao seu redor. — Aqui, aliás. Nestas fontes.

— Espera — disse Delilah. — Sério?

— Nossos ancestrais cuidaram dessa fonte por gerações.

Klaus se levantou e foi até uma estante de livros na parede mais distante. Retirou uma caixinha e a levou para Delilah. Abriu-a, revelando uma série de frascos de vidro minúsculos, com poucos centímetros de comprimento e rolhas na parte superior.

Todos pareciam vazios.

— Foi com isto que construí minha carreira — disse ele, apontando para o interior da caixa. — Você sabe o que é?

Delilah balançou a cabeça em negativa.

— Eles continham água das nascentes — explicou Klaus, pegando um frasco e girando-o nos dedos. Ele o jogou no ar e o pegou. — Sabe, Delilah, aquele primeiro veio mágico que deu às bruxas seus poderes? Ele ficava aqui, sob nossos pés. E a magia transformou a água destas fontes em uma panaceia.

As sobrancelhas de Delilah se ergueram.

— Era um antigo segredo de família — contou ele. — A cada geração, passávamos o conhecimento adiante. Quando eu era jovem, percebi que não fazia sentido deixar a fonte parada sem uso. Sua água poderia remover qualquer maldição! Então, saí com esta caixa cheia de frascos contendo a água e quebrei minhas primeiras dez maldições.

— Então você nunca foi um… prodígio — percebeu Delilah, franzindo as sobrancelhas. — Você não sabia de verdade como quebrar todas aquelas maldições.

— Bom, algumas eu sabia — respondeu Klaus. — Certas maldições são tão fáceis de serem quebradas que é só ler a forma escrita para saber. Mas, para as mais difíceis — ele devolveu o frasco à caixa e, em seguida, a colocou em uma mesa de apoio —, eu entregava um destes e tudo se resolvia sozinho. Simplesmente fiz as pessoas que eram amaldiçoadas prometerem que nunca revelariam meu segredo.

Você é uma fraude, Delilah queria dizer. Suas bochechas arderam e o fundo de sua garganta se apertou. *Você não é um mestre em quebrar maldições. É só um cara com uma fonte mágica.*

— O problema é que — continuou Klaus, fechando a caixa e sentando-se na poltrona — eu fiquei convencido demais. Tinha um legado a defender. Então usei até a última gota de água encantada da fonte.

Delilah piscou os olhos.

— E… acabou?

Klaus assentiu com a cabeça.

— Desde então, tenho me sustentado com minha reputação. É por isso que ando procurando outro veio mágico, na esperança de poder usá-lo para criar mais panaceia sem que minha carreira seja arrancada de mim.

Os ombros de Delilah se curvaram.

— E por que está me contando isso?

Klaus deu de ombros.

— Porque quero tentar explicar por que fiz o que fiz. Quando conheci sua mãe, senti o cheiro da maldição nela. Mas eu tinha que ser estratégico com a água de Wyvern e… Nunca pensei que veria Charlotte novamente. Muito menos que teria uma filha com ela.

— Mas você podia ter voltado — apontou Delilah. — Você sabe de mim há dezessete anos e nem *uma vez* recebi sequer uma carta sua, muito menos uma panaceia. Acho que eu não era importante o suficiente para desperdiçar esse tipo de recurso, certo?

Klaus cerrou o maxilar, soltando outro suspiro.

— Bom, com certeza tenho alguns defeitos. Se não fosse por minha incrível beleza, meu carisma natural e meu…

Delilah pigarreou de forma incisiva.

— Hum. Desculpa. — Klaus endireitou os ombros. — Mas isso não significa que eu não possa compensar meus erros. Afinal de contas — ele apontou para o livro —, eu tive que mexer vários pauzinhos para conseguir isso. Fiz com que todos na Biblioteca de Maldições procurassem por ele dia e noite, na esperança de que estivesse em algum lugar nas estantes.

Delilah cerrou a mandíbula, sentindo a pele muito quente e tensa.

— Leia as três últimas linhas novamente — instruiu Klaus.

Delilah piscou. Ela tentou engolir, mas sua boca tinha ficado seca. Suavemente, ela deixou seu dedo encontrar a antepenúltima linha, as letras douradas brilhando à luz do fogo.

— "E por nenhuma Bea vai um homem se enamorar" — ela leu.

A constatação atingiu Delilah como um choque elétrico. Ela leu a maldição novamente até que sua visão ficou embaçada pelas lágrimas. Então pressionou

os nós dos dedos de uma das mãos contra os lábios e passou os dedos da outra sobre as letras.

Antigamente, Briar havia dito, *às vezes as pessoas não consideravam que uma mulher pudesse amar outra mu…*

Outra mulher.

— Um homem — sussurrou Delilah. Briar estava certa o tempo todo. — A maldição só afeta os homens.

Klaus assentiu.

— Não acredito nisso. — Delilah esfregou as lágrimas, relendo a maldição várias vezes. O papel estava tão quebradiço que começava a se soltar da encadernação, saindo na mão de Delilah. Ela deu um leve puxão para poder segurá-lo e examinar a página à luz. — Mas… isso significa que uma mulher pode quebrar a maldição?

— Não quebrar — corrigiu Klaus. — Enfraquecer, talvez. Mas quebrar parece estar limitado a um local específico: embaixo de um salgueiro-de-prata.

A mente de Delilah brilhou com a imagem de Theo a reconhecendo no arquivo.

— Enfraquecer? Como assim?

— Às vezes, por causa do envelhecimento da maldição física ou de alguma influência externa, tipo uma brecha, a maldição pode começar a perder seu poder. Deixa de funcionar direito, e esse é um dos melhores indicadores de que ela está prestes a se quebrar.

Uma brecha. Uma exceção.

Delilah mal conseguia respirar.

— E, considerando como você olhou para aquela garota lá no acampamento do Orvalho Lunar — continuou Klaus —, parece que não precisa se preocupar com a maldição. Problema resolvido.

Delilah piscou, sua mente se afastando momentaneamente dos pensamentos sobre o lampejo de memória de Theo. Sem saber se o havia ouvido corretamente, ela perguntou:

— Quê?

— Considere a maldição escrita como meu pedido de desculpas — disse Klaus. — Agora estamos quites.

— *Quites*? — repetiu ela. Então se levantou, deixando escapar uma risada sem humor enquanto dobrava gentilmente a maldição e a segurava entre os dedos. — Você não fez nada, Klaus. A maldição não foi quebrada. Mesmo que ela não afete as mulheres, isso só ajuda a mim, não a minha mãe. Você só mexeu uns pauzinhos na biblioteca porque, talvez pela primeira vez na vida, sentiu uma pontada de culpa por ter abandonado sua filha. Isso não é um pedido de desculpas. É uma tentativa de aliviar sua consciência pesada.

Delilah empurrou o livro para ele.

— Leva isso de volta com você para a Biblioteca das Maldições — disse a ele. — E, enquanto estiver lá, vê se eles conseguem encontrar um dicionário com uma explicação sobre o que é um pedido de desculpas de verdade. Enquanto isso, preciso tentar consertar meu próprio erro.

Enquanto ela lhe dava as costas e se encaminhava para a saída, Klaus gritou:

— Delilah! Por favor, não tem por que ficar chateada…

Mas ela já estava saindo pela porta, batendo-a atrás de si.

Quando Delilah voltou para o navio, todos estavam em um silêncio sepulcral. Kieran não estava mais no escritório e tinha apagado todas as luzes quando foi para a cama. Embora tivesse se esforçado muito para não fazer barulho da última vez, Delilah agora subiu as escadas correndo, dois degraus de cada vez, com o coração batendo forte. Ela abriu a porta do deque e atravessou-o correndo, abrindo caminho pelo corredor que levava aos quartos dela, de Briar e de Kieran.

Começou a bater na porta de Briar antes mesmo de parar completamente. Continuou batendo mesmo quando não obteve resposta imediata.

Depois de alguns instantes, porém, uma pequena bola de luz deslizou por baixo da porta. Delilah reconheceu Cinnabar na mesma hora, antes mesmo que ele assumisse sua forma de gato. No entanto, quando a bola se transformou, o gato laranja a olhou feio, com a cauda balançando.

Ele abriu bem a boca como se estivesse bocejando, mas a manteve aberta.

De dentro de sua garganta, veio a voz sonolenta de Briar:

— Quem quer que seja, vá dormir. Estamos no meio da noite.

— Sou eu — disse Delilah. Por um momento, ela se perguntou se precisaria falar mais perto da boca de Cinnabar, como se fosse um receptor de telefone, mas decidiu não fazer isso e sim bater na porta novamente e acrescentar, ofegante: — Briar, preciso falar com você. É muito importante.

— Você já pensou que talvez eu não queira falar com *você*? Já que me beijou e decidiu que "*a Briar não vale o meu tempo*" depois de eu ter aberto meu coração para você? Sério, que merda, Delilah.

— Eu sei. — Delilah se encolheu. Não ajudava o fato de ela estar olhando para a boca de um gato com dentes particularmente afiados. — Eu fui muito, muito idiota. Mas, por favor, me ouve.

O rosto de Cinnabar não revelava nada, assim como o silêncio de Briar. Delilah alternou o peso de um pé para o outro enquanto o espírito protetor fechava lentamente a boca e passava a encarar Delilah com as orelhas meio viradas para trás.

— Desculpa — sussurrou Delilah para o gato. — Eu sou humana. Nem todos podemos ser construtos feitos de magia pura, né?

Cinnabar lhe lançou um olhar que dizia: *Claramente*…

Nesse momento, a porta se abriu um pouco.

O olho azul de Briar apareceu.

— Acho bom você ter um ótimo pedido de desculpas, Bea.

— Sinto muito — disse Delilah. Ela se encolheu. — Por hoje à noite. Comecei a pensar sobre a minha maldição e… e não consegui impedir os pensamentos intrusivos de que eu ia perder você…

— Você agiu como se eu tivesse contraído uma doença mortal no meio do beijo.

— Eu sei. — Os ombros de Delilah caíram. — E foi muito, muito idiota da minha parte. Especialmente porque, no fim das contas, você estava certa o tempo todo.

Pelo menos isso chamou a atenção de Briar imediatamente.

— Certa sobre o quê?

Delilah pegou o pedaço de papel que havia arrancado do livro de Klaus e o passou para ela.

— Sobre existir uma exceção. Dá uma olhada nisso.

Hesitante, Briar abriu totalmente a porta, pegando o papel entre os dedos de Delilah. Ela o desenrolou com o polegar, olhos disparando enquanto lia.

— Isso é…?

Delilah assentiu.

— Minha maldição.

— Como você a encontrou?

— É uma longa história, que posso te contar depois. — Ela se aproximou e apontou para a antepenúltima linha. — Está vendo isso?

Briar franziu o nariz.

— Um poema péssimo, francamente.

— Bom, sim, mas… — Os olhos de Delilah se arregalaram. — Você estava certa. *Existem* exceções. Aliás, qualquer pessoa que não seja homem é uma exceção. Só que eu sou a primeira Bea a se apaixonar por alguém assim.

Briar não falou por um momento, surpresa demais para formular palavras. A luz fraca das lâmpadas lançava um brilho tênue em torno de sua pele, suas bochechas rosadas e os lábios grossos entreabertos, os olhos grandes, brilhantes e selvagens.

Delilah se lembrou da foto que tinha visto no dia em que se conheceram, com Briar ainda criança ao lado da tia, com aquele olhar vazio. O tipo de olhar que só um período longo e incessante de tristeza poderia causar.

Seus olhos não estavam mais vazios.

Delilah estendeu a mão e passou o polegar no lábio inferior de Briar. Assim tão de perto, viu todas as pequenas cicatrizes em sua pele e na sua testa, e a maior, que atravessava sua sobrancelha. O modo como sua garganta tremeu quando sua respiração ficou presa, e o suave sulco na base do pescoço. O rubor que se espalhou por suas bochechas, corando a ponta do nariz.

— Eu gosto de você, Briar. — Delilah passou a mão pela soleira da porta para segurar a dela com cuidado. — Mais do que um dia já gostei de alguém. Talvez mais do que jamais vou gostar de alguém pelo resto da minha vida. Eu me esforcei tanto para isso não acontecer, porque tinha medo de me apaixonar por você e me machucar como aconteceu com o Theo. Mas… você tinha razão. O tempo todo. E eu fui uma idiota por não acreditar em você.

Dessa vez, foi Briar que diminuiu a distância entre elas, puxando Delilah pela camiseta de banho ainda úmida e pressionando os lábios nos dela. Briar a

segurou como se ela precisasse de uma âncora. Delilah sentiu a vibração de sua pulsação no pescoço e no peito, como o bater das asas de um pássaro.

Briar se afastou, ainda segurando a blusa de Delilah.

— Entra aqui.

— Ah, eu não preciso que seu gato me convide para entrar com aquele feitiço estranho de alto-falante?

Briar revirou os olhos, estalando os dedos para que Cinnabar desaparecesse com um *puf*.

— Está na corda bamba, Delilah.

— Ajudaria se eu te dissesse que você está certa mais uma vez?

Briar refletiu.

— Acho que não faria mal.

— Você está certa.

Briar conteve um sorriso.

— Obrigada, eu sei.

Briar pegou a mão de Delilah e a conduziu para dentro, fechando a porta atrás de si. Delilah percebeu que não tinha visto o quarto desde que Briar se mudara para lá. Cortinas novas e pesadas cobriam as janelas e o piso estava impecável, assim como a cama, com os travesseiros empilhados como em uma pousada de luxo.

Quando a porta foi fechada, os olhos de Briar se iluminaram. Ela puxou Delilah de novo para um beijo, sorrindo no meio dele. Os batimentos cardíacos de Delilah dispararam em um frenesi. Elas se afastaram, beijando-se até chegarem à cama, até que Delilah se sentou, sorrindo. Briar subiu ao lado dela, seu rubor a deixando rosada do pescoço até as orelhas.

Quando os dedos de Briar encontraram as costas de Delilah, a pele dela se acendeu, cada nervo faiscando e vivo. Briar caiu de costas contra o edredom, e Delilah subiu em cima dela. Briar passou a língua entre os lábios entreabertos de Delilah. Por um momento, foi como se a gravidade tivesse desaparecido e ela estivesse flutuando, presa apenas nos pontos em que as mãos de Briar aqueciam sua pele.

Delilah se afastou por um momento, estendendo a mão para trás para agarrar sua camiseta de banho e tirá-la por cima da cabeça. Briar ainda estava

de olhos arregalados quando Delilah encontrou seus lábios novamente. Briar interrompeu o beijo, com a mão pressionada no ombro exposto de Delilah.

— Espera — disse Briar.

Seus olhos percorreram de cima a baixo o corpo de Delilah, que, por um momento, ficou vermelha de vergonha. Ficou extremamente consciente da assimetria de seus seios, de como a barriga era saliente e de como seus braços pareciam grossos em comparação com os de Briar. Em geral, ela não tinha vergonha de sua aparência, mas também nunca tinha sido olhada com a admiração de Briar.

Ela pegou a camiseta, mas Briar disse:

— Não. Não faz isso.

— Foi muito rápido? — perguntou Delilah, com o rosto quente.

— Não, não, de jeito algum. É que… Espera um pouco.

Briar se levantou o suficiente para puxar sua regata, tirando-a e deixando-a cair ao lado da cama. Delilah sempre soube que Briar tinha cotovelos e joelhos salientes, mas vê-la assim deixou claro que ela era magra por inteiro. Tinha a barriga mais macia do que Delilah esperava, e os ossos estreitos do quadril desapareciam no cós do short.

— Agora estamos quites — explicou Briar, sem fôlego.

Delilah sorriu, estendendo uma das mãos para segurar o quadril de Briar, com o polegar traçando o osso.

— Ninguém nunca, hum — Briar desviou os olhos, corando — … me viu assim.

Delilah balançou a cabeça.

— Nem a mim.

Isso fez as sobrancelhas de Briar se erguerem, e Delilah presumiu que ela devia ter pensado que ela e Theo tinham ficado íntimos. Eles haviam se beijado, claro, mas Delilah não se sentira pronta para fazer mais do que isso.

Para seu crédito, Briar não insistiu. Em vez disso, ela deu uma olhada em Delilah, tentando conter o sorriso.

— Eu gosto de você. Muito.

A insegurança que havia paralisado Delilah por alguns instantes se dissipou. Ela abaixou a cabeça e beijou a curva entre o pescoço e ombro de Briar. Então sussurrou:

— Eu também gosto muito de *você*.

Com calma, Delilah deixou que suas mãos percorressem a pele nua de Briar, beijando-a languidamente. Pela primeira vez, não parecia que elas precisavam se apressar. Briar tocou Delilah como se ela fosse feita de seda fina, parando para apreciar cada sarda e marca em sua pele. Delilah não sentia nenhuma urgência, nenhuma ameaça pairando sobre elas, apenas a sensação sólida e segura de ser abraçada por alguém que ela sabia que jamais a machucaria de propósito.

Depois de algum tempo, ela se afastou e caiu nos travesseiros ao lado de Briar, sem fôlego e sorrindo. Briar também se esforçou para recuperar o fôlego, parecendo à beira de uma risada. *Isso é novidade*, pensou Delilah.

Ela se inclinou e beijou o pescoço de Briar mais uma vez antes de pedir:

— Posso dormir aqui?

— Claro — disse Briar, com os olhos fechados enquanto sorria. Ela abriu o olho azul para observar Delilah e disse: — Estou tão feliz por você ter encontrado sua maldição.

Delilah beijou sua testa, abraçando-a.

— Eu também.

Delilah dormiu profundamente até pouco depois das três da manhã, quando uma respiração pesada e chiada a acordou.

Seus olhos se abriram. Embora ainda estivesse escuro, havia uma estranha luz azul iluminando metade do quarto. Briar estava sentada na beirada da cama, do outro lado, com as costas curvadas e os braços em volta de si mesma, os dedos cravados na parte superior dos braços. As vértebras de sua coluna estavam visíveis, aparecendo e afundando com sua respiração ofegante.

— Briar? — chamou Delilah, com a boca parecendo cheia de algodão de tanto sono. — Você está bem?

— Está acontecendo — respondeu Briar, rouca, com a voz grossa e áspera como se tivesse gritado. — Eu… estou tendo outro ataque.

— Agora? — Delilah se arrastou para perto dela. — Posso fazer alguma coisa?

— Me escuta — implorou Briar, encolhendo-se ainda mais dentro de si mesma. Sua respiração saiu em um sibilo, os pulmões apertados pela dor. — Você precisa ir embora. Não vai querer me ver assim.

— Não, eu… — Delilah estendeu a mão, tocando o ombro nu de Briar. Estava pegajoso de suor, quente e febril. Delilah arquejou. — Nossa, você está queimando. Isso sempre acontece?

Briar estremeceu com o toque dela, depois virou a cabeça. Delilah arfou.

Os dois olhos de Briar ardiam com uma luz azul tão forte que iluminava sua pele pálida, encharcada de suor, e fazia sombras dançarem pelo quarto. Pela primeira vez em algum tempo, Delilah foi atingida pelo fedor da maldição dos gêmeos, tão forte que seus olhos lacrimejaram e seu estômago embrulhou.

— Delilah — repetiu Briar, com as presas brancas brilhando atrás de seus lábios trêmulos. — Por favor.

Delilah a analisou por um momento. Ela estava tremendo, segurando um gemido. Estremeceu quando as penas atravessaram seu couro cabeludo, pegajosas com o sangue que escorreu pela nuca e pingou na colcha. Duas protuberâncias apareceram acima de suas sobrancelhas e a pele começou a se rasgar, o vermelho vazando dela.

Mesmo com as íris brilhantes e as presas afiadas de Briar, o que mais assustou Delilah foi o medo em seus olhos.

— Está tudo bem. — Delilah acariciou o ombro trêmulo de Briar. Ela o apertou com delicadeza. — Você sempre esteve sozinha quando isso aconteceu, certo? Me deixa ficar. Não quero que você tenha que ficar sozinha outra vez.

Os olhos reluzentes de Briar brilharam. Quando ela piscou, duas lágrimas grossas escorreram por suas bochechas.

Com a voz trêmula, ela sussurrou:

— Não quero assustar você.

— Não vai. — Delilah estendeu a mão para ela. — Eu prometo. Talvez… Talvez você possa apertar minha mão, se isso ajudar?

Então, muito discretamente, Briar a pegou e sussurrou:

— Obrigada.

Delilah decidiu desviar os olhos enquanto Briar permitia que o ataque tomasse conta dela. Briar xingou baixinho, com a voz cada vez mais grave e menos humana à medida que os segundos passavam. Ela apertou os dedos de

Delilah com mais força, tremendo de leve. Sua pele estava quente e só esfriou quando escamas lisas emergiram por baixo dela. Mesmo assim, Delilah não soltou a mão de Briar.

Ela esperou até que a outra garota ficasse em silêncio antes de voltar a olhar.

A criatura da floresta estava deitada com metade do corpo sobre a cama, o focinho lupino enterrado nos lençóis enquanto recuperava o fôlego. Bem no fundo da mente de Delilah, ela quase se convencera de que o que Briar tinha dito não podia ser verdade — que aquele estranho estado intermediário que Delilah vira era o mais monstruoso que ela podia ficar. Mas ver aquilo tão de perto, sentir o cheiro de podridão em sua pele e o fedor de sangue no ar quase fez Delilah vomitar. Seus batimentos cardíacos se aceleraram.

No entanto, quando Briar abriu os olhos, o nó nas entranhas de Delilah se afrouxou.

Mesmo com os chifres, as escamas pretas como a noite subindo por seus braços e pernas, e as garras perversas que decoravam cada um de seus dedos, seus olhos eram os mesmos. Um azul, outro marrom, ainda humanos e brilhando à luz tênue da lua. Ainda reluzindo o mesmo medo.

Eu sempre vou ser o monstro que finge ser a Briar, porque agora você sabe o que eu sou de verdade, ela tinha pensado.

Não. Isso não era verdade.

Com o máximo de cuidado possível, Delilah estendeu a mão e segurou a bochecha funda de Briar. O osso estava protuberante sob a pele fina como papel. Lentamente, Delilah passou os dedos pela mandíbula de Briar, depois se inclinou para a frente e beijou a testa suada de Briar entre os ossos retorcidos que formavam seus chifres.

— Você está bem?

Briar assentiu fracamente com a cabeça.

— Que bom. — Delilah hesitou por um momento enquanto a imagem cada vez mais esquelética de Kieran passava por sua mente. — Você… acha que o Kieran está bem? Devo ir dar uma olhada nele?

Os olhos de Briar foram para a porta de seu quarto, e suas orelhas pontudas se abaixaram. Delilah não havia percebido que elas se moviam — havia algo estranhamente fofo nisso. Mesmo assim, Briar não saiu do lado de Delilah, encarando-a com olhos marejados.

— Ou… eu posso ficar aqui e ver como ele está um pouco mais tarde?

Briar fez que sim com a cabeça, e Delilah decidiu que Kieran poderia esperar pelo menos um pouco. Ela se recostou nos travesseiros e, depois de um momento, Briar se aconchegou lentamente ao seu lado, tomando cuidado para não cutucar Delilah com seus chifres. Delilah envolveu-a com um dos braços e por um momento jurou que conseguia sentir um leve aroma de jasmim sob o fedor da maldição.

— Obrigada. Por confiar em mim.

E, embora Briar não pudesse dizer nada como resposta, a sensação de seus músculos finalmente relaxando contra o toque de Delilah foi mais do que suficiente.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Regra n. 26: Tire um tempo para apreciar a paisagem.

Na manhã seguinte, Delilah acordou com os braços ao redor de Briar, que havia voltado ao seu estado normal durante a noite. Embora, na noite passada, tivesse a intenção de ver como Kieran estava, ela adormecera antes que pudesse. O som familiar do motor ressoou no ar e Delilah percebeu que eles deviam ter decolado novamente. Por um segundo, seu cérebro se esforçou para juntar as peças enquanto se lembrava da noite anterior — a fonte termal, a confissão de Klaus, sua maldição, o beijo em Briar, o ataque…

Foi o suficiente para que ela quase quisesse fechar os olhos e dormir um pouco mais para compensar. Antes que pudesse, porém, o ronco de seu estômago mostrou que provavelmente devia tomar o café da manhã.

Com a maior gentileza possível, Delilah se desvencilhou de Briar, que soltou um suspiro suave enquanto dormia. Delilah imaginava que o ataque da noite passada havia exigido muito dela. O fato de presenciá-lo comprovou sua suspeita de que Briar sofria com eles tanto quanto Kieran — se não mais.

Vou deixá-la dormir, decidiu Delilah. *Ela deve estar precisando.*

Delilah decidiu que levaria o café da manhã para Briar se ela não estivesse acordada em mais ou menos uma hora, depois deslizou para fora da cama e atravessou o cômodo na ponta dos pés para voltar ao próprio quarto e vestir roupas de verdade.

Depois de se trocar, ela desceu a escada. Ariel e Adelaide estavam à mesa, com uma variedade de comidas deliciosas, conversando enquanto Santiago tomava o seu café. Ainda era uma surpresa muito agradável ouvir a voz de Adelaide, especialmente quando ela parecia tão animada ao contar a Ariel histórias de como era terrível trabalhar para os Pelumbra ano após ano.

— Que bom, pelo menos um de vocês decidiu acordar — disse Santiago quando Delilah se sentou ao lado dele. — A comida estava esfriando.

— Noite longa — ofereceu Delilah.

— Problemas para dormir? — perguntou Adelaide.

Delilah franziu os lábios.

— Algo do tipo.

— Isso não explica por que os gêmeos estão demorando tanto. Você acha que o Kieran finalmente se cansou da minha comida? — perguntou Santiago. Ele colocou ovos mexidos em seu prato, acrescentando molho de pimenta de uma garrafa que guardava no bolso. Pelo que Delilah tinha visto, ele tinha uma coleção extremamente impressionante de molhos de pimenta. — Não. Impossível. Sou talentoso demais para isso.

Passos rangeram na escada e, no momento seguinte, Kieran apareceu. Delilah ficou paralisada no mesmo instante.

Ele estava ainda mais pálido do que o normal, o cabelo totalmente sem vida, as olheiras escuras. Suas bochechas estavam magras, profundas, como se os ossos de seu crânio estivessem visíveis. Seu olho azul quase não brilhava e, quando viu que todos o encaravam, ele forçou um sorriso, com os lábios rachados.

O jovem se arrastou até uma cadeira e se sentou devagar, apoiando grande parte do peso na mesa.

— Antes que vocês digam alguma coisa, eu sei. — Ele colocou uma panqueca no prato à sua frente e, em seguida, cobriu a boca com o braço soltando uma tosse fraca e estremecendo. — Se todo mundo puder se abster de

apontar qualquer coisa negativa sobre minha aparência, seria ótimo. Porque, se fizerem isso, eu vou chorar.

— Quer mais cubos de açúcar para o seu café? — ofereceu Santiago.

Kieran assentiu.

— Sim, por favor.

Santiago se levantou para pegar mais açúcar, enquanto Delilah aproximou sua cadeira da de Kieran para abraçá-lo. A culpa causou um aperto em seu peito — ela sabia que devia ter ido ver como ele estava na noite passada. Ele se apoiou nela, com a testa em seu ombro, gemendo.

— Morrer é terrível — murmurou ele, com a voz trêmula.

— Eu sei — disse Delilah, esfregando a mão em círculo nas costas dele. — Eu sei. Sinto muito, Kier.

— É que… — A respiração dele estava trêmula. À beira de lágrimas, ele se afastou para olhar para ela. — Antes de sair de casa, eu não tinha ideia do que existia aqui fora. Desperdicei minha vida inteira preso na propriedade. Não é justo que eu só tenha conseguido ser feliz no final.

— Kieran — sussurrou Delilah, com o olhar mais gentil.

— Garoto — disse Ariel, apontando o garfo para ele —, acho bom você não falar assim. Não quando estamos aqui, tá? Abrimos mão de tudo para vir com você.

— Ariel tem razão — completou Santiago, colocando um prato com cubos de açúcar na frente de Kieran. — Nós não vamos desistir de você. Portanto, você não pode desistir de si mesmo.

— Eu não quero desistir — retrucou Kieran, balançando a cabeça. Ele fechou os olhos, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não quero, não quero mesmo. Mas não sei quantos ataques mais vou conseguir suportar.

Todos ficaram em silêncio.

Então, a escada acima deles rangeu.

Bocejando e esfregando a nuca, Briar virou o corredor. Ela vestia uma calça azul-clara e uma camisa preta com flores azuis e brancas para dentro do cós. As botas sujas de lama de sempre tinham sido substituídas por sapatos Oxford bicolores que pareciam nunca ter sido usados. Era a primeira vez que Delilah a via em um traje em que todas as peças eram bem ajustadas. Seu coração deu um salto.

— Puxa — falou Santiago, apontando com a mão para Briar. — Dá só uma olhada nisso. Ela sabe se arrumar.

Briar franziu a testa.

— Vou me trocar.

— Não! — Delilah esbravejou. Todos olharam para ela, que corou. — Você está… muito bonita.

— Está mesmo — concordou Kieran. O rosto de Briar ficou pálido quando ela o viu, e ele no mesmo instante fez uma careta. — Bom, muito mais bonita do que eu, obviamente.

Briar não se mexeu, seus olhos apenas se arregalaram e marejaram.

— Eu estou bem — prometeu ele, dando um sorriso. — Só preciso tomar banho. E-e terminar o café da manhã. Vou ficar bem.

— Sinto muito — disse Briar, balançando a cabeça. Ela baixou o olhar até a escada. — Sinto muito mesmo. Eu… Eu vou comer no meu quarto. Eu não devia ter…

Delilah se levantou de supetão da cadeira, indo até Briar e segurando seu pulso antes que ela pudesse fugir. Briar olhou de soslaio para ela.

— Ei — disse Delilah, encontrando seus olhos. — Calma. Você não fez nada de propósito. Está tudo bem. Ninguém te culpa.

— Ela tem razão — falou Kieran. — E eu vou me sentir pior se você fugir.

— Tem comida o bastante para todo mundo — acrescentou Santiago, apontando para a mesa.

— Você sabe que o Santi fica magoado quando as pessoas não elogiam a comida na frente dele — reiterou Ariel.

— Sentimos sua falta quando você não come com a gente — concordou Adelaide.

Os olhos de Briar se moviam entre todos na mesa. Seu braço estava tenso nas mãos de Delilah.

— Vamos — encorajou Delilah.

Briar lhe lançou um olhar desconfiado antes de finalmente murmurar algo parecido com um sim. Delilah sorriu e a puxou para a cadeira ao lado da dela.

— Obrigada — sussurrou Delilah quando elas se sentaram.

Briar engoliu em seco.

— É só por você.

E, mesmo com a ansiedade pela condição de Kieran perturbando a mente de Delilah, seu coração acelerou.



Naquela tarde, Delilah foi para o convés e descansou os braços na beirada, olhando para as colinas cobertas de árvores lá embaixo. Ariel tinha colocado o navio para voar o mais rápido possível e eles esperavam chegar à base das Montanhas Presafiadas até a noite do dia seguinte. Delilah se abaixou e apoiou o queixo nas mãos, soltando um longo suspiro.

— Oi.

Delilah olhou para cima e viu Kieran se aproximando, olhando para os pinheiros e as montanhas distantes cobertas de neve com melancolia. Seus cachos na altura dos ombros estavam ralos, as bochechas, pálidas. Quando ele se apoiou na grade, Delilah não pôde deixar de notar que ele parecia estar tentando recuperar o fôlego. Seus dedos finos tamborilavam contra a barra de apoio, ossudos e pálidos. Ela fez o possível para não ficar encarando.

— Ah, estou só apreciando a paisagem — explicou Delilah, voltando seu olhar para a linha das árvores. — Estou tentando… clarear as ideias. Tenho pensado tanto que já está me fazendo mal.

— No quê? — Kieran fez uma careta. — Meu Deus, espero que não seja em mim.

— Para sua informação, é em você *e* na Briar.

— Certo. Acho que faz sentido. — Kieran pigarreou. — Eu, ah, não pude deixar de ouvir algumas… *palavras* ontem à noite.

O olhar de Delilah se voltou para o dele. Será que Kieran tinha ouvido a conversa deles antes de o ataque ter tomado conta de Briar? Será que tinha descoberto o segredo dela? Se tivesse, isso significaria…?

Mas, antes que os pensamentos dela a fizessem surtar ainda mais, ele acrescentou:

— Espero que vocês duas tenham se resolvido, seja lá pelo que você estava se desculpando. Talvez eu tenha ouvido mal, mas eu poderia jurar que ouvi Briar dizer que você beijou ela.

Delilah piscou os olhos. *Ele deve ter ouvido quando estávamos conversando no corredor.*

— Acho que seria meio surpreendente, considerando… tudo. — Delilah colocou o cabelo atrás da orelha, não conseguindo conter um sorrisinho.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Espera, então… você fez isso? Quer dizer, beijou ela?

Até aquele momento, Delilah não havia pensado em como se sentiria contando aos outros sobre o relacionamento dela e de Briar. Ela havia passado tempo demais da vida sentindo que tinha de esconder suas quedinhas para que ninguém sentisse pena por causa da maldição. Admitir que havia deixado seus sentimentos levarem a melhor teria feito uma versão mais jovem dela estremecer.

Nesse momento, no entanto, ela tentou seu melhor para parecer relaxada e deu de ombros.

— Talvez eu tenha beijado, sim, uma ou duas vezes.

— *Sério*? — A descrença na voz de Kieran fez com que soasse menos como uma pergunta do que como uma leve acusação.

Delilah assentiu.

— Para resumir a história, no fim das contas, minha maldição só faz com que os *homens* não consigam se apaixonar por mim. E a Briar descobriu isso antes de mim.

Os olhos de Kieran se arregalaram.

— Então ela finalmente confessou que está apaixonada por você?

Delilah ficou paralisada, piscando.

— Ela te contou isso?

— Você está brincando, né? — Kieran riu. Ele não conseguiu esconder seu sorriso enquanto apalpava a bochecha. — Ela não precisou falar nada. Todos nós já achávamos isso.

— *Nós*? — repetiu Delilah, horrorizada.

Kieran soltou uma gargalhada.

— Delilah, fala sério. A Briar não tira os olhos de você desde o dia em que vocês se conheceram. E, quando você não está por perto, ela só fala de você. Santiago e Ariel fizeram uma aposta sobre quanto tempo levaria para você

notar. O Ash e eu quase começamos uma também, mas ele insistiu que não era da nossa conta, mesmo que fosse óbvio.

— É sério? — Delilah piscou, colocando as mãos na cintura enquanto olhava para ele. — Vocês são terríveis.

Kieran deu de ombros.

— Em nossa defesa, estamos torcendo por vocês.

— Torcendo por quem?

Os dois se viraram e encontraram Briar atrás deles, com as mãos enfiadas nos bolsos e levantando uma sobrancelha de forma acusadora. O jeito leve com que ela enrugou o nariz quase fez Delilah rir — ela tinha o hábito de parecer muito mais séria do que realmente era.

Kieran, entretanto, não hesitou.

— Você e a Delilah. Já que ouvi dizer que vocês duas finalmente descobriram como beijos funcionam. Pelo jeito, aqueles romances eróticos finalmente foram úteis.

— Olha quem está falando — rebateu Briar.

— Eu beijei o Ash antes de você beijar a Delilah.

Briar zombou.

— Eu beijei a Delilah antes mesmo de você *conhecer* o Ash.

— Como assim? Quando?

— Na cozinha, antes do pouso em Gellingham. Você interrompeu a gente.

— *Não creio*. — Kieran lançou um olhar para Delilah. — Isso é verdade?

Antes que Delilah, atônita, pudesse responder, passos se aproximaram.

— Ei! Aqui estão todos vocês — disse Ariel.

Ariel, Santiago e Adelaide se juntaram aos três na grade, enquanto Briar e Kieran ficavam em um tom quase idêntico de cor-de-rosa. A cena quase foi o suficiente para fazer Delilah cair na gargalhada.

— Estávamos atrás de vocês — explicou Adelaide, cruzando gentilmente as mãos à sua frente.

Seus cabelos platinados estavam presos em um coque na nuca, e o sol batia em seu rosto de tal forma que aquecia seu olhar e seu sorriso.

— Achei que, a esta altura, você já estaria assando alguma coisa para aliviar o estresse, Delilah — disse Santiago brincando.

Delilah deu de ombros.

— Ainda dá tempo.

Ariel, por sua vez, apenas riu. Tirou um pacotinho de pano do bolso, enrolado em um barbante.

— Bom, de qualquer forma, estou feliz por termos encontrado vocês três. Eu estava na sala de controle e fiquei pensando em como a paisagem é bonita aqui em cima, e achei que poderia… soltar algumas das cinzas do Rory.

— O norte é lindo — concordou Kieran. — Bem pitoresco para isso.

Briar deu um passo para trás.

— Eu posso, hum… ir…

— Não, fica. — Ariel colocou um braço em volta dos ombros de Briar. — Eu quero *todos* vocês aqui.

Ela ficou tensa por um segundo antes de relaxar.

— Ah. Ah… Tudo bem, então.

Ariel retirou o braço. Molhou a ponta do dedo contra os lábios e o ergueu para conferir a direção do vento. Em seguida, desdobrou o pano e jogou uma nuvem de cinzas no ar. O vento pegou as cinzas, que giraram antes de se dissipar, desaparecendo no céu.

Santiago e Delilah abraçaram Ariel, que guardou o pano de volta no bolso.

— Sabe — disse Ariel —, por mais que me doa o fato de estarmos *voltando* para a propriedade Pelumbra, fico feliz que seja com todos vocês.

— Obrigado por toda a ajuda — disse Kieran, encostando-se gentilmente em Delilah enquanto seus olhos seguiam o caminho que as cinzas de Rory haviam feito ao vento. — Eu nunca teria chegado até aqui sem vocês cinco. Provavelmente ainda estaria preso em meu quarto na propriedade esperando o inevitável.

Briar lançou um olhar afável para o irmão.

— Talvez não seja tão inevitável assim.

Ela estendeu a mão com gentileza, entrelaçou seus dedos nos de Delilah e apertou.

O coração de Delilah ficou leve. *Talvez*, pensou ela, *apenas talvez, Briar tivesse razão.*

Os seis ficaram em silêncio, observando as nuvens passarem.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

Regra n. 11: Saiba quando interpretar seu papel e quando jogar fora o roteiro.

Naquela noite, quando o sol estava começando a se pôr, Ariel aterrissou o navio em uma clareira a oitocentos metros da propriedade Pelumbra. Optou por evitar a rota principal de tráfego aéreo, que ia em direção à propriedade — Kieran explicou que as embarcações que enchiam os céus pertenciam, em sua maioria, a outros Pelumbra voltando para casa e a membros da elite indo socializar com a família mais influente de Celdwyn. Em vez disso, Ariel decidiu dar uma volta, na esperança de evitar qualquer um que pudesse reconhecer o navio roubado.

O navio atracou em um pequeno prado ao lado de um lago na montanha que era completamente invisível do céu. Se Ariel não conhecesse tão bem a área, eles nunca o teriam encontrado. Quando o navio ficou quieto, com o motor esfriando e as asas paradas, Delilah se dirigiu à porta da rampa.

Kieran já estava esperando, escorado na parede, com os braços cruzados. Usava uma gravata prateada para combinar com o terno azul e branco. Seus

cachos estavam amarrados em um coque na nuca, com as partes curtas presas com grampos. Delilah havia emprestado sua maquiagem para dar um pouco mais de cor às bochechas e esconder as olheiras dele, e o efeito foi uma maravilha. A máscara prateada que ele usava, decorada com desenhos em espiral, parecidos com videiras, também ajudou.

Seus olhos se ergueram para ela, e ele sorriu.

— Ei, gostei do vestido. Ainda bem que tinha alguma coisa no fundo do armário da Briar que servia em você.

Delilah bufou, alisando a saia verde-esmeralda esvoaçante. O vestido ia até o chão, com um decote em forma de coração e mangas de tecido translúcido que pendiam além de suas mãos até formarem pontas curvas como a pétala de uma flor copo-de-leite. Seu cabelo estava preso em um coque com um cacho solto em cada lado do rosto, emoldurando a máscara vulpina dourada que ela usava.

— Só tive sorte por você ter decidido comprar uma roupa de gala de cada tamanho antes de conhecê-la. Caso contrário, eu estaria lascada.

Atrás dela, alguém soltou um ofego agudo.

Delilah se virou e encontrou Briar a encarando, com os olhos arregalados, do final da escada. Seu terno era de um preto profundo, a camisa por baixo era carmesim, e os três botões superiores abertos revelavam a curva de seu pescoço e um pedacinho de sua clavícula. Ela usava uma máscara preta com aberturas no formato de olhos de gato e um nariz pontudo.

A aparência dela fez o coração de Delilah acelerar e um calor tomar conta dela.

— Você está bem? — perguntou Delilah.

Briar pareceu sair do transe em que estava, pigarreando e corando sob a máscara.

— Eu, é… Sim. Claro que sim. É que você está… bonita.

Enquanto a expressão de Delilah se transformava em um sorriso suave, Kieran sussurrou:

— Esse talvez seja o maior elogio que ela já fez.

Delilah retribuiu:

— Você também está bonita.

O rosto de Briar ficou ainda mais vermelho.

— Ah, fala sério.

No entanto, antes que Delilah pudesse tentar convencê-la, Ariel gritou:

— Olhem só vocês! Bem arrumadinhos e tudo o mais.

Elu saiu da cabine de comando radiante, com Santiago e Adelaide logo atrás. Enquanto Ariel e Santiago estavam com suas roupas de sempre, Adelaide usava um simples vestido azul-bebê com uma gola alta elegante e mangas com babados. Ela segurava uma máscara branca na mão, sorrindo gentilmente para os três.

— Vocês não vêm? — Kieran perguntou a Ariel e Santiago.

Ariel balançou a cabeça, soltando uma risadinha pelo nariz.

— Claro que não.

— O que Ariel quer dizer — corrigiu Santiago rapidamente — é que alguém precisa ficar aqui para garantir que o navio esteja pronto para partir se algo acontecer. Ariel e eu não queremos correr o risco de sermos vistos por nosso antigo patrão, a quem, a propósito, este navio pertence, então… preferimos ficar por aqui.

— Mas eu vou com vocês — completou Adelaide. Ela foi até o lado de Kieran e ofereceu seu braço, que ele pegou. — Posso mostrar a ala onde a maldição está guardada. Espero que seja fácil escapar com toda a agitação do baile.

— E confiamos na Adelaide para ficar de olho em vocês — acrescentou Santiago. — Caso algo dê errado, é claro. Afinal, ela é uma bruxa com mais de duzentos anos de experiência.

Adelaide deu um risinho.

— Você me lisonjeia.

Delilah ergueu a sobrancelha acusadora.

— Sabe, parece até que você está preocupado com a gente, Santi.

— Bom, talvez um pouco — ele respondeu em um tom meio zombeteiro. — Apesar dos meus esforços, vocês acabaram invadindo meu coração. Tipo um fungo parasita que aos poucos toma conta da vítima.

— Ah — disse Delilah.

— Ele gosta da gente mesmo — confirmou Kieran, dando uma risadinha.

— Isso vale para você também — falou Ariel, apontando o dedo especificamente para Briar. — Não pense que seus joguinhos antissociais funcionaram com a gente. Ainda queremos você de volta inteira.

Briar tossiu em surpresa, depois pigarreou, desviando os olhos.

— Ah, hum. Obrigada? — Ela balançou a cabeça. — Olha, essa parada sentimental não faz muito o meu estilo. Podemos acabar logo com isso?

Delilah deu um sorriso para Ariel.

— Acho que é um código para *o sentimento é mútuo.* — Entrelaçando o braço com o de Briar, ela acrescentou: — Vamos embora, então. Vejo vocês todos do outro lado.

Com isso, Delilah, os gêmeos e Adelaide se dirigiram para o passadiço.



Escondidos sob a escuridão que caía, os quatro conseguiram atravessar a floresta e chegar à entrada da propriedade Pelumbra sem nenhum problema. A propriedade era extensa, mais parecida com um complexo, com várias casas construídas dentro do mesmo perímetro cercado. Entre elas havia ruas alinhadas com postes de luz, iluminados com magia não natural que lançava um brilho prateado tênue sobre os paralelepípedos. Grupos de bruxos com máscaras e roupas finas conversavam e riam enquanto Delilah e os outros seguiam o caminho até um edifício que se elevava sobre os convidados.

Cercada por árvores, era uma mansão semelhante a um castelo com várias torres e janelas iluminadas por uma luz dourado-clara. Uma longa entrada de automóveis contornava a frente, onde carros coloridos paravam e mais e mais bruxos saíam deles. A maioria usava as últimas tendências da moda, mas alguns pareciam usar vestes mais tradicionais.

Kieran apontou para a mansão.

— É para lá que nós vamos.

Adelaide acrescentou:

— Devemos conseguir escapar para a ala privada pelos fundos do salão de baile. Mas precisaremos manter as aparências até conseguirmos entrar. Tentem manter a cabeça baixa.

Delilah engoliu um bolo de ansiedade. Os quatro mal pareciam respirar conforme se aproximavam da mansão. O ar frio da montanha fazia a pele exposta deles arder, apesar de o sol ter estado quente durante a tarde. Mesmo no verão, o frio afundava suas garras nas montanhas irregulares.

Foi fácil para eles entrarem com a multidão — estavam bem-vestidos o suficiente para se misturarem, mas não chamativos a ponto de se destacarem. Ao passarem pelas enormes portas duplas, um foyer se abriu em uma sala de pé-direito alto. Mais convidados entregaram seus casacos e bolsas para os garçons, que pareciam ter a idade mais próxima a de Delilah e de seus companheiros do que qualquer outra pessoa ali. As paredes eram decoradas com papel de parede amarelo e branco com flores de lis e retratos de pessoas em trajes antigos de bruxo. Delilah sentiu o cheiro de uma mistura de pelo menos cinquenta tipos de magia. Ela nunca havia estado em uma sala com tantos outros feiticeiros antes.

— Por aqui — disse Adelaide. — Venham.

Ela os levou por um corredor até a beira de um mezanino. Lá eles encontraram o salão de baile. Seu pé-direito alto dava lugar a um espaço enorme cheio de mesas cobertas com toalhas rosa-claras e buquês extravagantes de rosas multicoloridas. No centro do salão, havia uma torre de champanhe feita de taças de cristal precariamente posicionadas. As paredes eram, em sua maioria, janelas que davam para um enorme jardim cheio de topiárias que se estendia até a floresta. Esferas brilhantes e encantadas estavam penduradas nas ruas do lado de fora, iluminando o caminho com uma luz em tom de rosa pastel.

No momento em que foram descer a escada, um mordomo pigarreou e entrou em seu caminho.

— Com licença — disse ele com uma voz rouca. — Poderiam me dizer seus nomes? Quero garantir que se sentarão na mesa correta.

Assim que seus olhos se arregalaram, uma voz familiar atrás deles disse:

— Eles estão comigo.

Delilah se virou e encontrou uma figura imponente atrás dela, vestida com um belo terno cor de berinjela e uma máscara preta sobre os olhos. Mesmo com ela, porém, seu nariz — na verdade, o nariz de Delilah — era inconfundível.

— Klaus? — sussurrou Delilah.

Ele lhe deu um sorriso cativante e, dirigindo-se ao mordomo, disse:

— Posso levar eles à mesa dos Hammond.

O mordomo os observou por mais um momento. Enquanto isso, Kieran parecia prestes a começar a hiperventilar com a aparição repentina do quebrador de maldições. Briar lançou um olhar para Delilah, enquanto Adelaide estudava Klaus com os lábios crispados.

— Ah, é claro. Obrigado, sr. Hammond. — O mordomo se afastou, estendendo o braço em direção à escada. — Vá em frente.

— Vamos — chamou Klaus, assentindo para Delilah e os outros. — Sigam-me.



— O que *você* está fazendo aqui?

Por mais que tentasse, Delilah não conseguia impedir o tom irritado na voz. Principalmente porque não havia perdoado Klaus por seu péssimo pedido de desculpas na fonte termal, mas também porque aquele era o momento em que ela mais se sentira ansiosa desde que havia deixado Kitfield.

— Eu sempre vou aos bailes dos Pelumbra — respondeu ele enquanto se acomodava em seu assento. Um outro membro da equipe levara Delilah, Klaus, Adelaide, Kieran e Briar para uma mesa perto do canto do salão, vazia exceto por uma única placa com o nome de Klaus. — Bom, nem sempre. Não me dei muito bem com os Pelumbra no passado. Mas algo me disse que vocês estariam aqui, então achei que seria uma boa ideia aceitar o convite deles desta vez.

— Achei que tivesse deixado meus sentimentos bem claros na fonte termal.

— Você deixou — disse Klaus. Ele desenrolou o guardanapo ao lado de seu prato antes de colocá-lo no colo. — Essa é a outra razão de eu estar aqui. Pensei um pouco e percebi que talvez eu não tenha me desculpado do jeito certo.

— Você acha, é? — Delilah zombou.

— Entendo por que talvez esteja com raiva — continuou Klaus —, mas tudo o que eu quero é provar a você que estou arrependido…

— Conta outra.

— Falem baixo — interrompeu Adelaide. Seus olhos se desviaram de Klaus para Delilah. — A última coisa de que precisamos é chamar a atenção.

Delilah e o pai se calaram, a garota encarando-o como se ele fosse uma mancha em sua blusa.

Pouco tempo depois, a equipe de garçons trouxe o primeiro prato. Era preciso admitir, a comida dos Pelumbra estava maravilhosa: pedacinhos de carne bovina com uma crosta dourada crocante e batata-doce assada em um molho amanteigado, seguido por salmão coberto com um molho doce e picante. Durante todo o tempo, a equipe de garçons trazia mais champanhe, que Delilah recusava a cada vez. Precisava ficar atenta.

Klaus, no entanto, não demorou a pedir licença para tentar pegar um uísque.

Quando ele se foi, Adelaide se inclinou e fez um gesto para que Delilah e os gêmeos fizessem o mesmo.

— Assim que a dança começar, provavelmente teremos cobertura suficiente para entrar de fininho por aquela porta ali — explicou ela, apontando para uma porta branca com maçaneta dourada perto daquela que parecia levar à cozinha. — Vai estar trancada, mas ainda tenho minha chave de quando era empregada aqui. Ela abre todas as portas.

As sobrancelhas de Kieran se ergueram.

— Eles te deram uma chave mestra?

Adelaide deu uma risada de escárnio.

— Bom, quando você precisa de alguém para limpar os quartos que contêm todos os seus segredos sujos, dar a chave para a empregada silenciosa é a única coisa que faz sentido.

Quando Kieran começou a responder, Delilah notou que Briar estava pálida, com o olho descoberto mirando fixamente a mesa mais próxima deles. Delilah seguiu o olhar da garota até um casal que parecia ter a idade de sua mãe. A esposa tinha longos cabelos ruivos com mechas grisalhas, enquanto o marido tinha cabelos louros encaracolados cortados na altura das orelhas. Metade do rosto da mulher estava coberto por uma máscara branca, e ela parecia magra a ponto de estar esquálida. Seus dedos tremeram levemente ao pegar sua taça de vinho tinto. Seu marido era esguio e tinha ombros largos, e estava com as sobrancelhas franzidas por trás da máscara dourada enquanto cortava um pedaço grosso de carne.

Delilah lançou um olhar questionador para Briar, que engoliu em seco.

— São meus pais.

— Ah. — Delilah inalou bruscamente. — Merda.

— Não sei se eles conseguiriam me reconhecer mesmo sem a máscara. — Briar ofegou. — A última vez que meu pai visitou a Wrenlin foi há três anos, acho. E minha mãe provavelmente não me vê desde o dia em que eu nasci.

— Ei. — Delilah estendeu a mão para o outro lado da mesa e delicadamente a colocou sobre a de Briar, encontrando seu olho visível. — Eles não importam, tá? Família não é família se nem tem a decência de te tratar como um ser humano. São só duas pessoas que, por acaso, colocaram você neste mundo. Às vezes, começa e termina aí.

Briar piscou os olhos. Ela lentamente desviou o olhar deles, indo ao encontro do de Delilah. Parou por um momento, com as palavras parecendo suspensas em seus lábios. Mas, quando estava prestes a dizê-las, fechou os olhos e assentiu de leve com a cabeça.

— É. Tem razão.

Não demorou muito para que Klaus voltasse com sua bebida. A equipe de garçons trouxe uma pequena sobremesa de chocolate cremoso e *gelato* de framboesa e, logo depois, o ritmo da música começou a acelerar. Alguns casais se levantaram das mesas e foram para a pista de dança. Estavam dançando uma valsa lenta e, com base em seu ritmo impecável, Delilah supôs que os músicos deviam estar tocando uma canção como a da feira do Coven do Orvalho Lunar.

— Venham — chamou Adelaide. Ela apontou para o chão enquanto mais e mais gente se levantava das mesas. — Vamos nos juntar a eles. Vão apagar as luzes logo, mas precisamos nos misturar até lá.

Adelaide estendeu a mão para Kieran, que hesitou por um momento antes de pegá-la. Ela acenou com a cabeça para que Briar e Delilah fizessem o mesmo.

Os ombros de Briar ficaram tensos por um momento quando ela olhou novamente para a mesa de seus pais.

— Está tudo bem — garantiu Delilah. — A gente evita eles.

Briar se levantou e colocou sua mão na de Delilah. No momento em que elas se moviam para seguir Adelaide, Klaus interrompeu.

— Delilah — começou ele. — Espera, por favor. Posso falar com você por um momento?

— Agora realmente não é uma boa hora — ela respondeu.

— Só vai levar um segundo…

— Primeiro você tem que me provar que está falando sério — rosnou Delilah. Ela apertou a mão de Briar. — Talvez aí eu pense em conversar com você. Mas, até lá, estou um pouco ocupada tentando salvar meus amigos.

Ela levou Briar para a pista, deixando o pai sozinho na mesa.



— Você está bem? — perguntou Briar.

Delilah fez que sim.

— Vou ficar.

No momento em que chegaram à pista de dança, os pés de Delilah e Briar entraram instantaneamente em um ritmo natural, Delilah dando um passo para trás enquanto Briar dava um para a frente, as duas deslizando em um semicírculo no ritmo dos outros dançarinos. Foi preciso uma ou duas músicas para que Briar se soltasse, mas aí passou a se mover com facilidade.

Delilah se endireitou quando a música ficou um pouco mais lenta. Ela puxou Briar para mais perto enquanto algumas pessoas ao redor trocavam de parceiros, dando tapinhas nos ombros umas das outras e entrando na dança.

Ainda assim, foi um pouco surpreendente quando alguém apareceu atrás de Briar e cutucou seu ombro.

— Posso interromper? — perguntou uma voz familiar.

As duas garotas olharam para cima e encontraram um rapaz de pele negra e cachos pretos e grossos. Sua máscara era azul-marinho, com um nariz longo e pontudo, e detalhes intrincados em espiral pintados em prata. O cheiro de sua magia — fumaça de madeira de macieira — era inconfundível.

— *Ash?* — perguntou Delilah baixinho. — O que você está fazendo aqui?

Antes que ele pudesse responder, as luzes ao redor deles diminuíram até se apagarem, e as esferas que estavam balançando no ar flutuaram lentamente até a escada. Um casal estava no patamar, iluminado de repente por uma suave luz dourada. Eram os pais de Briar e Kieran, parados a uma boa distância um do

outro. Os olhos do pai deles brilhavam dourados enquanto ele pressionava os dedos no pescoço, lançando um feitiço para amplificar sua voz.

— Bem-vindos, meus amigos, à nossa propriedade — disse ele. — Eu sou William Pelumbra, o atual chefe da família Pelumbra. Quero dar boas-vindas a todos que estão aqui, alguns dos bruxos mais poderosos e influentes de Celdwyn, para uma noite de festa e folia. Os Pelumbra há muito tempo são considerados uma das famílias mais afortunadas de Celdwyn, e hoje celebramos o sucesso contínuo de nossa família e de aliados.

— Parasitas — rosnou Ash baixinho.

— Por favor, avisem a nossa equipe se houver algo que eles possam fazer para garantir que tenham a melhor noite possível — continuou William, apontando para uma fila de garçons no canto do salão, a maioria segurando pratos de petiscos ou bebidas. — Lembrem que nenhum pedido é grande demais nos terrenos dos Pelumbra. Agora, aproveitem a noite, e vida longa aos Pelumbra!

A multidão repetiu as últimas palavras e explodiu em aplausos, enquanto a mandíbula de Ash se contraiu a ponto de Delilah temer que seus dentes pudessem se quebrar.

Enquanto as luzes fracas flutuavam lentamente de volta para a pista de dança, a multidão voltou a dançar. Suas expressões estavam alegres quando a música passou a ficar mais animada, com um violino e um piano. Ash, enquanto isso, tentava se firmar, com os ombros quase tremendo de raiva.

— Vim procurar o Kieran — ele finalmente conseguiu falar, contendo a tensão em sua postura. — Tive a sensação de que vocês estariam aqui. Eu… preciso falar com ele. Desde que ele disse o que sentia por mim em Gellingham, eu… eu vi que precisava fazer o mesmo. Pessoalmente. Não posso deixar ele sumir desse mundo sem saber que me sinto da mesma forma.

— Isso é… legal e tudo o mais, mas como você conseguiu encontrar a gente aqui? — murmurou Briar.

Ash fez um gesto para Delilah.

— Não tem muitas garotas com um e oitenta de altura e cabelos cacheados perambulando pela propriedade Pelumbra.

Delilah ficou corada.

— Acho que faz sentido. Mas, Ash, agora não é exatamente o melhor momento. Talvez isso possa esperar até…

Ash, no entanto, parou de dar atenção a ela quando seus olhos caíram em uma cabeça de cabelo louro a alguns metros de distância. No mesmo momento, ele começou a se movimentar entre a multidão, com os olhos brilhantes.

— Merda — xingou Briar.

Delilah e Briar seguiram atrás dele, Delilah tentando chamar sua atenção novamente, mas não adiantou. Atravessando a multidão, os três encontraram Adelaide e Kieran perto do fim da pista de dança. Os dois arregalaram os olhos quando outro garoto louro — talvez alguns anos mais novo que Kieran — cutucou seu ombro. Ele tinha bochechas rosadas e uma postura desajeitada que indicava que ele provavelmente tinha acabado de passar pelo estirão de crescimento.

— Seus pais tinham dado a entender que você não estaria aqui! — disse o garoto, animado. — Estou tão feliz por ter conseguido vir! Senti falta de você na propriedade… Está tudo tão chato desde que foi embora.

— Kieran? — interrompeu Ash.

Kieran se virou para olhar para ele, seu rosto perdendo a cor.

— Ash? Eu… É você? O que está fazendo aqui?

— Procurando por você. Preciso te dizer…

— Ah, oi! — disse o garoto magro, estendendo a mão para Ash. — Acho que nunca vi você antes. Sou Wickton Pelumbra, primo do Kieran.

Ao lado de Delilah, Briar sussurrou:

— Ah, caralho.

A luz nos olhos de Ash se apagou instantaneamente, e ele congelou.

— Primo?

— Não está vendo a semelhança? — Wickton colocou um braço ao redor dos ombros de Kieran, puxando-o para um abraço de lado e abrindo um sorriso cheio de dentes. — Nossos pais são irmãos. Se não fosse pelo fato de o meu ser mais novo, provavelmente seria o chefe da família. Mas acho que o William dá para o gasto.

Os olhos de Ash se fixaram nos de Kieran.

— Seu pai… é William Pelumbra?

Delilah, bem baixinho, sussurrou:

— *Não*.

— Hum. — Kieran ficou ainda mais vermelho. — Eu… bom, tecnicamente, eu sou… é…

Ash se afastou dele, com as sobrancelhas franzidas enquanto balançava a cabeça.

— Você mentiu para mim. Você… Você me *usou*.

— Não, Ash, não foi isso! — exclamou Kieran, dando alguns passos para segui-lo. — De verdade, eu não queria te machucar. Só queria ser outra pessoa. Alguém digno de uma vida cujo grande triunfo não fosse morrer para manter os Pelumbra bem. Uma pessoa digna de estar com alguém como você.

O rosto de Ash ferveu e se fechou ainda mais.

— Não fala isso.

— Ash… — Kieran começou a dizer.

— Eu devia saber que você era bom demais para ser verdade — murmurou Ash. Ele balançou a cabeça, com a respiração trêmula. — Eu fui completamente sincero com você. *Confiei* em você.

— Eu fui sincero sobre… — interveio Kieran, desviando o olhar. — Fui sincero sobre o que sentia por você.

— Ótimo. Bom, pelo menos isso. — Ash voltou o olhar bruscamente para o chão. Ele esbravejou: — Você é tão ruim quanto o resto da sua família horrível, seu babaca mentiroso e manipulador. Vai se ferrar, Kieran.

Ao redor deles, os casais pararam de dançar, olhando para o pequeno grupo. Wickton parecia chocado, enquanto os olhos de Kieran brilhavam com lágrimas. Murmúrios de seu nome começaram a se espalhar pelo espaço; as pessoas se viraram para olhar umas às outras, franzindo a testa. Delilah, Briar e Adelaide olharam ao redor, amedrontadas.

Adelaide agarrou os pulsos de cada um dos gêmeos.

— Vamos embora daqui.

Antes que qualquer um deles pudesse dizer alguma coisa, um estrondo explosivo ecoou pelo espaço.

Todos no salão de baile se viraram enquanto as taças empilhadas em uma torre de champanhe no centro do salão caíam no chão, o espumante espirrando em todas as direções enquanto o vidro se estilhaçava. Os convidados

gritaram e pularam para fora do caminho até que a última taça caiu, revelando um homem de pé atrás da mesa.

Klaus ergueu as mãos.

— Minha nossa, acho que foi por isso que nos disseram para não tocar!

Ele deu uma piscadela rápida para Delilah.

— Vamos — Delilah instou Adelaide e os gêmeos. — Agora!

Com isso, eles se viraram e fugiram por entre a multidão.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Regra n. 1: O amor vence tudo.

A fuga do salão de baile passou como um borrão, e Delilah mal conseguia pensar no que estava acontecendo quando Adelaide os fez passar pela porta que dava para a ala trancada da mansão.

— Não vamos ter muito tempo — disse Adelaide. — Por mais que a distração de Klaus tenha ajudado, não vai demorar muito para os seguranças dos Pelumbra virem atrás de nós.

— O que podemos fazer? — perguntou Delilah, sem fôlego.

Ao lado dela, Briar estava olhando por cima do ombro para a porta, enquanto seu irmão empalidecia, sem ousar dizer uma palavra.

Adelaide enfiou a mão nos bolsos do vestido e retirou algumas pulseiras feitas de fios dourados. Passou uma para cada um deles, explicando:

— Eu as teci antes de partirmos. Servem para silenciar nossos passos e ofuscar a visão de qualquer um que esteja nos perseguindo. Me sigam e talvez a gente consiga chegar lá antes que os guardas invadam este lugar.

Delilah colocou a pulseira e observou como a tonalidade de sua pele desvanecia até se igualar com o ambiente, como um camaleão contra um galho de árvore. Quando olhou para Briar, descobriu que o acessório havia feito o mesmo com ela — não estava completamente invisível, mas seria necessário olhar duas vezes para identificá-la.

Adelaide fez um gesto para o corredor.

— Por aqui.

Eles a seguiram em um silêncio tenso. O corredor era muito mais escuro do que o resto da mansão, com pisos de pedra empoeirados e paredes cobertas com papel de parede carmesim desbotado que parecia ter pelo menos o triplo da idade de Delilah. O cheiro de mofo e de papel envelhecido pairava no ar, dando-lhe um ar pesado. A única luz vinha de lâmpadas piscantes nas paredes, das quais apenas metade parecia estar funcionando.

Eles viraram o corredor no momento em que o som de uma porta se abrindo com tudo ecoou no ar. Adelaide os conduziu apressadamente para dentro de um armário escuro e fechou a porta atrás deles. Elas se esconderam no recinto sombrio, Delilah com as costas apoiadas na parede e Briar contra seu peito.

Com cuidado, Adelaide entreabriu uma fresta da porta enquanto o som de passos passava por eles, pessoas correndo de uniforme aparecendo no espaço visível. O coração de Delilah martelava em seus ouvidos e ela se esforçou ao máximo para prender a respiração.

— Verifiquem todas as portas — disse uma voz rouca e familiar.

Os pelos do braço de Delilah se arrepiaram ao ouvi-la, e o suor começou a despontar em sua testa.

Regen Pelumbra.

Ele acrescentou:

— Eles são astutos, e a Briar, especificamente, é um perigo para qualquer um que se aproximar. Cuidado com ela.

Delilah não tinha certeza, mas parecia que isso fez Briar sorrir.

— Quando eu mandar — sussurrou Adelaide, apontando para a porta —, dobrem à esquerda e corram. Aí nós…

Naquele momento, a porta se abriu.

Os quatro ficaram imóveis como cadáveres. Do outro lado estava um homem vestido de preto, com o emblema de uma ave de rapina de duas cabeças costurado no bolso do peito. Tinha um maxilar definido e parecia estar rangendo os dentes.

Delilah prendeu a respiração.

Ele deu um passo para trás, com os olhos voltados para o corredor.

— Nada aqui!

Afastando-se, ele deixou a porta entreaberta e, quando o som de suas botas desapareceu no corredor, os quatro exalaram a respiração que estavam segurando.

— Você — disse Briar a Adelaide, esfregando gentilmente a pulseira trançada — é uma bruxa muito impressionante.

— Espera uns duzentos anos; você ainda pode me superar. — Adelaide se endireitou. — A maldição fica por aqui. Façam silêncio.

Os guardas pareciam ter se dispersado. Enquanto os quatro seguiam por outro corredor mofado, a única pessoa com quem se depararam estava ocupada demais examinando uma sala adjacente cheia de livros para notá-los se esgueirando. Briar manteve-se perto de Delilah, enquanto Kieran seguia um pouco atrás. Enquanto eles continuavam, Delilah não pôde deixar de notar que o ritmo dele estava diminuindo, a respiração ficando cada vez mais rápida e irregular enquanto tentava acompanhar o ritmo.

— Vai mais devagar — Delilah sussurrou para Adelaide. — O Kieran…

— Estou bem — disse ele, engasgando, com o rosto coberto de suor. Com a pouca luz, era impossível se certificar, mas seus olhos pareciam brilhar com lágrimas não derramadas. Ele resfolegou, com os joelhos parecendo prestes a ceder: — Eu consigo fazer isso. Eu consigo.

Delilah e Briar se entreolharam. Depois de um rápido aceno de cabeça, elas foram uma para cada lado dele, fazendo-o colocar os braços sobre seus ombros.

— Se apoia na gente — disse-lhe Delilah. — Vamos chegar lá juntos.

Depois de um segundo, Kieran acenou com a cabeça em agradecimento e, em seguida, relaxou um pouco de seu peso contra cada uma delas.

O mais rápido que puderam, as meninas acompanharam o ritmo de Adelaide até chegarem a uma grande porta de madeira que ficava na base de

uma escada em espiral. A pouca luz que havia no corredor anterior havia se apagado, tornando quase impossível enxergar.

Adelaide tirou a chave do bolso, enfiou-a na fechadura e girou.

— Está aqui — explicou ela. Ela olhou para eles por cima do ombro. — Prontos?

O trio assentiu com a cabeça e, juntos, disseram:

— Prontos.

Adelaide abriu a porta, revelando um espaço escuro no porão. Quando acendeu as luzes, Delilah descobriu que o piso era de pedra, assim como as paredes. Não havia janelas, o que significava que a única luz vinha de algumas arandelas antigas que piscavam como se pudessem se apagar a qualquer momento. Colunas robustas de pedra se erguiam do chão até o teto. Fora isso, o espaço estava completamente vazio.

Adelaide apontou para um pilar no centro da sala.

— Ali. Está naquele pilar.

Os quatro se aproximaram com cuidado. O ar parecia estagnado, como se ninguém entrasse na sala há décadas. Quanto mais se aproximavam, mais visível ficava o entalhe no pilar.

— Está aqui — falou Briar, sem fôlego. — Eu… mal consigo acreditar.

Delilah parou em frente ao pilar, semicerrando os olhos. As palavras estavam escritas em uma fonte antiga e ornamentada, tornando-a quase inescrutável.

— "Somente quando os Pelumbra amaldiçoados forem vistos como o que são…" — leu Delilah, fazendo o melhor que podia para decifrar o texto que envolvia o pilar. Ela apertou os olhos. — Desculpa, mas está meio difícil de decifrar. Tem uma letra aqui que meio que parece um A, e depois… ah… "apesar disso, a bênção e a maldição gêmeas se dissolverão juntas". Apesar do quê?

— Não é da sua conta, srta. Bea.

Delilah se virou, arfando. Parado na porta por onde haviam entrado estava o homem da máscara dourada, com seus cachos louros brilhando à luz. Ele havia removido a máscara, revelando um rosto que compartilhava algumas características com seus filhos.

William Pelumbra.

— Pai — disse Kieran.

William entrou e só então Delilah percebeu que ele estava ladeado por rostos mais familiares. À sua esquerda estava a mãe de Kieran e Briar, com a pele branca como giz, enquanto à sua direita estava Regen, de rosto severo e olhar fixo.

E, atrás deles, um grupo de guardas vestidos de preto.

— Preciso que vocês se afastem do pilar — falou William. Sua voz de barítono era estrondosa, muito mais grave do que a do filho. Ele não precisava de um feitiço de amplificação para fazer Delilah ficar tensa com o volume. — Podemos resolver isso pacificamente.

— Resolver o quê? — retrucou Delilah. — Se preparar para a morte dos seus filhos? Que tipo de pai ou mãe condenaria os filhos a esse destino?

O lábio de William se contraiu.

— Você deve ser filha do Klaus. Isso explica a cena que ele causou no salão de baile.

A mulher ao lado de William pigarreou.

— Sabe, Delilah, sempre tivemos um relacionamento cordial com sua família. Não há necessidade de pôr isso em risco agora. Se nos deixar cuidar dos nossos filhos, poderá voltar para o seu pai. Sem danos.

— Isso é uma ameaça, Camille? — esbravejou Adelaide. Ela deu um passo protetor, colocando-se entre os gêmeos e seus pais. — Porque eu não vou deixar vocês encostarem um dedo neles.

William e Camille arquejaram.

— Você consegue *falar*? — chiou Camille.

— Pois é. — Os olhos de Adelaide brilharam vermelho-alaranjados quando a magia começou a reluzir na ponta de seus dedos. — E no segundo em que eu sair deste lugar, vou contar ao mundo todas as coisas terríveis que esta família fez.

— Não se precipite, Adelaide — provocou Regen com um sorriso. Ele fez um gesto para trás de si. — Temos algo que pode interessar a todos vocês.

Com um aceno de cabeça, dois guardas deram um passo à frente, empurrando duas figuras com eles. Delilah ofegou quando seus rostos ficaram visíveis à luz das arandelas, com a pele machucada e os cabelos desgrenhados.

Ariel e Santiago.

— É muito fácil identificar aquele navio que você roubou, se estiver procurando — disse Regen a Kieran. — Sabíamos que vocês estavam aqui desde o momento em que entraram.

— Então por que deixaram a gente vir até aqui? — rebateu Delilah.

— Porque precisávamos de um lugar longe de olhares curiosos para fazer isto — disse William. Ele fez um gesto para Ariel e Santiago, que pareciam estar semiconscientes. — Quero fazer um acordo com vocês. Adelaide, Delilah, vamos deixar vocês saírem daqui ilesas com esses dois. Só precisam deixar nossos filhos conosco.

O olho visível de Briar se arregalou, pousando em Delilah com terror. Naquele instante, Delilah percebeu o que ela estava pensando.

Que Delilah ia abandoná-la.

— Nem a pau — esbravejou Delilah.

O lábio de Regen se contraiu.

— Mas você ainda nem sabe qual é a alternativa. Se não entregar os gêmeos para nós, seus amigos morrem.

Os guardas que estavam segurando Ariel e Santiago tiraram facas dos bolsos e as encostaram em seus pescoços.

— E depois — acrescentou Regen —, nós matamos vocês.

— Eles são *crianças* — grunhiu Adelaide, apontando para eles. — Você permitiria que seu filho e sua filha sofressem e *ainda por cima* mataria a amiga deles?

— Ela sabe demais — murmurou Camille.

— Você está realmente disposta a arriscar sua vida por gêmeos que estão condenados a morrer? — William perguntou a Delilah.

Para a surpresa dela, ele parecia… sincero. Como se de fato não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Claro que sim — disse Delilah, com os dedos cerrados em punhos. — Porque eu não sou um monstro.

— Que pena — retrucou William. Ele acenou com a cabeça para seus guardas. — Segurem eles.

O grupo de guardas avançou como um mar escuro ao redor dos adultos da família Pelumbra. O cheiro de magia imediatamente dominou os sentidos de Delilah. Os olhos dos guardas brilharam, alguns assumindo poses de *ledrith*.

Delilah olhou para os gêmeos.

Hoje não.

Em um piscar de olhos, ela se moveu para a pose de *ledrith* que Briar lhe ensinara, um raio de luz verde saindo de sua palma e se transformando em uma videira espinhosa que chicoteou o pescoço de um guarda. Ela girou, disparando outro contra o guarda atrás dele.

Ao seu lado, os olhos de Adelaide estavam vermelhos. Seus dedos se moviam como se ela estivesse tecendo o ar, e Delilah percebeu que um fio de ouro cintilante aparecia onde quer que eles se movessem. Adelaide lançou em outra guarda uma ponta trançada desse fio, que se transformou em um raio no ar. Ele atingiu a guarda no peito, fazendo-a cair no chão em convulsões.

Delilah deslizou com fluidez de um movimento para outro, com choques de magia cortando o ar. Um deles atingiu um guarda nos olhos, cegando-o instantaneamente, enquanto mais um atingiu a cabeça de outro guarda e o fez cair no chão, inconsciente.

Regen empurrou o guarda que estava segurando Ariel para fora do caminho, com os olhos verde-amarelados brilhando. Delilah teve que pular quando ele bateu o pé no chão de pedra e uma onda de magia vibrante disparou na direção dela. Mal teve tempo de se esquivar antes que ele disparasse outra e mais outra, fazendo-a se abaixar e pular em uma espécie de dança estranha que tinha o objetivo de mantê-la em movimento até que caísse morta.

Em suas tentativas desesperadas de escapar de Regen, ela quase não viu quando um guarda se aproximou pela lateral e tentou agarrá-la. Delilah ergueu a mão e envolveu o pulso dele, enviando uma corrente elétrica por seu braço até que ele gritou e tropeçou para trás, caindo no chão com um forte baque.

Outro guarda agarrou seu cabelo, puxando um punhado de cachos. Delilah deu um grito. Sua mão se agitava loucamente, procurando a pele do agressor para tentar dar um choque mágico nele.

Bem naquele momento, uma cauda emplumada cuja ponta era uma farpa venenosa perfurou o pescoço do guarda. Ele enrijeceu antes de cair no chão, com sangue vazando da perfuração, conforme o veneno o paralisava instantaneamente.

Briar parou em frente ao local onde Delilah havia caído, com os dentes afiados em presas.

— Não toquem nela!

Alguns guardas cambalearam para trás, horrorizados ao vê-la. Suas unhas haviam se transformado em garras, e escamas azul-escuras cobriam seus antebraços. Ela sibilou entre as presas, com a língua azul se mexendo enquanto seus olhos brilhantes ardiam. A luz dos olhos se refletiu nos tufos de penas ensanguentadas que começavam a surgir de seu couro cabeludo.

— *Briar?* — gritou Kieran, de olhos arregalados. Ele se virou para Delilah e perguntou: — O que está acontecendo? Isso é um feitiço?

— É uma longa história — respondeu Delilah.

Surgindo entre os guardas que se retiravam, Camille Pelumbra encontrou os olhos da filha, com uma lâmina de prata na mão.

— Eu devia ter enfiado uma adaga entre suas costelas no momento em que você nasceu — rosnou ela.

Embora a raiva incandescente de Delilah tenha tornado o ataque desleixado, ela lançou um poderoso golpe na direção de Camille, com um rugido escapando dos lábios. Videiras grossas envolveram o pescoço da mulher com tanta força que seus olhos começaram a saltar enquanto a sufocavam. O sangue escorria de cada marca de perfuração em seu pescoço, criando um colar horrível que escorria até o decote de seu vestido.

— *Nunca* — grunhiu Delilah — *mais* fale com ela desse jeito.

A expressão de Briar se suavizou e suas bochechas se aqueceram.

O cheiro de cabelo queimado combinado a uma cacofonia de gritos fez Delilah e Briar se virarem. Na frente do pilar, protegendo Kieran do perigo, estava Adelaide. Um par de luvas trançadas queimava em seus antebraços, embora a pele mal ficasse vermelha com o calor. Ela atirou bolas de fogo em outro guarda que avançava e depois em Regen, que tentava alcançá-la.

— Você consegue imaginar como são duzentos anos de raiva? — ela rugiu na direção de William, as pontas de seu cabelo começando a se erguer por vontade própria. — Porque você está prestes a descobrir.

Mas, antes que pudesse lançar outra bola de fogo, um gemido de dor atrás dela fez com que todos congelassem.

Os joelhos de Kieran cederam quando seu olho começou a brilhar em um azul fantasmagórico. Adelaide mal teve tempo de pegá-lo antes que ele caísse.

— Kieran! — gritou Delilah.

No mesmo momento, Briar caiu no chão, estremecendo. O sibilo de sua respiração agonizante por entre os dentes sugou todo o som da sala. Seu corpo tremia, e cada músculo estava tenso. Seus olhos azuis estavam mais brilhantes do que Delilah jamais vira, com feixes de luz azul vazando e iluminando suas bochechas. Ela abafou um gemido enquanto seus dedos arranhavam o chão, as garras se alongando. Houve um estalo úmido e nauseante quando algo em sua coluna se partiu. Ela gemeu, com a voz sufocada pelas lágrimas.

— Eles estão tendo um ataque — disse William. Para os guardas, gritou: — Voltem para o corredor! Não cheguem perto da Briar ou essa criatura arrancará a garganta de vocês!

A pele de Kieran estava de um tom azulado e pálido, sem oxigenação, e Adelaide era a única coisa que o mantinha de pé. Seus lábios estavam ressecados, rachados e molhados de sangue. Sua respiração parecia reumática e irregular, como se algo estivesse vazando em seus pulmões, afogando-o por dentro. Por um breve momento, seus olhos encontraram os de Delilah antes de se revirarem para dentro, deixando visível apenas a parte branca e cheia de veias vermelhas.

Ele caiu, e Adelaide teve que guiá-lo até o chão antes que ele escorregasse de suas mãos. Kieran engasgou-se e começou a sufocar enquanto arranhava o próprio pescoço. Uma saliva vermelha e espumosa vazou do canto de sua boca, escorrendo pelo pescoço.

— Não! — gritou Delilah, começando a correr até ele.

Adelaide, no entanto, ergueu a mão para impedi-la.

— Delilah — disse ela, encontrando seus olhos. — Me escuta. Nosso tempo está acabando.

— Não! — berrou Delilah. Ela apontou para o pilar. — T-temos que destruir isso! Temos que…

O olhar fulminante de Adelaide se fixou no dela, recuperando sua atenção.

— Delilah, me escuta. Ainda pode ter uma maneira de salvá-los. Preciso que você diga à Briar o que sente por ela, da forma mais sincera possível. Não deixe nada de fora.

Com os olhos marejados, Delilah argumentou:

— O Kieran está *morrendo*, Adelaide! Não dá tempo de…

— Por favor, Delilah. — Os olhos de Adelaide se encheram de lágrimas. — Só tenta. Por eles.

A perplexidade de Delilah durou apenas um momento, pois Briar soltou um grito de dor, e os guardas se encolheram horrorizados antes de se virarem para fugir. À luz do fogo, Delilah viu mais penas pretas e oleosas saírem da cabeça de Briar, cobertas de sangue.

Delilah correu para o lado dela, agachando-se à sua frente. Briar respirava ofegante, sua pele praticamente fervendo enquanto se encolhia e se esticava em novas posições. Seu peito arfava, e as costelas pareciam grandes demais para o corpo, como uma gaiola que se expandia por dentro. Delilah teve que se forçar a não desviar o olhar, por mais que desejasse desesperadamente bloquear a imagem do corpo de Briar sendo rasgado e remodelado em algo novo.

— Sinto muito. — Briar engasgou, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto seus dentes se alongavam em pontas irregulares. — Você precisa sair daqui antes que eu… eu…

— Briar — disse Delilah, com os olhos marejados. Ela balançou a cabeça enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. — Fica comigo, ok? Só mais um pouquinho.

Briar estremeceu quando um osso de seu rosto se quebrou, empurrando seu nariz ainda mais para fora. Mesmo assim, ela sustentou o olhar de Delilah.

— Não posso perder você. — Delilah soluçou, com os dedos apertando o rosto de Briar. As lágrimas embaçaram sua visão, seu coração disparando enquanto ela balançava a cabeça. — Por favor, não me deixa.

— Eu não quero — disse Briar, com lágrimas escorrendo. — Me desculpa. Me desculpa.

Delilah engasgou com um soluço. Passou a mão pelo rosto de Briar, pelas penas em seus ombros. Sua pele estava febrilmente quente e pegajosa de suor, esticada sobre ossos que não pareciam caber ali. A silhueta dela ficou embaçada em meio às lágrimas nos olhos de Delilah, que precisou se segurar para não a agarrar com toda a força possível, como se isso fosse impedir que a Briar que ela conhecia escapasse por entre seus dedos.

Briar, que a havia feito se sentir como ninguém conseguira. Com quem ela passaria o resto da vida, se pudesse, em uma cabaninha na floresta. Que assombrava cada um dos sonhos de Delilah, dormindo e acordada, sempre

enchendo seu peito de calor no momento em que entrava pela porta. Que a fazia rir e chorar na mesma intensidade, que era sempre tão genuinamente ela mesma, sem qualquer hesitação ou preocupação com o que os outros pensavam. Com quem Delilah daria tudo para ficar.

Tremendo, Delilah encostou a testa na de Briar, puxando-a para mais perto.

— Não vou deixar você ir — disse Delilah. — Não posso. Porque eu te amo, Briar.

Ela se inclinou para a frente, fechou os olhos e a beijou.

Por um momento, o mundo ao redor delas parou. Delilah abraçou Briar, sentindo as penas dela roçarem suas bochechas. Então, por trás de seus olhos fechados, Delilah viu luz. Quando eles se abriram, ela esperava ver fogo caindo sobre elas.

Em vez disso, a pele de Briar brilhava em prateado.

Ela ergueu a mão e viu as garras se retraírem na pele. Seus olhos se arregalaram quando os pequenos feixes de luz iluminaram cada centímetro dela, brilhando como um farol. Seus chifres se derreteram em uma chuva de faíscas claras, assim como as penas que perfuravam sua pele. Os espinhos em suas costas desapareceram como poeira.

Naquele momento, o chão embaixo deles começou a tremer. Delilah mal teve tempo de se segurar quando percebeu de onde vinha o tremor: do pilar esculpido com a maldição no centro da sala. Grandes rachaduras subiam pela pedra. Adelaide teve que se agarrar ao corpo inconsciente de Kieran quando os pedaços começaram a cair, mal conseguindo tirá-lo do caminho antes que tudo desmoronasse.

Quando a poeira se dissipou, Briar soltou um suspiro sufocado e algo saiu de seus lábios. O que quer que fosse, parecia… vivo. Era preto por fora, mas brilhava por dentro, uma partícula estranha e oleosa que pairava como uma bolha de sabão. Ela flutuou entre os rostos de Briar e Delilah, com o cheiro familiar de vegetação rasteira e podridão saindo de dentro. Elevou-se no ar, e as meninas a seguiram com os olhos enquanto feixes de luz a atravessavam.

No momento seguinte, ela explodiu em luz estelar.

Briar piscou quando a cintilância em sua pele desapareceu. Seu olho, antes castanho, tornou-se azul, correspondendo ao outro com seu brilho suave. Seu

sorrisinho cresceu até se abrir de orelha a orelha, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não acredito — sussurrou Delilah.

— É claro — disse Briar, sem fôlego. — "Somente quando os Pelumbra amaldiçoados forem vistos como o que são e *amados* apesar disso, a bênção e a maldição gêmeas se dissolverão juntas." — Ela olhou nos olhos de Delilah. — Você conseguiu.

Delilah soltou um soluço misturado com risada.

— Eu consegui.

Briar a abraçou, derrubando Delilah no chão de pedra. Beijou-a ferozmente, abraçando-a com força. Delilah estendeu a mão, segurando o rosto dela, as lágrimas felizes escorrendo pelo rosto de Briar até a palma de sua mão. Delilah envolveu Briar com os braços e enterrou o rosto no espaço entre o pescoço e o ombro dela.

De repente, uma voz estridente as trouxe de volta à realidade.

— Sua criaturinha *horrenda*!

Delilah e Briar olharam para cima e encontraram Camille olhando para elas a alguns metros de distância, os lábios pintados de vermelho retraídos, revelando dentes brancos perolados. Ela estava de pé sobre o corpo caído de Kieran, com lágrimas escorrendo dos olhos.

Foi nesse momento que Delilah percebeu que ele ainda não estava se mexendo.

— Olha o que você fez! — gritou Camille. Ela se ajoelhou e colocou a mão na bochecha de Kieran, as lágrimas manchadas de rímel escorrendo do queixo para a gola da camisa dele. Seu corpo tremeu com um soluço enquanto ela agarrava seus cachos. — Você matou meu filho! Meu único filho!

— Kieran? — Delilah se levantou, dando alguns passos em direção a ele. A alegria que antes estava queimando tão intensamente em seu peito foi substituída na mesma hora por um pavor arrepiante e gelado. O frio a agarrou com mais força enquanto seus olhos passavam do peito imóvel de Kieran para sua palidez sem vida. Lágrimas brotaram em seus olhos. — Não. Não, não, não… Ele não pode ter morrido. Nós quebramos a maldição, nós…

Naquele momento, uma arfada aguda sacudiu o peito de Kieran e suas pálpebras se agitaram.

Ele sentou-se de repente, quase batendo no queixo da mãe. Começou a tossir violentamente, com os ombros tremendo. Após um momento de respiração ofegante, cuspiu um caroço preto que caiu no chão de pedra à sua frente.

Depois de um segundo, o caroço se dissolveu em luz prateada.

Delilah observou com admiração a cor voltar à pele dele, levando embora as olheiras escuras — que passaram a ter um tom quente de marrom. Seus cabelos perderam a aparência rala, passando de castanho-claros para um dourado vibrante como os de seu pai. Suas bochechas e membros ossudos começaram a encorpar. Ele levantou a mão e limpou a boca, onde uma mancha de sangue e saliva havia escorrido pela bochecha, antes de olhar para a mãe mais uma vez.

Ele rosnou, com a voz mais forte do que Delilah jamais ouvira:

— Sai de perto de mim.

Camille recuou, com os olhos arregalados.

— Kieran! — Delilah e Briar gritaram ao mesmo tempo.

Ele sorriu para elas e, pela primeira vez, não pareceu sentir dor ao fazer isso.

— Kier? — chamou Camille, com os olhos suplicantes. Seu corpo tremia. — Ah não, meu doce menino, você não entende? I-isto não está certo. Você, sua irmã… A maldição de vocês era seu dever para com a família.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não faço mais parte dessa família. — Ele fez um gesto para Delilah e os outros. — E tenho uma nova. Uma família que se importa com *quem* eu sou, e não se eu "posso" ou não morrer para manter outras pessoas felizes.

— Você é um Pelumbra — esbravejou William, colocando-se ao lado da esposa. Ele pousou a mão carnuda em seu ombro. — Quer você goste ou não.

— Tem razão — disse Kieran. — Mas eu sou uma pessoa independente. Posso reconhecer de onde vim sem ser definido por isso.

— Ah, fique *quieto* — rosnou William. Suas mãos se fecharam em punhos e se abriram de novo enquanto ele deixava seu olhar se mover entre os gêmeos. Delilah sentiu o cheiro da magia dele, acre e forte, começando a perfumar o ar. — Você nunca soube quando parar de ficar filosofando e simplesmente *calar a boca*.

Os olhos de William pousaram em Delilah, e os lábios dele se afastaram dos dentes.

— E *você*. Você fez isso. — Ele ergueu a mão, com magia dourada brilhando em seus dedos. Então apontou um deles na direção de Delilah, com os olhos ardendo de fúria. — Você envenenou a mente dos meus filhos contra a própria família deles. Quem você pensa que é para destruir *séculos* de sangue, suor e lágrimas que a família dele sacrificou? Vou arrancar sua cabeça desse pescocinho!

Delilah ergueu as mãos, mas, antes que William pudesse atacar, uma explosão de luz brilhante cegou todos na sala. Camille soltou outro grito agudo.

Quando a visão de Delilah voltou a focar, seu pai estava na porta, com os cabelos bagunçados e o terno cor de berinjela amarrotado. Seu nariz estava dobrado em um ângulo estranho e um filete de sangue escorria dele.

— Não vamos perder o controle, Willy.

— Klaus — grunhiu William. — Pensei que os seguranças tivessem dado conta de você.

Klaus fez um gesto para o nariz sangrando.

— De fato, e é por isso que pretendo enviar a conta do médico diretamente para o seu contador. Diga-me, William, o que vão pensar quando eu disser à imprensa que você me machucou e ameaçou matar minha filha? Duvido que a reputação dos Pelumbra permaneça intacta.

— Ninguém está nem aí para o que acontece com sua filha bastarda. Você certamente não se importava até agora — cuspiu William. — E, além do mais, quem acreditaria em você em vez de em mim?

Naquele momento, Adelaide se colocou entre os gêmeos e seus pais, com chamas saltando dos dedos.

— Você está dando muito valor à sua reputação, William. Especialmente quando ela foi construída com base em uma bênção que não existe mais.

— Ela tem razão — disse outra voz. — Sua bênção sumiu, não?

Santiago cambaleou até ficar de pé onde os guardas o haviam largado antes de fugirem pelo corredor. Passou as mãos pelo cabelo, penteando-o para trás e espalhando o sangue do corte na testa. Ele pigarreou e cuspiu um respingo de sangue e saliva no chão.

— Você nem é mais bruxo — rosnou William. — O que pode fazer comigo?

Sem hesitar, Santiago desferiu um soco em seu queixo. William cambaleou para trás, xingando, enquanto Santiago esfregava os nós dos dedos. Camille se afastou, com as mãos na frente da boca.

— Não preciso de magia para fazer você pagar pelo que fez — advertiu Santiago. — Agora é melhor você deixar a gente ir embora, ou não vai sair daqui com o rosto intacto.

— Muito bem, Santi — gemeu Ariel do chão, dando um joinha fraco. — Me dá cinco minutos que eu meto um soco do outro lado da cara dele.

William cerrou o maxilar. Olhou em volta da sala, parecendo contar mentalmente o número de pessoas que havia entre ele e Ariel. Os guardas estavam espalhados pelo chão, nocauteados ou gemendo, enquanto os demais haviam fugido. Perto dos pés de William, Regen estava paralisado, olhando de um lado para o outro enquanto seu ombro se contraía levemente.

— Você está em desvantagem, meu amigo — alertou Klaus.

Depois de uma longa pausa, William finalmente falou:

— Tudo bem — disse ele. — *Saiam*. Todos vocês. E nunca mais voltem.

— Vocês — choramingou Camille, com os olhos mais uma vez fixos em Delilah e Briar — são perversas.

— É de família — respondeu Briar.

— Vem — disse Delilah para seus companheiros, apertando a mão de Briar. — Vamos para casa.

EPÍLOGO

O sonolento vilarejo de Kitfield era o refúgio perfeito depois de uma aventura.

A aventura de Delilah Bea, especificamente.

No dia em que ela voltou para casa após seu Chamado, sua mãe e todos os moradores a encontraram na praça do vilarejo. Ela havia chegado no caminho que dava para campo de pouso mais próximo, como muitos viajantes faziam, e foi envolvida em abraços por uma multidão de pessoas que a haviam criado. Todos queriam saber como ela tinha quebrado a maldição dos Pelumbra, perguntando qual plano inteligente ela havia usado. Só se calaram quando Briar a alcançou e Delilah pegou sua mão.

— Pessoal — anunciou Delilah, fazendo um gesto para a outra garota —, quero apresentar Briar Pelumbra. — Ela tentou conter o sorriso de satisfação que começou a surgir em seu rosto, mas não conseguiu. — Estou bastante apaixonada por ela, devo dizer.

Briar revirou os olhos.

— Você é uma bobona mesmo. — Depois, mais baixo: — O sentimento é recíproco.

— Mas como…? — alguém começou a perguntar.

— Dá um espaço para elas — pediu Charlotte, parando ao lado da filha. — Não faz nem um minuto que Delilah voltou. Com certeza ela vai nos contar a história toda tomando uma cerveja no pub. Enquanto isso, vamos para casa para eu poder ter uma conversa adequada com a Briar. Não é todo dia que minha filha traz para casa uma nova integrante da família.

Ao ouvir isso, a expressão de Briar se iluminou.

Mais tarde, diriam que a festa que se seguiu durou dias. Delilah e Briar conseguiram beber mais do que todos os homens de Kitfield, enquanto a cerveja de framboesa fluía e elas contavam e recontavam sua história de amor. Depois do primeiro dia, ela trouxe seus companheiros de tripulação e apresentou novamente sua família e amigos a Kieran. Quando Charlotte ergueu a sobrancelha para ele, Delilah logo explicou que ele não era uma pessoa terrível, apesar de ter roubado seu Chamado. Também apresentou Kitfield a Ariel e Santiago, que, de repente, pareciam mais próximos do que nunca, e, finalmente, a Adelaide, que cumprimentou a todos com afeto e alegria. As três primeiras noites no Landsmeet foram consideradas algumas das mais loucas que o pub já tinha visto. Delilah conduziu os gêmeos Pelumbra pela pista de dança enquanto Santiago ensinava Ariel a dançar foxtrot.

A única noite que foi páreo para essa foi aquela em que um estranho misterioso invadiu a festa, tirando o capuz e revelando ser ninguém menos que Ashmont Bartelle.

Kieran se engasgou com um gole de pinot noir.

— Ash?

Delilah levantou o olhar de uma partida de queda de braço que Briar a havia convencido a disputar. Ash estava na entrada do pub, parecendo meio atordoado.

— Isso é um plano de assassinato? — perguntou Briar.

Ash foi até a mesa deles. Ele perguntou a Kieran:

— Posso… falar com você?

— O que você está fazendo aqui? — questionou Kieran.

Ash engoliu um bolo na garganta.

— Viajei por todo o norte perguntando se alguém sabia para onde você tinha ido. Klaus me disse que você estava vindo para cá. Eu só… quero conversar.

Kieran franziu as sobrancelhas.

— Achei que já tínhamos nos resolvido.

— Bom, eu… eu pensei um pouco — disse Ash, esfregando a nuca. Ele engoliu em seco, olhando para Delilah, e explicou: — Agora eu percebo que estava tão envolvido em minha própria trama de vingança que, quando descobri quem você era, não te vi como o Kieran que conhecia. Não consegui enxergar nada além disso, embora eu devesse saber que você não tinha mentido para me magoar.

— Entendo por que você ficou com raiva — falou Kieran. — Foi errado eu ter mentido para você. Especialmente por tanto tempo.

— Mas entendo por que mentiu. Eu estava tão… vingativo. — Ash respirou fundo. — Mas minha irmã não ia querer isso para mim. Ela deu a vida tentando salvar a sua família. Eu… Eu não devia te culpar por isso.

— Bom, a bênção foi destruída — contou Kieran. — Os Pelumbra são só uma família normal agora.

— E todos os negócios deles estão começando a ir por água abaixo — apontou Briar. — Parece que, sem a sorte sobrenatural para manter tudo funcionando, as péssimas decisões que eles tomaram não aguentam um exame minucioso. Sem mencionar que Klaus Hammond está criticando eles publicamente. Estão sendo investigados por pelo menos dez organizações diferentes agora.

— Eu não estou mais nem aí para os Pelumbra — soltou Ash, estendendo a mão e tocando a bochecha de Kieran. — Eu me importo com *você*. E espero que você possa me perdoar pelo que eu disse.

Os olhos de Kieran brilharam.

— Você me perdoa por ter mentido?

— Isso não é óbvio? — perguntou Ash. — Perdoo.

Kieran soltou uma pequena risada. Ele se levantou e disse:

— Então, sim. Eu te perdoo.

— Quero ser melhor com você — explicou Ash. Ele colocou a mão na de Kieran. — E estava torcendo para que me aceitasse de volta.

Kieran sorriu e, no momento seguinte, puxou Ash contra si e o beijou. Briar fingiu sentir ânsia de vômito e olhou para o outro lado, enquanto Delilah revirou os olhos, contendo um sorriso.

Da pista de dança, Ariel gritou:

— Arrasa, Kieran!

Kieran ficou com as bochechas rosadas e mostrou o dedo do meio.

Todos passaram o resto da noite sentados ao redor da mesa, conversando sobre suas aventuras. Quando a noite terminou, Ash voltou com Kieran, Ariel, Santiago e Adelaide para o navio, enquanto Delilah e Briar foram para o chalé de Charlotte, que as fez beber um galão de água cada uma antes de desmaiarem na cama de Delilah.

Nos dias seguintes, Delilah levou Briar e os outros a todos os lugares que ela mais amava, desde a praia nos arredores do vilarejo até a Padaria Girassol na rua Wisteria, onde experimentaram os bolinhos de limão. Santiago gostou. Briar reclamou que eram muito azedos, mas Delilah argumentou que ela só tinha um paladar ruim.

Na sexta noite de sua estada, Kieran, Ash, Ariel, Adelaide e Santiago foram para Gellingham. Delilah havia prometido que entraria em contato com eles, embora não tivesse certeza de quando os seguiria.

O que ela sabia, porém, era que *ia* segui-los de volta à cidade. Passara todas as noites desde que voltou planejando tudo: o apartamento que queria alugar, o carro que iria economizar para comprar. Gellingham a atraía de volta por mais de um motivo: não só ela ainda precisava pegar sua licença oficial de bruxa no Conselho de lá como também pretendia abrir seu próprio negócio de quebra de maldições.

Enquanto ela e Briar observavam os amigos embarcarem no navio, Briar se virou para ela e disse:

— Alguma chance de você estar livre hoje à noite?

Delilah arqueou a sobrancelha.

— Você com certeza poderia me convencer. Por quê?

— Iria comigo mesmo se eu dissesse que é uma surpresa?

— Talvez eu consiga um espaço na minha agenda, sim. — Delilah sorriu. — Mostra o caminho.

Em pouco tempo, Briar levou Delilah até os arredores de Kitfield, onde a floresta se encontrava com o lago Silverside. A lua pairava grande no céu, e a água plácida era uma imagem espelhada da noite sem nuvens. Delilah e Briar se sentaram embaixo de um enorme salgueiro, olhando através dos galhos

enquanto as estrelas começavam a aparecer no crepúsculo, brilhando intensamente.

Depois de ficarem sentadas em um silêncio confortável por um tempo, Briar disse:

— Passei um tempo conversando com sua mãe hoje de manhã. — Ela estendeu a mão, envolvendo Delilah com um braço e encostando a cabeça em seu ombro. — Ela me contou que estes salgueiros são meio raros. Só crescem nesta região específica.

— Essa é a sua surpresa? — Delilah deu uma risadinha. — Curiosidades sobre árvores?

Briar zombou.

— Claro que não. Agora, *como eu estava dizendo*, estes não são salgueiros comuns. Sabe como eles se chamam?

Delilah balançou a cabeça.

— Salgueiros-de-prata — explicou Briar. — Antigamente, cresciam em toda Celdwyn, mas, como sua madeira é um condutor mágico excepcionalmente bom, só restaram alguns.

— Salgueiros-de-prata — repetiu Delilah, testando a palavra na língua. Ela franziu a testa. — Por que isso me soa familiar?

Briar enfiou a mão no bolso e retirou um pedaço de pergaminho.

Delilah o reconheceu imediatamente.

Era a forma escrita de sua maldição.

— Roubei da sua bolsa hoje de manhã depois que sua mãe me falou destas árvores — explicou Briar, passando-o de volta para ela. — Assim que ela me disse, percebi que talvez tivesse uma maneira de retribuir você por ter quebrado minha maldição.

Briar se ajoelhou na frente de Delilah, que ergueu as sobrancelhas e se apoiou nas mãos, com os cotovelos travados e o queixo virado para cima. Briar sorriu e ergueu as mãos, com os olhos focados nos galhos do salgueiro, que pareciam uma cortina.

Enquanto o aroma da magia de Briar — doce e rico como o jasmim — perfumava o ar fresco da noite, pequenas partículas de luz azul saíam de seus dedos como bolhas. Elas flutuaram até os galhos do salgueiro e se prenderam às

folhas como luzinhas decorativas. Delilah riu com prazer quando o brilho ficou mais forte, iluminando todo o prado com um azul suave.

Briar baixou as mãos lentamente, encontrando o olhar de Delilah. Então ela se levantou e se ofereceu para ajudar Delilah a se levantar.

Delilah aceitou. Briar a puxou para cima, segurando sua palma quente com as mãos, e então respirou fundo, como se estivesse tentando se firmar.

— O que é isso? — perguntou Delilah.

— "Pois nunca mais há de um coração pulsar e por nenhuma Bea vai um homem se enamorar" — recitou Briar — "a menos que o amor venha a se proclamar sob o salgueiro-de-prata a lhes abençoar".

O coração de Delilah deu uma cambalhota.

— Eu… Eu nunca fui muito boa com palavras — disse Briar, com os olhos azuis brilhando na luz mágica. Seu sorriso cresceu quando ela disse isso, com as bochechas redondas, cheias e rosadas. — Mas, quando estou com você, é como se toda a raiva que senti por tanto tempo simplesmente… desaparecesse. Você me deixa leve. Eu queria poder voltar no tempo e dizer àquela garotinha em Margem Gabriel que o inferno pelo qual passei com minha família e minha maldição valeu a pena, porque me trouxe até você.

A respiração de Delilah ficou presa na garganta, e lágrimas brotaram em seus olhos.

— Eu te amo, Delilah Bea — declarou Briar, com uma risadinha tingindo suas palavras. — E, mais do que isso, você me fez amar estar viva pela primeira vez em dezessete anos. Não consigo nem começar a descrever o quanto isso significa para mim depois de tudo o que passei. Por isso, vou simplesmente ter que repetir várias e várias vezes pelo resto da minha vida para que você nunca, nunca se esqueça: *eu te amo*. E essa é a verdade.

No momento em que as palavras saíram dos lábios de Briar, uma sensação estranha se apoderou de Delilah, aquecendo cada centímetro dela até que — ela percebeu com um sobressalto — sua pele começou a brilhar de leve. A luz vazou de seus poros e, de repente, ela foi dominada pelo cheiro que reconhecera em sua mãe por tanto tempo: o cheiro de papel velho e mofado da maldição delas. Um suspiro escapou de seus lábios, pairando no espaço à sua frente como uma exalação no inverno.

Mas aquela coisa era escura, viva, tortuosa. Por um momento, brilhou dourada quando Delilah a segurou, com a luz espalhada por sua palma. No momento seguinte, explodiu, lançando faíscas frias em sua pele.

Quando ela inspirou de novo, foi como se um peso que ela nunca havia notado antes tivesse sido removido de seu peito, e o ar fresco entrou livremente.

Lágrimas escorreram dos olhos de Delilah enquanto o resto de luz escapava de sua pele. Ela virou as mãos à sua frente, tremendo, e deixou escapar uma risada histérica.

— Você… Você quebrou minha maldição.

Ela jogou os braços em volta de Briar e a abraçou como se nunca fosse soltá-la. Briar enterrou o rosto no ombro de Delilah, sorrindo tanto que suas bochechas chegaram a doer. Delilah a beijou, abraçando-a com tanta força que quase quebrou suas costelas. Ela segurou o rosto da garota com as mãos, pressionando a testa contra a de Briar, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Briar deu de ombros, lutando contra o sorriso.

— Bom, sabe como é, achei que estava te devendo uma.

— Você é *insuportável*. — Delilah riu. De repente, ela se deu conta e ofegou. — Espera: temos que procurar minha mãe e contar para ela! Vamos lá.

Delilah agarrou a mão de Briar e saiu correndo em direção ao chalé da mãe. Briar gritou enquanto tropeçava para tentar alcançá-la, soltando uma gargalhada. Atrás dela, as partículas mágicas se desprendiam dos galhos das árvores, seguindo Briar como vaga-lumes. Eles iluminaram o caminho enquanto as meninas corriam pela grama longa, a brisa bagunçando seus cabelos e roupas.

Quando avistaram o chalé, Charlotte estava parada na frente dele, com as bochechas cobertas de lágrimas secas. Ao ver a filha correndo em sua direção, ela abriu um sorriso. Segurou a saia de seu vestido longo nos punhos e correu para encontrar as meninas no meio do caminho.

— Mãe! — chamou Delilah. — Mãe, a Briar quebrou nossa…!

Charlotte jogou os braços em volta de Delilah, interrompendo-a com a força de seu abraço. Imediatamente, ela começou a chorar de soluçar, com os ombros tremendo.

— Acabou — disse Charlotte, com os braços apertados ao redor do tronco torácica da filha. Sua voz estava abafada por ter enterrado o rosto no colarinho de Delilah. — Estamos livres, querida. Finalmente estamos livres.

Por um longo minuto, as mulheres da família Bea simplesmente se abraçaram e choraram. Briar desviou o olhar, como se estivesse pensando em dar um pouco de privacidade a elas. Charlotte no mesmo instante soltou Delilah com um braço e agarrou Briar com o outro. Briar deu um gritinho, ficando tensa por um momento antes de relaxar no abraço coletivo.

— Obrigada — disse Charlotte. — Ah, Briar, *obrigada*.

Briar corou, dando de ombros.

— Imagina.

— Vamos entrar — disse Delilah, afastando-se e sorrindo. — Acho que esta comemoração pede uma de minhas tortas de chocolate e framboesa, não?

Dando um sorriso e assentindo, as três mulheres entraram de mãos dadas. Durante o restante da noite, a música escapou pelas janelas abertas enquanto elas dançavam pela cozinha. Delilah passou chocolate no nariz de Briar, e Briar roubou framboesas pelas costas de Delilah. Os aromas de açúcar, chocolate e magia pintaram o ar noturno, juntando-se às partículas claras que haviam se fixado na hera-terrestre da parede do chalé.

A comemoração se estendeu pelas primeiras horas da manhã, até que o rubor rosado do amanhecer iluminou o céu — o primeiro nascer do sol que marcaria o início do resto da vida delas.

Livres, juntas.

AGRADECIMENTOS

Dizer que grandes tragédias resultam em ótima arte talvez seja um exagero, mas acho que é verdade no caso deste livro. Durante o confinamento de 2020, comecei a escrevê-lo apenas para mim. Eu não tinha nenhum plano — apenas uma vaga ideia de um romance sáfico em que uma jovem bruxa persegue seus sonhos de praticar magia e se apaixona por uma garota-monstro. O que ele acabou se tornando, no entanto, foi meu projeto de refúgio. Mesmo quando o mundo parecia um lugar sem esperança, eu tinha esta história para me apoiar. Havia algo incrivelmente relaxante em contar uma história de amor com personagens que passaram por traumas, mas ainda são capazes de amar e serem amados daquele jeitinho de conto de fadas que merecem. Isso me deu muita esperança naqueles dias sombrios, e espero que faça o mesmo com todos os leitores que pegaram este livro e decidiram dar uma chance a ele. Obrigada, de verdade, por seu apoio. ♥

Com tudo isso em mente, tenho que agradecer a muitas pessoas por tornarem este livro que carrego no coração realidade. Primeiro, minha incrível, talentosa e espetacular agente, Erica Bauman — obrigada por me acompanhar nesses últimos cinco anos e três livros. Às vezes, publicar pode parecer uma batalha, e tenho muita sorte de tê-la lutando ao meu lado. Além disso, você

entende praticamente todas as minhas referências idiotas à cultura pop e isso, por si só, merece uma salva de palmas.

Para minha editora, Hannah Hill: desde o momento em que tivemos a primeira ligação de Zoom sobre este projeto, eu soube que você era a pessoa ideal para me ajudar a transformá-lo no que é agora. Sua visão e entusiasmo melhoraram muito não apenas esta história, mas também a minha escrita. Sou muita grata por você ter decidido dar uma chance ao meu conto de fadas queer e ajudá-lo a se transformar em algo de que realmente me orgulho.

E para o resto da equipe da Delacorte Press: seu apoio e trabalho árduo neste livro me deixaram sem palavras. Um agradecimento especial ao pessoal envolvido no design da capa: a diretora de arte, Liz Dresner; o designer, Ray Shappell; e a artista da capa, Dani Pendergast. Receber os primeiros esboços coloridos me fez chorar de alegria em um supermercado, para o horror de todos os outros na seção de queijos — eu não poderia ter pedido pessoas melhores para dar vida a Briar e Delilah.

Em seguida, às minhas parceiras de crítica, Alex e Ally, por sua amizade e feedback contínuos durante três livros. Obrigada por sempre aceitarem o desafio e me ajudarem a ser minha melhor versão como autora.

Eu seria negligente se não mencionasse os livreiros, bibliotecários, professores, revisores e outros membros da comunidade editorial que ajudam a colocar minhas histórias nas mãos dos leitores. Um alô especial para os bibliotecários em particular — este livro foi inspirado pelo tempo que passei em bibliotecas, e sei em primeira mão como pode ser difícil atuar nessa profissão, especialmente com a pandemia, a proibição de livros e os boicotes generalizados contra projetos voltados a comunidade LGBTQIAPN+. Continuem lutando pelo que vale a pena — o mundo se torna um lugar melhor graças ao trabalho árduo de vocês.

À minha família biológica e à que escolhi: seu amor, apoio e entusiasmo são a melhor parte da minha vida. Seja em Boston, Salt Lake, Los Angeles, Portland ou Nova York, sei que sempre tenho o apoio da minha galera. Em particular, agradeço ao meu pai, que é um pai infinitamente melhor do que qualquer um neste livro, e à minha mãe, por inspirar a maravilhosa e única Charlotte Bea. E ao meu gato, Squid, que imortalizei na forma de Cinnabar (como ele merece).

Finalmente, a Forrest e Jesaia, a quem este livro é dedicado: obrigada por participarem de todas as minhas brincadeiras malucas quando éramos crianças. Ainda bem que aprendi a canalizar essa energia para os livros, e agora não preciso mais perseguir Forrest com uma espátula para me divertir. De qualquer forma, obrigado por me deixar ser sua irmã reserva — eu amo vocês dois, para sempre.

Título original
PRACTICAL RULES FOR CURSED WITCHES

Copyright © 2024 *by* Kayla Cottingham
Copyright arte de capa © 2024 *by* Dani Pendergast
Copyright arte do mapa © 2024 *by* Virginia Allyn

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem a autorização prévia, por escrito, do editor, não podendo, de outro modo, circular em qualquer formato de impressão ou capa diferente daquela que foi publicada, tampouco pode ser utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa; sem as condições similares, que, inclusive, deverão ser impostas ao comprador subsequente.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
BEATRIZ GUTERMAN

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: setembro, 2025.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos e localidades é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C889r
Cottingham, Kayla
Regras práticas para bruxas amaldiçoadas [recurso eletrônico] / Kayla Cottingham ; tradução Laura Folgueira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2025.
recurso digital

Tradução de: Practical rules for cursed witches
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-396-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Folgueira, Laura. II. Título.

25-99553.0 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
30/07/2025 01/08/2025

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Kayla Cottingham (elu/ela) é best-seller do *New York Times*. Nasceu em Salt Lake City e atualmente mora em Boston, onde adora fazer caminhadas na floresta, jogar RPG e se aconchegar no sofá com seu gato preto/espírito protetor ridiculamente grande, Squid. *Regras práticas para bruxas amaldiçoadas* é seu primeiro livro publicado pela Rocco.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Mapa
Sumário
Prólogo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e um
Capítulo Vinte e dois
Capítulo Vinte e três
Capítulo Vinte e quatro
Capítulo Vinte e cinco

Capítulo Vinte e seis
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora



Como ser expulso de casa

Zielinski, Bruna
9786555953893
336

Compre agora e leia (Publicidade)

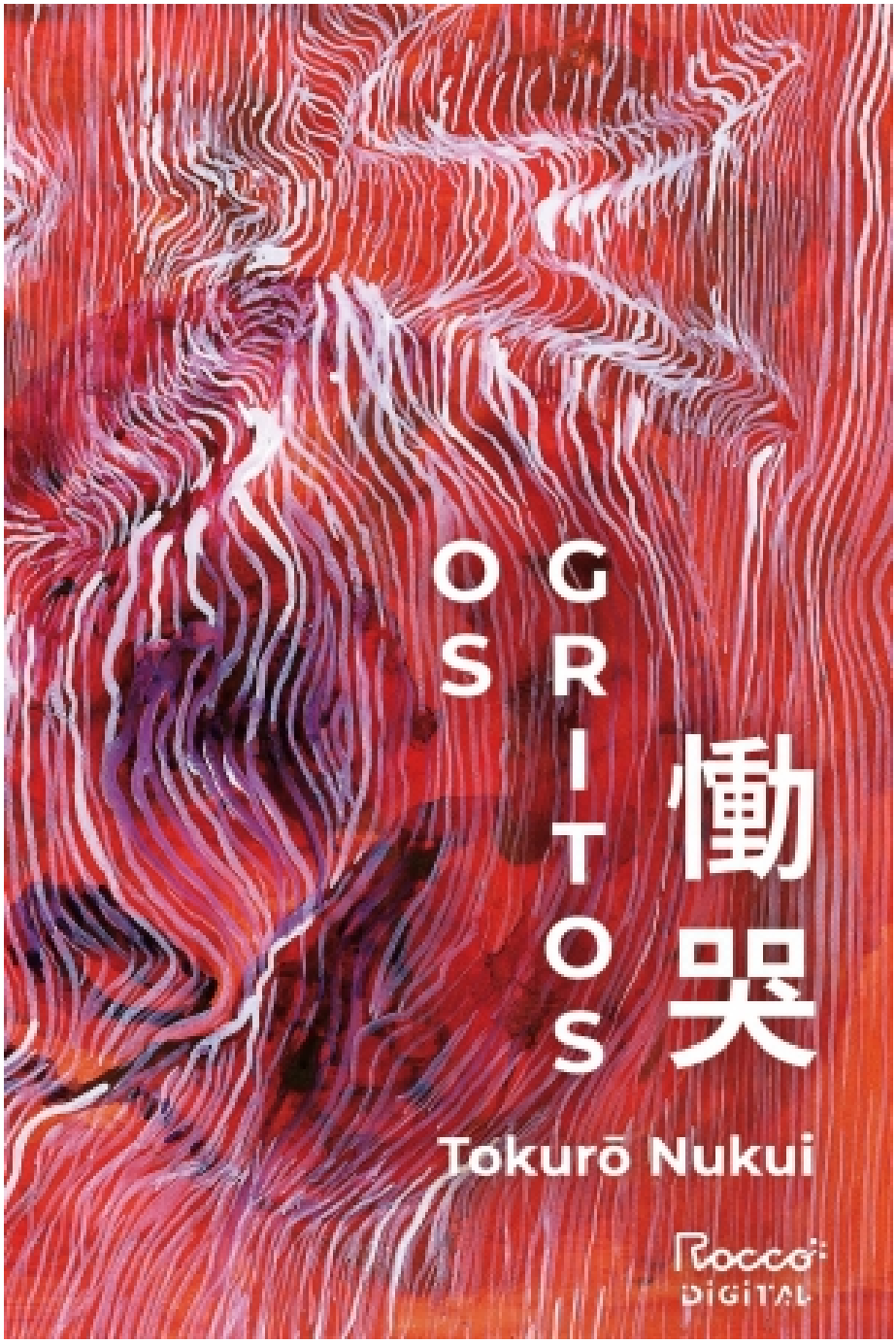
Lucca passou a vida interpretando o personagem do "filho perfeito". Sempre fez tudo conforme o esperado e nunca contestou a vontade dos pais, até entender que desse jeito jamais seria feliz, e pior: jamais seria ele mesmo. Procurando uma forma de enfim ser ouvido e validado, ele aborda um rapaz num aplicativo de namoro e faz uma proposta inusitada: quer um namorado de mentira que obrigue seus pais a encarar não apenas a sexualidade do filho, mas o fato de que ele cresceu e agora tem vontade e voz próprias.

Por outro lado, Ariel, o rapaz com quem Lucca dá match, ainda guarda traumas de sua última relação, extremamente abusiva, e vê nessa proposta a oportunidade perfeita de viver coisas que nunca teve — encontros românticos, trocas de intimidade e carinho, um companheiro de aventuras — sem precisar arriscar se envolver de novo.

No entanto, entre irritar pais, superar ex-namorados, trocar beijos roubados, conversar até de madrugada e oferecer abraços nos momentos de angústia, Lucca e Ariel começam a perceber que a parte "de mentira" desse namoro está cada vez menor. Mas será que eles estão mesmo prontos para um amor de verdade?

TAGS: fake dating, romance, drama, traumas, de amigos a amantes, fluffy, aparências enganam.

Compre agora e leia (Publicidade)



Os gritos

Nukui, Tokurō
9786555953923
384

Compre agora e leia (Publicidade)

As pessoas acreditam no que querem acreditar…

Uma série de sequestros devastadores assusta os cidadãos da área metropolitana de Tóquio, mas as buscas pelas garotinhas desaparecidas não avançam. Saeki, o chefe da Primeira Divisão Investigativa e responsável pelo caso, tenta manter a calma e a compostura, mas o tempo está se esgotando. O jovem detetive é alvo da discórdia dentro da polícia e das atenções indiscretas da imprensa, que revira sua vida privada sem escrúpulos. Nessa atmosfera tensa, todos os seus movimentos estão sendo observados…

Matsumoto, um homem que teve a vida destruída pelo luto, se vê cada vez mais envolvido em uma nova religião, na qual acredita que enfim encontrará o alívio para a dor que tanto lhe atormenta. Vindo de família rica e generoso em suas doações, ele logo se vê galgando posições na hierarquia da Ordem. Por trás da fachada acolhedora, porém, se escondem segredos sombrios, que revelam possibilidades que ele jamais imaginaria.

Esta obra ambiciosa e surpreendente, narrada em vozes paralelas em uma constante caçada de gato e rato, é um clássico que comemorou trinta anos da publicação original em 2023 e mais de seiscentos mil exemplares vendidos. Pela primeira vez publicado no Brasil, o premiado Tokurō Nukui é um dos principais nomes do noir japonês, com obras adaptadas para o cinema e a TV, além de ser o atual presidente da prestigiosa Associação de Escritores de Mistério do Japão.

Compre agora e leia (Publicidade)



A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265
42

Compre agora e leia (Publicidade)

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma

antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



Não acorde os monstros

Brandão, Luca
9786555953596
144

Compre agora e leia (Publicidade)

"Não acorde os monstros", a mãe dizia quando se cansava de ouvir os gritos do filho. "Não acorde os monstros", ela repetia aos berros.

Os monstros se pareciam com todos os homens daquela família: dormiam em camas confortáveis, tomavam o café da manhã, brincavam com os filhos, trabalhavam, bebiam, voltavam tarde para casa, brigavam com a mesma força que faziam amor e então voltavam a dormir. Monstros que podiam ser vistos em qualquer espelho da casa.

Ao completar trinta anos, o filho encara uma perda enquanto lida com uma relação baseada em sexo e desentendimentos. O passado retorna como um reflexo, mostrando o medo de se tornar aquilo que ele sempre detestou.

Mas como escapar de uma herança invisível, de uma sombra que já habita dentro de si? *Não acorde os monstros* é um romance sobre as consequências, visíveis e invisíveis, da violência originada no machismo cotidiano na vida de um filho.

Compre agora e leia (Publicidade)



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20

Compre agora e leia (Publicidade)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os

aguarda no futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)